



Harper
Collins



UM
MILHÃO
DE MUNDOS
COM VOCÊ

The book cover features a vibrant, painterly illustration. The top half shows a cityscape at night, likely Rome, with the illuminated dome of St. Peter's Basilica and the Colosseum. A bridge with arches spans a river in the foreground. The bottom half transitions into a dark, purple space scene with a satellite or space station orbiting a planet, and a bright light source creating a lens flare effect.

DA AUTORA BEST-SELLER DO *THE NEW YORK TIMES*

CLAUDIA GRAY

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



UM
MILHÃO
DE MUNDOS
COM VOCÊ

DA AUTORA BEST-SELLER DO *THE NEW YORK TIMES*

CLAUDIA GRAY

Tradução de
Gabriela Fróes



Rio de Janeiro, 2017



Título original: A Million Worlds With You

Copyright © 2016 by Amy Vincent

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela Casa dos Livros Editora LTDA. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copyright.

Rua da Quitanda, 86, sala 218 – Centro – 20091-005
Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3175-1030

CIP-Brasil. Catalogação na fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

G82m

Gray, Claudia, 1970-

Um milhão de mundos com você / Claudia Gray ; tradução Gabriela Fróes. - 2. ed. - Rio de Janeiro : Harper Collins Brasil, 2017.

320 p. ; 23 cm. (firebird)

Tradução de: A million worlds with you
ISBN 9788595081048

1. Ficção americana. I. Fróes, Gabriela. II. Título.

17-32778

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Sumário

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20

21

22

23

24

25

26

27

28

Epílogo

Ficha técnica



NÃO CONSIGO RESPIRAR. NÃO CONSIGO PENSAR. Só consigo me concentrar em agarrar esta corda e encarar o rio lá embaixo, a mais de cem metros de distância de mim. Não há nada entre a morte e eu além desses poucos fiapos de nylon, agarrados por mãos já escorregadias por causa do suor.

Viajar para outras dimensões pode ser muito assustador, mas nunca passei por algo tão aterrorizante como isso.

O pânico confunde meus pensamentos, torna tudo meio surreal. Meu cérebro se recusa a aceitar que isso esteja, de fato, acontecendo, ainda que a verdade alongue meus braços e estire meus músculos. Cada centímetro do meu corpo está dormente e já sinto a câimbra nos dedos, indicando a urgência da situação. As luzes da cidade que vejo lá embaixo parecem tão distantes que poderiam ser estrelas. Mas, ainda assim, minha mente grita... *Isso tudo deve ser um pesadelo. Não é de verdade, você está vendo coisas...*

Mas o cordão com o Firebird pendurado no meu pescoço ainda irradia o calor da minha última jornada para outro mundo. O que estou vendo agora, o perigo mortal no qual me encontro... não há dúvida de que ele é real.

É aí que me dou conta de que estou pendurada em mais uma espécie de quadricóptero, um que projeta anúncios holográficos no céu escuro acima de mim. Finalmente, meus olhos focam o suficiente em um detalhe da metrópole lá embaixo, e consigo reconhecer a catedral de St. Paul. Em volta dela, arranha-céus futurísticos desenharam uma versão de Londres diferente da minha.

O Londresverso. Estou de volta ao Londresverso. A primeira dimensão alternativa que conheci.

Parece que vai ser também a dimensão na qual vou morrer.

— Marguerite! — Eu me viro e vejo minha tia Susannah, que está debruçada em uma das janelas do quadcóptero. Os cabelos pintados de louro cobrem seu rosto, cabelos soprados pelas mesmas rajadas de vento que puxam meu vestido acinzentado e me expõem para o mundo (não que eu me importe com quem vai ver minha bunda quando posso morrer a qualquer momento). Os olhos da tia Susannah estão arregalados, e o rímel borrado pelas lágrimas deixa rastros negros em suas bochechas. Outros passageiros se amontoam em volta dela, seus rostos pressionados contra o vidro das janelas do quadcóptero, os olhos arregalados vendo a garota que está prestes a morrer.

Ok, penso, tentando respirar com mais calma. Só preciso subir de volta. Não é impossível, não estou tão longe. Um pouco mais de um metro, talvez?

Mas também não é tão simples. Não tenho força nos braços para escalar a corda sem ajuda, e o gancho de metal mais próximo está longe demais de mim. Como será que eu vim parar aqui? A Marguerite desse universo deve ter caído de uma das janelas do quadcóptero e se segurou na corda para se salvar, e é por isso que estou aqui, pendurada a muitos metros de altura sobre Londres.

Entro em pânico de novo. Cada centímetro que me separa do rio parece ter ficado mais longo. Começo a ficar tonta, meus músculos estão enfraquecendo. Estou perdendo a força nas mãos, a corda começa a escorregar. Me sinto cada vez mais perto da morte.

Meu Deus, não. Não, não, não. Preciso me concentrar. Se eu não conseguir salvá-la, estaremos as duas na merda.

Porque se você estiver em outra dimensão quando seu corpo hospedeiro morrer, você morre no mesmo momento.

Eu poderia sair desse universo, dar o fora. O Firebird, invenção dos meus pais, me dá o poder de viajar para uma nova dimensão a qualquer momento. E nesse momento parece ótimo sair e visitar alguma outra realidade. Qualquer outra. A questão é que, para usar o Firebird, eu teria que apertar os controles e saltar. Mas, no momento, minhas mãos estão ocupadas segurando essa corda que me impede de cair e morrer. Estou numa sinuca de bico. O quadcóptero está voando muito alto, tanto que, se eu cair, meu corpo vai despencar numa velocidade tão grande que o impacto na água será tão fatal quanto bater num chão de concreto.

— Marguerite! — Outra voz chama meu nome. Em choque, olho para cima e vejo Paul.

O que ele está fazendo no quadcóptero? A gente nem se conhece nesse universo!

Bom, não importa por que ele está aqui. Só importa que ele está. Meu amor por Paul Markov é uma das poucas constantes do multiverso. Ele faria qualquer coisa, até mesmo arriscar a própria vida, se tivesse como me salvar. Se existe alguém que pode me tirar dessa, é ele.

Em geral, consigo escapar de situações perigosas sozinha. Mas essa aqui, agora? É horrível.

— Paul! — grito. — Por favor, me ajuda!

— Estão tentando pousar o mais rápido possível — responde ele. O vento despenteia seus cabelos escuros, e ele se debruça nas molduras de metal dos projetores do quadróptero com total segurança; acho que ele também pratica escalada nessa dimensão, porque não parece assustado com a altura. — Só segure firme!

De fato, consigo ouvir o barulho do motor mudando de tom. As hélices começam a me empurrar com uma nova força. Londres abaixo começa a parecer mais e mais próxima, ainda que não passe de um amontoado de luzes e cores piscantes por enquanto: azuis escuros, cinzas e pretos. Meu cérebro, bombando de adrenalina, se recusa a compreender as formas embaixo de mim: eu podia estar olhando para um quadro de Jackson Pollock e não saberia a diferença.

Tento imaginar um quadro de Pollock com uma mancha vermelha enorme no meio. Vermelha feito sangue. Não vai sobrar nada de mim se eu soltar essa corda.

Meus dedos doem tanto! Meus ombros... Minhas costas... Não importa o quanto eu queira me segurar: meu corpo não vai aguentar por muito mais tempo. Mais alguns minutos e vou cair nos braços da morte.

Suor escorre pelo meu rosto apesar do vento frio que sopra forte à minha volta. Sinto o gosto do sal descendo até a minha boca, aberta e ofegante. Enquanto tento ajustar minhas mãos, consigo ouvir os gritos das pessoas dentro do quadróptero. Um dos meus sapatos pretos escorrega do meu pé e perco ele de vista.

— Marguerite, não! — Tia Susannah está rouca, como se estivesse gritando há muito tempo. — Não faça isso, querida, não solte! Nós vamos resolver, o que quer que esteja te incomodando, eu juro! Aguarde firme!

Eu quero gritar de volta. *Parece que eu preciso de mais incentivo para me segurar?* E então me dou conta do que ela acabou de dizer. *Não faça isso.*

Ela acha que estou tentando me matar. E como não tenho outra maneira de descobrir como a Marguerite desse mundo acabou aqui, eu imagino... imagino que tia Susannah tenha razão.

Mas não foi a Marguerite desse mundo que tentou se matar. Foi a outra. A versão distorcida de mim que tem trabalhado para a Tríade até hoje. Ela me atacou em casa e fugiu para essa dimensão, mas só nesse minuto,

enquanto estou desesperada e quase sem ar e sem forças, entendi qual é o verdadeiro plano dela.

Ela está tentando me matar.

Ela está tentando matar todas as minhas versões, em todos os mundos, em todo lugar.



DESCOBRI SOBRE ESSA VERSÃO MALIGNA DE MIM mesma há uns dias, quando visitei a dimensão dela pela primeira vez. Mas só entendi o quão perigosa ela era quando tentei voltar para casa hoje, algumas horas antes de acabar aqui, pendurada sobre Londres, e ela me seguiu.

— E quando digo “seguiu”, quero dizer “me possuiu”.

— Eu tinha acabado de saltar de volta para meu próprio corpo depois de mais uma perseguição louca para salvar Paul Markov, que é...

... Como posso chamá-lo? Por todo o multiverso, nossos destinos foram traçados de uma maneira linda, porém trágica. Vimos mundos nos quais nos rejeitamos, nos machucamos, nos odiamos... e essa compreensão de como nosso romance poderia ser terrível em alguns mundos nos deixou arrasados.

— Mas eu tenho problemas mais graves que a minha vida amorosa.

— No momento em que voltei para a minha própria dimensão, abri os olhos e dei de cara com Theo parado olhando para mim. Ele estava pálido e parecia exausto, efeitos terríveis causados pela Nightthief, a droga que permitiu que o Theo da outra dimensão possuísse este Theo e nos espionasse por meses a fio. Paul arriscou a própria vida para tentar encontrar uma cura que pudesse salvar a vida do nosso amigo.

— Achei que você não chegaria nunca! — disse ele, com um sorriso meio debochado. — Finalmente! Como está se sentindo?

— Já estive melhor.

— A camiseta dos Beatles de design vintage cobria seu corpo exageradamente magro. Ele estava com olheiras enormes. Então me pareceu natural que aquela tivesse sido sua primeira pergunta.

— Mas você conseguiu, né? A receita do antídoto. Conseguiu?

Ele se referia ao antídoto para curar os efeitos da exposição ao Nighththief.

— Consegui. Você vai ficar melhor logo, logo.

Olhei ao redor tentando encontrar meus pais, que precisavam saber imediatamente sobre os planos da Tríade. A gente achava que havia apenas uma dimensão espionando tudo o que fazemos, tentando manipular eventos, mas descobri que a verdadeira ameaça estava em uma terceira dimensão, o poderoso Escritório Central, com planos que iam muito além de nos espionar.

— Cadê meus pais?

— Já não estavam aqui quando cheguei. Devem estar nos laboratórios da universidade tentando arrumar outro antídoto, ou talvez construindo um novo Firebird.

Concordei com a cabeça. Não ia adiantar ligar para eles. Meus pais, dois cientistas ilustres que criaram o dispositivo mais milagroso que existe, nunca se lembravam de ligar o celular, alegando que era “tecnologia demais” para eles. Mas eu não estava preocupada só com eles.

— Você sabe se Paul já voltou?

— Então você encontrou com ele, afinal.

Sentei e senti uma tontura muito forte. Náuseas e vertigem ao mesmo tempo.

Era o sinal. O aviso. O momento do qual eu deveria ter me protegido.

Em vez disso, só achei que tinha sentado rápido demais.

— Opa. O que foi isso?

— Você passou por muita coisa nesses dias — respondeu ele. E eu, naquele momento, não percebi o brilho de triunfo em seus olhos. — Não admira estar cansada.

Mas, mesmo sem notar, eu me senti esquisita. Agitada. Só não desconfiei do que aconteceria em seguida.

— Então Paul ia voltar ao mesmo tempo que você? — perguntou Theo.

— Foi o que ele me disse. Onde deixei meu celular? Quero ligar para ele.

— Não se preocupe. — Ele começou a mexer nos papéis que estavam sobre a mesa de arco-íris e achei que era para procurar meu telefone. — Fica calma. Você vai achar Paul, Meg.

Meg.

Só uma pessoa me chama assim. O Theo. Mas não o meu Theo.

Só o espião do Tríade-verso.

Olhei para ele em pânico, pensando que iria me atacar, mas já era tarde demais. Theo e eu começamos a lutar até que ele me imobilizou no chão de madeira e injetou alguma coisa em mim com uma seringa... Um líquido verde esmeralda... O Nighththief.

Inicialmente, achei que fosse uma ideia idiota. O Nightthief ajuda viajantes interdimensionais a dominar seus hospedeiros e manter total consciência e controle sobre os corpos. Mas eu estava em casa, no meu próprio corpo. Será que ele estava tentando me envenenar? Ia levar meses até que eu morresse envenenada por Nightthief...

Meu corpo estremeceu, e de repente eu não consegui mais me mexer. Nem a cabeça. Nem as mãos. Meus pulmões pareciam respirar bem apesar disso, e minha voz de repente era outra voz, dizendo as palavras de outra pessoa:

— Finalmente.

Theo sorriu enquanto me levantava.

— É sempre um prazer encontrar alguém do Escritório Central.

Eu teria gritado se conseguisse. As três dimensões nas quais a Tríade existia eram: a minha; o Tríade-verso, um mundo muito parecido com o meu, mas alguns anos à frente em termos de tecnologia; e o Escritório Central, um mundo futurista aterrorizante onde a crueldade reina e o lucro é a religião.

Durante minhas aventuras pelas diferentes dimensões, já vivi dentro de muitas outras versões de mim mesma e entendi quem eu poderia ter sido se a história tivesse acontecido de uma maneira um pouquinho diferente. Eu poderia morar em um palácio russo ou embaixo d'água. Muitas vezes, outras versões de mim mesma fizeram escolhas que eu não compreendi; às vezes elas tiveram de lidar com a depressão, com a solidão... Mas nenhuma delas me assustou mais que a minha versão do Escritório Central.

Ela jogava o jogo da Tríade. Não hesitaria em matar alguém. Ela amava causar dor nos outros e considerava isso uma arte.

E ela sequestrou meu corpo. Me deixou impotente.

E parecia estar no comando.

— Qual é nossa primeira tarefa? — quis saber Theo.

— Descobrir o que eles estão tramando — respondeu ela, depois de sorrir.

Eu podia sentir aquele sorriso, sentir que ela estava feliz em transformar meu corpo em uma prisão de carne e osso. Eu estava mais revoltada do que em qualquer outro momento da minha vida.

— Meus pais não são o tipo de pessoa que se rende, mesmo quando essa é a coisa certa a fazer. São assim em qualquer universo. Mas como as versões daqui já foram enganadas algumas vezes, sabotadas outras tantas... Pode ser que a gente consiga.

Theo consentiu com a cabeça.

— E se não conseguirmos convencê-los a trabalhar pela causa?

Ela riu.

— Aí vai chegar a hora de essa dimensão acabar.

O Firebird só permite que uma pessoa visite universos nos quais ela existe, porque uma consciência só consegue saltar para dentro de outra versão dela mesma. Sempre me orgulhei de cuidar muito bem de todas as Marguerites que visitei, e de tirá-las de qualquer perigo que eu tenha causado. Mas, verdade seja dita, causei alguns problemas que não sabia como resolver. Uma das versões de Theo pode nunca mais conseguir andar novamente por minha causa. Outra Marguerite acabou envolvida em uma conspiração multidimensional da qual ela nunca devia ter feito parte.

E uma outra versão de mim, na qual habitei por quase um mês, dentro da qual me dei conta de que estava apaixonada por Paul Markov e acabei dormindo com ele... Essa Marguerite agora está grávida de um bebê que concebi por ela.

Por causa de tudo isso, voltei para a minha própria dimensão muito mais humilde do que quando saí. Envergonhada. Decidida. Tinha que existir uma maneira mais ética de se viajar pelos mundos, maneiras que garantissem a segurança e a preservação das outras versões de nós mesmos.

Mas eu não fazia ideia do quão agressivas eram essas violações até ser invadida por outra Marguerite.

— Que bagunça! — A outra Marguerite parecia incomodada dentro do meu corpo. Comecei a chamá-la, em minha cabeça, de “a Marguerite do mal”. Ela empurrou uma pilha de papéis com fórmulas rabiscadas e o monte de folhas voou sobre o tapete turco que temos no chão. Enquanto ela olhava, com os meus olhos, para os livros, as plantas nos vasilhos, a parede com tinta de quadro-negro com equações rabiscadas em giz e a mesa de arco-íris que Josie e eu pintamos quando crianças, ela não via um lar. Em vez disso, senti meus lábios se contraindo com desprezo. — Primitiva. Desorganizada. Pior que isso, só se morassem em uma caverna.

— Bom, você vai ter que viver nessa caverna por um tempinho, então acho bom se acostumar. Qual é o plano? — rebateu Theo, recostando-se em uma das cadeiras e apoiando os pés na quina da mesa.

— A gente finge que é daqui. — A Marguerite do mal olhou para minha pulseira, fez cara de desgosto e tirou ela do braço. — Você é bom nisso, eu sei. Não vamos sabotá-los logo de cara: vamos esperar, deixar que pensem que a crise acabou, e então pegá-los desprevenidos. Mas tem um problema que precisa ser resolvido logo: Paul Markov.

Meu pavor aumentou. Paul sabia de quase tudo sobre isso; contei a ele as partes mais importantes quando estávamos no Cambridgeverso. Mas saber daquilo tudo acabou colocando sua vida em risco.

Meus pais nunca imaginaram nada disso quando inventaram o Firebird, um dispositivo que permite que nossa consciência viaje por realidades de quantum, que são o que os não-gênios da ciência chamam de “dimensões

paralelas”. Eles queriam apenas estudar as inúmeras possibilidades que uma história poderia ter. Porque tudo que pode acontecer, de fato, acontece. Toda vez que fazemos uma escolha, ou toda vez em que a sorte decide alguma coisa, aquela realidade se divide em duas. Isso acontece desde sempre, e sempre vai acontecer.

Minha mãe, a dra. Sophia Kovalenka, sempre foi fascinada pelo multiverso, desde o início de sua carreira na física. Ela não apenas queria provar a existência de realidades alternativas, mas também queria vê-las pessoalmente. Como a viagem para dimensões paralelas sempre foi mais vista como uma coisa que só existe nos episódios de *Star Trek*, e não como um feito científico real, ela sofreu com todos os tipos de deboche em sua carreira acadêmica. No entanto, algumas poucas pessoas acreditavam nela, entre elas o pesquisador inglês dr. Henry Caine, que se tornou colaborador de várias formas (em outras palavras, meu pai). Eles trabalharam junto com outros cientistas e com muitos universitários, incluindo os dois atuais candidatos ao doutorado, Paul Markov e Theodore Beck. Finalmente, depois de anos de esforços extremamente cuidadosos, conseguiram criar o dispositivo. Os Firebirds podem parecer medalhões futuristas supercomplicados, mas, na verdade, são as criações científicas mais poderosas já criadas desde a bomba atômica.

Infelizmente, assim como a bomba, os Firebirds têm um lado muito ruim.

Como eu disse, só é possível viajar para mundos nos quais uma pessoa já existe. Nunca vai ser possível conhecer um mundo no qual você morreu quando criança, ou um mundo no qual seus pais nunca se conheceram. Não importa a situação do seu outro eu no momento: ao chegar, você vai ter que lidar com ela. E, para sua sorte, o Firebird tem a capacidade de lembrá-lo da sua verdadeira identidade — do contrário, haveria a possibilidade de você se perder dentro da consciência do seu corpo hospedeiro quando ele tomar de volta seu corpo e sua vida.

A menos que você seja um “viajante perfeito” e tenha a habilidade de manter sua memória e o controle da situação em qualquer universo. Só é possível existir um viajante perfeito por universo. E Wyatt Conley fez de tudo para garantir que o viajante dessa dimensão fosse eu.

— É melhor deixar que eu tome as decisões, Theo — declarou a Marguerite do mal, enquanto tentava arrumar meus cabelos bagunçados no espelho. — Já te descobriram antes, então vão suspeitar de você primeiro. Mas eu? Ninguém desconfiaria de uma viajante perfeita... o que mostra o quão pouco eles sabem.

— Sem problemas. Mas sinto informar... — Ele fez uma pausa rápida. — É mais difícil do que parece. Essa separação entre você e as suas outras versões. As emoções ficam bem... confusas.

— As suas, talvez. Eu não tenho esse problema. — Ela começou a fazer uma trança no meu cabelo. Estava mais apertada do que quando eu faço, e minha cabeça estava doendo, mas não era um estilo de penteado tão diferente do que uso a ponto de alguém estranhar. — Admito que não tinha certeza se o Nightthief ia funcionar. Ninguém nunca tentou saltar para uma viajante perfeita.

— É provável que você precise de muito mais que eu. — A voz de Theo estava surpreendentemente calma, considerando todo o mal que eles fizeram ao corpo dele. E ao meu. — Guarde o vidrinho com você. Use imediatamente se sentir o menor... Você sabe.

A Marguerite do mal não é a viajante perfeita da dimensão dela. Lá, esse papel é da minha irmã mais velha, Josie. Quando visitei o Escritório Central, vi como Josie adorava viajar pelos universos alternativos; aquele trabalho era ideal para minha irmã, que não só era uma aficionada por ciências como também uma viciada em adrenalina.

Mas visitar dimensões paralelas é algo perigoso mesmo para um viajante perfeito. Todos nós já corremos riscos sérios durante as viagens, e Josie morreu.

Não só morreu. Foi *fragmentada*.

A fragmentação é o que acontece quando a consciência de um viajante se parte em dois, ou quatro, ou mil pedaços. Felizmente, é muito difícil que isso aconteça acidentalmente. Mas nos últimos dias aprendi que existem duas maneiras de fragmentar a alma de uma pessoa. A primeira foi o que aconteceu com Josie: o corpo hospedeiro dela ficou muito machucado, e ela tentou saltar dele segundos antes da morte (porque, se o seu hospedeiro morrer, e sua consciência estiver dentro dele, você morre também). A Josie do Escritório Central quase conseguiu fugir, mas não totalmente. Em vez disso, enquanto ela saltava acabou fragmentada em inúmeros pedaços, por várias dimensões, de modo que seria impossível juntá-la novamente.

Isso quase enlouqueceu as versões dos meus pais do Escritório Central. E só Deus sabe o que isso fez com a Marguerite do mal, porque ela parece transformada em algo que eu jamais imaginaria ser.

Mas essa maldade toda, me parece, vem de uma parte de mim.

— Você sabe aonde precisa ir quando a situação aqui for resolvida, certo? — disse Theo enquanto eu via, em pânico, a Marguerite do mal terminar de arrumar meu cabelo. — Já tem os cálculos?

Ela revirou meus olhos.

— Não preciso de cálculos se eles estiverem no Firebird. Já estão.

— É sempre bom conferir — insistiu ele. A versão de Theo do Triáde-verso aprendeu a ser cauteloso. E, enquanto ele começava a anotar coisas, trabalhando no que quer que fosse aquilo, completou: — Se quiser falar com

Conley, aproveite o momento, antes que Sophia e Henry voltem para casa. Não tem nada mais certo de nos entregar que qualquer tipo de evidência de que você esteve falando com ele.

Minha versão do mal franziu a testa.

— Qual Conley?

— O daqui. Mas ele está por dentro de tudo.

Wyatt Conley: gênio da tecnologia, manda-chuva dos negócios, o *geek* mais poderoso dos Estados Unidos. Já o vi em noticiários vestindo jeans e blazer por cima de uma camiseta do Homem de Ferro; seu estilo jovial e despojado é tão fabricado quando os iPhones que ele criou e que tomaram conta do mercado de telefones celulares há alguns anos. Ainda não chegou aos trinta anos, segundo dizem, mas já conseguiu muitas coisas. Se as pessoas soubessem o que Conley realmente fez, não sorririam ao dizer isso.

— E cadê o telefone dela? — perguntou a Marguerite do mal. Theo tirou meu telefone do bolso da calça dele, aparentemente ele o colocou ali para me impedir de encontrar. Digitou uma senha e entregou a ela. Senti a tela na minha mão e quis chorar. É horrível querer tanto falar e não conseguir dizer uma palavra.

— Você chegou. — Ouvi a voz de Conley no meu ouvido e torci para que o meu ódio por esse cara deixasse a Marguerite do mal ao menos enjoada. Eu vomitaria com prazer se ela tivesse que vomitar também. — Que bom que conseguiu, precisamos começar logo. O que pensei foi: comece pela Josie.

— Sempre a Josie... — respondeu ela, amarga.

— Diga à dra. Kovalenka e ao dr. Caine apenas o necessário sobre seu universo original, nada mais — continuou Conley, como se não tivesse ouvido. — Eles vão reagir mal quando souberem que a filha mais velha morreu em um mundo não muito distante do deles. A notícia vai deixá-los... emotivos. Quando estiverem assim, sentimentais, cuidamos do resto.

— Tenho certeza de que não vai ser simples assim. — Marguerite do mal andava pela casa, tentando se familiarizar com os espaços. — Acredite, quando meus pais decidem ir atrás de alguma coisa, eles fazem acontecer. E, nesse momento, eles estão atrás da gente.

— Eles não têm acesso à nossa tecnologia, e não conhecem o plano. Estamos alguns passos à frente deles, Marguerite, e vamos nos esforçar para que as coisas continuem assim.

Eu não devia ter me abalado tanto ao ouvir Conley chamá-la pelo nome que dividíamos. Mas fiquei, muito. O nome não me pertencia mais.

— Por que a sua outra versão não começa logo? — respondeu ela. — Ele é um viajante perfeito, pode destruir dimensões e sair vivo delas.

A única maneira que as outras versões dos meus pais têm de recuperar cada farpa da alma de Josie e tê-la de volta é destruindo as dimensões nas

quais essas farpas estão. Eles vão ter que matá-la milhares de vezes e desfazer trilhões de vidas para que as pessoas deixem de ter nascido, só para tê-la viva no mundo deles novamente. É a coisa mais cruel e mais egoísta que já ouvi na minha vida. Mas, ainda assim, percebo que a do mal tem razão: meus pais sabem como realizar o impossível.

— É perigoso, ok? — disse Conley de repente. Ele obviamente não queria que outra versão dele corresse perigo algum. Que pena que eu não tive tempo de avisar a ele que o Escritório Central está com o nosso universo na mira também, caso meus pais não caiam no plano deles. — Além disso, você sabe tão bem quanto eu que em muitos universos mais críticos não estou localizado próximo a eles. Então, você é mais eficiente que eu, mesmo nos cenários mais otimistas. E, é claro, vamos precisar que feche algumas portas, se for preciso.

Fechar portas? Não entendi o que isso quer dizer. Mas deixei para entender depois, tentando guardar todas as informações com a maior riqueza de detalhes possível. A do mal não deve ter percebido que me mantive consciente quando ela tomou meu corpo. Isso não é normal quando alguém usa o Nightthief, que deixa você inconsciente dentro de sua própria mente. Do contrário, acho que ela não estaria falando tudo tão abertamente.

A não ser que... fechar portas...

Fui interrompida em meu fluxo de pensamentos quando ouvi o barulho do carro dos meus pais chegando na frente da casa.

— Mãmi e Pápi estão entrando em casa — avisou a do mal. — Preciso desligar. O mais importante agora é parar Markov. Ele está de volta e provavelmente vindo para cá.

— Deixa ele comigo — respondeu Conley, e sua voz indicava tanta segurança que senti arrepios. Ele não ia hesitar em matar Paul, e certamente tem dinheiro suficiente para pagar alguém que faria isso em segundos. — Além disso, o cara já foi fragmentado. Ele nunca mais vai ser o mesmo. Podemos usar isso a nosso favor.

Nunca mais vai ser o mesmo? Paul? Eu me despenquei para quatro dimensões para juntar os fragmentos da alma dele, tudo para que ele voltasse a ser quem era. Quando finalmente consegui, no entanto, ele virou uma pessoa deprimida, raivosa, até mesmo meio fatalista. Eu já tinha sentido que um pouco da escuridão dos outros Pauls tinha passado para ele, mas achei que seria algo temporário, como a dor que sentimos quando fraturamos um osso.

Será que ele mudou para sempre?

— Tenho que ir. — A do mal desligou assim que viu meus pais na porta, e correu na direção deles.

Eles pareciam ter voltado ao normal, os casacos velhos, mamãe com o coque bagunçado e papai com os óculos retangulares. Quando sorriram, eu tentei gritar de novo.

Não! Não sou eu! Vocês têm que perceber que não sou eu!

— Querida, você está em casa! — Mamãe abraçou a Marguerite do mal com força. O casaco grosso que eu estava vestindo impediu que ela sentisse o segundo medalhão Firebird por baixo do tecido. — Graças a Deus.

— E Paul? — perguntou papai, os olhos azuis arregalados de preocupação. — Paul está bem, não está?

A Marguerite do mal ficou desconcertada. Virou a cabeça suavemente, como as pessoas fazem quando estão em choque. No Escritório Central, Paul Markov era inimigo da família, um rebelde corajoso que tentava lutar contra o mal feito pela Tríade. Ela devia imaginar que ele não é assim em todos os universos, mas acho que ainda assim não estava preparada para ver o quanto meus pais o amam. Quase como se ele fosse o filho que nunca tiveram.

Infelizmente, ela disfarçou bem.

— Ele já voltou, inteiro... Quero dizer, sua alma... Mas não parece o mesmo de sempre.

— Como assim? — Meus pais se olharam. Papai continuou: — A fragmentação causou algum efeito inesperado?

Essa é a segunda maneira de se fragmentar uma alma: de propósito. Um babaca como Wyatt Conley faria isso. O que aconteceu com Paul não foi nenhum acidente terrível; foi um ataque. Conley fragmentou a alma de Paul em quatro pedaços e manteve os pedaços como reféns, me forçando a trabalhar para ele em troca da chance de juntar os pedaços novamente.

— Os fragmentos da alma do Paul viram alguns lugares muito sombrios — explicou a do mal, com a voz trêmula. — Mundos nos quais nós dois vimos outro lado dele. Um lado perigoso. E, por mais que eu odeie dizer isso, acho que a fragmentação mudou um pouco a personalidade dele. Talvez para sempre. Como se todas as coisas ruins que os outros Pauls fizeram na vida tivessem deixado uma marca nele.

— Ah, não! — Minha mãe colocou a mão sobre a boca. — Sabíamos que a fragmentação era perigosa, mas... certamente os danos não são permanentes.

A Marguerite do mal balançou minha cabeça, consternada.

— Não sei, mãe. Paul... me assustou um pouco.

Como ela podia dizer isso? Ela é a pessoa assustadora aqui! Paul estava apenas magoado, perdido. Dominado pelo desespero. O destino nos aproximou repetidas vezes, mas aprendemos que nem sempre acabamos juntos. Que às vezes nos machucamos muito. Nosso destino nos

abandonou, e Paul teve mais dificuldades em aceitar isso que eu. Talvez isso fosse acontecer mesmo que ele não tivesse sido fragmentado; mas, como foi, ele parecia ter perdido todas as esperanças.

A do mal começou a transformar a angústia de Paul em uma arma. Meus pais, apesar de o amarem muito, ficariam desconfiados dele imediatamente.

— Ei! — Theo entrou no salão. — Como foi na construção do Firebird?

— Melhor do que você imagina — começou papai, mas parou de falar quando vimos um táxi parar na porta de casa. A princípio, eu não fazia ideia de quem poderia ser, mas a porta abriu e Paul saiu de dentro do carro.

Ele está aqui, pensei. *Ele conseguiu!* Paul chegou aqui antes que Conley pudesse procurar por ele.

Temos uma chance. A não ser que a do mal tenha estragado ele pra valer.

Ela abriu a porta e correu para o jardim, ansiosa para falar com ele. É o que eu teria feito, mas eu teria pulado nos braços dele, dito que o amo, tentado movê-lo do desespero que ele está sentindo. Mas a Marguerite do mal, em vez disso, foi até ele e parou, como se tivesse lembrado de alguma coisa de repente.

— Ei. — Ela deu um sorriso meio amarelo, tentando parecer doce. Não colou muito. — Tá tudo bem?

— Tudo bem — respondeu ele, impassível como sempre. — Mas isso não importa nesse momento. — Ele continuou andando para a frente, passando por ela, os ombros eretos, determinados. Essa frieza teria me machucado em qualquer outro momento. Mas, aqui, me deixou esperançosa. Ele foi aumentando a voz e falando com meus pais na porta. — Sophia, Henry, o quanto Marguerite já contou?

Meus músculos ficaram tensos com medo da do mal. Ela ainda não sabia que eu tinha explicado tudo para Paul antes do fim. Deve ter achado que eu tinha juntado os fragmentos dele e voltado direto para casa. A impaciência dela era a minha oportunidade.

Mas se ela conseguisse enrolar o suficiente para envolver Theo na conversa, podia ser que meus pais desconfiassem de Paul. Ou que pudessem machucá-lo, ou mesmo matá-lo, e fazer parecer legítima defesa. Aquela altura, eu já sabia que eles eram capazes de qualquer coisa. Ela seguiu Paul para dentro de casa, e eu sentia meu coração bater muito rápido, movido pela determinação dela de impedi-lo de continuar.

— Ela só começou, querido. — O tom da mamãe era educado. — Venha cá. Sente aqui. Vamos ouvir tudo detalhadamente, ok? Como você está se sentindo?

— Muito estranho. — Ele balançou a cabeça. — Como se... como se eu tivesse que escolher quem quero ser. O tempo todo. — Meus pais trocaram

olhares preocupados enquanto Paul entrava na sala e... ele parou. Lentamente, se virou para trás e me encarou.

Será que ele percebeu? Como? Mas, se tem alguém que me conhece, que me conhece realmente, é ele.

Ele me olhou nos olhos, como se procurasse alguma coisa que eu não sei o que era. A Marguerite do mal sorriu e segurou as mãos dele.

— Bem-vindo de volta — sussurrou ela.

Por favor, pensei. Não se engane. Olhe nos meus olhos, veja a diferença. É a nossa única chance.

Por favor, Paul. Me reconheça.

E ele reconheceu. Ele reconheceu.

— Marguerite... — A voz dele falhou. — Você está...

— Estou bem — respondeu ela, sussurrando. — Você não me machucou.

Meus pais pareciam tensos com a possibilidade de Paul ter me machucado de alguma forma, que era exatamente o que ela queria. Mas foi também nesse momento que a do mal se entregou, porque não fazia sentido nenhum dizer isso.

Ele puxou as mãos das minhas, e segurou meus braços com tanta força que doeu. A do mal engasgou com o susto. Meu pai deu um passo adiante, com a mão estendida, pronto para tomar uma atitude.

— Paul, o que está acontecendo?

— Eu não sei como isso aconteceu — disse ele, me olhando nos olhos e vendo além dela, como se conseguisse me ver lá no fundo. — Mas essa não é a nossa Marguerite.



— DO QUE VOCÊ ESTÁ FALANDO? — Meu pai olhava para mim e para ele, repetidamente, ainda mais desconfiado de seu aluno que de sua filha.

— Eu não sei de que mundo ela é, mas essa Marguerite não é a nossa.

Ai, obrigada, Deus! Eu devia ter sentido alívio, mas meu corpo estava recebendo as emoções da Marguerite do mal. As emoções que eu sentia eram algo entre medo e raiva. Meu rosto estava quente, e soltei as mãos de Paul.

— Eu falei — disse ela, e a voz trêmula era real —, avisei que ele tem agido de forma estranha! — Ela continuava dando passos para trás, mais para dentro da casa e para perto de Theo. — Paul está deformado, envenenado pela fragmentação! As outras versões... Onde esconderam a alma dele? Elas eram algumas das piores, as mais malignas versões de Paul que já existiram!

— Malignas? — repetiu mamãe como se não entendesse o significado da palavra. Ela nunca imaginou que Paul pudesse ser descrito assim. Maligno. Mas, se a do mal convencesse os dois, eles poderiam ficar contra Paul a qualquer instante.

— Um deles atirou no Theo. Ele ficou tão machucado que pode estar morto nesse momento. — A voz dela falhava. Ela até ousou imitar minha dor. — O outro brigou comigo dentro de um carro e machucou meu braço! Pode ser que eu nunca mais possa pintar. E tinha também o padre que violou os votos de castidade...

Ah, por favor!, pensei. O reverendo Paul do Romaverso? Ele não tinha nada de maligno, só estava confuso. Mas meus pais não sabiam disso. Só estavam ouvindo que Paul era capaz de machucar a filhinha deles.

— Não estamos falando de mim — Paul ainda tentou se explicar. — Essa Marguerite... — A voz dele falhou novamente. A Marguerite do mal não só estava fazendo com que meus pais duvidassem dele, mas também que ele duvidasse dele mesmo. Ele concluiu, em um tom de voz baixo. — Tem alguma coisa errada.

A do mal colocou minhas mãos para trás, como se estivesse tentando se apoiar na mesa de arco-íris. Mas uma das mãos segurou o abridor de cartas do papai, um objeto antiquado que era uma espécie de lâmina com cabo de madeira. Meus dedos podiam sentir a ponta de metal.

— Paul? — disse ela, com a minha voz. — Vem cá. Você ainda está confuso com a fragmentação. Eu entendo. Ok? Sei que foi difícil. Mas ainda confio em você.

Cacete, ele caiu. Ele hesitou, tempo suficiente para eu começar a gritar na minha cabeça: *Por favor, Paul! Você me conhece! Não duvide de si mesmo agora!*

Posso ter colocado a alma de Paul no lugar novamente, mas ainda ficaram algumas... rachaduras. Vulnerabilidades. Ainda que eu tenha visto esses efeitos emocionais, achei que era algo que ia passar logo.

Só naquele momento entendi que, realmente, talvez Paul tivesse mudado para sempre.

E ela sabia. Ela sempre soube. E esse conhecimento fez com que ela soubesse exatamente onde atacar.

— Paul, só porque as coisas estão meio... estranhas entre a gente nesse momento, não significa que eu não sou eu. — Ela pronunciava cada palavra como se estivesse confessando alguma tragédia terrível. A depressão e a insegurança de Paul se tornaram as armas dela. Se conseguisse fazer com que ele se voltasse contra si próprio, com que ele parasse para refletir antes de fazer algo contra mim, mesmo que por um minuto a mais, a vitória seria dela.

Meu pai deu mais um passo na direção de Paul e colocou a mão na testa dele, como se checasse se ele estava com febre.

— A fragmentação... isso que aconteceu com a sua alma... acho que nunca realmente pensamos sobre os efeitos colaterais disso. Você está se sentindo desorientado?

— Sim — admitiu ele. Mas continuava me encarando. Seu corpo denunciando uma tensão interna. Ele não confiava no próprio julgamento, mas também não confiava na Marguerite do mal.

Foi quando Theo entrou em cena. Ou melhor, aquela versão do Tríade-verso que usava o corpo frágil e pálido de Theo como uma marionete.

— Olha, cara, tá tudo bem. Marguerite está bem, você está bem, eu estou bem. Acabei de voltar da minha primeira viagem interdimensional e... uau,

como aquilo mexe com a cabeça da gente. Dá para entender por que você está confuso. Respira fundo.

— Você quase nos matou de preocupação, sabia? — Meu pai olhava para Theo. — Assim que começar a se sentir melhor, o senhor vai ter que ouvir um sermão, sr. Beck.

— Acho justo. — Aquele meio sorriso era a marca registrada de Theo, em qualquer dimensão em que o conheci. O disfarce estava completo.

Mamãe ficou muda durante todo esse tempo, as mãos apertadas uma contra a outra.

— Vocês começaram a testar o tratamento do Nightthief? — disse ela, finalmente.

Não entendi por que minha mãe estava pensando naquilo justo naquele momento. E nem a do mal.

— Acabamos de voltar, mãe.

— Mas o Nightthief está em cima da mesa.

O vidrinho de líquido verde-esmeralda. A droga que foi usada para sequestrar meu corpo e o de Theo estava ali, em cima da mesa. Servindo de testemunha para o crime.

Mamãe arregalou os olhos. Papai ficou mais ereto. O olhar de Paul mudou de dúvida para uma certeza terrível.

Theo se jogou em cima dele. Ainda que fosse uns dez centímetros mais baixo que Paul, ele foi com tudo, empurrando o ombro na altura do pescoço dele. Enquanto Paul reagia, meus pais correram na minha direção, e senti minha mão fechar com força em volta do abridor de cartas. Era afiado como uma adaga. Comecei a entrar em pânico quando entendi que podia ser que eu visse meus pais morrerem pelas minhas próprias mãos.

Mas a do mal não esfaqueou nenhum dos dois. Em vez disso, apontou o abridor para a minha — a nossa — garganta.

Meus pais ficaram paralisados. A ponta começava a pressionar minha pele, e eu podia sentir a dor aumentar junto com as batidas do meu coração.

— Aqui fica a carótida — falou ela. Todo o disfarce desapareceu. Eu podia sentir o olhar de deboche no meu próprio rosto. Lá na cozinha eu podia ouvir pratos caindo no chão e um barulho alto e surdo perto dos armários. Via, pelo canto do meu campo de visão, que a luta entre Paul e Theo tinha se tornado brutal, um emaranhado de punhos, mas não consegui focar porque a do mal não estava olhando. Ela estava muito ocupada se deliciando com o terror nos olhos dos meus pais. — Em outras palavras: essa é a artéria que leva sangue do coração diretamente ao cérebro. Se eu machucá-la, a sua viajante perfeita sangra até a morte em trinta segundos. Talvez um minuto. Tempo suficiente para que eu consiga saltar com meu Firebird, mas muito pouco tempo para tentarem salvá-la. Vocês terão que ficar aí vendo a filha de vocês morrer.

— Por favor, não. — Nunca vi minha mãe tão assustada. Tão pequena. Ela estendeu as mãos diante da Marguerite do mal, como se implorasse. — Diga o que você quer, e por que está aqui.

— Ah, agora estão preocupados com ela? — Ela parecia cuspir as palavras. — Quando foi que vocês decidiram começar a se preocupar com a Marguerite? E a parar de acreditar no cachorrinho de vocês, Paul Markov, antes que ele...

Uma pancada forte no chão foi seguida pelo barulho de alguém engasgando, seguido de um gemido fraco. A do mal olhou para a cozinha e viu Paul inclinado sobre Theo. Ele parecia ter sido espancado. Mas Theo do Triade-verso segurava o Firebird em seu pescoço. Um tremor foi o único sinal de que ele tinha ido embora.

— Que porra... — sussurrou o nosso Theo, sem forças.

Senti a tensão ardendo no meu peito. A Marguerite do mal jamais imaginou que Theo fosse pular fora tão rapidamente.

— Parem Markov — disse ela.

— Paul, por favor... Faça o que ela... — interveio meu pai.

Paul parecia não ouvir. Ele correu em nossa direção, e mesmo quando a do mal enfiou mais o metal do abridor, ele a agarrou com os dois braços.

Ela esperava que ele fosse direto no abridor. Mas, em vez disso, ele puxou a frente do meu cardigã, rasgando-o brutalmente. Naquele momento, agarrou os dois Firebirds de uma vez só, me puxando para mais perto dele, desequilibrada. A raiva fria e terrível que ele exibia nos olhos me lembrava o Paul do Mafiaverso. A raiva nos olhos e o potencial para a violência à flor da pele.

— Solta a faca agora — mandou ele —, e eu devolvo o Firebird para você poder fugir.

Ela levantou o queixo, apertando mais ainda o abridor no pescoço.

— Solta ou a Marguerite morre nos seus braços.

— Você não vai fazer isso. Se você machucá-la, eu estou com os dois Firebirds, e você vai sangrar até a morte junto com ela. Pode ser que você esteja realmente disposta a muita coisa por Wyatt Conley e a Triade, mas duvido que morrer esteja nessa lista.

Silêncio. Meus pais estavam abraçados como se estivessem impedindo um ao outro de cair. Atrás deles, fora de foco, consegui ver Theo tentando se levantar, apoiado nos cotovelos, a cabeça pesada. Os olhos acinzentados de Paul se mantiveram focados nos meus.

— Você acha que me conhece? — Ela sorri, debochada. Sinto meus lábios contraindo. — Você nem se conhecia até ontem. Porque você não é mais um ser humano único e completo. É um monstro do dr. Frankenstein, todo

costurado de pedaços de pessoas que você nunca mais vai ser. E os pontos podem abrir a qualquer momento...

Paul nem se mexeu.

— Não sei se você é uma oportunista ou uma sádica. Se é uma covarde ou uma conquistadora. Mas sei que é esperta o suficiente para reconhecer uma situação na qual você perdeu. E não me parece que suicídio por pirraça faça o seu tipo.

— Ah, senhor Markov — minha voz ficou mais fraca, mais baixa —, eu faço muita coisa por pirraça.

— Não duvido — sussurrou ele de volta. — Mas você faz essas coisas pelos outros. Não por você. Agora saia.

— Agora entendi como vamos brincar — comentou ela. — Hora de fechar algumas portas.

A Marguerite do mal afastou o abridor da minha garganta. Mas, antes que eu pudesse sentir qualquer alívio, ela esfaqueou Paul. Eu senti o sangue espirrar na minha pele e nas minhas roupas enquanto ele saltou para trás com o braço machucado, por reflexo. Isso deu a ela um instante para pegar o Firebird e apertar os comandos...

Fiquei tonta novamente. O mundo começou a girar. Mas, mesmo cambaleando, eu sabia que era eu mesma novamente.

A do mal tinha ido embora.

— Paul, você está bem? — Estiquei o braço para ele, mas ele saltou para trás com medo do meu toque. Por uns instantes ficamos apenas nos olhando. Foi quando me dei conta de que ainda estava segurando a faca, vermelha com o sangue dele.

Ele reagiu instintivamente. De forma inteligente. Considerando que eu ainda segurava a faca que o machucou. Mas vê-lo fugir de mim me deu arrepios.

Ele já vinha se questionando a respeito dele mesmo, se recusando a acreditar no nosso amor...

Agora ele também não acreditava mais em mim.



— AH, SE DESSE PARA RESOLVER TODOS OS PROBLEMAS nos livrando desses impostores! — exclamou minha mãe uns minutos depois. Eu estava ajoelhada diante de Paul, que estava sentado no sofá enquanto eu enfaixava o corte em seu antebraço. Enquanto isso, papai tentava fazer Theo tomar um pouco de chá. (Meu pai é inglês, acha que chá resolve qualquer coisa.) — Mas, com base no que vocês estão contando, as outras duas dimensões da Tríade estão mudando a estratégia agora, e vão usar uma muito mais perigosa.

— Eles estão dispostos a destruir dimensões inteiras, todas as que contenham uma farpa que seja da alma de Josie — falei. — Inclusive essa aqui. Tudo para recuperá-la. Ainda não consigo acreditar que vocês seriam capazes disso.

— Eu sou — respondeu meu pai, baixinho. Mamãe olhou para ele, mas cruzou o braço sobre o peito, como costuma fazer quando está na defensiva. Meu pai continuou: — Daquela vez que você teve meningite, quando tinha dois anos... a doença se espalha rapidamente. Estávamos na UTI pediátrica quando os médicos disseram que existia a chance de que você morresse. Fiquei tão desesperado... — A voz falhou e, quando ele voltou a falar, estava mais baixa. — Eu teria feito até um pacto com o diabo. Qualquer tipo de pacto. Qualquer demônio.

Pensei na raiva da minha mãe pelo Paul do universo em que ele tinha apenas me machucado. Aquilo foi o suficiente para transformar todo o amor dela em ódio. Meus pais se orgulham de ser racionais, regidos pela lógica, como os cientistas que são. Mas talvez isso tenha feito deles mais vulneráveis a emoções fortes. Uma dor que nos atinge profundamente é algo

que eles não conseguem nem começar a suportar. Não me espanta que a morte de Josie os tenha levado à loucura.

— Temos que agir imediatamente. — Paul não tinha me olhado nos olhos desde que voltei a ser eu mesma. Sua cabeça continuava um pouco inclinada, como se estivesse com vergonha. — Fazer algo para proteger as dimensões que correm risco de ser destruídas. A Tríade precisa da ajuda de um viajante perfeito para realizar o plano deles rapidamente. Mas, mesmo sem Marguerite, eles têm a versão de Wyatt Conley do Tríade-verso.

— Não me parece que Conley pretenda fazer alguma coisa pessoalmente — respondi. Ser um viajante perfeito pode ser muito perigoso, eu sei. Conley falava muito, mas preferia se proteger e arriscar a vida dos outros. — E o que quer dizer aquilo de “fechar portas”? Conley falou isso ao telefone, e a outra Marguerite também. Mas não entendo o que significa.

Papai suspirou.

— Infelizmente, também não sabemos.

— Esperem um minutinho. — Theo franziu a testa ao falar, sentado de frente para a mesa de arco-íris. Levantou a caneca de chá e ficou olhando para os papéis apoiados na superfície multicolorida. — Tem umas equações muito, muito interessantes aqui.

Minha mãe andou até ele.

— Como assim?

— Bom, não é um mapa. Mas talvez uma dica para os tipos de lugares que eles pretendem ir. Os universos que vão tentar atacar primeiro. — Theo pegou o lápis que sua outra versão deixou e tentou seguir com a equação inacabada.

— Sabemos o que todos eles têm em comum: as dimensões que aquela versão de Josie já visitou — falei. — Os universos onde as farpas da alma dela estão... enterradas, acho.

As farpas eram pequenas demais para serem recuperadas com um Firebird, eles me disseram. Nem um pedacinho da consciência de Josie ficou intacto. Ela estava morta, verdadeiramente morta, ainda que o Escritório Central estivesse tentando criar um caminho sangrento de ressurreição. A expectativa era que, ao destruir os mundos que a alma dela visitou, as farpas que lá ficaram fossem “catapultadas” de volta ao seu universo de origem, até que um número razoável delas se juntasse para restaurar a alma e o corpo de Josie.

E se Paul ficou com tantas sequelas depois de ter sido fragmentado em quatro pedaços... o que seria de Josie depois de estilhaçada em mil?

— Andei pensando sobre as implicações teóricas. — Paul parecia agradecido por estar de volta à matemática depois de tanto tempo lidando

com confusas emoções humanas. — A Tríade vai querer destruir os vetores de origem também, para acabar com várias dimensões ao mesmo tempo.

Depois de tantos anos cercada por cientistas, seria possível presumir que aprendi cada um dos jargões tecnológicos necessários. Parece que não.

— O que são vetores de origem? — perguntei.

— São universos que geraram muitos outros universos úteis para os objetivos da Tríade — explicou mamãe. Minha cara deve ter entregado que não entendi nada, porque ela parou e explicou melhor: — Por exemplo: no nosso mundo, e no Tríade-verso, e em muitos outros que vimos, Abraham Lincoln foi assassinado por John Wilkes Booth. Se você conseguir encontrar o universo original, onde esse evento ocorreu pela primeira vez, você destruiria, por consequência, todos os outros nos quais isso aconteceu. O universo original seria o vetor de origem. Entendeu?

— Além disso, veja bem, o momento no qual esse evento significativo ocorreu é completamente irrelevante — acrescentou meu pai. — As dimensões não iriam simplesmente desmoronar. Elas seriam... desfeitas. Mesmo que o evento tenha acontecido séculos ou milênios atrás, destruir o vetor de origem significaria desfazer todo o universo, até o início dos tempos.

— Logo depois do Big Bang — completou mamãe. Estávamos falando do apocalipse, literalmente. Mas ela ainda assim viu necessidade de ser precisa quanto ao momento em que o tempo começou a existir.

Todas as escolhas que fazemos, mesmo as mais triviais, criam sempre uma nova realidade quântica; uma outra dimensão totalmente única no multiverso. Cada um dos muitos mundos que já visitei, cada Marguerite na qual estive, todas seriam desfeitas em um instante se alguém encontrasse o momento no tempo no qual foi feita a escolha que levou ao meu nascimento. Sem essa escolha, sem esse universo, nenhuma das outras Marguerites existiriam. Elas seriam desfeitas junto com as dimensões. Completamente.

— Tudo bem — respondi —, entendi. Então o Escritório Central quer destruir todos os mundos nos quais Josie já esteve e mais alguns, hmm, mundos que são vetores de origem. Como podemos impedi-los? Pera aí. Calma. Como eles conseguiriam isso? Como se destrói uma dimensão inteira?

Os quatro cientistas que estavam naquela sala trocaram olhares. Suas expressões eram de quase... culpa.

— Vocês estão prestes a revelar que os Firebirds são mais perigosos do que me disseram que são? — perguntei.

— Não! — Mamãe parecia ofendida. — Francamente, Marguerite. Nós jamais correríamos esse tipo de risco.

— Jamais — completou papai. — No entanto, isso não significa que eles não sejam potencialmente perigosos.

— É como quando eles ativaram o Grande Colisor de Hádrons, o LHC. — Theo tentou ajudar. Eu sabia tudo sobre isso, mesmo tendo acontecido quando eu ainda era um bebê. Para os físicos, a ativação do LHC foi quase um Super Bowl, a cerimônia do Oscar, o Ano-novo na Times Square, tudo ao mesmo tempo; e meus pais até hoje falam daquele dia. — Todo mundo em pânico dizendo: “Socorro, os cientistas vão criar um buraco negro!” O que claramente não aconteceu. Porque, ainda que tecnicamente não fosse impossível, era altamente improvável que o LHC pudesse funcionar por um bom bilhão de anos antes que um buraco negro abrisse no centro da Terra.

A explicação do Theo ajudou, mas me deu um clique: venho andando por aí carregando no pescoço uma chance em um bilhão de causar um apocalipse.

Olhei para o meu Firebird, ainda pendurado no cordão, agora vermelho por causa do sangue de Paul, assim como os pedaços rasgados do meu cardigã verde e o vestido branco por baixo dele. Para mim, o Firebird sempre representou a esperança, a genialidade, a aventura. Mas eu sabia que, ali, naquele momento, as manchas de sangue não seriam esquecidas.

— Então, como o Firebird pode destruir uma dimensão inteira? — Àquela altura, eu já esperava uma resposta que envolvesse uma equação mais longa que um livro do Harry Potter, mas achei que devia perguntar.

Mas Paul sabia traduzir a poesia secreta da ciência para mim de uma maneira que ninguém mais conseguia.

— Lembra o que falei quando fomos a Muir Woods? Sobre a assimetria fundamental do universo?

Eu jamais vou esquecer aquele dia. A beleza daquela floresta fez com que eu sentisse que Paul e eu tínhamos pisado em um pedacinho de eternidade. Mas eu me lembrava da aula de física também.

— A maioria das forças da física são simétricas — falei. — Mas, em algum lugar nos nanossegundos após o Big Bang, a matéria e a antimatéria descartaram de alguma forma. Ninguém sabe como. Mas é essa assimetria entre elas que faz o universo ser possível. Não é isso?

— Chegou bem perto.

Meu cérebro de artista não entende de ciência com a mesma facilidade que o de Paul. Ele nunca me fez sentir mal por isso, de forma alguma. Não de propósito. Mas digamos que tato não é a especialidade dele.

— É importante saber disso porque os Firebirds poderiam restaurar a simetria entre matéria e antimatéria — acrescentou ele rapidamente.

— O quê? Como assim? — Minha mente começou a dar voltas. — Por que alguém faria um dispositivo capaz disso?

Theo ouviu nossa conversa.

— Marguerite, é mais ou menos assim que os Firebirds funcionam, para início de conversa — observou ele. — As ressonâncias dimensionais das quais sempre falamos, aquele papo que te deixa superentediada, sabe? Elas são os desequilíbrios específicos de cada universo. O que o Firebird faz, basicamente... é surfar nesse desequilíbrio, descobrir onde ele está e te levar até lá. E se você programar o Firebird para atacar esse desequilíbrio, em vez de detectá-lo... — A voz de Theo falhou, e ele levantou as duas mãos, como se fizesse a mímica de uma explosão.

Já Paul, claro, não ia deixar um gesto desses sem explicação científica.

— O resto acontecerá naturalmente. O colapso dimensional aconteceria em... Não. Não faz sentido tentar determinar um período de tempo, porque o colapso destruiria até o tempo.

— Mas os Firebirds também podem aumentar a assimetria! — lembrou meu pai, tentando animar a conversa. — É algo difícil, muito difícil. Mas não impossível. Precisaríamos de um intensificador de energia para o Firebird, claro.

— Claro — interveio a mamãe. A mente dela estava sempre muitos passos adiante. — Mas também podemos aumentar a potência dos Firebirds usando um dispositivo relativamente simples: um tipo de estabilizador que podemos construir em cada universo, e assim aumentar a assimetria em cada um. Isso tornaria muito mais difícil a tarefa da Tríade de destruí-los. Podemos atrasar bastante o trabalho deles. Quem sabe até impedi-los.

Isso fez mais sentido para mim: o potencial que existe nos Firebirds. Eles são fortes o suficiente para desfazer um mundo ou preservá-lo para sempre. Bem e mal infinitos pendurados em um cordão no meu peito.

Àquela altura, meus pais e Theo já estavam profundamente envolvidos nas equações. Eu queria muito conseguir uns minutinhos para conversar sozinha com Paul. Ele precisava se lembrar de quem era, expulsar essa tristeza e esse fatalismo que ainda estavam rondando seus pensamentos.

Se ele não superasse isso, eu não o tinha realmente salvado. Apenas juntado de volta os pedaços de um homem sem concerto. Só de pensar nisso, fiquei com vontade de abraçá-lo com força, como se pudesse entrar nele de tal forma que meu amor selaria todas as rachaduras, curaria todas as dores e faria ele ser inteiro de novo.

Mas, como antes, eu tinha problemas mais urgentes a tratar que minha vida amorosa. Eu e o resto do multiverso.

— Tenho que ir atrás dela — anunciei. — Não tenho?

Todos se olharam, preocupados. Foi quando percebi que eles já tinham chegado a essa conclusão individualmente, mas nenhum queria ser o primeiro a dizer.

— Querida — começou meu pai—, por mais que eu odeie dizer isso, precisamos saber com que mundos teremos que trabalhar. Com certeza. As equações de Theo vão ajudar, mas a única maneira de ter certeza de quais são as dimensões que correm mais perigo é se você for até elas.

— Eu posso ir. — A voz de Paul era dura. — Theo pode ir. Ou um de vocês dois. Não precisa ser Marguerite.

— Precisa, sim — insisti. O lado protetor dele me emocionou, mas eu não ia deixar que ele ganhasse a discussão assim. Eu sou a viajante perfeita, o que faz ser muito mais fácil para mim saltar entre universos. Consigo manter o foco e o controle durante toda a viagem. Em qualquer outra viagem, isso seria apenas uma conveniência. Mas, nesses casos, temos que ser fortes e rápidos. Isso significava que eu tinha que ir. Olhei para os meus pais. — O meu Firebird consegue rastrear o dela, certo?

— Sim. — Foi Theo quem conseguiu responder. — Seus Firebirds ficaram juntos por um tempo. Podemos rastreá-la rapidamente.

— Então faça isso. — Entreguei o Firebird para Paul. Mesmo relutante, ele começou a trabalhar.

— A sua outra versão não pode destruir universo nenhum sem morrer junto — explicou mamãe. — Mas pode ser que ela esteja... preparando o terreno. Deixando cada universo pronto para a sua consequente cooperação. Ou para missões suicidas, no caso dos outros.

Se as versões dos meus pais e de Wyatt Conley do Escritório Central estavam dispostas a destruir dimensões inteiras para recuperar Josie, deveriam achar normal pedir para que alguém do mundo deles se mate. Por alguns instantes, aquela informação me deixou meio tonta: trilhões de vidas estavam em jogo, literalmente. E eu era a única pessoa capaz de salvá-las. Tentei me manter calma.

— Espera aí. Mas a destruição do universo não a jogaria de volta para o universo original dela? É isso que as versões de vocês dois do Escritório Central acham que vai acontecer com as farpas da alma de Josie.

Papai assentiu. Ele parecia ter envelhecido cinco anos na última hora.

— Isso é o que provavelmente aconteceria com um viajante perfeito; no caso, você, ou a Josie do Escritório Central. Mas não com a outra Marguerite, nem com ninguém mais que estivesse tentando destruir um mundo com um Firebird. Essa destruição tem consequências sérias. Ela cria correntes. É como se... como se você retirasse a âncora de um barco, mas a única maneira de fazer isso é segurando você mesma a âncora. O barco fica livre, mas ao mesmo tempo a âncora te puxa para o fundo do oceano. Um viajante perfeito conseguiria superar isso, com a ajuda do Firebird. Mas qualquer outra pessoa morreria.

Por mais que meus pais parecessem muito nervosos, eu me acalmei um pouco com a informação. Talvez eu devesse ter ficado constrangida com o fato de que só me senti melhor com a questão de um universo ser destruído porque vi que eu provavelmente vou sobreviver. Mas viajar entre as dimensões já é algo perigoso por si só, então qualquer sensação de proteção é bem-vinda. Deixei meus pais me ensinarem a usar o Firebird para estabilizar um universo. Me recusei a aprender como destruir um pois não via nenhuma razão para aprender isso. Paul ficou perto da gente o tempo todo, sério e quieto, ainda sem me olhar nos olhos.

Foi quando Theo fez uma pergunta que eu não tinha considerado ainda.

— Você vai conseguir ir atrás dela?

— Como assim? — perguntei.

— Se ela não está na dimensão dela, significa que já está ocupando outra versão sua em outro mundo. É possível que duas pessoas saltem no mesmo hospedeiro? — Ele deu de ombros. — Sério. Não faço ideia.

— Sabia que deveríamos ter simulado isso. — Mamãe fez cara de preocupada.

Não pareceu complicado. Eu ia conseguir ou não, e, se eu conseguisse, estaria no comando, já que sou a viajante perfeita, não a Marguerite do mal. E aí me veio a próxima pergunta à cabeça:

— Eu não corro o risco de me fundir com ela ou algo assim, corro?

— Não! — Todos responderam ao mesmo tempo.

Papai tentou ser mais solícito.

— Ressonâncias diferentes, não importa a situação. Como água e óleo, querida.

Que ótimo. Imediatamente visualizei a Marguerite do mal me cobrindo como um óleo preto e viscoso. Bom, é melhor que tê-la no meu corpo.

— Vocês lembram o que falei para vocês sobre o Cambridgeverso?

Levou um tempinho para eles lembrarem. Não os culpo. A história da minha última perseguição dimensional foi contada às pressas enquanto o braço de Paul sangrava em cima de mim. Ele fez uma careta com a menção desse universo, porque foi lá que ele machucou meu braço em um acidente de carro que nos separou. Mas o aspecto mais importante do Cambridgeverso era outra coisa.

— As nossas versões estão trabalhando em formas de se comunicarem entre as dimensões — respondeu mamãe. — Você orientou a eles que nos procurassem. O que significa que podemos procurá-los de volta.

— Já consideramos isso antes — acrescentou papai, coçando o queixo. Ele só faz isso quando está pensando em algo muito sério ou quando está ouvindo *Rubber Soul*. — Se você conseguisse avisá-los do que pode acontecer, para tomarem cuidado com a Tríade, eles teriam uma chance.

Olhei para minha roupa ensanguentada e rasgada e pensei que devia trocar de roupa antes de ir. Quando eu voltar depois disso tudo, e meu corpo for o meu corpo de novo, será que o sangue já vai estar seco? Ou será que ainda vai estar molhado contra minha pele, evidenciando como minhas mãos machucaram Paul?

Ela podia ter cortado o pescoço dele. O que teria acontecido comigo se eu tivesse visto meu próprio corpo matá-lo?

— Está pronta? — Paul interrompeu meu fluxo de pensamentos.

— Não, mas não importa. — Levantei. Ele é tão alto, tão musculoso, como um Michelangelo em um mundo de Modiglianis. Mas seu rosto cabia nas minhas mãos. — Vem comigo. Eu preciso de toda ajuda possível.

Ele hesitou, acho que não por ele, mas por medo.

— Theo poderia ir, ou Sophia e Henry poderiam finalmente usar o Firebird eles mesmos...

— Eu preciso de você — sussurrei.

Ele não acreditou em mim. Ainda não conseguia. Mas concordou com a cabeça. Aceitei essa resposta.

Fui para mais longe dele, sentei em uma cadeira no canto da sala, apertei os controles do Firebird para saltar atrás da do mal...

... e foi assim que vim parar pendurada nessa corda a mais de cem metros acima do Tâmsa.

— Marguerite! — grita Paul. Eu olho para cima e o vejo saindo pela janela de observação a despeito dos gritos das pessoas em volta dele, incrédulas. Tia Susannah se debruça atrás dele, as lágrimas deixando rastros de rímel nas bochechas. — Estou indo te pegar!

— Não! — Como é difícil gritar isso, porque, meu Deus, quero muito que ele venha me pegar. Quero muito que ele venha me salvar. E pelo brilho metálico que vejo em torno do pescoço dele, sei que aquele é o meu Paul, e que ele me seguiu. Que, por mais que ele esteja mal, existe ainda alguma coisa dentro dele que acredita que podemos superar isso tudo.

Mas tenho certeza absoluta de que ele não pode me salvar. Ele vai acabar morto se tentar.

Minhas mãos estão suadas e a corda começa a escorregar. Faço tanta força com os dedos que é como se todas as minhas terminações nervosas estivessem pegando fogo. Se eu soltar essa corda, a Marguerite do Londresverso morre.

Ela foi a primeira versão de mim mesma para a qual saltei, na primeira vez em que experimentei a vida em um mundo alternativo. Me lembro do quarto dela, branco e vazio. Da vida noturna de baladas e bebidas que ela não gosta muito de levar. Da última vez que estive nesse corpo, tentei fazer com que ela se lembrasse dos nossos pais, dos quais, aqui, ela foi tirada ainda na

infância. O amor que tentei compartilhar com ela, pelo menos um pouquinho. Agora sei que ela manteve essas memórias. Ela saiu com a tia Susannah para fazer alguma coisa divertida e Paul parece tê-la encontrado. Será que eles dois são apenas amigos ou algo mais? Enfim. Ele deve ser uma das poucas pessoas honestas que ela tem na vida.

Em outras palavras, nos últimos meses acredito que a vida dela tenha valido a pena. Agora, a Marguerite do mal tirou isso dela.

Acho que é isso que eles querem dizer quando falam em fechar portas. Eles já sabem que nunca vou fazer o que eles querem. Então vão fazer de tudo para que eu não tenha como proteger esses universos. E a única maneira de fazer isso é me trancar do lado de fora, para sempre.

E a única maneira de me trancar é matar todas as Marguerites. Em todos os lugares.

Minhas mãos escorregam. Consigo me segurar de novo e as pessoas berram de dentro do quacdóptero. Uma das mãos se soltou, estou balançando no ar, meu ombro dói horrivelmente, meus músculos tremem. Acho que acabou.

Eu vou ter que saltar. Mas e se a do mal estiver me bloqueando? E se eu não conseguir saltar para onde ela está? Não tenho como reprogramar o Firebird para voltar para casa; mesmo que eu conseguisse segurá-lo, o que não é possível, porque aí teria que soltar a outra mão...

Paul não pode ver isso. Não pode.

— Paul! — grito. — Volta para dentro!

— Marguerite... não!

Tento olhar de novo para ele. Mas me viro com muita força e minha mão, suada, escorrega da corda. Caio.

Nos primeiros segundos, é como se eu não estivesse caindo. É mais como se eu estivesse flutuando enquanto um vento forte sopra ao meu redor. Mas, logo em seguida, começo a sentir a pressão. Meu estômago começa a revirar e o rio está se apressando para me encontrar. Eu vou morrer.

O Firebird! Enquanto caio, seguro o Firebird dentro da camiseta. É difícil segurá-lo porque estou girando, minhas roupas estão infladas, a água está cada vez mais perto, mais perto... Eu aperto os controles...

Meu corpo sacode com a parada. Por um instante terrível eu penso que é isso, acabou, bati no rio, minha morte chegou.

Mas, não. De repente estou sentada em uma espécie de câmara escura e fria, ou melhor, acho que é um corredor, um espaço com pouco mais de um metro de altura. Vejo uma luz piscando ao longe. Estou cercada por paredes de pedra. O chão quase totalmente coberto por areia. É tudo que sei até agora. Tirando, é claro, o fato de que estou em outra dimensão. Uma dimensão que me salvou.

E a outra Marguerite está morta.

Foi assassinada. Pela do mal... e, sejamos honestos, por mim também.
Porque eu tive a chance de salvá-la e falhei miseravelmente.



COMO FICAR DE LUTO POR UMA VERSÃO DE VOCÊ MESMA?

Sinto uma tristeza indescritível no coração. A injustiça da morte dela é insuportável. Especialmente quando parecia que ela estava descobrindo coisas na própria vida que a deixavam feliz. A Marguerite do Londresverso estava encontrando o caminho dela. Até o Paul daquele mundo estava com ela...

Não, você não sabe disso. Ele podia apenas estar no mesmo quadcóptero. Ele morava perto dela, então não seria uma coincidência. Você não teve a chance de descobrir como as coisas de fato mudaram para ela, se é que mudaram mesmo.

Mas pensar que ela pode ter levado aquela vida infeliz e solitária até o último momento da vida só torna tudo pior.

As únicas coisas de que tenho certeza são que ela não morreu por culpa dela e que ela morreu sentindo muito, muito medo.

Começo a soluçar. Sinto-me muito triste e culpada, uma dor que aperta minha respiração e faz doer o peito, um nó na garganta. Trago os joelhos para perto do peito, abaixo a cabeça e começo a chorar.

Aquela outra Marguerite, aquele corpo, aquela vida me ajudou muito quando eu precisava de ajuda. E como foi que retribuí? Não consegui segurar a corda. Deixei ela cair. Os Firebirds bateram na dimensão e na vida daquela Marguerite; sua morte é a cicatriz que ficou.

Enfim, enxugando as lágrimas, levanto a cabeça e tento entender onde estou dessa vez.

Ok, foco. Não me sinto fisicamente diferente de nenhuma maneira importante. Meus cabelos estão presos para trás em um complicado coque ou uma trança, que permanece imóvel por vários grampos. A formalidade do

penteadado me lembra o Russiaverso, mas sei que não é onde estou. O lugar à minha volta é sujo, minhas roupas muito simples... e não estou grávida. Ainda lembro da sensação, no entanto. Tanto que quase sinto falta.

O corredor escuro ao meu redor me dá poucas dicas de onde estou. Ainda que a iluminação seja esquisita (não consigo ver de onde vem, o que significa que deve ter uma curva nesse corredor), consigo saber pelo brilho irregular que a origem da luz são velas ou uma tocha. Idade média de novo? Isso aqui não se parece com nenhuma parte do Romaverso que eu me recorde, mas é perfeitamente possível que haja outra dimensão com níveis medievais de tecnologia. Mas não, minhas roupas não combinam com essa teoria. A saia cáqui de algodão vai até um pouco abaixo dos joelhos, e apesar de pesada parece ter sido feita à máquina. As botas de cadarço são confortáveis até demais (acredite em mim, sapatos medievais são um horror). Tiras finas de renda enfeitam as mangas longas e a gola alta da minha blusa, que é fina e branca, também de algodão. Além disso, não tenho bolsos nem bolsa: ou seja, não tenho smartphone, mapa, dinheiro ou nenhum tipo de identificação.

A única coisa de que tenho certeza a respeito deste mundo e dessa Marguerite é que ela corre perigo. A do mal vai garantir isso.

Lembro o terror do Londresverso, aquelas águas escuras se aproximando de mim, prontas para quebrar todos os meus ossos e roubar minha respiração para sempre...

Pelo menos foi uma morte rápida, digo a mim mesma, respirando fundo. Depois de uma queda daquela altura, o impacto com a água deve tê-la matado instantaneamente.

Pensar assim não está me ajudando.

Minha cabeça começa a repetir a pergunta: por que isso teve que acontecer? Por que isso teve que acontecer? E repito tantas vezes que a pergunta se torna real: por que a do mal foi ao Londresverso? Por que esse mundo estava entre os que seriam destruídos? Nenhuma versão de Josie poderia ter estado aqui, porque, naquela dimensão, ela morreu havia mais ou menos dez anos!

Então lembrei o que meus pais falaram sobre os vetores de origem. Um universo poderia conter a fundação de muitos outros. Ao destruí-lo, os outros desaparecem. Porque a linha do tempo desaparece por completo, não importa se a escolha crítica aconteceu ontem ou há muitos anos; passado, presente e futuro entram em colapso ao mesmo tempo.

Quantos mundos estarão perdidos porque soltei aquela corda?

Ainda que meu cérebro continue repassando a cena de quando a corda escorregou da minha mão, racionalmente sei que não tinha jeito. Tentei o

máximo que pude, com todas as minhas forças, como se estivesse salvando duas vidas e não apenas a dela. Na verdade, podia ter sido isso mesmo.

Não tenho dúvidas de que a Marguerite do mal queria me matar também.

Mas o que será que ela quer me colocando nesse corredor esquisito? Não estou vendo uma saída, mas tenho certeza que existe uma, até porque a do mal precisou dela para chegar aqui. Não vejo nenhum perigo mortal ao meu redor; é mais chato que qualquer outra coisa.

Por que ela escolheu que eu morresse de forma tão lenta? Podia ter feito tantas outras coisas! Podia ter se enforcado, saltado de algum lugar ainda mais alto, se prendido a pedras antes de se jogar no mar.. Ok, as possibilidades estão me assustando.

Foi então que percebi que ela não vai fazer nenhuma dessas coisas, pelo menos não daqui em diante. Qualquer coisa nesse nível de drama, e tão absoluta, não daria a ela tempo de saltar dessa dimensão e se salvar. Ela matou a Marguerite do Londresverso tão rapidamente, tão violentamente, porque queria que eu morresse junto. Espero que ela ache que conseguiu. É melhor para mim se ela não souber que continuo atrás dela.

E, mesmo que saiba, acho que a partir de agora as armadilhas dela vão demorar mais para aparecer. Ela não só precisa de tempo para saltar do corpo; precisa também de tempo para que eu salte para dentro, se quiser que eu morra.

De agora em diante, as situações nas quais ela vai me colocar vão ser menos assustadoras, com certeza. Mas não posso esquecer de que o perigo é o mesmo.

Então, primeira coisa a ter em mente: sair daqui.

Começo a engatinhar na direção da luz incerta. Sob minhas mãos e meus joelhos, areia. A penumbra é tanta que não consigo ver se existe alguma porta. Ou uma janela. O ar é frio, quase gelado, e tem cheiro de lodo. Deve ser assim a sensação de ser enterrada viva.

Sinto um frio na espinha. *Força!*, digo para mim mesma enquanto continuo a me deslocar. *Você está vendo a luz? O fogo precisa de oxigênio para queimar. Enquanto estiver aceso, você tem ar.*

Chego a um ângulo agudo no corredor e finalmente vejo uma porta. A madeira é velha, gasta e muito seca, e parece não haver uma maçaneta, mas só pode ser por aqui que a do mal entrou. E é por aqui que eu vou sair. Passo os dedos pelas extremidades gastas da porta até encontrar um espaço em que consigo segurar e puxar. Dou um puxão e sinto a madeira ceder...

... e a parede começar a cair, desmoronando sobre mim e à minha volta. Um tsunami de areia.

Começo a gritar até sentir areia entrando na garganta. Tento me sacudir, tossindo e cuspidando, mas a areia continua caindo, enterrando minhas

pernas e me imobilizando. Ainda que eu não esteja completamente soterrada, não dá para sair daqui sem cavar; e, se esse negócio começar a cobrir meus braços, eu vou ser enterrada viva de verdade.

É quando ouço uma voz me chamando, distante.

— Marguerite?

Paul. Meu coração se enche de alívio.

— Sim! Me ajuda! Está tudo caindo!

Ouçó também a voz do meu pai.

— Aguenta firme! Tente não se mexer, não importa o que aconteça!

Fico imóvel. Por mais difícil que seja deixar a areia cair sobre mim, ela cai mais devagar se eu não me mexer. Não muito longe, ouço uma movimentação e sons de alguma coisa raspando. Meu coração está disparado de medo, mas pelo menos sei que a ajuda está a caminho. A Marguerite do mal falhou. Eu vou sair dessa.

Vejo uma forma surgindo no meio da areia, algo sólido saindo daquela avalanche de terra. Quanto mais próximo de mim, mais definido fica. Até que cai sobre mim... *E, meu Deus, é uma pessoa morta.*

Entro em desespero. Começo a gritar e tentar me afastar do corpo, e novas ondas de areia caem sobre mim. Já está na altura da minha cintura, mas isso não é nada perto do corpo em cima de mim. O corpo dele... ou dela... dessa pessoa... é escuro e está seco; é pouco mais que um esqueleto. A pélvis, o esterno e metade de um braço estão caindo em cima de mim. E o pior de tudo: a boca está aberta, como se aquele rosto sem olhos sorrisse para mim.

— Marguerite! — Eu me viro e vejo meu pai engatinhando na minha direção. Ao longe consigo ver uma escada de madeira, e só então percebo que a luz está vindo de cima. Que armadilha subterrânea é essa para onde a do mal me trouxe? Porém, isso não é mais tão importante, agora que meu pai está aqui. Ao longe vejo ainda um par de pernas descendo a escada, e sei que em breve Paul também vai estar aqui.

Meu pai chega perto de mim e eu seguro sua mão. Eu daria um abraço se não estivesse com medo de me mexer muito e afundar ainda mais na areia.

— Me tira daqui, por favor.

— Só mais um instante, querida. Precisamos sustentar essa parte da parede primeiro. — Ele parece totalmente calmo, o que devia me fazer sentir melhor. A luz instável do fogo ilumina seus óculos com armação de metal, e o reflexo me impede de ver seus olhos.

Com uma das mãos, aponto para aquele esqueleto grotesco que parece estar amarrado por algum tipo de bandagem.

— Mas... Isso aqui...

— Incrível, não é mesmo? E você encontrou todos eles sozinha! — Ele sorri.

Acima do ombro de meu pai, posso ver Paul tentando se aproximar. Ele parece estar carregando esquadrias, ou algum tipo de barra de metal, algo que possa conter a areia ou substituir a porta que eu abri.

Ou melhor, a porta que a Marguerite do mal deixou para que eu abrisse e fosse enterrada viva. E saber que caí na armadilha dela é ainda pior que estar cara a cara com esse esqueleto.

O que não torna o esqueleto agradável de se lidar, claro. Começo a achar que estou sentindo o cheiro de carne podre, ainda que ele pareça estar morto há muitos anos. Décadas. Séculos...

— Nós avisamos especificamente para não testar esta área até que tivéssemos entendido mais sobre ela — completa meu pai. Ele não parece bravo; está tão empolgado com minha descoberta que não consegue me repreender. — Onde você estava com a cabeça?

— Eu... eu... me confundi. Achei que você estava falando do outro lado. — Espero que essa resposta cole. Em geral, funciona. Não importa a dimensão, as pessoas estão sempre fazendo besteira.

Ele parece satisfeito com a resposta. Faz carinho em meu ombro.

— Tem que tomar mais cuidado, filha. Mas tenho que admitir que isso tem um lado bom: você vai ser mencionada como descobridora! Pode se tornar o membro mais ilustre da família nos negócios!

Desde quando minha família está envolvida nos “negócios” de cavar corpos em decomposição?

Nessa hora, Paul finalmente aparece. O corredor é apertado demais para que ele passe pelo meu pai e chegue ao meu lado, mas é o suficiente para vê-lo. A luz do fogo ilumina seu rosto com um dourado brilhante e quente. Ele está vestindo uma camisa branca de linho, calça verde-oliva e botas de cano alto, aparentemente a mesma roupa que meu pai usa. A barba recém-aparada acentua os contornos do queixo, o que me faz pensar no tenente Markov, na Rússia; e, como sempre, pensar nele me faz fechar os olhos e ter vontade de chorar.

Quando abro os olhos novamente, vejo que ele não parece aliviado, mas preocupado e confuso. Se esse fosse o meu Paul, se ele tivesse me seguido até aqui, estaria grato por me ver viva e bem. Ele teria entendido como foi que acabei em um lugar perigoso como esse, apesar de meus pais terem me pedido para que eu não viesse aqui. Então, esse Paul não é o meu Paul, é o Paul desse universo.

O meu deve ter ficado no Londresverso, esperando pelo corpo que vai ser resgatado do Tâmisia.

Essa imagem pavorosa permanece na minha cabeça enquanto espero eles reforçarem a parede. Eles retiram a múmia primeiro, depois a mim. Prioridades. Mas estou tão aliviada em vê-los! E todo o meu ódio está reservado para a pessoa que o merece: a Marguerite do mal.

Eu aposto que ela perguntou aos meus pais sobre os lugares mais perigosos e foi diretamente para lá, é o que penso enquanto Paul remove com as mãos a areia que cobre minhas pernas. Se eles dois não estivessem próximos à curva do túnel quando gritei por socorro, o plano dela teria dado certo. Eu podia ter morrido sufocada. E a Marguerite desse mundo podia ter morrido junto comigo.

Assim que me liberto, me arrasto para perto dos dois.

— Preciso sair daqui — digo.

A areia pesa dentro das minhas botas, e tudo o que quero no momento é respirar ar puro novamente.

— Vá na frente, querida. — Meu pai só tem olhos para o seu novo amigo, o esqueleto. — Ainda vamos ficar por aqui algumas horas.

Esbarro no corpo de Paul enquanto passo por ele e nossos olhares se cruzam. Seus olhos mostram incerteza e esperança. Sua voz tem um sotaque forte, como se ele tivesse acabado de voltar da Rússia.

— Mar... Senhorita Caine, tem certeza de que está bem?

— Está tudo bem. — Dou o melhor sorriso que consigo dar nesse momento. Mesmo sob a luz quente, consigo notar o rubor de prazer. O que me diz que, nesse mundo, não estamos juntos. Pelo menos, não ainda. Mas me parece que estamos considerando a possibilidade. Por mais bonito que isso seja, a esperança dele só me faz pensar no desespero do meu Paul.

Não é hora de pensar nisso. Me arrasto até a escada e começo a subir, feliz por ver um feixe de luz vindo do céu naquela noite. As estrelas brilham intensamente. Parece que não tem muitas luzes artificiais por aqui.

Termino de subir pelo túnel e perco o ar. A luz da lua ilumina um deserto vasto, muitas tendas... e as pirâmides. Majestosas sob aquele luar. Ao longe, consigo ver o perfil da esfinge encarando o horizonte. Ainda que a cidade de Gizé seja muito próxima das pirâmides na minha dimensão, me parece que ela ainda não foi construída. Não há nada em volta além de areia até onde a vista alcança; quero dizer, além das tendas, os monumentos antigos e muitas pás, panelas e outras ferramentas que reconheço como o material usado em um sítio arqueológico.

Eles são egiptólogos. Meus pais aqui foram para o ramo da arqueologia. Aquilo não era apenas um cadáver, era uma múmia de verdade.

Continuo parada no topo da escada, ao mesmo tempo sentindo medo e admiração, até que escuto um rifle ser engatilhado. Olho na direção do som e vejo Josie e Theo parados atrás de mim. Armados. Prontos para atirar.



A PRINCÍPIO, NÃO SEI O QUE FAZER. Pedir que minha irmã não atire em mim? Quando vejo, estou com as mãos para cima, como as pessoas que se rendem na TV.

Eles soltam um gemido ao mesmo tempo e abaixam as armas.

— Era você lá embaixo? — O rifle dela aponta para baixo, mas ainda está engatilhado. Ela está usando uma espécie de calça saruel cáqui, e uma camisa de linho branco com menos babados que a minha. Está com os longos cabelos trançados até os cotovelos. — Achamos que tínhamos capturado uma caçadora de tumbas!

Estou longe de ser uma Lara Croft. Para começar, eu precisaria colocar silicone nos seios.

— Foi mal, pessoal. Não foi minha intenção. Alarme falso.

— Você podia ter se machucado. — Theo abaixa o rifle. Ele parece muito menos confortável com a arma que Josie. — O que estava fazendo?

— Acho que me perdi, me confundi. Só isso. — Tiro mais areia da minha roupa. Os grãos já entraram nas minhas botas, na minha blusa, até na minha calcinha enorme de vó. A irritação física só piora minha irritação interna. — Posso me desculpar mais amanhã? Preciso deitar um pouco.

O que significa que preciso ficar sozinha, para tentar pular para o próximo universo.

Josie, obviamente, não conhece o código.

— Você pode desenhar a qualquer hora do dia, Marguerite. Quando for seguro e você estiver acompanhada.

Ela parece mais impaciente que preocupada. Exatamente como a minha irmã. Não me entenda mal, ela pode sentir empatia e ser carinhosa sempre

que alguém precisa dela. Mas ela espera sempre que você cuide da sua própria vida. Carregar um rifle combina com ela.

— Desculpa — digo. — Não vai acontecer de novo.

Será que vai? Será que a Marguerite do mal vai voltar e atacar uma Marguerite mais de uma vez?

Sim. É claro que vai.

Então me dou conta: não adianta ir atrás dela. Preciso proteger as outras Marguerites, cada uma delas, dos esquemas perigosos da do mal. Não só para acabar com os planos da Tríade de destruir os universos, o que já seria motivo suficiente, mas também porque essa é a minha responsabilidade, a mais importante de todas.

Minhas viagens colocaram muitas Marguerites em perigo. Afetaram as vidas de muitas delas para sempre. Mas a do mal está planejando um massacre de inúmeras Marguerites, e meu trabalho vai ser salvar todas elas.

Preciso seguir a do mal em todas as armadilhas que ela preparar. Enfrentar todos os perigos, um a um. Completar cada resgate. Falhar significa a morte de bilhões de pessoas.

— Calma. — Theo se aproxima de mim. Ele está usando roupas mais ousadas que em qualquer outra dimensão, com um pano de cor vibrante no pescoço e um relógio de pulso que brilha tão forte nesse luar que trai os diamantes das mãos. Ele me ajuda a terminar de subir a escada.

— Vai com calma, Josephine. Não está vendo que Marguerite está assustada? Está pálida como um fantasma.

— Eu sei. — Josie suspira. — Desculpa, Marguerite. Tem certeza de que está bem?

— Só preciso deitar um pouco.

— Theo, você leva ela até a tenda?

Mesmo no escuro, consigo ver alguma coisa nos olhos da minha irmã enquanto ela aponta para a tenda que deve ser minha. Ela acha que algo está acontecendo. Por favor, aqui também? Não...

Mas Theo não parece entender o olhar dela, o que indica que não há nada entre nós aqui também. Graças a Deus.

— Está tudo bem. — Começo a andar sem esperar pela escolta. — Até amanhã.

— Promete que não vai ficar louca de novo? — pergunta minha irmã. O tom de voz é outro, como se estivesse implicando comigo.

Nunca na vida eu tive tão pouca vontade de fazer piada com alguma coisa, mas preciso entrar no jogo. Olho para trás uma última vez e coloco a língua para fora.

— Louca, é? A louca aqui achou uma múmia.

Os dois se olham, desesperados de curiosidade, e se abaixam na direção da escada que leva aonde meu pai e Paul estão trabalhando. Fico grata pela chance de ficar sozinha.

O esplendor da noite egípcia é impressionante. Sinto ondas de calafrios quando vejo novamente as pirâmides no horizonte. A grandeza daquilo me faz esquecer tudo em volta a princípio, de uma maneira reconfortante. Às vezes, uma pintura ou escultura realmente linda me acalma o espírito de uma forma que nada mais acalma. A arte pode nos elevar, se permitirmos. E esse céu ao meu redor tem a mesma pureza de uma obra de arte.

Mas, conforme vou andando em direção à tenda, começo a reparar nos detalhes do nosso acampamento. Temos pelo menos nove tendas armadas aqui, e uma fogueira central na qual vejo uma grelha montada. As tendas não são aquelas barracas de nylon que a gente monta quando vai acampar com os amigos, do tipo que Josie gostava e insistia para que eu fosse junto; são tendas enormes, cada uma do tamanho de um quarto bem grande, e são costuradas com um tecido branco grosso que balança suavemente com a brisa da noite. Na escuridão um pouco além consigo ver, atrás das tendas, uns montinhos peludos no chão e logo percebo que são camelos dormindo.

Camelos? Não consigo evitar e começo a rir. Só de pensar na minha mãe andando de camelo... ou Paul, que é sempre tão sério e calmo, tentando se equilibrar naquela corcova...

Mas me lembro dele caindo, e mais uma vez me vem à cabeça a queda no Londresverso, a que matou a outra Marguerite. O sorriso desaparece. Ainda vai levar muito tempo para que eu consiga rir sem culpa.

Minha tenda parece ainda mais luxuosa por dentro. Ela tem um piso próprio, sobre o qual está uma espécie de tapete turco. Mesinhas dobráveis de madeira servem de apoio para meus cadernos de desenhos e para uma lanterna. Faixas de tecido mais grosso pendem dos cantos e cobrem as costuras, garantindo mais privacidade. Uma colcha de retalhos que parece ter sido feita à mão, em vários tons de azul, cobre minha cama de armar. Ao lado da cama, um baú forrado em couro aberto parece servir como um pequeno armário, e em cima dele estão um cachecol de renda e um capacete colonial.

É uma pena que eu não tenha encontrado esse universo antes, quando podia curtir ele um pouco. Quando viajar pelas dimensões era quase divertido. Agora, só o que posso fazer é tentar seguir em frente o mais rápido possível, e salvar a próxima Marguerite.

Sento na cama de armar e desabotoo a gola da camisa. Tem areia até no Firebird. Dou uma sacudida nele, e parece que o mecanismo está funcionando. Graças a Deus. Acho que eu não saberia lidar com essa

geringonça quebrando em outra dimensão; da última vez em que isso aconteceu, fiquei quase um mês presa.

E grávida.

Meu Firebird continua ligado ao da Marguerite do mal, capaz de segui-la sempre que ela se move. Eu respiro fundo, aperto os controles, e...

... nada acontece.

Mas que droga. Verifico novamente se ele está funcionando direito. Está. Já sei qual é o problema. Acho que não posso saltar para um universo adiante se a do mal já estiver nele. Cada Marguerite tem capacidade máxima de dois: uma hospedeira e uma visitante. E preciso seguir os passos da do mal, então só posso saltar para o próximo universo quando ela saltar para o seguinte.

E ela não vai saltar até que tenha conseguido bolar um plano terrível de matar mais uma Marguerite.

Qual será o pesadelo que ela está tramando dessa vez? Minha situação com a múmia poderia ter me matado, mas sei que aquilo está longe de ser o pior que ela pode fazer.

Espera até eu sair desse universo, do mal. Você vai pagar caro.

Mas como? Não é como se eu pudesse alcançá-la. Um visitante por vez, em cada corpo, significa que apenas uma de nós pode saltar para uma dimensão. Essa caçada pode ser eterna.

— Marguerite? Está decente? — Ouço a voz da minha mãe logo ali, do outro lado do tecido que faz as vezes de porta da minha tenda. Ela tem um sotaque francês mais forte que o normal.

— Se “decente” quer dizer “não pelada”, estou. — Enfio o Firebird dentro da camisa imunda e abotoo a gola novamente.

Meus dedos fazem uma pausa quando ela entra no quarto, lanterna na mão. Diferente de todos que vi por aqui, ela não está vestida no estilo “aventureiro aristocrata da Era Dourada”. Pelo contrário: está usando um robe comprido e esvoaçante com uma estampa lindíssima, e um turbante na cabeça feito com uma echarpe de seda. Parece que mamãe encontrou seu senso fashion no deserto.

— Você está bem, meu amor? — Ela senta na beirada da cama de armar.

— Não combina muito com você, essa coisa de entrar em uma escavação...

— Eu sei, mãe. Desculpa.

— Você estava tão estranha hoje mais cedo...

Minha mãe notou algo estranho no comportamento da outra Marguerite — provavelmente porque devia ser a do mal tramando algo. Pode não ter sido nada tão estranho que a fizesse pensar que algo estava errado de verdade, mas o suficiente para chamar sua atenção. O que significa que agora ela vai

ficar prestando atenção em tudo. Não é necessariamente um problema, é mais um fator com o qual terei que lidar nesse universo.

— Só preciso dormir um pouco.

— Uma boa noite de sono de fato nunca fez mal a ninguém — concorda ela. Em seguida, estica o braço ao meu redor, um carinho que me faz repousar a cabeça no ombro dela. Talvez eu esteja velha demais para me sentir tão segura sob a asa da minha mãe, mas, depois de quase morrer, não tenho vergonha de aceitar um cafuné. Os dedos dela passam pelos meus cachos soltos; ela costumava fazer isso quando eu era pequena, depois de pesadelos, quando me colocava de volta na cama. — Devo dizer que o sr. Markov correu para salvá-la com muita pressa. Duvido que alguém pudesse tê-lo detido.

Mamãe também torce para o Paul desse universo.

— Não acredito que ele deixou o papai descer primeiro.

— Se fazer de difícil não combina com você, Marguerite. Em breve você vai se decidir a respeito dele, não é?

Provavelmente, eu penso. Quando eu saltar desse universo, vamos chamá-lo de Egitoverso, a Marguerite daqui vai se lembrar dos meus sentimentos por Paul. Ela vai se lembrar de que ele não falhou com ela em mundo nenhum, que nós nos amamos repetidas vezes. Mas ela também vai se lembrar da escuridão que ele carrega dentro dele? Das visões de pesadelos com outros mundos dos quais não conseguimos nos esquecer?

— Você quer que eu tenha certeza, não é, mãe? — digo em voz alta.

— Claro. Mas você sabe, esses russos... Eles são muito intensos.

Eu rio.

— Só queria lembrar que você também é russa.

— Claro, mas de algumas gerações anteriores à dele. As neves de São Petesburgo mal caíram sobre as botas do sr. Markov.

Então, nessa dimensão ele nasceu na Rússia, como o sotaque sugeriu. O meu sotaque é bem esquisito aqui, nem britânico nem americano, alguma coisa entre os dois, assim como o sotaque de Josie. É provável que seja o resultado de uma vida viajando para lá e para cá, do Egito para museus ao redor do mundo.

— Se nem o egiptólogo pessoal do czar é suficiente para lhe impressionar — continua ela —, o que sobra?

Ela está implicando comigo. Mas isso me lembra do Russiaverso, onde mamãe era casada com o czar... e onde eu fui o resultado de um caso clandestino entre ela e meu pai, o tutor do czarévich. Mamãe sempre quis ter muitos filhos, mas a gravidez era sempre de risco para ela. É por isso que, no nosso universo, ela e meu pai pararam depois de mim e de Josie. No

Russiaverso, ela morreu dando à luz o quarto filho. O czar Alexander, aquele monstro, basicamente a engravidou até a morte.

Eu dou um abraço forte nela. Sinto cheiro de rosas.

— Eu te amo, mãe.

Ela parece não entender o que me inspirou a fazer essa declaração, mas decide não perguntar.

— Também te amo.

Depois que ela sai da minha tenda, tento mais uma vez saltar desse universo. Nada feito. Tiro a roupa, o que já demora bastante, com aquelas golas bufantes e meia-calça e botas de cadarço. Tento de novo saltar; de novo sem sucesso. Coloco a camisola fininha e larga que estava em uma das gavetas da cômoda e decido me manter acordada pelo máximo de tempo que conseguir. Continuo tentando saltar, a cada dez minutos mais ou menos. Essa Marguerite foi salva de ter sido enterrada viva. Quem sabe qual vai ser a próxima surpresa?

Mas estou cansada. Extremamente cansada. De corpo e alma. Segundos depois de me cobrir com a colcha e encostar a cabeça no travesseiro, eu apago.

Os pesadelos me perseguem a noite inteira. Mas não sonho com aquela queda terrível do Londroverso; em vez disso, me vejo lá embaixo na tumba com corpos mumificados caindo das portas e corredores, dezenas e dezenas deles.

E mesmo no sonho eu sei: cada um daqueles corpos mortos é meu.

Quando acordo pela manhã, tento de novo o Firebird. Nada ainda. Parece que a do mal está com problemas para tramar algo mortal dessa vez. Espero, para o bem da próxima Marguerite, que ela viva em um local tão seguro, tão bem guardado, que a do mal não consiga encontrar nada para fazer com ela.

Ainda que isso signifique eu ficar presa no Egitoverso por um tempo.

Bom, já estive em lugares bem piores.

Lá na época do Renascimento, os pintores costumavam usar um pigmento chamado “marrom-múmia”. Era de um matiz ocre, um tom areia, natural, nada opaco, e que podia ser suavemente transparente, o que era bom para esmaltar outras cores. A cor se manteve popular até a metade do século XX, quando os pré-rafaelitas começaram a usá-la sem moderação... até se darem conta de que o tom ganhou esse nome por ser feito de restos moídos de múmias egípcias de verdade. Aparentemente, alguns pintores enterraram os tubos de tinta quando descobriram a verdade. Mas mesmo isso não incomodou a todos, e a produção do marrom-múmia só acabou quando não restavam mais múmias baratas para serem compradas.

Penso muito nessa história quando olho para meus frascos e tubos de tinta na minha caixa de artes. Espero que eu não faça minhas próprias tintas nesse mundo. Espero que eu não seja essa pessoa, que moeria um corpo em decomposição para fazer tinta. Isso é algo que a Marguerite do mal faria, não eu.

Se ao menos eu pudesse ser útil de alguma forma nessa dimensão... mas não tenho conhecimento científico para construir um dispositivo estabilizador. Isso vai ser ainda mais difícil que em casa, porque aqui o nível de tecnologia é mais primitivo. Eu já salvei a Marguerite desse mundo, mas agora não posso fazer nada além de esperar pela próxima oportunidade de seguir adiante.

Por fim, aceitando que preciso lidar com minha vida daqui, coloco as roupas quase idênticas às de ontem, só que com menos areia. Ainda que eu não seja capaz de recriar o penteado que a Marguerite desse mundo estava usando, pego a echarpe e prendo os cabelos em um rabo. Com sorte, vai parecer apropriado. Por baixo da camisa está o Firebird, que eu vou tentar ativar mil vezes ao longo do dia. Coloco meu capacete colonial e estou pronta para a aventura. Saio da tenda preparada para ver uma expedição arqueológica em todo o seu esplendor.

Em vez disso, vejo meus pais, Josie, Theo e Paul sentados em volta da fogueira central, ainda acesa. Uma chaleira de metal repousa sobre a grelha, e mamãe está fatiando um pão que parece embrulhado em um papel encerado. Ela ainda está com o robe, e papai está lendo um jornal em alemão. Os olhos de Paul encontram os meus por alguns instantes, até que ele, envergonhado, olha para o outro lado e pega um pedaço de pão com mamãe.

— É a primeira vez que você se atrasa para o café — diz Theo, sorrindo. Ele está usando um novo lenço supercolorido no pescoço, e os óculos de sol são de um tom verde-escuro. — A múmia não te deixou dormir?

— Nada disso — respondo. Fico pensando que ele poderia se divertir com meu pesadelo, então decido não contar. — Desculpem por ter dormido até tarde. Não quero perder nada.

O que é a mais pura verdade. Enquanto eu estiver aqui, o melhor que posso fazer é observar tudo; e explorar tumbas egípcias antigas vai ser fascinante, contanto que nenhuma caia das paredes novamente.

Meus pais se olham.

— Você lembra que hoje é shabat, querida? — pergunta meu pai.

Claro. Meus pais tinham que ser religiosos pelo menos em um universo.

— Ah, claro. Tinha me esquecido.

— Que bom que está usando esse capacete colonial — diz Josie. Ela acende um cigarro, o que me choca até eu lembrar que, nesse mundo, as

pessoas não devem saber ainda que fumar causa câncer. — Porque se não fosse por ele, eu acharia que você está com insolação.

— Marguerite só está ansiosa para voltar ao trabalho. — Paul falando com esse sotaque russo carregadíssimo, como era o do tenente Markov, faz meu coração derreter. Eu olho para ele enquanto ele me passa um pedaço de pão em um pratinho azul de metal junto com uma caneca de café. Me serviu café antes mesmo de começar a comer. Sorriu para ele da forma mais calorosa que consigo, e ele abaixa a cabeça. O momento deveria ser adorável, mas em vez disso me vejo pensando no Paul que deixei em casa: a cabeça baixa, como se a vergonha e o desespero (efeitos residuais da fragmentação) estivessem, de fato, pesando sobre ele, tornando difíceis seus movimentos.

— Tem certeza de que está tudo bem? — Papai me espia desconfiado por cima das lentes dos óculos. — Você está pálida, querida.

— Estou bem. — Tento parecer mais animada, de uma forma que não chame mais atenção.

É hora de me concentrar no que mais importa a respeito de Paul nesse momento: ele ainda é o Paul desse universo, e já tem pelo menos oito horas que estou aqui. Isso significa que o meu Paul continua no Londresverso. Talvez ele ache que precisa encontrar o corpo antes de me seguir até aqui, mas isso pode demorar um pouco. Buscar um corpo em um rio é um trabalho longo e tedioso, sem garantia de sucesso.

Esse é um assunto sobre o qual eu entendo até demais. Depois que nos contaram que meu pai tinha morrido porque seu carro caiu dentro de um rio, passei bastante tempo pesquisando sobre isso, especialmente depois de saber que na verdade ele estava vivo e bem. Tê-lo de volta conosco não apagou o trauma de pensar que ele estava morto. Não sei por que, mas não apagou. Por muitas semanas tive pesadelos nos quais eu descobria que tinha ido para o universo errado, que o pai que eu trouxe de volta não era o meu, o que quer que meu cérebro fosse capaz de inventar para me convencer de que ele estava morto. Saber mais sobre o que poderia ter acontecido se ele tivesse sido levado pelo rio... Bom, ajudou um pouco. Mas agora significa que meu conhecimento a respeito de como é um corpo inchado pela água traz memórias muito, muito vívidas.

Tomara que Paul não tenha que ver isso, eu penso. Por favor...

— Bom, se a Marguerite não sente necessidade de descansar, não vejo por que não podemos fazer alguma coisa hoje — diz mamãe. — Precisamos de equipes de escavação, mas não para os desenhos dela. Na verdade, ela realmente deveria passar um pouco mais de tempo lá embaixo, onde pode desenhar sem ser interrompida.

— E quanto mais cedo você for para lá, melhor. — Papai levanta a caneca de café e a aponta para mim, como se fizesse um brinde. — Não queremos

que o incidente de ontem assuste você.

Levanto a minha caneca de volta e tomo mais um gole de café, tentando esconder o calafrio que passa por mim. Meu Deus, que café forte! Absurdamente forte. Acho que se eu beber essa caneca inteira, consigo enxergar através do tempo. Parece que não inventaram ainda o filtro de café; então, se você quer tomar um, tem que querer *mesmo*.

— Ela não devia ir às tumbas sozinha — acrescenta Paul. — Ficarei feliz de ir com ela.

O rosto de Theo se entristece quando ele percebe que perdeu uma oportunidade. Talvez eu devesse me sentir mal pelo Theo desse universo, mas acho que ele sabe se cuidar sozinho.

— Eu vou adorar — respondo, e Paul sorri. É muito bom vê-lo sorrindo de novo.

Vinte minutos mais tarde, ele me leva a outra tumba — em outra escada, num corredor muito mais largo que o outro, onde é mais fácil ficar de pé e andar. A lanterna que ele carrega ilumina um longo caminho que parece não ter fim. Quando ele levanta a lanterna, consigo ver hieróglifos e pinturas nas paredes. O panteão egípcio em sua totalidade se apresenta diante de mim, pintado em ocre, cobalto e ouro: Hórus com seu bico curvado, Ísis com os braços esticados como asas, Anúbis com a cabeça de chacal aguardando para levar os mortos ao mundo subterrâneo.

— Isso é fantástico — sussurro. Passo os dedos diante dos símbolos, mas não tenho coragem de tocá-los.

— Quase intactos. — Ele parece orgulhoso. — Com a ajuda dos seus desenhos, poderemos traduzi-los. E pessoas que morreram há três mil anos vão ter voz novamente.

Abro meu caderno de desenhos, que ainda não tinha olhado. Parece que aqui eu desenho tanto quanto pinto, talvez mais; às vezes com lápis de cor, às vezes só preto. E meu trabalho revela detalhes muito mais meticulosos, bem diferente dos meus trabalhos em casa.

— Você é a única que não estudou egiptologia — acrescenta ele. — Pelo menos não formalmente. Mas é a pessoa que pode fazer as maiores descobertas de todas.

É quando a ficha cai: meu pai não estava brincando quando falou sobre os “negócios da família”. Aqui, sou uma egiptóloga, como eles. Dessa vez, não só acompanho minha família; trabalho junto com eles. Sou parte da equipe. Isso nunca aconteceu antes.

Quero dizer, aconteceu. É assim também com a do mal: ela é parte dos planos do Escritório Central, como todos. Mas ela não devia ser a única, porque a sensação de ser parte da equipe é muito boa.

Veja bem, meus pais jamais fizeram com que eu me sentisse mal por não ter herdado os genes de cientista que Josie herdou. Eles sempre encorajaram minha arte e nunca nem mesmo sugeriram que meu tipo de criatividade era inferior ao deles. Ainda assim, eles são os cientistas que redefiniram as leis da física. E só fiz uma exposição do meu trabalho na vida. É difícil não se sentir insignificante quando seus pais são praticamente Marie e Pierre Curie. O que eu teria que criar para estar à altura de um Firebird? Talvez a Capela Sistina?

Mas aqui meus pais precisam do meu trabalho artístico. Eu sou parte das descobertas e dos triunfos deles. Saber disso preenche um vazio no meu coração que, até agora, eu nem sabia que existia.

Talvez se pudesse pensar que, sendo uma viajante perfeita, uma mochileira das dimensões, eu me sentiria completa. Mas a diferença é: isso é algo que foi feito para mim. Por mais que seja um presente formidável, o fardo também não é pequeno. Nem o perigo. Nem o mal que já causei. Agora, isso aqui... esses desenhos baseados nos hieróglifos egípcios? São puros. Totalmente meus. Nascidos da arte que eu tanto amo.

Se comparados a todas as coisas terríveis que tem acontecido no multiverso, no entanto, esses desenhos não são bem lá uma consolação. Mas eu precisava disso. Sou grata por essa descoberta, esse momento que quase pode ser chamado de felicidade.

Abraço meu caderno de desenhos, e Paul dá uma risadinha.

— Você parece animada para começar a trabalhar.

— Muito. — Enquanto eu estiver nesse universo, pretendo dar o meu melhor.

Ele hesita um pouco e então diz, naquele sotaque russo carregado:

— Eu sempre quis desenhar e pintar como você.

— Sério?

Ele assente, evitando que seus olhos encontrem os meus. Às vezes é uma gracinha que um homem tão grande e forte possa ser tão tímido.

— Nós sempre encontramos tantos artefatos de civilizações perdidas. Uma estátua quebrada. Um vaso queimado. Vemos cacos e restos de objetos o tempo todo. Pedços de algo que já foi glorioso. Sempre que penso sobre isso, queria ser capaz de juntar todas as partes. Não da maneira que era antes; isso seria, é claro, impossível. Mas o suficiente para conseguir ver, de verdade, como a coisa foi um dia. A arte que você cria... Ela chega bem perto disso. É o mais perto que conseguimos chegar.

Não da maneira que era antes. Eu me lembro de correr por entre as dimensões, tentando desesperadamente juntar os pedaços da alma de Paul. Será que um dia ele vai ser como antes? Ou será que vou sempre vê-lo da forma como esse Paul vê o Egito antigo: em pinturas, memórias e sonhos?

Me recuso a acreditar que a alma do meu Paul esteja perdida. Ele não está quebrado. Não é como as ruínas que nos cercam. Ele vai conseguir.

Então, os olhos dele se arregalam e ele dá um passo para trás. Seu rosto começa a se contorcer de dor. Ele bate com as costas na parede, com se as pinturas não estivessem ali.

— Paul! — grito, assustada, andando na direção dele. — Está tudo...

Coloco a mão no peito dele e sinto, por debaixo da camisa, o relevo inconfundível do Firebird. É o meu Paul. Finalmente. Ele chegou.

Quero abraçá-lo, mas ele levanta as mãos como se estivesse tentando se equilibrar. Parece desorientado.

— Onde estamos?

— No Egito. Mais precisamente, dentro de uma tumba histórica. E estamos todos explorando o lugar juntos. Considerando as dimensões todas, essa aqui é sensacional, né? — Estou tentando fazê-lo sorrir, porque, se eu conseguir, isso significa que ele não teve que ver o corpo da Marguerite do Londresverso. Mas o rosto dele está pálido, e os olhos cinzentos parecem atormentados. Eu sei qual foi a última coisa que ele viu naquele mundo.

— Sinto muito.

— Você podia ter morrido. — Ele parece muito tenso. Os olhos ainda arregalados. A voz baixa, quase um gemido. — Talvez você tenha morrido.

— Paul?

Ele não responde. Em vez disso, me empurra com tanta força que eu quase bato na parede oposta. Algo no olhar dele me lembra o Paul frio e duro do Mafiaverso, aquele que descarregou uma arma em Theo sem pensar duas vezes.

— Prove que você é você.

— O quê?

— Eu não sei se você é você. Pode ser *ela*. — As mãos dele seguram meus ombros com tanta força que não consigo me mexer. — Você pode ter matado ela e está esperando para me matar. Prove. Prove que você é a minha Marguerite, ou eu juro que...

Ele não termina a frase. Não é preciso. Ele acabou de ver uma Marguerite morta na frente dele. Me parece que está disposto a matar mais uma, com as próprias mãos.

O meu Paul jamais faria isso. Jamais. Ou melhor, jamais teria feito isso.

Mas a fragmentação deixou sequelas graves, e o amor se transformou em paranoia. Para o meu horror, nesse momento me dou conta de que talvez eu não conheça mais o meu Paul.

E se ele não me conhecer mais? Será que me machucaria?

Meu Deus. Acho que sim.



— PAUL... — NÃO CONSIGO FALAR. Por alguns instantes, mal consigo respirar. Os olhos dele me queimam com tanta frieza... E ele se aproxima como se estivesse se preparando para o pior.

Me lembro do tenente Markov atirando no guarda traidor que tentou matar a grã-duquesa. Me lembro também do filho do senhor da máfia que explodiu os joelhos de Theo a sangue frio. O potencial para a violência, seja para o bem ou para o mal, está em todos os Pauls. Inclusive no que eu amo.

O meu Paul tinha superado isso muito antes da sua fragmentação. Antes que eu o conhecesse. Ele já tinha lutado contra a escuridão no passado para se tornar uma pessoa boa, um homem forte. Mas as rachaduras em sua alma permanecem, e a qualquer momento o homem bom que eu amo pode se desintegrar. Virar alguém completamente diferente. Alguém perigoso.

Então é melhor que eu me defenda.

— Ok — digo, com a voz trêmula. — Acabei de ser sequestrada pela primeira vez em meu próprio corpo, porque a do mal...

— A do mal? — Ele aperta os olhos, como se avaliasse um suspeito.

— Ah! Sim. É como eu chamo a versão de mim do Escritório Central, porque... bem, primeiro porque é mais fácil, e eu nem acho que ela mereça ser chamada de Marguerite. Mas ela sabe tudo sobre o Nightthief, não sabe? Então... Então eu aposto que ela não sabe sobre aquelas férias que você e Theo passaram em Las Vegas.

— Pare. — Paul respira fundo e em instantes volta a se parecer com ele mesmo. Meu pavor acaba. É claro que eu não deveria ter medo dele.

Fragmentado ou não, ele ainda é o mesmo. Tem que ser. — Eu sabia que era você assim que disse que a chama de a do mal.

— O que aconteceu no Londresverso? — Eu não quero tocar nesse assunto, mas preciso.

— O que você acha que aconteceu? Eu preciso dizer em voz alta?

Faço que sim com a cabeça, hipócrita que sou, exigindo que ele me responda o que eu nem tenho coragem de perguntar.

— Ela morreu — responde ele, com um tom pesado. — Eu a vi morrer.

A informação me atinge com um peso indescritível, tão fria e dura quanto as águas do Tâmisia devem ter sido para ela. Eu daria tudo para poder ficar lá mais uns segundos, para poupá-la da consciência da queda até o último instante, quando ela não teria mais tempo de entender o que estava acontecendo.

Mas não dá para esperar tanto, lembro a mim mesma. Não teria a salvado, só aumentaria o perigo para você. É verdade. Mas não faz com que eu me sinta melhor.

Ficamos em silêncio por alguns instantes. Os deuses antigos ao nosso redor nos observam com seus olhos arqueados, idênticos, e agora esse corredor me dá a sensação da tumba que foi um dia. “Achou que a morte era um jogo no qual dava para roubar?” É o que as pinturas parecem sussurrar para mim. “As pessoas enterradas aqui também acharam. E agora vocês estão desenterrando seus ossos.”

— Eu quis esperar até que encontrassem o corpo. — Ele encara a parede atrás de mim, olhando através de mim, como se eu fosse só mais um hieróglifo. Não, não é bem isso. Ele está vendo a Marguerite que morreu com mais clareza do que a mim mesma, aqui, agora. — Eu sabia que ver o corpo não me ensinaria nada; mesmo que tivesse sido você, e que o Firebird estivesse no seu pescoço quando você bateu na água, certamente o impacto o teria quebrado. Ou a correnteza o teria levado. Ainda assim, eu tinha que vê-la de perto. — Ele fecha os olhos. — Me arrependo de ter feito isso.

Dizem que bater na água depois de uma queda daquela altura é quase o mesmo que cair no concreto duro. Minha versão do Londresverso deve ter ficado em pedaços. Sou tomada por náusea. Engulo em seco.

— A tia Susannah teve que...

— Eu identifiquei o corpo para ela.

— Obrigada. — A tia Susannah não seria capaz de lidar com isso, acho. E aí eu entendo o verdadeiro significado do que ele está me dizendo. — Peraí. A tia Susannah sabia de você? Conhecia você bem para... quero dizer, para isso?

Ele assente.

— Depois que você deixou o Londresverso pela primeira vez, a sua versão de lá lembrava de quem você era. De tudo o que você fez. Então, aparentemente, ela procurou pelo Paul Markov em Cambridge, esperando que ele tivesse alguma resposta. Então eles começaram a... passar bastante tempo juntos.

Meu coração está partido pela segunda vez. Outro mundo no qual eu e o Paul poderíamos ficar juntos, talvez para sempre. E a Marguerite do Londresverso tinha alguma chance de ser feliz. E tudo acabou em um mergulho fatal.

— A tia Susannah me explicou um pouco da história enquanto esperávamos pelo... Enquanto esperávamos. Eu deduzi o resto sozinho.

— Tá vendo? Nós fomos destinados um ao outro. Porque se tem um mundo no qual eu jamais imaginaria que teríamos uma chance juntos, seria naquele. — Eu me sinto extremamente fútil falando da minha vida amorosa em um momento como esse. Mas não estou fazendo isso por mim; estou fazendo por ele. Senão, o luto e a culpa que ele sente de todos esses universos vão continuar a puxá-lo para baixo. As falhas da fragmentação podem virar fendas maiores e ele vai enfraquecer cada vez mais, até desmornar por completo.

Parece que funciona. Ele respira fundo e corrige a postura.

— Você disse que estamos no Egito?

— Não, era brincadeira. Estamos em Wisconsin. — Eu aponto para os hieróglifos nas paredes. Ele quase sorri.

— Egito. Meu sotaque é mais forte aqui...

— Você é o egiptólogo pessoal do czar, e está trabalhando com meus pais em uma expedição. Temos umas tendas enormes, e um café absurdamente forte, e camelos de verdade. E a mamãe usa turbante.

A cara de consternação dele me dá vontade de rir pela primeira vez em muito tempo.

— Temos que andar de camelo?

— Não sei. Essa oportunidade ainda não surgiu.

— Espero que não! — E quando eu começo a achar que o pior já passou, ele fica tenso de novo. — Calma aí. A outra, a do mal. Ela veio aqui matar você? Assim como fez com a outra Marguerite?

— Ela está fechando portas. Me impedindo de entrar nos universos. — O plano maligno dela se tornou mais claro para mim depois de uma noite pensando a respeito. — A Tríade está tentando garantir que eu não consiga salvar os universos que eles querem destruir. Eu só posso salvar um universo se puder entrar nele. E não posso entrar em um universo no qual estou morta. Então eles precisam matar todas essas Marguerites, uma depois da outra, a não ser que eu siga a do mal e conserte tudo. Eu tenho

que continuar atrás dela, Paul. Tenho que salvar as outras Marguerites. Não só porque assim posso entrar nessas dimensões e protegê-las, mas também porque... eu não posso deixar todas essas versões de mim mesma serem assassinadas. Não se eu puder impedir.

Ele tenta protestar, vejo isso nos olhos dele. Com certeza, ele pensa que meu plano de resgate das outras Marguerites é perigoso demais. E, para ser sincera, concordo com ele. É perigoso demais, mesmo. Mas é o que eu tenho que fazer. Talvez ele sinta a minha determinação, porque em vez de argumentar, ele apenas pergunta:

— E o que aconteceu nessa dimensão? Como ela tentou te matar?

— Ela tentou me enterrar viva em uma escavação. Um dos corredores não era estável. Consegui sair sem muitos problemas, exceto pela parte em que uma múmia de verdade caiu em cima de mim. Não foi divertido como em *Os caçadores da arca perdida*.

Ele franze a testa.

— Isso parece... possível de se sobreviver. Obviamente. Mas... — Eu lembro a ele do porquê de os métodos dela serem agora menos perigosos, e a princípio ele concorda comigo, assentindo com a cabeça. Mas o olhar dele começa a se tornar mais distante, até um pouco confuso. — Espera. Me lembro dessa parte. Eu sei disso. Quem é a do mal, senhorita Caine? — pergunta ele, coçando a barba (um gesto familiar, conhecido), com o sotaque carregado desse universo.

Merda. O Paul desse mundo está aparecendo de novo. Eu chego mais perto dele, o que faz os olhos dele brilharem de esperança até o instante em que seguro a camisa dele, aperto o Firebird e programo um lembrete.

Ele cai para trás, xingando em russo. É o meu Paul novamente.

— Tenho que programar esses lembretes para intervalos menores — diz ele.

— Você sempre pode usar o Nightthief. — Digo isso e logo penso que é uma ideia improvável. — Acho que não temos os ingredientes aqui no deserto.

— Provavelmente não. Posso verificar isso depois. Por via das dúvidas, vou ajustar os lembretes.

Ele começa a mexer nos controles, as mãos enormes incrivelmente habilidosas em um dispositivo tão pequeno. Em vez de chegar para trás, continuo perto dele, na esperança de preservar a conexão que ainda temos.

É nessa hora, claro, que escuto Theo gritar.

— Alô, vocês aí embaixo!

— Oi, Theo — respondo.

Paul se afasta e esconde o Firebird dentro da camisa quase ao mesmo tempo em que Theo aparece.

O sorriso diabólico de Theo parece ainda mais malvado com esse bigode. Ele podia passar por um Don Juan de algum antigo filme mudo.

— Como vão os desenhos, Marguerite?

— Ahn, vão... — Eu queria dizer “bem”, mas o caderno está fechado e Theo não é idiota. — Ainda não comecei. Estou um pouco nervosa nesses corredores depois do que aconteceu ontem.

— Faz sentido. — Ele chega perto de mim e coloca a mão no meu ombro, com certeza flertando. — Da próxima vez que estivermos no Cairo, prometo que vou mantê-la longe do perigo em todos os momentos. Que tal um passeio pelas fotos que se mexem?

Meu Deus, até os filmes são novidade aqui. Isso seria divertido, se não fosse pelo olhar pesado de desaprovação que Paul lançou sobre nós dois. Eu desvio da mão de Theo e abraço o caderno novamente.

— Minha única distração tem que ser desenhar. E preciso começar logo.

O fora não parece afetar Theo; ele dá de ombros.

— Quem sabe na próxima vez que estivermos no Cairo.

— Claro. Com certeza — digo da boca para fora, mas ele sorri novamente.

— Vocês são um casal aqui — fala Paul, assim que Theo sai.

— Não! Não somos! — Eu teria percebido ontem à noite, ou hoje cedo, não teria? — Ele só está flertando. Theo sendo Theo.

— Talvez você tenha um destino, afinal. — Ele se vira para ir atrás de Theo. — Só não é comigo.

— Por que você está falando assim? — Que vontade de sacudir ele! — Por que está sendo tão ciumento, tão raivoso, tão... quando você sabe que eu...

Ele se vira de volta. A raiva ainda está lá, mas soterrada por uma dor que é ainda mais difícil de ver.

— Não estou com ciúmes. Não estou com raiva. Estou aliviado. Você não deve ficar presa a mim, Marguerite. Theo seria melhor para você.

— Com licença, mas quem eu amo não é algo que o senhor pode prescrever para mim como se fosse um médico me dando uma receita!

— Você não entende? — Ele está quase gritando, as paredes fazem eco. — Vejo ele perto de você e me lembro de atirar nele! Vejo você perto dele e quero sacudi-la até você quase desmaiar! Essa coisa... brutal na qual meu pai tentou me transformar? Eu achei que estava enterrada. E talvez estivesse! Mas a fragmentação trouxe tudo de volta. Eu não sirvo mais para você, Marguerite. Nunca mais vou servir.

— Só faz alguns dias. Não dá para ter certeza. — Compreendo o que ele está sentindo, mas essa atitude derrotista precisa parar. — Paul, você não me machucou. Você não faria isso.

— Você não sabe disso. Nem eu sei. — Eu ia começar a protestar quando ele levantou a mão, me pedindo para parar. O vento forte passa pela gola da sua camisa branca de linho e desarruma seus cabelos avermelhados. — Você não entende o que é isso, ser fragmentado. Não sabe como é saber disso... saber que você foi roubado de si mesmo.

Isso me pega de surpresa. Eu não tinha pensado dessa forma. A profundidade dessa agressão, a intimidade, a brutalidade, me deixam arrepiada.

— Mas você está inteiro de novo. Eu sei que foi terrível, mas você vai melhorar.

— Isso não é um cortezinho que você faz sarar com um curativo, Marguerite. É muito mais profundo. — Ele está procurando pelas palavras certas. Fica em silêncio por longos segundos antes de falar de novo. — Os meus pensamentos não se desenrolam da forma que deveriam. Meus sentimentos me controlam demais. Desde que me entendo por gente, sempre lutei muito para ser uma pessoa diferente do meu pai. Mas às vezes me pego querendo reagir às coisas da forma que ele reagiria. Em outros momentos, a raiva ou a tristeza parecem surgir do nada: parece que não tem a ver comigo, mas me consome.

— Você não vai virar o seu pai. — Acredito nisso completamente.

— Talvez não. Mas não faço ideia do que vou virar. Só sei de uma coisa: não sou mais o mesmo homem por quem você se apaixonou. Eu mudei mais do que você é capaz de perceber por enquanto. E nunca mais vou ser o mesmo. — Os olhos acinzentados finalmente me encaram. — Você devia se afastar enquanto é tempo.

E ele sai. E estamos os dois desesperados. Os dois sozinhos.

Depois de alguns instantes, decido ficar na tumba.

Eu não estava mentindo quando disse a Theo que trabalhar seria a forma de distração ideal. Naquele dia, fiquei no corredor por horas, desenhando com o máximo de delicadeza e precisão que consegui. A beleza daquelas pinturas nas paredes me toca mesmo no meio de tanta tristeza, e fico imaginando o artista original vestindo um robe branco fino e aqueles colares superelaborados que sempre aparecem nos filmes sobre o Egito antigo. Copiar o trabalho daquela pessoa com todos os detalhes, todos os destaques... é a melhor homenagem que posso prestar ao artista original. E fazer isso da melhor forma possível me faz sentir como se eu tivesse um grande sucesso em meio a todos os fracassos. Preciso desse sentimento mais do que deveria.

Meu trabalho só fica difícil quando as lágrimas me impedem de enxergar. Mas eu as enxugo e sigo em frente.

Ainda que eu queira ir atrás de Paul, não vou. Por mais que ele esteja magoado, talvez seja o que ele precisa nesse momento. Quando estamos sofrendo, as pessoas são rápidas em dizer: “Supere isso logo, podia ser pior.” Mas não se supera uma tristeza negando a existência dela. É preciso senti-la. Temos que dar a ela o lugar que lhe é de direito. Às vezes isso significa fazer o oposto de “seguir em frente”. Às vezes é preciso mergulhar nas profundezas da tristeza, reviver cada momento terrível e sobreviver à tortura de se perguntar como poderia ter sido... e como será. É preciso deixar sangrar para que o coração volte a bater.

É isso que Paul está fazendo. Deixando sangrar.

Depois de algumas horas, ouço passos no corredor de pedra. Distraída pela esperança, olho naquela direção, ansiosa para vê-lo. Mas quem aparece é Theo. Tenho que fazer muita força para não demonstrar a decepção.

— Como está o trabalho? — Ele se aproxima, as mãos cruzadas nas costas. — Nosso amigo russo parece estar de mau humor. Tem estado assim desde que te deixou para trás.

— Não sei do que está falando.

O Theo daqui deve achar que eu e Paul temos alguma coisa, e essa é sua chance de descobrir. Estou sem paciência para lidar com isso. Ele limpa uma fina camada de suor do rosto.

— A única maneira de fugir do fogo amaldiçoado está no mundo dos mortos. Estranho, não acha?

— Nunca pensei dessa maneira. — A temperatura aqui está tão fria e úmida que não pareceria tão bom se a alternativa não fosse o sol de matar do deserto. — Acho que preciso voltar para o acampamento.

— Sem pressa, Meg.

Meg.

Bem que achei muito familiar. O Theo do Tríade-verso me seguiu até aqui.

Viro para olhar para ele, o Theo que sequestrou meu pai, que armou para que Paul fosse acusado de assassinato, que ajudou a do mal a invadir meu corpo. Quando ele vê nos meus olhos que já sei quem ele é, solta um suspiro:

— Eu sabia! Sou o único cara do multiverso que te chama de Meg?

— É. Veio aqui injetar Nightthief em mim de novo? — pergunto.

— Não — responde ele, enquanto se aproxima. Agora vejo que ele está pálido e que seus movimentos estão mais lentos e relutantes. O que quer que ele tenha vindo fazer aqui, não parece bom.

Minhas únicas possíveis armas são uma caixa de lápis de cor e um bloco de desenho, mas acho que um lápis enfiado no olho pode parar qualquer um.

— Escuta — começa ele, erguendo a mão na minha direção, e eu paro, sem saber o que me aguarda. — Sei que você está puta com Conley e com a Tríade. Eu entendo. Mas não deixe a sua raiva impedi-la de ver o que está acontecendo aqui. Você pode resolver tudo em segundos, é só aceitar cooperar conosco.

— Pare de tentar negociar comigo! — Eu me afasto dele e acabo me aprofundando na tumba, me afastando da saída. — Quando é que vocês vão entender, quando vai entrar nessa cabeça dura de vocês que eu nunca vou trabalhar para vocês? Não conseguem ver o quão absurdo é isso?

— Bom, na verdade, eu vejo, sim — responde ele, e é a primeira vez que me parece que ele está sendo sincero. — Se eu soubesse, lá no início, que era nisso que eu estava me metendo, eu também não teria entrado. Mas agora estou aqui. Agora eu sei. E se tem universos que vão ser destruídos, eu pretendo ficar em algum que não vai entrar nessa conta.

Não tenho argumentos contra esses objetivos, mas não estou gostando dos métodos dele.

— Não estamos falando apenas de você, Theo. Estamos falando de salvar trilhões de vidas, literalmente. Como você pode não querer lutar contra isso com todas as suas forças?

— Porque todas as minhas forças não são suficientes para impedi-los! Meg, quer se acalmar e pensar um pouco? É tarde demais. A Tríade está muito à nossa frente. Você quer começar uma corrida contra eles quando eles já estão quase na linha de chegada. Qual é o objetivo disso? Conley e a Tríade ainda querem você do lado deles, apesar de tudo o que...

— Ah, claro! — O som que eu emito só pode ser classificado como desdém. — Eles têm muito pelo que me perdoar!

Ele faz uma careta, frustrado.

— Que droga, por que você está fazendo isso? Ainda tem tempo de salvar a sua própria dimensão! Tem bilhões de pessoas lá, animais, plantas, o planeta todo! E você está colocando tudo em risco com essa caçada maluca. Sua lealdade não devia ser a deles, antes de tudo?

Nunca pensei nesses termos antes, de lealdade. Se eu pudesse proteger somente uma dimensão, não deveria ser a que eu chamo de casa?

Mas me recuso a deixá-lo pensar que está me convencendo.

— Não sou eu que estou colocando meu universo em perigo. Isso é responsabilidade da Tríade.

— O que eu estou tentando dizer é: suas ações têm consequências. — O rosto dele está ocultado pela sombra do corredor. Ele pega a lanterna pendurada em seu cinto. — Aqueles outros universos poderiam ser nada mais que... que escolhas que ninguém nunca fez.

Por um instante apenas, não estou mais no Egito. Estou deitada em meio a peles de animais quentinhas em uma *dacha* na Rússia, enquanto uma tempestade de neve violenta cai lá fora, e Paul me abraça com força. Ao mesmo tempo, estou sentada em um opulento hotel parisiense com as mãos na barriga, ainda tonta com a informação de que estou carregando um filho do Paul naquela dimensão.

Eu sempre me arrependi de ter feito aquela escolha pela grã-duquesa. Mas, ainda assim, seria infinitamente pior apagar aquela escolha, todas aquelas vidas, aquela dimensão, para sempre.

— As pessoas merecem a chance de viver — respondo. — Elas merecem o direito de criar seus próprios destinos.

— Você nem sempre respeitou essas escolhas com tanto cuidado assim, não é? — Mesmo no escuro, consigo ver o brilho da raiva nos olhos dele.

— É. Eu fiz besteira — admito. — Mais de uma vez. Mas você está falando de algo diferente.

— Então qual é o limite, Meg? — rebate ele. — Onde você quiser? Contanto que eu esteja do lado errado?

Tive vontade de gritar.

— Para de fazer joguinhos! Eu cometi um erro. Você está cometendo genocídio! Não é possível que você não perceba que isso é muito, muito pior que qualquer coisa que eu poderia fazer. E sabe o que mais? Meu Theo jamais faria isso! Então como foi que você virou esse monstro?

Ele pula sobre mim, me golpeando logo abaixo das costelas e me deixando sem ar. Os lápis caem todos no chão. Coloco as mãos com força no rosto dele enquanto ele segura meu cachecol de renda, que desce frouxo do chapéu. O joelho dele está pressionando meu braço esquerdo, ele está praticamente sentado em cima de mim, e busca minha garganta.

O Firebird! Ele vai roubar o Firebird! Eu tento me livrar dele, mas não consigo, nem depois de entender que ele não quer Firebird nenhum. Nem mesmo depois de sentir o cachecol ficando mais e mais apertado no meu pescoço.

Não consigo respirar.

Ele está me estrangulando.

Minha laringe parece estar sendo esmagada. Meus batimentos estão cada vez mais rápidos, cada vez mais fortes, e parece que a cada batida, o cachecol aperta minha pele com mais força.

— Salta! — grita ele, aos prantos. As lágrimas escorrem do seu rosto, que está de lado porque ele não quer que eu o veja enquanto faz isso comigo. — Eu deixei sua outra mão livre! Segura o Firebird e sai daqui!

Eu podia fazer isso, mas aí essa Marguerite morre. E, junto com ela, talvez essa dimensão inteira.

Desesperada, dou socos nele, ou tento dar. Espalmo debilmente os braços tensos dele. Não adianta. Ele me prendeu no chão com o peso do corpo e com toda a força dele, e eu mal posso respirar. Começo a ficar muito tonta. Minha língua parece muito grande para a minha boca. Eu mal consigo ouvir alguma coisa além do meu próprio sangue chegando aos ouvidos.

— Meg, por favor! — fala ele em meio aos soluços. — Por favor, não me faz matar vocês duas!

Estou prestes a apagar. Com a última força que tenho, enquanto a imagem dele começa a sumir do meu campo de visão e tudo começa a escurecer, eu aperto os controles e...

... estou cercada pelo vazio.

Escuridão total. Silêncio total. Não sinto meu próprio peso. Não sinto meu corpo.

Meu Deus.

Eu morri.



EU NÃO POSSO ESTAR MORTA.

Quer dizer: não posso! Estou sentindo meu coração bater dentro do meu peito, com mais força e mais rapidamente enquanto sinto este pavor de estar em uma outra dimensão, de ser uma outra Marguerite... É, é isso, eu devo ter saltado para uma nova dimensão. Mas não sei onde estão meus braços e minhas pernas, não sinto nada. Não existe nada para cima, nem para baixo.

Antes de saltar, eu não pude pensar se podia ou não saltar naquele momento. Se a do mal não tivesse ido para a próxima dimensão dos planos dela, eu teria ficado presa lá com Theo me estrangulando.

Sinto o corpo estremeecer. Devo estar viva. Ao mesmo tempo, sei que agora conheço a sensação que temos logo antes de morrer.

Será que saltei para o mesmo corpo em que a do mal está, afinal? Sei que isso é impossível, mas não consigo encontrar outra explicação para estar nesse vazio completo. Será que estou presa em algum canto da mente dessa Marguerite até que a do mal saia dela? Talvez seja essa a sensação de existir somente na imaginação de alguém...

Sinto algo tocar minha bochecha e levo um susto. As mãos que eu não sentia até agora há pouco se levantam e tocam meu rosto para checar se está tudo bem. Sinto meus cachos pairando ao meu redor, como se eu estivesse embaixo d'água. Ok, partes do corpo intactas. Parece bom. Mas que diabos está acontecendo?

Metal começa a tinir e zumbir, o som indubitável de máquinas trabalhando. Luz vem por trás de mim, primeiro fraca, depois mais forte. É difícil me virar, tenho que fazer uma força descomunal para completar o movimento e com isso fico muito enjoada, sinto ânsia de vômito. Por fim,

consigo dar uma olhada ao meu redor e vejo o que está acontecendo. Placas enormes se fecham acima de mim, como se estivessem sendo fechadas, dobradas. E, ao serem dobradas, revelam...

... a Terra. Isso mesmo, o planeta Terra. No qual não estou, atualmente.

No espaço. Você está no espaço. Respiro fundo. Fico muito nervosa, não consigo me acalmar. Ai, meu Deus, eu estou no espaço!

E não existe oxigênio no espaço!

Não, calma. Claro que existe oxigênio aqui. Onde quer que eu esteja. Porque eu estou respirando. Por quanto tempo?

Eu nunca, nunca gostei de alturas. Não tenho uma fobia nem nada assim, mas sou uma das pessoas a quem você precisa dizer “não olhe para baixo, nunca”. Bom, aqui não tem para onde olhar senão para baixo.

Vejo umas luzes vermelhas piscando e escuto uma voz feminina de computador, que diz: “Aviso. Passagem de plasma em quatro minutos.”

Uma voz masculina, também computadorizada, diz algo logo em seguida, em outro idioma. Não consigo identificar qual é, porque estou enfrentando minha segunda crise de vida e morte dos últimos cinco minutos, e estou com medo de realmente desmaiar de tanto pavor.

Segura a onda! Ninguém vai te salvar a não ser você mesma! Tem um pouco mais de luz nesse lugar em que estou, e agora consigo ver várias aberturas, a maioria quadrada e pequena, além de uma única abertura redonda maior que parece ser algum tipo de porta. Por favor, que seja uma porta. É minha única chance.

Tento me mover na direção da abertura, basicamente fazendo movimentos de natação para chegar até lá, mas não adianta. Continuo pairando no espaço, quase sem sair do mesmo lugar. Começo a olhar em volta tentando entender em que parte dessa máquina enorme, seja lá que máquina for, estou. Se ao menos eu conseguisse tocar uma das paredes, daria para ir me arrastando pela superfície até chegar onde eu realmente, verdadeiramente, sinceramente espero que seja uma saída.

A parede mais próxima está atrás de mim — se é que o conceito de “atrás” vale aqui. Vou me contorcendo naquela direção, tão devagar que tenho vontade de gritar.

“Três minutos para passagem de plasma.”

A voz do computador é clara. Logo em seguida vem a voz masculina. Três minutos não é tempo suficiente; estou a pelo menos um metro e meio de distância da abertura, e acho que não consigo nem mesmo alcançar a parede nesse tempo.

— Marguerite? O que você está fazendo? — Ouço mais uma voz ecoar.

— Mãe! — Cadê ela? Não estou vendo. Mas, dane-se, ela pode me ver. — Me tira daqui!

As placas de metal param de se mexer. Minha visão do planeta Terra não fica mais ampla. A voz no computador anuncia: “Passagem de plasma cancelada.”

Eu devia ficar feliz. Devia começar a pular e a rir, ainda mais agora, que um braço mecânico começa a descer e me pegar.

Mas minha vontade é de chorar.

Perdi a Marguerite do Egitoverso também. Tive chance de salvar duas Marguerites e falhei. E dessa vez foi Theo que a matou. Theo.

Será que eu vou conseguir salvar alguém? Quantas Marguerites vão ter que morrer?

— No que você estava pensando?

Meu pai questiona minha sanidade pela segunda vez em dois dias. Não o culpo. A do mal deixa um rastro de loucura em todo lugar que vai.

Meus pais se sentam ao meu lado na estação espacial *Astraeus* — pelo menos, é esse o nome que está no símbolo estampado nas mangas dos macacões que estamos usando. Felizmente, esse lugar tem gravidade, ou pelo menos algo bem parecido. Estamos no que parece ser uma área segura, onde os cientistas e suas famílias vivem e trabalham. Vejo quatro ventiladores enormes que parecem estar ali para coletar energia solar; receptáculos logo abaixo de cada um deles coletam o plasma dispensável (seja lá o que isso signifique), que é devolvido ao espaço depois.

Eu estava prestes a ser enviada para o espaço junto com o plasma quando mamãe notou algumas leituras estranhas dentro da câmara atmosférica.

— Os sensores não nos avisam quando acontece uma invasão humana, porque ninguém deveria entrar lá! — Meu pai sempre fica com raiva quando está assustado. — O que deu em você? Foi possuída?

Possuída. É quase isso. Ele quase acertou sem querer. Aproveite o ensejo.

— Pai, tem alguma coisa errada comigo. Quer dizer, com a minha cabeça. Tenho feito coisas esquisitas que não entendo, e às vezes esqueço que fiz. Eu podia ter morrido. Não sei o que pode ser a próxima coisa que vou fazer!

Os dois arregalam os olhos, e mamãe me abraça.

— Ela precisa de um médico, Henry. E talvez de remédios.

— Na Terra? — pergunto, esperançosa.

Talvez eu devesse achar que é super legal estar no espaço, mas queria poder voltar para o chão. Quero respirar todo o ar que eu puder. Quero gravidade de verdade. Quero um céu. Quero parar de pensar em Theo me estrangulando até a morte.

— Não vai ser preciso, você pode ficar na estação mesmo. — Ela parece acreditar que ficar aqui vai me fazer bem. — Vamos colocar você de licença

por uns dias, descanse um pouco. Durma.

Que tarefas será que eu exerço aqui em uma estação espacial? Deve ser alguma coisa tipo o que eu fazia no Oceanoverso, em que todos tinham que ajudar em alguma coisa; mas lá eu só tinha que verificar umas previsões do tempo e prender uns cabos. As chances de fazer alguma besteira parecem muito, muito maiores aqui no espaço.

— Você tem se comportado de maneira muito estranha ultimamente — admite papai, enquanto passa os dedos pelos meus cabelos. — Ontem você estava com um humor esquisitíssimo! Parecia que não lembrava quem eram os Beatles. Não fazia sentido nenhum.

Dou uma risadinha. Os Beatles são outra coisa que parece ser uma constante universal: se eles podem existir, eles existem. E se os Beatles existem, meu pai é o fã número um deles.

— Eu me lembro deles, sim. Mas não me lembro de não lembrar deles. Se é que isso faz algum sentido.

Meus pais trocam olhares preocupados. Acho que estão com medo de que eu esteja à beira de algum tipo de ataque psicótico. O que é bom, porque eles precisam ficar de olho nessa Marguerite até que eu consiga fazer a do mal parar. E sei que ela pode voltar a qualquer momento para tentar terminar o que começou.

Outros perigos também nos perseguem. Coloco a mão no pescoço e quase sinto a dor de novo.

Mamãe se levanta e me puxa, e papai vai atrás da gente. A diferença da gravidade da Terra para cá é bem evidente: eu sou um pouco mais leve, o que dá uma sensação meio surreal o tempo todo.

— Vamos — diz ela. — Vamos ver se está tudo bem com você.

O Astraeus, no fim, não é nem um lugar lotado, como as estações espaciais de verdade que já vi na TV, nem é espaçoso e confortável como nos filmes. As paredes e o chão são feitos de um metal escovado que às vezes tem certo brilho causado pelo desgaste. O teto é preto e tem pequenas lâmpadas, tímidas, alinhadas em filas. Tem puxadores em todo lugar, no teto, no chão etc., mas não parecem abrir nada. Hmm. As poucas janelas que vejo são pequenas e revelam apenas pequenos círculos de vazio. Tomo a decisão de não olhar para fora. Os corredores são curtos e levam a espaços mais amplos, que não têm divisórias como vemos em escritórios comuns, mas dá para ver que existe uma divisão de espaço bem definida: são as estações científicas de trabalho. Meus pais usam um uniforme com a bandeira do Canadá bordada na gola, e imagino que eu também. Mas também vejo bandeiras do México, da Rússia, dos Estados Unidos, do Reino Unido, do Japão e mais uma que acho que é da Índia. Não consigo identificar outras bandeiras, mas fica claro que estou em uma estação internacional.

E se alguém aqui ficou sabendo do que aconteceu na câmara de passagem de plasma, estão disfarçando muito bem.

O Astraeus tem uma equipe grande o suficiente para ter uma psiquiatra residente, a dra. Singh, que rapidamente me colocou deitada em uma maca para fazer alguns testes. Ela tem cabelos curtos e um pouco espetados, e não parece ser muito mais velha que Josie. Mas sinto que posso confiar nela.

— Tem se sentido deprimida?

— Não. — Quero dizer, acho que não. Não dá para saber o que se passa na cabeça da Marguerite daqui, considerando que ela foi invadida por duas pessoas em sequência. — Tenho estado muito estressada.

Ela faz que sim com a cabeça.

— Algum pensamento suicida? — Meus pais se olham apavorados. Ela nota a reação deles e se aproxima de mim. — Se você preferir, podemos conversar sem os seus pais aqui.

— Não, não, está tudo bem, eles podem ouvir. — Respiro fundo e penso: como posso manter essa Marguerite segura? — Não tenho pensamentos suicidas. Mas tenho me sentido muito esquisita durante esses “brancos” que tive. Estou correndo perigo. Não sei por que, não sei se isso faz sentido, mas não me sinto segura e estou muito assustada.

— Ok — diz ela, com a mão no meu ombro. — Eu concordo com seus pais: você precisa parar de trabalhar imediatamente. Precisa dormir, descansar e relaxar. Talvez fazer algum exercício. Os registros indicam que você não tem cumprido suas tarefas nos prazos de sempre. Ainda não é caso para repreensão, mas pode chegar lá. E, se o corpo está cansado, a mente acompanha. Talvez seja um bom momento para você se concentrar na sua arte.

Acho que ainda não ficou claro para eles.

— Eu acho que devia ser vigiada — falo, sem rodeios.

Eles trocam olhares entre si.

— Você não teve alucinações, não teve impulsos violentos... — responde dra. Singh.

— Mas e se isso mudar? — O que vai acontecer, assim que a do mal voltar para o Espaçoverso. — E aí?

— Não existe nada que indique essa possibilidade — insiste ela. — O desgaste psicológico de estar no espaço afeta muitas pessoas por um tempo, mas a grande maioria sai dessa rapidamente. Se eu fizesse isso com todas as pessoas que demonstram comportamento estranho no Astraeus... não teríamos mais equipe.

— Não podemos fazer uma tomografia? — Mamãe se ajeita na cadeira e dobra as mãos sobre as coxas. Uma postura tão ereta que chega a ser

engraçada, mas é assim que ela se senta quando está nervosa. — E se ela tiver desenvolvido um tumor cerebral?

— Sophie, não. — Papai coloca uma das mãos no ombro dela e dá uma apertadinha. — Não precisa exagerar. Vai assustá-la.

— Não vou assustá-la — garante ela —, estou dizendo que confio na intuição dela. Nossa filha está nos dizendo que sente que há algo errado com ela. Está sofrendo e está assustada. Temos que conseguir o máximo de informação possível, fazer todos os testes que pudermos. Só então poderemos elaborar uma hipótese do que pode estar acontecendo com ela.

Eu queria um segurança na minha porta, não uma bateria de exames. Ainda assim, não consigo evitar um sorrisinho para a mamãe. Foi bom saber que ela faria qualquer coisa por mim, mesmo quando estou me comportando mal, mesmo quando os médicos dizem que ela devia deixar para lá. Nem todos os pais apoiam tanto assim seus filhos; os pais de Paul nunca fizeram isso, jamais fariam. Eu dei sorte com Henry Caine e Sophia Kovalenka.

A dra. Singh se rende com um pequeno sorriso.

— Acho que mal não pode fazer. E não tenho mais testes para realizar até amanhã. Marguerite, deite aqui na maca. Isso vai demorar um pouco mais.

Obedientemente, tomei meu lugar na maca. Em vez do papel que normalmente as cobre, aqui existe uma espécie de capa plástica transparente, que deve ser esterilizada a cada uso. Que tipo de exames será que ela vai fazer? Eu nunca tive medo de tirar sangue ou de tomar injeção, mas isso não significa que goste de ser cutucada por agulhas. Ou será que vão fazer algo mais dramático? Será que uma estação espacial tem máquina de ressonância magnética?

Em vez disso, a dra. Singh simplesmente pega algo que parece mais uma faixa de metal para a cabeça, grossa e elaborada. Ela encaixa a faixa na minha cabeça de forma que duas pontas fiquem exatamente sobre as têmporas. A faixa em si não chega a encostar na minha pele. Sinto uma espécie de formigamento elétrico, quente, que não chega a doer, mas não é agradável. Em seguida, as leituras começam a aparecer nas telas ao redor. A dra. Singh observa, assentindo de leve com a cabeça, até que ela se sobressalta.

— O que você viu? — Papai fica nervoso. — Meu deus. Quando a Sofia falou em tumor, eu não...

— Não é isso — responde a médica, se aproximando da tela, depois olhando para mim, depois de novo para a tela. — Não tem tumor algum. A química do corpo está dentro dos padrões. Mas a atividade cerebral dela, particularmente no pré-cúneo, uma seção do córtex parietal, o núcleo da nossa consciência... Eu nunca vi nada parecido.

Mamãe levanta e papai aperta minha mão.

— Pode tirar alguma conclusão? Alguma especulação? — pergunta mamãe.

A dra. Singh balança a cabeça, não exatamente negando, mas pensando.

— Os níveis de atividade no pré-cúneo são mais altos que qualquer coisa que já vi na vida. Mais altos do que eu achava ser possível.

— E isso é bom ou ruim? — Papai aperta minha mão com mais força.

— Eu não sei — responde ela. — É quase como se... como se... Não, não pode ser.

— As coisas só são impossíveis até não serem mais — intervém mamãe, firme. — Diga a primeira coisa que lhe veio à cabeça, doutora. A primeira conclusão que tirou.

Depois de uns instantes, a dra. Singh solta um suspiro.

— Se não fosse completamente louco dizer isso, eu diria que existe mais de uma consciência dentro do cérebro da Marguerite.

Putá merda. Me acharam.



POR MEIO SEGUNDO, CHEGO A CONSIDERAR contar a verdade para eles.

Oi. Então. Eu sou uma visitante de uma dimensão paralela, uma versão alternativa da sua filha pegando uma carona nesse corpo por um tempinho. Estou aqui para proteger vocês de outra versão da sua filha, que acabou de tentar matá-la. Viram? Uma explicação supersimples, né?

Mas melhor não. Vou me manter no que é seguro.

— O que isso pode significar? — pergunto à dra. Singh, tentando soar natural.

Ela olha mais uma vez para as telas.

— Não faço ideia. É completamente diferente de qualquer resultado que já vi. Nunca nem se teorizou sobre um caso desse tipo.

— E é perigoso? — Meu pai aperta ainda mais minha mão, acho que tentando me confortar, mas acho ele é que precisa de segurança.

— Se você tivesse me mostrado essas leituras sem a paciente estar presente, eu provavelmente diria que sim. — A dra. Singh me encara mais uma vez e dá de ombros. — Mas Marguerite está acordada, alerta, aparentemente saudável e sem nenhum sintoma estranho além de uma leve perda de memória recente. Então, ainda que isso tenha alguns efeitos nocivos, e que seja bom ficar de olho nela... as funções mentais estão basicamente intactas.

— Então o próximo passo é o monitoramento. — Mamãe está tentando se manter imparcial, mas vejo a mão dela tremer enquanto ela ajeita o cabelo atrás da orelha. — E aguardar para ver se essa atividade... aumenta vertiginosamente, ou se diminui, e por aí vai.

— Exato — responde a médica. — Vamos mantê-la em observação, vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana. — Ela termina a frase e faz uma cara confusa. — Desculpem. Continuo usando essa expressão ainda que ela não faça muito sentido aqui.

Papai solta uma risadinha, e mamãe sorri um pouco. Que bom. Não quero que eles fiquem assustados. A estranha atividade cerebral da filha deles vai se resolver em breve, assim que eu saltar daqui com o Firebird. Se a do mal voltar para uma segunda tentativa de assassinato, eles vão notar a mudança de comportamento imediatamente.

Missão cumprida.

Só tem um detalhe: como eu volto para a Terra?

A resposta é óbvia, de certa forma. Volto para o chão querido do qual jamais vou reclamar novamente assim que usar o Firebird. Qualquer que seja a dimensão que esteja diante de mim, vou estar em terra firme novamente. Mas estou presa aqui até ter a chance de tentar saltar para o próximo corpo.

Uma parte de mim quer continuar a ter pensamentos obsessivos sobre o que a do mal deve estar fazendo no próximo mundo para o qual eu vou. Ela quase me lançou para a gravidade zero no espaço dessa vez, então como posso tentar adivinhar o que vem por aí? Ao mesmo tempo, ainda estou muito assustada com as memórias do mundo que deixei para trás.

Theo me matou.

Ele me estrangulou com o meu próprio cachecol, ajoelhado em cima de mim. Ele sentiu cada convulsão, ouviu cada som enquanto eu engasgava e perdia o ar e senti a outra Marguerite parar de se mexer embaixo dele quando ela morreu. Por pior que eu me sinta a respeito do que aconteceu com a Marguerite do Londresverso, a morte do Egitoverso foi ainda mais terrível. Toda vez que me permito pensar nisso por um instante que seja, a memória me leva para esse instante, para a sensação visceral de ter os dedos de Theo apertando minha garganta. É como uma injeção de adrenalina direto no coração, ou como um choque elétrico, todas as vezes em que penso nisso.

Às vezes a memória do horror é pior que o próprio horror. Você só experimenta o trauma uma vez, mas a memória pode durar para sempre. A memória nunca te deixa.

E eu acho que essa vai ficar comigo por um bom tempo.

Como posso derrotar a do mal? Eu nunca posso alcançá-la. Será que tenho que ir atrás dela para sempre, consertando os desastres que ela causa?

Sim. Tenho. Até que eu tenha um plano melhor, o máximo que posso fazer é salvar as outras Marguerites. Não consegui no Londresverso, nem no Egítoverso... mas a do Espaçoverso está bem.

Bom, se você considerar “sob observação psiquiátrica” estar bem.

A dra. Singh decide que eu preciso descansar no meu próprio quarto, então meus pais me levam até lá. E descubro que meu quarto é só meu, o que é bom. Também é bem pequeno, o que eu acho que já esperava. As paredes daqui estão cobertas por uma espécie de resina branca e decoradas com meus desenhos, feitos com carvão. Os desenhos estão presos nas paredes com cantoneiras de metal magnéticas. A cama é presa na parede e está completa, montada com uma espécie de “arreiio” para o caso de perda de gravidade, deduzo eu. Não há janelas, graças a Deus. Abro algumas gavetas, procurando por algo mais confortável para vestir, mas parece que no espaço só se usam macacões, o tempo todo.

— Precisa de mais alguma coisa? — Mamãe toca no meu ombro. — Qualquer coisa?

— Alguma coisa para comer, pode ser? — Não estou com fome, mas meus pais precisam se ocupar, sentir que estão ajudando. Eles saem pelo corredor apressados, o que me dá um momento de privacidade nesse universo.

Subo na cama e massajeio minha testa, já pensando na dor de cabeça que virá. Se eu continuar pensando sobre o que aconteceu com as outras Marguerites (as duas que a Triáde matou e as duas que eu perdi), vou acabar enlouquecendo. Os flashbacks já mexem comigo o suficiente para que eu não consiga pensar direito. Concentrar em alguma outra coisa, é disso que eu preciso. Qualquer outra coisa.

Os desenhos de carvão me causam mais interesse que todo o resto, então tento prestar atenção neles. Analisar os trabalhos de outras Marguerites muitas vezes me permite ver como elas são diferentes de mim, ou me permite entender um pouco mais sobre como é a vida delas. Aqui, das duas uma: ou a Marguerite não gosta tanto de cores como eu, ou não tem muito material disponível para escolher o que usar. E quanto mais observo seu trabalho, mais acho que a segunda opção é a verdadeira, porque vejo muita energia nos desenhos. Vitalidade. Riscos fortes, ousados. Os olhos de Josie são tão intensos em preto e branco quanto os olhos coloridos que eu pinto.

A Marguerite daqui vive sob regras muito rígidas, me parece. Viver no espaço por si só já deve ter regras muito rígidas, desde os regulamentos de exercícios até a falta infinitesimal de privacidade. Então, ela encontra maneiras de ser criativa dentro desses limites. Isso me ajuda a me conectar

com ela, a compreender um pouco da vida que ela leva, porque ela é a única que eu consegui salvar até agora.

Mal acabei de pensar isso e meus pais estão de volta com comida (um sanduíche comum e um suco, tudo embalado e hermeticamente fechado). Em seguida, me fazem deitar na cama sob as cobertas, com se eu fosse uma criança com febre.

— Você precisa descansar — diz meu pai. — Descansar ajuda a resolver todos os problemas.

— Eu achei que o que resolvia todos os problemas era chá — respondi, com um sorrisinho.

— Chá resolve todos os problemas. Mais tarde te trago uma xícara. — Ele inclina o corpo e me dá um beijo na testa. Ele não fazia isso há anos.

— Vamos restringir o acesso ao seu quarto — avisa mamãe —, e vai ter um vigia na sua porta. Você pode sair sempre que quiser, mas vai ser rastreada sempre. Sei que é um nível de segurança muito alto, então se preferir...

— Eu quero ser rastreada. Não é algo que vocês podem deixar para eu decidir, está bem? — Meus pais precisam entender essa parte. — Eu vou ficar bem, contanto que vocês fiquem de olho em mim.

— Então ficaremos de olho. — Papai sorri para mim, mas aqueles olhos azuis, cheios de preocupação, não têm o mesmo brilho de sempre. — Qualquer coisa, mande chamar a gente.

Eles saem do quarto e por alguns instantes eu fico ali, deitada, me dando o luxo de não me mexer. Toco o Firebird. Ainda bem que os exames no espaço não exigem que você tire a roupa. Ainda que, em geral, pessoas de uma dimensão não consigam notar um objeto vindo de outra, como por exemplo, o Firebird, certas pessoas, com alguma concentração a mais, conseguem. Uma médica fazendo um exame físico estaria muito concentrada. Instrumentos automatizados ignoram completamente a existência do Firebird.

É claro, eu deveria tentar saltar do Espaçoverso imediatamente. Mas, depois de duas mortes terríveis, é difícil me convencer a pular nos braços de mais um perigo mortal. Na primeira hora em que cheguei nesse universo, fiquei quase aliviada por não ter que seguir adiante. Porque não só terei mais perigos a enfrentar, mas também terei a responsabilidade de salvar mais uma vida.

Você salvou essa aqui, repito para mim mesma. Agora é hora de salvar a próxima.

Respiro fundo, aperto os controles... e nada. A do mal ainda está lá. Volto a deitar na cama, me sentindo tão cansada de repente que acho que poderia

dormir por vários dias seguidos. Talvez seja a melhor coisa a fazer, afinal. Deixar essa Marguerite descansar. Encontrar conforto nos sonhos.

É quando a porta emite alguns sons de discagem e abre automaticamente. Meus pais prometeram bloquear os acessos ao meu quarto, então quem quer que esteja entrando, teve a permissão deles. Deve ser a dra. Singh...

Mas eu olho para a porta e vejo Paul, vestido com seu próprio macacão Astraeus. Ele está aqui, então. Antes que eu possa dizer qualquer coisa, ele coloca a mão por dentro da gola do macacão e me mostra o Firebird.

— Paul! — Eu quero pular, abraçá-lo, me afundar naqueles braços fortes e imaginar por alguns instantes que ele vai me proteger de tudo. O que é uma mentira, mas a ilusão seria tão maravilhosa agora... seria como o cobertorzinho mais macio, mais quentinho do universo.

Mas eu continuo na cama. Ele já me empurrou para longe tantas vezes que não sei se consigo lidar com mais uma rejeição. Além disso, nesse momento Paul parece ainda mais em choque do que quando o encontrei pela primeira vez no Egitoverso.

Por um tempo, ficamos os dois em silêncio.

— Fui eu? — Quer saber ele, com a voz muito baixa.

— Foi você o quê?

— Fui eu que machuquei você? — A voz dele está fraca. A única outra vez que o vi tão perto de chorar foi quando contei que meu pai tinha morrido. — Quer dizer, fui eu que matei você?

— Não. Não! — Eu pulo da cama e fico de pé diante dele, perto o suficiente para tocá-lo, mas sem tocar. — Foi Theo. O Theo do Tríade-verso. Ele me seguiu até lá.

Ele se encosta na parede de plástico como se fosse cair caso não se apoiasse.

— Eu estava entre dois lembretes... Eu não sabia. Quando voltei a lembrar, vi você morta de novo. — Ele solta um suspiro forte, como se estivesse fazendo muita força para não chorar. — De novo.

— Olha... — Eu entro na frente dele, coloco as mãos em seus ombros. — Eu estou aqui, ok? Eu sou a sua Marguerite, e está tudo bem comigo.

Os olhos acinzentados procuram os meus enquanto me pergunto se ainda sou mesmo a Marguerite dele.

— Seus pais acharam o corpo — conta ele, calmamente. — Theo tinha saído para resolver umas coisas, e ninguém sabia quem tinha feito aquilo... imagino que, quando ele não voltar, vão deduzir quem foi.

Fico tentando imaginar o que vai ser do Theo do Egitoverso, que podia ser um dândi e um galanteador, mas nunca foi um assassino. Ele vai cair em si uma hora, no Cairo ou em alguma outra cidade egípcia, completamente

alheio aos fatos e ao que está fazendo lá. E, se ele for pego, vai ser preso ou executado por um crime que não cometeu. A do mal está destruindo mais vidas além da minha.

— Por que você achou que tinha me matado? — Será que quero a resposta disso? Não tenho tanta certeza.

Ele cruza os braços na frente do corpo.

— Por que você acha que eu não poderia ter te matado?

— Porque mesmo a pior versão de você que eu já conheci — o Paul do Mafiaverso, mas não preciso explicar porque ele sabe — não teria feito isso.

— Você não sabe como é isso aqui — fala ele, apontando para a própria cabeça. — Eu não consigo descrever. É como se... como se os caminhos que saem dos meus pensamentos e levam até as minhas ações tivessem todos sido destruídos. Ou retraçados. As emoções que eu antes era capaz de isolar... a raiva, o ciúme, o ódio, agora é como se elas tivessem tomado conta do meu cérebro. Eu poderia ter cometido um erro, Marguerite. Podia ter sido eu.

Sinto um calafrio, mas me recuso a ceder à paranoia. Preciso me concentrar em convencê-lo a acreditar.

— Mas não foi você. Ok? Não foi você quem me machucou. Então vamos parar de surtar com coisas que podiam ter acontecido e nos concentrar no que aconteceu.

Mas agora só consigo pensar no Egitoverso, um dos mundos mais lindos que visitei, e em como ele foi destruído para as pessoas que eu amo.

— Quando o lembrete me trouxe de volta, ouvi a Sophia gritar. Aquele grito... — Ele aperta os olhos. — Eu sabia que você estava morta só de ouvir aquele grito.

— Eu tinha que salvar todas as três. — Minha voz parece fria até mesmo para mim. — A Marguerite do mal tentou jogar essa daqui no espaço, mas cheguei a tempo de impedir. Pelo menos essa versão de mim vai ficar bem.

Paul me olha, concentrado, como se fosse encontrar algum ferimento que deixei passar.

— Se eu conseguir criar um dispositivo que ajude os Firebirds a aumentar a assimetria e reforçar esse universo, podemos mantê-la em segurança. A tecnologia para isso deve existir aqui. Pode ser que este seja o primeiro mundo que realmente seja possível salvar.

O que é verdade. Ainda assim, para meu espírito magoado é como se ele estivesse dizendo: “Você obviamente é incapaz de proteger alguém, mas eu posso.”

Então me obrigo a ser positiva, a pensar de maneira produtiva.

— Então. Estamos no espaço. Incrível, não?

— Eu costumava pensar que ia gostar de participar de um programa de viagem ao espaço — confessa ele. — Quando era mais novo.

— Que bom que você não foi — digo, com a voz mais suave que consigo ter. — Senão não teríamos nos conhecido.

Ele não responde. Parece que se retraiu ainda mais.

— Quer ouvir uma coisa interessante? — tento de novo.

Ele me lança um olhar.

— Bom, apesar de terríveis, as últimas semanas foram tudo menos desinteressantes.

— É, acho que sim. Mas ouve isso. Quando a médica me examinou aqui na estação, ela fez um tipo de tomografia futurística louca e conseguiu ver que tinha duas Marguerites na minha cabeça.

— Eles perceberam que você veio de outra dimensão? — pergunta ele, arregalando os olhos.

— Não. Mas entenderam que o cérebro dessa Marguerite está meio que indicando duas vezes mais atividades do que deveria.

— Intrigante. — Paul chega a lembrar o sr. Spock, que ele tanto ama. Seu cérebro de cientista vibra com essa nova informação, e por uns instantes ele se distrai dos problemas. — Quero ver esses resultados eu mesmo. Os dados podem nos ajudar a pensar em um dispositivo que possa detectar visitantes indesejados.

— Isso seria muito útil — respondo. Se tivéssemos conseguido identificar o Theo do Triáde-verso quando ele apareceu pela primeira vez... teríamos sido poupados de muitos problemas!

— E talvez também possamos saber a extensão dos danos da fragmentação em mim — acrescenta ele.

— Ei, calma aí. — Não aguento ver Paul assim. — É só um machucado. É temporário. Você vai se curar.

— Você não sabe se isso é verdade. Não temos outro exemplo. Não sabemos como a fragmentação pode afetar a nossa psique. — Ele olha para as próprias botas. — Não sabemos nem se é possível “se curar”. Talvez a alma possa se quebrar. Assim como o destino.

— Nosso destino não se quebrou. — Levanto a voz antes de perceber que me alterei. Estamos os dois exaustos, passamos por experiências das quais ainda não pudemos nos recuperar, mas não podemos descontar um no outro. Então, eu me acalmo da melhor maneira que consigo e continuo: — Você entrou no meu quarto, mesmo estando trancado, com entrada controlada apenas para algumas pessoas sob aprovação dos meus pais. Então, acho que estamos juntos aqui também, não acha? Se o destino nos uniu mesmo no espaço, acho que estamos falando de algo muito poderoso.

— O destino me fez machucar você. Fez você me machucar. Faz com que Theo volte repetidamente, às vezes para que você prefira ficar com ele. — Paul parece estar muito desconfortável. A sua altura e seus músculos indicam que o mundo, muitas vezes, parece pequeno demais para ele. Nesse quarto minúsculo, é como se ele estivesse em uma jaula. — Se nosso destino não é mais que a previsão de uma colisão, a intersecção entre dois caminhos... então não temos destino nenhum.

Será que ele tem razão? Por mais que nos encontremos com frequência, por mais que nos amemos quase todas as vezes, será que é só coincidência ficarmos juntos? Não quero acreditar nisso.

Mas, seja o que for que existe entre nós dois, sei é que não é uma história com um único final feliz.

— Acho que isso fura sua teoria — comento, chateada — sobre o destino e a matemática.

Ele faz uma careta, como se sentisse dor. Nunca brinque com um doutorando a respeito de sua tese. Ainda mais em momentos que já seriam ruins para se fazer qualquer outra piada. Mas estou sem saber o que fazer. Eu queria ter palavras mágicas, um feitiço, um roteiro. Eu pagaria com todo o dinheiro que tenho e que terei na vida para saber o que dizer nesse momento. Mas, em vez disso, me sinto impotente e muda.

— Existem paralelas nas equações. — A voz dele parece tão fria quanto na época em que nós ainda estávamos nos conhecendo, e quando a esquisitice dele era tanta que eu o chamava de “homem das cavernas”. — Mas elas não significam o que eu achava que significavam. Acho que eu acreditava em destino porque queria acreditar.

— Nós somos mais que um conjunto de equações, você sabe. — Eu tento me lembrar das coisas mais doces, ainda que muito distantes. — Aquela noite da lasanha. Aquela vez em que fomos para Muir Woods. O Dia dos Namorados. Tudo isso é real.

— Você se apaixonou por mim em outra dimensão — diz ele, sem nem olhar para mim. — Talvez o único real tenha sido o tenente Markov, no final das contas. Talvez, em vez de destino, eu seja apenas... uma parada no seu caminho.

Ok, sei que já passamos por muita coisa juntos. E sei que os russos são fatalistas e tal. Mas isso tem que acabar.

— Não diga isso. Isso é a fragmentação falando por você. Você não percebe? Você está ignorando tudo o que já fizemos juntos. Tudo o que fomos. Ou você acha que nunca fui nada além de uma equação matemática para você?

Era para ser uma pergunta retórica, mas ele respondeu.

— A matemática não mente. As emoções, sim.

Estou confusa demais para argumentar. Sem o grande destino cosmológico para nos unir, parece que Paul não acredita em nós dois.

Ele continua falando, olhando para os pés.

— Nós nos enganamos para acreditar que podemos ter tudo o que mais queremos no mundo. Mas não é assim que as coisas são. Sabemos disso agora.

— Para de falar da gente como se fôssemos um experimento de física!

— Você não está sendo muito lógica.

Quando um cientista diz que você não está sendo lógica, é preciso sair desse argumento imediatamente, porque eles estão recalibrando as balanças para garantir que você perca. Eu abraço os joelhos com toda a força e deito em posição fetal na cama.

— Você não tem umas coisas para fazer com o Firebird?

Paul me olha como quem ainda quer dizer alguma coisa, mas acaba saindo do quarto, infeliz mesmo com a ideia de que talvez possa salvar esse mundo. Assim que a porta fecha atrás dele, eu pego meu Firebird e tento saltar dessa dimensão horrorosa.

Nada ainda. Estou presa aqui, flutuando no espaço, longe demais de casa.

O Dia dos Namorados foi há alguns meses. Muita gente (inclusive meus pais) diz que esse é um feriado bobo, falso, uma forma de as lojas venderem mais. E ainda dizem que, se você só está comemorando sua relação uma vez por ano, isso pode ser um problema. Sempre achei que concordava com isso até o dia em que Paul chegou com um buquê de rosas vermelhas e chocolates.

— Achei que era um presente apropriado — disse ele, enquanto nos abraçávamos na velha varanda do quintal, em frente à pequena fogueira de ferro fundido. Estávamos enrolados em uma manta só, que nos unia ainda mais. Naquela noite, até o brilho azul e alaranjado das luzes de peixinho de Josie, enroladas no peitoral da varanda, pareciam levemente românticas. — É o que as pessoas dão de presente nos filmes. Mas, no caminho para cá, Theo me disse que era um presente muito clichê.

Paul não teve muitas experiências amorosas antes de mim, acho que é por isso que ele dá tanta importância para os conselhos de Theo.

— Theo provavelmente daria de presente para a namorada uma garrafa de cerveja artesanal e um boné. — Abri mais um bombom antes de continuar: — Anota aí: me dar chocolate de presente nunca vai ser uma má ideia.

Ele assentiu.

— Para sempre.

— Você gostou dos livros? — Eu estava mais preocupada com os presentes que dei, honestamente. Crescer rodeada por cientistas é estar imersa no cânone dos nerds antes mesmo de fazer 12 anos. Mamãe e eu já tínhamos visto todos os episódios de *Star Trek* no Netflix, e papai e eu fazemos uma versão da esquete do papagaio morto do *Monty Python*.

Mas Paul... Ele sempre esteve na frente das outras crianças da escola, nunca teve vida social porque tinha que conviver com pessoas muito mais velhas que ele... Ele perdeu muito da parte divertida de crescer.

— Eu já ouvi falar de *Duna*, claro — respondeu ele, os olhos acinzentados fitando as capas empilhadas ao lado da fogueirinha —, e sempre quis ler alguma coisa da Ursula K. LeGuin. Mas essa coleção... o que é mesmo? Guia das galáxias?

— *O guia do mochileiro das galáxias*. Leitura obrigatória. É hilário. — Cheguei ainda mais perto dele, quase encostando o nariz no dele. — Você precisa rir mais.

— Nunca tive muito motivo para rir antes. — A mão enorme dele acariciava meus cachos. — Nunca ninguém me fez tão feliz assim.

— Idem — sussurrei. Amar o Paul... era como se ele tivesse acendido uma vela dentro de mim, e o brilho daquela vela iluminasse o mundo inteiro.

Ele me puxou para mais perto e beijou minha testa.

— A luz dessa fogueira me lembra da *dacha* — falou ele, baixinho.

Nossa noite de amor. Nessa conversa eu não sabia ainda o quanto aquilo iria me custar. Nessa conversa cheguei a me divertir com a memória, como se fossem horas de êxtase total.

— A mim também. Vamos fingir que estamos lá.

Os olhos dele brilharam. Claro que eu não estava sugerindo fazer sexo na varanda (ui, farpas!), mas ele entendeu que eu queria muito ser beijada naquele momento. E, depois de começar, parecia que nunca íamos parar.

O Dia dos Namorados não foi nem há três meses. E, pouco tempo depois, aqui estou eu, com o coração partido, arrasada, sem saber ao certo se Paul e eu vamos voltar a ficar juntos um dia. E em órbita geossíncrona. Viva.

Meus pais sugerem que eu vá tomar café junto com a “galera”, argumentando que socializar pode me fazer bem. Eu vou cedo porque não aguento mais ficar sofrendo naquele quarto branco sem graça. Quando chego no local, parece que um turno do café da manhã acabou de terminar. Meia dúzia de pessoas de macacão levantam e começam a sair, conversando sobre chamas solares e o fim do romance entre Min-Ji e Cedric. Uma dessas pessoas acena para mim, e eu aceno de volta. Será que somos amigos? Conhecidos? Acho que todo mundo aqui deve se conhecer.

Até que vejo uma mecha loira que me faz congelar de tensão. Por um instante estou certa de que é a Romola, fiel escudeira de Wyatt Conley em mais de cinco universos, incluindo o Escritório Central. Mas não, é outra pessoa. O Espaçoverso é uma dimensão na qual não preciso me preocupar com ela.

E me parece que é o único momento de sossego que vou ter em algum tempo.

Sento sozinha em um dos bancos da cafeteria com meus ovos mexidos já frios no prato de metal quando Paul aparece. A noite dele deve ter sido tão terrível e solitária quanto a minha, mas ele parece distante e fechado. Qualquer pessoa que não o conhece bem diria que ele é um tanto frio. Ele já não espera encontrar nenhum conforto em mim, mas não consigo evitar querer que ele me conforte. Meu coração, partido em dois, sabe que a outra metade dele está próxima, e deseja tanto por seu retorno que sinto meu peito arder de verdade.

Será que ainda somos um casal? Rompemos? O termo parece quase infantil perto do tamanho do abismo que se formou entre nós dois. Mas, quando penso na palavra de forma literal, ela parece mais próxima da realidade. Nós estamos rompidos. Estamos despedaçados. Não estamos conseguindo juntar os pedaços.

Ele desliza até o banco mais próximo.

— Como você está? — A forma como ele pergunta isso deixa claro que está sendo apenas minimamente educado.

Mas se ele quer falar de coisas irrelevantes, tudo bem.

— Bom, hoje de manhã descobri que os requisitos de exercício físico da estação espacial exigem que eu faça três horas de academia por dia. Parece que tem algo a ver com densidade óssea. Não que eu me importe com isso depois de uma hora de esteira.

Paul abre a boca para falar, acho que ele pensou em explicar algo sobre densidade óssea. Mas olho para ele com minha cara de sem-ciência-por-favor. Depois de tantos anos convivendo com meus pais, fiquei craque nessa expressão. Ele fica quieto.

— Então — continuo olhando para a comida —, algum progresso?

— Acho que sim — responde ele, o que me deixa surpresa. É a primeira boa notícia que recebo em muito tempo. — A sua teoria sobre as portas fechadas, a de que eles estão convencidos de que você não vai ajudá-los e estão tentando te banir dos universos marcados a serem destruídos? Acho que você tem razão.

— O que significa que o Egitoverso e o Londresverso estão provavelmente destruídos, certo?

— Talvez ainda não. Eu posso voltar para eles. Theo também pode, ou até mesmo seus pais, se conseguissem criar um novo Firebird a tempo e usar os materiais disponíveis para criar um estabilizador.

— Você vai conseguir me mostrar como se cria um estabilizador? Para que eu mesma possa criar um?

— O termo é inadequado, na verdade. Já que estabilizar é apenas uma parte do... — Ele fez aquela cara que sempre faz quando percebe que está falando de forma muito técnica e eu já me perdi. — Acho que o dispositivo é complicado demais. A forma de se proteger um universo é aumentando a assimetria da sua taxa matéria-antimatéria. O Firebird pode fazer isso se aprimorarmos a sua potência o suficiente. O que estamos chamando de estabilizador seria na verdade um aprimorador da potência do Firebird, de modo que ele passaria a operar como um estabilizador. Um termo científico mais adequado pode ser pensado mais para a frente.

Meus pais vão amar pensar em alguma sigla engraçada, ou talvez escolham alguma referência da mitologia russa. Mas pelo menos sei que estamos no caminho certo.

— Ok, estamos próximos de descobrir algo que desfaça o trabalho da Tríade.

Ele concorda.

— Também precisamos estar preparados para a possibilidade de que eles criem mais um viajante perfeito — acrescentou em seguida.

— Mas eles não querem envolver mais ninguém na conspiração. Conley me enviou para sabotar outras dimensões que possam criar a tecnologia Firebird, lembra? A Tríade não quer compartilhar o poder que tem.

— Mas você está supondo que eles jamais agiriam de má-fé. O que é uma suposição meio ilusória. — Quando Paul não tem certeza de como deve agir, ele fica assim: extremamente preciso, científico, quase gélido. Isso costumava me irritar até que entendi que ele faz isso para encobrir um profundo senso de isolamento. Por trás daquela fachada de gelo sei que ele se sente tão sozinho quanto eu. — O cenário mais provável é Conley recrutando um viajante em potencial, usando essa pessoa para fazer parte do trabalho sujo que ele queria que você fizesse e depois traindo a pessoa, destruindo a dimensão original dela.

Agora que ele disse isso em voz alta, me parece óbvio.

— Putz — digo, enquanto meu garfo cai dentro do prato. — Nunca vamos conseguir parar esse cara.

— Talvez não mesmo. Mas se eles já estivessem criando outros viajantes, duvido que ficariam tão focados em limitar sua influência sobre eles. Só temos que agir rápido.

— Ok. — Consigo fazer isso. Vou me manter focada no que importa: as inúmeras vidas que dependem de nós dois. Temos que conseguir. — E como está o trabalho no estabilizador?

— Acho que consigo começar a construir hoje. Essa dimensão, o Espaçoverso, vai ser a cobaia. Nas próximas horas terei informações suficientes para configurar o dispositivo inicial. — Ele faz um gesto com as mãos que indica que o dispositivo tem formato circular, algo em que fosse possível encaixar o Firebird. — Aí posso fazer o teste. E se funcionar...

— Se funcionar, poderemos viajar pelo multiverso salvando vidas e fechando a Tríade em todo canto! — Se não tenho mais nada, pelo menos posso ter a satisfação de arrancar aquele sorriso nojento da cara de Wyatt Conley. — Você tentaria voltar imediatamente ao Londroverso e ao Egitoverso, certo? Eu pediria isso a você antes de mais nada.

Paul franze a testa.

— Acredito que a ordem seja irrelevante. Por que você quer começar por esses dois?

— Porque falhei com as Marguerites desses dois mundos. Tive a chance de salvá-las e falhei.

— Não foi sua culpa. — A voz dele parece mais gentil, e por alguns instantes parece que ele ainda acredita em mim. E, de alguma maneira, essa gentileza ainda machuca mais que a frieza dele; aquela ilusão temporária de que talvez ele esteja se recuperando, de que podemos voltar a ficar juntos, e de que toda essa desconfiança não foi nada mais que um pesadelo. — Você foi colocada em situações das quais não tinha como fugir.

Talvez ele tenha razão. Mas isso não me faz sentir menos culpada. Eu me sinto culpada o tempo todo, a cada respiração.

— Eu só acho que seria uma maneira de... não sei, homenageá-las. Se salvarmos as dimensões delas, vamos evitar que elas sejam completamente apagadas. Entende? Ainda vai ter gente que se lembra delas. Elas vão ter sido reais. E vão ter tido alguma importância, porque vão ter, de alguma forma, participado da tentativa de proteger seus universos.

— Ok, essas duas dimensões primeiro — concorda Paul, depois de considerar por alguns segundos.

— Obrigada. — Respiro fundo e volto a prestar atenção no que estou fazendo. — E o Espaçoverso vai estar seguro, porque você vai corrigir as coisas por aqui, e já salvei essa Marguerite. Esse já pode ser riscado da lista.

Assim que termino de dizer a palavra “lista”, uma luz vermelha começa a piscar. O alarme dispara e ouvimos uma voz de computador dizendo: “Sobrecarga iminente no mecanismo de passagem de plasma. Dirijam-se às cápsulas de escape. Repetindo: sobrecarga iminente.”

Passagem de plasma? Tipo aquela de onde a do mal saiu e me deixou entrar?

Sinto o pânico inundar meu corpo. Terror total, puro, horripilante, como se as mãos de Theo ainda estivessem apertando meu pescoço. A do mal tinha um plano B. Ela criou uma segunda armadilha, uma sabotagem que pode destruir essa estação espacial inteira a qualquer momento.

Estamos prestes a ser jogados no espaço e não tem nada que eu possa fazer para impedir.



“SOBRECARGA IMINENTE”, A VOZ DO COMPUTADOR REPETE SEM PARAR, como se todos já não estivessem em pânico, “preparar para evacuação da estação”.

Paul e eu saímos apressados da cafeteria e vemos astronautas correndo em todas as direções. Parece que todos sabem para onde ir e o que fazer. Todos menos nós dois. Não fazemos ideia.

— Cápsula de escape — falo. — Vamos seguir os outros até achar uma.

— Vem! — Ele me segura pela mão e começamos a correr na direção da multidão. Até que ouvimos um som distorcido vindo dos amplificadores, e a voz do computador finalmente para de repetir a mesma frase.

— Aqui é a comandante Kovalenka. — É a voz da minha mãe. — A evacuação está autorizada apenas para a equipe não-essencial. Temos a chance de localizar a descompressão, mas somente se a equipe essencial voltar a seus postos. Agora!

Mamãe parece ser uma chefe muito boa, porque quase todo mundo volta imediatamente para seus postos.

— Eu não sou essencial — digo. — Acho.

— Eu sou — responde Paul. O que é sem dúvida uma verdade, mas ainda soa arrogante para caramba. No entanto, ele vira para mim e coloca as mãos nos meus ombros.

— Saia daqui enquanto pode. Salve essa Marguerite. Salve a si mesma.

Por mais que eu fosse adorar estar em uma cápsula de escape nesse momento, não sei se consigo deixar Paul e meus pais aqui. Será que a Marguerite desse mundo sairia e os deixaria para trás? Por alguma razão, eu duvido disso.

— Vai — eu digo a Paul. — Veja se consegue entender o que é preciso fazer.

Ele sai correndo. Apesar de não conseguir me lembrar do que é preciso fazer em uma situação como esta, o cérebro genial dele certamente tem uma chance de descobrir. Ou, talvez, pode ser que o lembrete perca a força em breve, e o Paul desse universo assuma o trabalho.

Para mim, o caminho é ainda mais incerto. Não tenho certeza se é melhor escapar ou ficar e ajudar, mas o fato é: mesmo que eu escolha uma das duas coisas, não sei o que fazer para dar prosseguimento a elas. Por fim, decido correr na direção que eu e Paul tínhamos escolhido, esperando ver uma nova multidão correndo, descobrir para onde foram, algo assim. Para então decidir.

Viro num corredor e vejo minha mãe trabalhando enlouquecida em um painel de computadores. Eles devem ter redirecionado os controles primários para a interface mais próxima dela. Mesmo digitando em velocidade supersônica, ela me vê pelo canto do olho.

— O que você ainda está fazendo aqui?

— Eu não quero deixar vocês — respondo, e é verdade. O que ela me mandar fazer a partir de agora, por outro lado, vou fazer. Por mais que eu odeie deixar os outros para trás, vim a este mundo para salvar a Marguerite, não para colocá-la em risco.

Mas mamãe aponta com a cabeça um aparelho próximo a ela.

— Cuide das comunicações com a Terra. Acho que você consegue.

Merda. Vou até o aparelho e toco a tela para testar. Para minha surpresa, parece mesmo que sou capaz de fazer isso. É como aprender a mexer num tPhone: você passa de principiante a mestra em minutos. Em poucos toques já consigo enviar as chamadas corretas para a engenharia, para o operacional, e para a comandante_astraeus (também conhecida como “mamãe”). Ter algo para fazer me faz sentir mais forte.

Ela continua a trabalhar, mas diz que precisa me perguntar uma coisa.

Será que é mesmo o melhor momento para uma conversa entre mãe e filha?

— Diga.

— Ontem, quando você estava dentro da câmara de passagem de plasma. Foi você que fez isso?

Sinto um embrulho no estômago.

— Eu honestamente não me lembro de fazer isso, mãe. Mas acho que fiz. Devo ter feito.

— Marguerite. — Eu nunca ouvi minha mãe me chamar assim, com tanta dor na voz, com uma voz tão perdida.

— Desculpa. Desculpa! Eu não deveria ter ido lá. — *Eu já devia ter arrumado um jeito de parar a Triade. Se eu tivesse feito isso, seu mundo não estaria em perigo. Essa estação espacial estaria segura. Mas ferrei com tudo. Desculpa, mãe. Eu sinto muito. Sinto muito mesmo.*

As sirenes continuam a apitar. Ela continua a digitar.

— Você nos disse que precisava ser vigiada — fala ela, depois de alguns segundos. — Tentou nos avisar que não estava bem. Não é sua culpa.

Ouvir a minha mãe assumindo a culpa pelo plano da do mal e pelos meus erros é demais para mim. Quero argumentar, mas é nessa hora que ficamos sem gravidade.

Nos filmes, é sempre um momento lindo, tipo aquela cena do Peter Pan: estou voando, estou voando! Os astronautas sorriem, dão cambalhotas, como se estar em gravidade zero fosse a maior diversão da vida. Para mim, parece que fui jogada de um balanço em movimento. Estou tonta, desorientada, sem noção de como voltar a funcionar. Somente o teto escuro com as luzes vermelhas piscando ainda indicam onde fica o “para cima”. Meu estômago está enlouquecido, enviando sinais de descontrole e náusea até a garganta.

Mamãe está flutuando de cabeça para baixo. Ela pega um cabo no seu cinto, prende em um daqueles puxadores que vi nas paredes e continua a digitar. Será que o meu cinto também tem um desses? Sim. Agora começo a entender por que os puxadores estão em todo lugar. Prendo meu cabo a um deles e continuo a trabalhar na tela, direcionando as comunicações vindas da Terra o mais rápido que consigo.

É nesse momento que a minha tela pisca. Chegou uma nova mensagem, uma que eu ainda não tinha visto: da Administração Geral do Controle de Missões para o setor de Coms. da Astraeus. Se eu estiver certa, e “Coms.” significar “comunicações”, é possível que essa mensagem seja para mim. Dou um toque duplo na tela, que é a forma de abrir a mensagem...

... e vejo a cara de Wyatt Conley diante de mim.

É a esse cara que estamos confiando nossas vidas? Estamos ferrados.

— Coms, aqui é o Controle de Missões — diz ele. — Não estamos conseguindo contato com Kovalenka. Ela foi ferida no defeito inicial? Câmbio.

— Ela está um pouco ocupada no momento! Estamos tentando contornar uma crise, caso não tenha notado. Ahn... Câmbio.

O suspiro frustrado de Conley é alto o suficiente mesmo no espaço.

— Precisamos de um relatório oficial.

— Não. Você precisa de uma estação espacial funcionando com astronautas vivos.

Minha resposta é em parte um blefe, mas funciona.

— Você consegue enviar alguns controles do sistema aqui para Houston? Podemos tirar parte do peso de vocês.

Não faço ideia se isso pode funcionar ou não, mas parece que minha mãe está ouvindo tudo. Mesmo de costas, ela afirma:

— Vou redirecionar os controles atmosféricos. Se eles conseguirem estabilizá-los enquanto eu vedo as passagens de plasma, teremos uma chance.

— Ouviu? — digo para a tela. Conley confirma com a cabeça.

Me parece que esse Wyatt Conley não é um inimigo. Ele está usando sua genialidade de uma forma boa aqui. Pelo menos tenho que acreditar nisso.

O cenário que vejo pelos corredores da estação Astraeus é como uma pintura de Dalí. Gotas de fluidos escuros, provavelmente café, flutuam como esferas perfeitas. Um pé de tênis passa por mim próximo ao chão, com os cadarços pendurados seguindo atrás. Meus cabelos gravitam ao meu redor como se eu estivesse vestindo uma nuvem carregada de chuva na cabeça. Ouço vozes em tom agudo, gritando, e começo a ficar mais nervosa mesmo antes de ouvir minha mãe xingar em russo.

E em seguida é como se a estação tivesse sido removida debaixo de nós. Eu bato na parede; mamãe dá com a cara na tela. Uma vibração baixa começa a ondular por toda a estrutura da Astraeus, e acho que, se vamos morrer, vai ser agora.

Mas continuo a respirar. Depois de alguns segundos que pareceram anos, a vibração para. Minha mãe olha para a tela do computador, respira aliviada, mas também possui algum remorso na voz.

— Perdemos o gerador solar primário. Mas conseguimos preservar os sistemas atmosféricos e a força reserva. Temos chance de evacuação total e salvamento completo. — Ela me olha com os olhos vermelhos de quem quer chorar. — Faça contato com Houston. Preciso reportar a perda da Astraeus pessoalmente.

Não estamos perdidos! Quero protestar. Ok, a estação está prejudicada, mas todos sobreviveram e isso deve ter conserto... temos que poder comemorar isso!

É nessa hora que entendo: ela vai ter que reportar que a filha dela, sua própria filha, instável, sabotou a estação.

Entorpecida, trabalho na minha tela da melhor forma que consigo. Depois de um piscar de olhos, Conley aparece na tela dela. Eu tento flutuar para longe, de maneira que não consiga ouvi-los.

A Marguerite desse mundo vai pagar um preço terrível pelo que aconteceu aqui. Será que vai ser internada? Medicada? Seja lá qual for o tratamento, vai ser injusto, porque não há nada de errado com ela. Ela só teve o azar de ser invadida pela do mal, e depois por mim. Claro que ela vai lembrar da verdade, mas depois de tudo que aconteceu, será que alguém

acreditaria caso ela decidisse contar que foi possuída por uma viajante de outro universo?

Talvez Paul consiga salvar a dimensão dela. Talvez eu tenha salvado a vida dela, no sentido mais literal. Mas, em todos os outros sentidos, tudo o que torna uma vida boa, que traz motivo para viver... É possível que eu tenha destruído.

Dentro de algumas horas a gravidade é restaurada, e as evacuações voltam a ser organizadas. As pessoas passam por mim carregando mochilas de acampar com seus artigos pessoais enquanto se preparam para voltar à Terra bem antes do que haviam planejado. Ouço algumas delas sussurrando que a filha da comandante teve algum tipo de surto. E que isso não faz sentido, porque ela estava com a família inteira. Se isso não é suficiente, o que seria?

Ao mesmo tempo, estou sentada em um cômodo pequeno dentro da área médica que parece funcionar para dois propósitos: os doentes e os criminosos perigosos. Estou feliz com a volta da gravidade, especialmente porque estou tão chateada que pode ser que eu vomite, e a última coisa de que preciso agora é ver meu vômito flutuando por aí.

Esse cômodo tem uma janela, e me obrigo a olhar para fora. A vista revela os danos causados à estação: a área que a do mal sabotou está amassada e assimétrica, uma área deteriorada em meio aos lindos arcos prateados da *Astraeus*. Parece que o lugar levou um soco de um gigante. O que quer que aquele lugar fizesse de importante pela estação, certamente não faz mais.

A porta faz uns barulhos que indicam que está sendo destrancada. Eu me levanto aguardando a polícia, ou o equivalente dela no espaço, para ser levada. Mas quem entra é Paul, e passo a sentir uma pitada de esperança.

A expressão dele é dura como uma rocha.

— Tenho que ser rápido — diz ele, entrando apressado e sem fechar a porta atrás dele. Um dos olhos está ficando roxo. — Ninguém me disse para não vir aqui, mas imagino que seja contra as regras.

— Você está bem? — Quero encostar no braço dele e me certificar de que ele ainda está aqui, mas será que tenho esse direito? Somos ou não somos um casal? Eu não sei mais. E isso não devia ser importante, considerando tudo o que está acontecendo. Mas é. Fecho os olhos. — Alguém morreu?

— Não. Mas muita gente está ferida por conta do vazamento de plasma no núcleo de energia solar. Alguns seriamente feridos.

— E você me conta isso como se não fosse nada?

Eu sou responsável por esses ferimentos. Não, não fui eu quem sabotou, mas eu devia ter imaginado que a do mal teria um plano B. Armadilhas dentro de armadilhas: esse é o estilo dela. Estou com raiva de mim mesma

por não ter previsto isso, com raiva de Paul por ser tão frio e indiferente. Cruzo os braços e me recuso a olhar nos olhos dele.

A única reação dele é olhar para o outro lado. A rejeição me dói profundamente, até que eu percebo que ele não está me ignorando. Ele está mexendo no computador da dra. Singh.

— Ela se esqueceu de desconectar, na correria — sussurra ele, enquanto procura alguma coisa nos arquivos dela. Ele aperta uma tecla com força e uma tela aparece, uma tela que mais se parece com uma leitura de sismógrafo: linhas pontiagudas, muito juntas, para cima e para baixo. A legenda embaixo diz meu nome: CAINE, MARGUERITE K.

— Essas são as suas funções cerebrais?

— Isso aí.

— E o que ela usou para medir? Algum aparelho de ressonância?

— As coisas são mais simples por aqui. — Eu entendo, logo depois de responder, o que ele quer, e por que, para ele, essa é uma prioridade. De onde saiu aquela faixa de metal que a dra. Singh colocou na minha cabeça mesmo? Em que gaveta estava? Finalmente encontro o semicírculo prateado e o entrego a Paul. Conectá-lo ao computador é tão fácil quando ligar um fone de ouvido bluetooth a um telefone. Paul se deita na maca ao nosso lado, apertamos os controles e...

Meu Deus.

O meu exame era como linhas amontoadas para cima e para baixo, duas vezes mais densas do que deveriam, mas ainda se parecia com um exame normal. A leitura do Paul é caótica. As linhas vão para todas as direções ao mesmo tempo, como se alguém tivesse dado um soco no meio da tela e o vidro estivesse estilhaçado. As extremidades da tela estão vermelhas e uma mensagem no canto diz VERIFICAR MAL FUNCIONAMENTO DO INSTRUMENTO.

Não tem mal funcionamento algum. Esse caos é a cabeça dele. É o que a fragmentação causou.

Ficamos os dois em silêncio olhando para a tela do computador por um tempo que pareceu muito longo. Finalmente, tento arriscar umas palavras.

— Talvez não fique assim para sempre.

— Talvez fique. — Ele se senta de novo na maca, tira a faixa da cabeça e a coloca de volta na gaveta.

Logo em seguida se levanta e, pela primeira vez em muitos dias, me olha nos olhos com firmeza. O tamanho da tristeza que eu vejo é indescritível.

— Entende por que eu não posso ficar com você?

Não. Não, não e não.

— Eu não estou sob controle nesse momento. Não sei se vou um dia recuperar o controle sobre mim mesmo. A qualquer momento, eu posso...

pifar. Acabar. Você se lembra de como reagi quando cheguei no Egitoverso? Eu cheguei tão perto de machucar você, mesmo sem ter certeza se era você ou a Marguerite do mal... — A voz dele falha por um segundo. — Por favor, Marguerite. Eu já tenho que viver com a memória dos meus outros eus machucando você. Não se coloque em perigo de novo. Me deixe ir.

Eu quero argumentar, mas aquela teia de aranha de exame na tela que ainda brilha me diz que, dessa vez, não é só mais um drama fatalista do Paul. O que aconteceu com ele, as consequências do que aconteceu... é tudo muito, muito real.

Uma vez, Josie me contou uma coisa importante.

— Quando uma pessoa te diz quem ela é, acredite nela.

Se um cara te diz que tem problemas para confiar nas mulheres, não suponha que ele teve uma experiência ruim e que você pode resolver tudo sendo legal, sendo uma mulher incrível com ele etc. Você agradece pelo aviso, e é isso. *Obrigada. Boa sorte. Foi bom te conhecer.* Aí você vai embora sem olhar para trás. E se um cara disser que vai te machucar, não fique esperando para ver se é verdade.

Paul está me avisando que é perigoso. Não é culpa dele, e talvez não seja para sempre. Mas tenho que acreditar nele. Tenho que confiar nele. Exatamente porque ele não está conseguindo confiar em si próprio.

Ainda que seja a última coisa que eu quero nessa vida, preciso deixar ele ir.

— Ok — sussurro, me afastando dele. Ele pisca, parecendo surpreso. Acho que ele esperava que eu fosse retrucar. Aqueles primeiros segundos de silêncio ecoaram com todas as memórias que criamos juntos, todos os momentos que ainda deveríamos viver juntos. O multiverso se dividiu mais uma vez e criou um futuro no qual eu e Paul não estamos juntos. E este é o mundo no qual eu vou viver.

Paul respira fundo e volta para o modo cientista. Talvez assim seja mais fácil para ele lidar com isso tudo.

— Precisamos nos concentrar nas realidades quânticas que precisam da nossa proteção. Saltar daqui assim que for possível. Vou continuar aqui só até conseguir terminar de testar a função de estabilização do Firebird. Se funcionar, vou voltar ao Egitoverso e ao Londresverso, e depois encontro você.

— Obrigada por voltar lá primeiro. Por manter sua palavra.

— Marguerite... Eu jamais quebraria uma promessa que fiz a você. — Nossos olhos se encontram e eu consigo ver toda a dor que ele está tentando esconder. — Nunca. Mesmo que isso me custe a vida.

Por alguns instantes, estamos conectados de novo. Sinto isso com a mesma certeza que tenho de que meu coração está batendo dentro do peito.

Ele coloca a mão no meu rosto e fecho os olhos quando sinto o calor dos dedos dele na minha bochecha. Ele se aproxima e prendo a respiração, ansiosa por um abraço, um beijo, qualquer forma de adeus que ele consiga me oferecer.

Ele encosta os lábios na minha testa. Um toque tão carinhoso que sinto o coração doer. Levanto o rosto na esperança de um beijo de despedida, mas ele já se afastou.

Não sei se Paul acredita ou não, mas sei que ainda temos algo que pode ser salvo. Se ele superar a fragmentação, ainda teremos uma chance juntos.

Ele se vira e pega o próprio Firebird, iniciando o processo de compreender como se constrói um estabilizador que funcione com ele. Eu ainda tento restabelecer a nossa conexão de segundos atrás.

— Quando a mamãe me perguntou se eu tinha causado isso tudo, eu confessei. Porque sabia que essa Marguerite precisava ser vigiada caso a do mal volte. Mas... será que eu acabei com a vida dela?

— Você fez o que tinha que fazer. — O olhar dele, de novo, parece distante. O acinzentado dos olhos parece ter se transformado em gelo. — Você é capaz de decisões difíceis, Marguerite. Você é capaz de ser cruel. Só não quer admitir isso para si mesma.

— Eu não sou cruel.

— Mas tem potencial para ser. Se não tivesse, a do mal não poderia existir.

Ele tem razão. É a vez dele e de Theo me julgarem. É a vez deles de julgarem meu lado negro. Porque, seja o que a do mal for, ela também sou eu.

Paul é educado demais para esfregar isso na minha cara e fazer com que eu me sinta mal. Em vez disso, ele guarda o Firebird de volta dentro do macacão.

— Tenho que ir. Salte daqui assim que puder, não pare de tentar. Quando você for presa, vão te revistar e podem encontrar o Firebird.

— Ok — respondo, baixinho.

Ele balança a cabeça antes de sair da sala e tranca a porta atrás de si sem dizer adeus. Acho que ele pensa que isso o faz parecer mais forte, mais decidido. Mas só o que isso faz é revelar que essa despedida dói nele tanto quanto em mim. Talvez mais que em mim.

Sinto muito, eu digo para a Marguerite desse mundo. Ela vai lembrar de tudo o que aconteceu enquanto eu estava dentro dela, o que é mais uma coisa que é diferente para os viajantes perfeitos. Deixamos um rastro de memórias para nossos hospedeiros. Mas será que as leituras da dra. Singh serão suficientes para provar que ela vai estar dizendo a verdade sobre o que aconteceu?

Pelo menos, a Marguerite do Espaçoverso vai saber que foi por uma boa razão. Vai saber que a liberdade dela foi sacrificada em prol da segurança de

toda a dimensão dela. Preciso acreditar que ela vai entender que valeu a pena.

Coloco a mão no meu Firebird para a próxima das muitas fúteis tentativas de saltar para o próximo universo, pensando bem forte “sinto muito”, “sinto muito”, para que minha hospedeira possa ouvir. Acreditando que essas seriam apenas as primeiras das muitas vezes em que ela teria de ouvir essas palavras na cabeça dela.

Mas dessa vez o Firebird me leva embora no mesmo instante.

Eu devia ter terminado de me desculpar antes.



A MAIS OU MENOS MEIO METRO DE MIM, vejo Adão deitado no chão, completamente nu.

Adão, aquele da Bíblia. Aquele mesmo. A serpente enrolada em uma árvore próxima me diz que não estou enganada. Essa imagem foi pintada com muita habilidade, com uma riqueza de detalhes incrível; tanto as cores, vívidas, como as sombras, feitas com maestria. A composição vital atrai meu olhar para a mão esticada de Adão que tenta alcançar Deus, feita com tanta sutileza que a expressão nos olhos dele carrega tanta emoção quanto qualquer ser humano. Ele está pensando: estou com medo, mas quero isso mesmo assim.

Se eu visse isso em uma exposição, acharia que essa pintura foi feita em uma das oficinas dos grandes mestres, no auge do Renascimento. Mas este cenário tem dois problemas: o primeiro é que a obra acabou de ser feita. Dá para sentir o cheiro da tinta fresca.

O segundo é que não estou em uma galeria. Me parece que estou deitada em algum tipo de andaime de madeira. Enquanto estou deitada nele, a pintura no teto se agiganta sobre mim, tão grande que não consigo ver os cantos dela.

Mas não entendo ainda qual é o perigo mortal desse cenário. Não vejo nada que pudesse ser considerado perigoso. Será que o andaime está prestes a cair? Parece firme o suficiente. Não sinto cheiro de queimado. Meu corpo parece seguro, não estou machucada, nem ferida de forma alguma.

Cuidadosamente, giro meu corpo para o lado, prestando atenção nas minhas roupas: um pano mal costurado tingido de uma cor que lembra ferrugem, sapatos de má qualidade, um tipo de lenço sobre o meu cabelo.

Aí, olho para baixo e percebo que estou a uns quinze metros do chão de mármore.

Eu já tive medo de altura, mas depois de ficar pendurada em um helicóptero e de flutuar na órbita da Terra, quinze metros parecem um alívio. Será que a do mal estava achando que eu ia me virar muito rápido e cair daqui de cima? Não, ela é melhor que isso.

— Você não vê a heresia nessa pintura? — A voz é alta e o tom é autoritário. As palavras ecoam no espaço ao redor, que deve ser enorme, ainda que eu só consiga ver as partes ao redor do andaime. — Como vai defender a sua senhora agora?

Eu me viro um pouco mais até conseguir ver quem está falando comigo. Um grupo pequeno de pessoas está aglomerado lá embaixo, ao lado de colunas enormes que sustentam um vasto arco. A maior parte das pessoas está usando vestidos longos, ou robes, todos muito mais luxuosos que as minhas roupas, obviamente. As roupas delas são brilhantes, de seda ou de veludo. Algumas pessoas vestem batina e chapéu vermelhos, as vestes dos cardeais da Igreja Católica Romana. Mas não tenho dúvidas de quem é a dona da voz que falou comigo: tem que ser aquela mulher de chapéu alto e pontiagudo e vestes brancas bordadas com fios dourados que brilham na luz.

Ainda que eu nunca tenha sido apresentada a ela, sei quem ela é: a Sua Santidade Papal Martha III.

Eu digo a mim mesma: *Bem-vinda de volta ao Romaverso*.

— Está se recusando a me responder? — grita ela e, mesmo dessa altura, consigo ver a expressão de frustração no rosto dela. — Você está de acordo com esse trabalho herético?

Conheço a história do mundo o suficiente para saber que não quero um líder religioso com raiva de mim. Será que é esse o plano da do mal? Me entregar numa bandeja para a Inquisição?

— Não, senhora. Quer dizer, Sua Santidade.

— Então, por que não impediu que ela pintasse essa abominação? Fazer Adão assim, sozinho na criação, sem Eva, mãe da humanidade? — Papa Martha balança uma espécie de bengala dourada, apontando para todo aquele espaço ao nosso redor.

É quando entendo que estamos na Capela Sistina, que está sendo criada agora, que está começando a se tornar uma obra de arte nesse momento. Em vez de Michelangelo, outro pintor tem a honra de criar um trabalho aqui, e me parece que eu sou uma de suas aprendizes. Chocada, deito de costas de novo e olho para a pintura, que agora reconheço como sendo uma interpretação completamente original da criação do homem, no momento em que Adão recebe o lampejo de consciência de Deus. Eu ajudei a pintar a Capela Sistina! Esse acabou de se tornar o universo mais magnífico de

todos. Meu sofrimento causado pela conversa com Paul evapora por uns instantes lindos, e eu não sinto nada além de fascinação.

— Ainda assim, se recusa a me responder! — grita a Papa, que me lembra de que preciso me mexer.

— Perdão, Sua Santidade. Posso descer e me reportar à senhora diretamente? Com, hmm, o respeito que lhe devo? — Me parece o tipo de coisa que se deve dizer a uma papa.

— Tem minha permissão — responde a papa, depois de um instante de silêncio.

É quando descubro que esse andaime foi feito por pessoas que têm, me parece, uma visão exagerada a respeito do quão acrobáticos os artistas são. Leva um bom tempo até eu conseguir descer, e chego lá embaixo ofegante. Uso o tempo da descida para pensar em como posso responder a essa pergunta dela, sendo que não faço a menor ideia de quem é essa pessoa que ela menciona, “ela”. Ou por que a papa está falando mal dela diretamente. Ou a razão pela qual ela fez as escolhas artísticas que fez.

Papa Martha parece ter pouco mais que um metro e meio. Ela é mais velha, quase idosa, e os ombros estão começando a encurvar para a frente. Ainda assim, uma espécie de poder irradia dela, como uma luz. Essa mulher sabe que a raiva dela pode estremecer até o mais poderoso imperador. E, nesse momento, está com raiva de mim.

— Sua Santidade — começo. Será que eu devia fazer uma reverência? Não custa, né? Faço a reverência e começo a falar, um pouco desesperada. — Ao que me parece, hmm, ela pretende pintar a criação de Eva como um painel completamente separado. Ela pretende retratar individualmente o pai e a mãe da humanidade antes de trazê-los para uma única tela, para contar o resto da história da criação.

Papa Martha não diz nada, o que me parece um mau sinal. Se a do mal conseguiu arranjar uma maneira de me incriminar por heresia em um universo medieval... vou ter que dar a ela pontos pela criatividade. Mas não acho que seja isso. Francamente, não acho que esteja em perigo.

Em vez de medo, sinto uma angústia silenciosa de saber que Paul e eu fomos separados um do outro. Talvez para sempre.

Finalmente, ela proclama:

— Se isso for verdade, considero uma explicação satisfatória. Mas aguardo uma explicação detalhada sobre os planos para esse teto quando mestre Annunziata voltar das Dolomitas.

Eu concordo com a cabeça.

— Certamente, Sua Santidade. — Preciso lembrar de chamá-la assim toda vez.

Papa Martha começa a andar e seus seguidores elegantes abrem caminho, a seda das roupas se arrastando, para que ela passe.

— Ela mantém os planos em segredo e ainda tem a audácia de reclamar do pagamento! Como alguém ousa pechinchar com uma pontífice? Já a vi usar correntes de ouro, vestidos finos e até mesmo joias! — A mão da papa vai até o pescoço, como se estivesse mostrando onde ficava o colar que ela viu na mestre Annunziata. Então, ela aperta os olhos, me encarando, e continua: — Veja isso! Ela é tão bem recompensada que até sua aprendiz tem colares!

Ao dizer isso, ela segura a corrente do Firebird e a arranca do meu pescoço.

Merda! A maioria das pessoas dessa dimensão jamais veria o Firebird a não ser que sua atenção fosse chamada para ele; Papa Martha, no entanto, estava pensando nisso no momento em que olhou para mim. Como ela estava pensando em coisas que as pessoas usam no pescoço, ela viu o que estava no meu.

Meu primeiro instinto foi o de puxar da mão dela e colocar de volta. Imediatamente. Mas acho que atacar uma líder religiosa não ia terminar muito bem. Tento pensar em alguma explicação que pudesse funcionar.

— Eu não comprei isso — consigo dizer. — É uma... uma herança de família, Sua Santidade. Minha mãe me deu. — O que não deixa de ser verdade. — Por favor. Eu...

— A Sua Santidade jamais privaria uma aprendiz tão humilde de seu único bem valioso — sussurra uma das cortesãs, enquanto dá um passo adiante. — Sua generosidade e piedade são conhecidas por todo o reino cristão.

Eu já vi essa cortesã antes, nesse mundo e em outros: é Romola Harrington. Meu corpo inteiro fica tenso, porque, no Escritório Central, Romola é uma das muitas seguidoras de Wyatt Conley. Ela já entrou em várias dimensões para interferir em algo que eu estava fazendo. Mas também já estive em muitos mundos nos quais ela era apenas ela mesma e, em alguns desses mundos, nós éramos amigas. Ela é uma daquelas pessoas que orbitam à minha volta de alguma forma, como minha família, Paul, Theo e Conley: alguém que pode estar presa a nós, ou pode não estar.

Será que a Romola do Escritório Central veio até aqui armar para mim? Ou será que essa é a versão dela no Romaverso, se comportando normalmente, como ela faria aqui?

— Você deveria pedir perdão por duvidar da caridade da sua pontífice — continua Romola. Parece que ela está me repreendendo, mas algo me diz que ela está provocando a vaidade da papa de propósito, para garantir que eu recupere o Firebird.

— Sim, eu deveria. Por favor, Sua Santidade, me perdoe. — E me curvo mais uma vez diante dela, por precaução.

Papa Martha olha para o nada e levanta a mão, desinteressada, levantando o Firebird e o apontando para a Romola.

— Devolva a bijuteria para a menina, Lady Romola.

Ah, não. Romola pegou o Firebird! Se ela estiver trabalhando para Conley, eu nunca vou conseguir tê-lo de volta. Bom, posso atacá-la, logo que não estivermos mais na presença da papa...

Não foi preciso. Ela passa a mão no Firebird, como que por admiração (muitas vezes, o que foi meio esquisito), mas depois dá um sorriso e o entrega para mim.

— Que colar interessante! Sua mãe foi muito gentil em dá-lo para você.

Tento sorrir enquanto seguro o medalhão.

— Sim, milady.

Talvez “milady” tenha sido meio forçado, mas não importa. Estou tão aliviada! O Firebird está de volta em meu pescoço e Romola parece pertencer a essa dimensão. É uma vitória pequena para compensar a perda de Paul.

— Volte para Trastevere, menina — me dispensa a papa. — E diga àqueles seus pais lunáticos que estou esperando a revisão dos gráficos planetários o mais rápido possível.

— Obrigada, Sua Santidade. — Faço uma longa reverência, dessa vez completamente sincera, porque eu não quero ficar mais nem um segundo ao lado de uma papa tão temperamental. Mas vou andando devagar, atravessando a ala central da capela em um ritmo natural. Seria maluquice sair correndo e perder a chance de olhar a maravilhosa Capela Sistina durante a sua criação.

Assim que saio da capela, em meio à luz daquele fim de tarde e o grande movimento das ruas de Roma, consigo parar e pensar com calma.

Não houve nenhuma tentativa de assassinato. Ok, a papa não estava feliz, mas não era comigo, era com a mestre Annunziata. Além disso, acho que ela não mataria nenhuma de nós duas. O pintor Michelangelo agiu como um pirralho mimado com o Papa Julius II por anos e acho que a pior punição que recebeu foi um pagamento atrasado.

Mas, então, por que a do mal me trouxe aqui?

Será que a viagem para o Romaverso foi um acidente? Theo me disse uma vez que alguns universos são “similares matematicamente” a outros, o que significa dizer que, se você errar os cálculos por muito pouco, isso já pode ser suficiente para que acabe em uma dimensão completamente diferente. A do mal pode ter vindo aqui, entendido que estava no lugar errado, e decidido ficar um pouco mais para me deixar presa na estação espacial que seria destruída. Como ela não escolheu uma forma eficiente de

matar essa Marguerite, decidiu usar esse universo como uma cela de prisão, não como uma arma em potencial.

Isso faz total sentido, digo em pensamento para Paul, como se ele estivesse aqui, pensando junto comigo. Na verdade, começo a achar que é muito provável que seja isso. O próximo universo é o universo com o qual eu deveria me preocupar.

Ainda assim, enquanto eu estiver no Romaverso, tenho que ficar alerta.

Eu deveria estar sofrendo mais pelo rompimento com Paul do que estou de fato. É como se eu estivesse em choque, anestesiada. Dizem que as pessoas que têm um braço ou uma perna amputado continuam sentindo esses membros, às vezes meses ou anos depois, porque o nervo continua enviando sinais de coceiras, dormências e outras sensações que não existem mais. Um membro fantasma, é como eles chamam. Talvez seja isso que estou sentindo agora, essa sensação de que Paul não deve ter terminado comigo, de que ele ainda está do meu lado.

Da maneira mais importante, ele está, tento me lembrar disso, endireitando os ombros. *Ele está trabalhando com você para salvar as outras Marguerites e proteger o multiverso. Então, concentre-se no que realmente importa.*

Ainda que eu nunca tenha visitado o Vaticano no meu universo, sei pelos filmes e pela TV que se trata de um palácio e uma catedral, antiquados e gloriosos, rodeados por uma quantidade incontável de turistas. A basílica de São Pedro é, se isso é possível, ainda mais imponente aqui, porque nenhum prédio ao seu redor tem mais que três andares de altura. As domas enormes pairam sobre os amontoados de prédios de tijolinhos amarronzados ao redor. A cidade mantém uma distância respeitável. Em vez de estradas sujas, o que se vê em torno do Vaticano são grupos de peregrinos com terços nas mãos, vendedores de frutas e pão em cestas nos lombos de mulas, ou então monges conversando, atentos, vestidos em batinas. Minha última viagem ao Romaverso foi breve e um tanto desvairada, tendo acontecido por uma noite apenas. Ver a mesma cena sob essa luz do fim da tarde me dá a chance de experimentar algo que lembra muito a nossa Idade Média.

Nada disso tira a sensação de medo e urgência que sinto. Não conserta meu coração partido. Mas não posso deixar que Conley e a Triáde transformem o Firebird em uma arma e nada mais. A chance de conhecer outros mundos é um presente sem preço, insubstituível. Mesmo agora, tenho que focar ao máximo para não me perder em meio à admiração de estar em um mundo novo.

Ando em meio à multidão por um tempo, tentando um pouco mais as imagens e os cheiros. Os cheiros são fortes. É um tempo antigo, quando não havia desodorante. Além disso, ninguém limpa os animais. Mas até o fedor é interessante. Me faz dar mais valor à minha casa.

Preciso encontrar a casa onde vivo aqui no Romaverso. Sei que não é nenhum dos lugares que visitei da outra vez em que estive aqui, e tampouco conheço meus caminhos pela cidade. E esse pessoal medieval não é muito bom com as placas de rua. Quando vejo uma freira passar por mim, com um véu de abas tão largas que chega a ser engraçado, decido pará-la.

— Desculpe, irmã. Estou perdida.

Como qualquer outra palavra que falei em voz alta no Romaverso, a frase foi dita em um italiano antigo ou algum tipo de latim tardio. As habilidades linguísticas que desenvolvemos quando ainda bebês ficam mais presas à memória que qualquer outra coisa, o que significa que viajantes interdimensionais automaticamente falam qualquer que seja a língua do hospedeiro.

— Como posso ajudar, criança? — Ela me olha e sorri de forma cândida. — Aonde precisa ir?

Quero dizer: o castelo de Santo Ângelo. É lá que Paul está — ou melhor, o reverendo Paul, nessa dimensão. Um padre que não deveria me amar, mas que me ama. Desesperadamente. Quero sentir de novo o amor dele por mim.

Mas se esse amor não vem do meu Paul, aquele que eu amo mais que tudo... Não é suficiente. Não mais.

— Para Trastevere — digo, lembrando das palavras da Papa Martha. — Você sabe, onde os inventores vivem.

Encontrar Trastevere, no fim das contas, foi fácil. O bairro não era muito distante do Vaticano, aninhado logo abaixo das montanhas e às margens do rio Tibre. A maior parte da cidade fica do outro lado, incluindo a maioria dos monumentos ao Império Romano. Aqui, as casas são simples, feitas de tijolos com cal ou de estuque em vários tons de laranja, rosa e dourado, sempre puxando para cores terrosas.

Já sobre como encontrar os inventores, a freira não fazia ideia. Mas, no fim, não precisei de ajuda. Logo acima de um dos prédios mais altos, vejo uma doma de cobre do tamanho de um carro pequeno com uma fenda bem larga no meio. A fenda projeta o que parece ser o primeiro telescópio dessa dimensão.

Sim, estou em casa.

— Olá? — Chamo ao entrar pela porta. — Tem alguém em casa?

— Aqui em cima, querida! — A voz da minha mãe vem de cima, de onde parece ser o sótão/observatório. Em um canto do cômodo, vejo uma escada de madeira que leva até lá em cima. O cômodo em si parece um dos quartos que Vermeer teria pintado, com mobília simples de madeira, uma lareira

ampla e algumas imagens penduradas na parede, para decoração. Alguns desenhos meus, mostrando minha família vestindo robes e chapéus.

— Estou aqui polindo as lentes! — É a voz do papai, que deve estar com ela lá em cima. — A noite hojeseirá perfeita: parece que o céu vai ficar limpo, o que significa que vamos finalmente poder dar uma boa olhada em Júpiter!

Meus pais: sempre diferentes, sempre os mesmos. Quero vê-los usando essas roupas medievais (isso pode servir para brincar com eles quando eu voltar para casa). Preciso sentir que serei capaz de rir novamente.

Mas primeiro preciso voltar para casa. O que significa continuar essa busca assim que for possível.

É provável que a do mal não tenha ainda saltado novamente. O último cenário dela foi muito bem elaborado, então deduzo que ela esteja planejando o próximo cuidadosamente. Bolando armadilhas dentro de armadilhas. Esse não é o tipo de coisa que se prepara em uma hora. (Fora que, considerando o nível tecnológico dessa dimensão, que tem relógios de sol em vez dos de parede, não sei exatamente há quanto tempo estou aqui.) Ainda assim, tenho que tentar. Sento em um dos bancos diante da mesa, pego o Firebird de dentro da roupa e aperto os controles.

Nada acontece. Não me surpreende.

Mas naquele momento, naquele exato momento, o chão começa a tremer, derrubando um pote de cerâmica da mesa e fazendo meus pais gritarem lá de cima. Ouço gritos lá de fora também. Parece que é um terremoto.

Como uma nativa da área da baía da Califórnia, tendo passado a maior parte da minha vida em cima da falha de San Andreas, estou acostumada com tremores. Esse que acabou de sacudir Roma nem foi dos mais fortes.

Ainda assim, aconteceu justamente na hora em que eu ativei o Firebird.

Na minha cabeça, consigo ouvir meus pais dizendo o que já disseram um milhão de vezes antes: correlação não é o mesmo que causa. Só porque duas coisas aconteceram ao mesmo tempo, não quer dizer que uma causou a outra.

Mas e quando uma das duas coisas é um dispositivo capaz de destruir dimensões?

É altamente improvável. Todos me disseram isso, e sei que nenhum deles consideraria construir um Firebird se não fosse verdade.

Improvável, mas não impossível.

O chão treme novamente. Por mais tempo dessa vez. Terremotos mais longos são mais poderosos.

E se... e se esse for o plano da do mal? E se ela encontrou uma maneira de destruir a dimensão sem minha ajuda, colocou o plano em ação e fugiu?

Pode ser que dessa vez ela não esteja me matando. Pode ser que ela esteja matando o mundo inteiro.



CALMA AÍ, DIGO A MIM MESMA ENQUANTO VARRO O CHÃO, agora que o tremor passou. Se essa dimensão estivesse em colapso, acho que seria algo mais dramático que um terremotozinho desses, que mal chegou ao nível 5 da escala Richter. E eu não fiz nada demais, ou incomum, com o Firebird, só apertei os mesmos controles que já apertei milhares de outras vezes.

Além disso, os tremores pararam. Já tem uns vinte minutos desde o último tremor. É tempo suficiente para que minha família e o resto do bairro comece a limpar as coisas.

— Se pudéssemos ao menos compreender os princípios que causam esses tremores... — diz mamãe. Ela está vestindo algo que se parece com vestes de trabalho: um vestido de tecido marrom com os cabelos presos em um lenço muito parecido com o meu. Considerando o quão desarrumada ela anda em casa, eu diria que é o mesmo estilo. — Mas nunca encontrei uma explicação que satisfizesse todas as possibilidades. As pessoas parecem tão satisfeitas em declarar que é a vontade de Deus... sem nem mesmo se perguntarem como é que Deus impõe sua vontade na Terra!

Papai está usando calças parecidas com galochas, uma camisa branca meio larga e um chapéu que parece daqueles de elfo. Apesar da situação toda, quase tive um acesso de riso quando o vi, assim que ele entrou. Ele olha para o chão em busca de cacos de cerâmica ou pedaços de alguma coisa que quebrou.

— Tenho certeza absoluta que tem algo a ver com as montanhas, de alguma maneira. O terreno não fica mais alto ou mais baixo depois dos tremores? Não surgem rachaduras novas no solo?

— Sem dúvida tem a ver com montanhas — sussurro enquanto tiro a poeira do peitoril da janela, jogando-a para fora, na rua, onde os vizinhos estão consertando suas janelas de madeira ou acalmando seus animais. *Pense sobre o que os livros dizem a respeito de terremotos. É isso, claro! Não tem nada a ver com o seu Firebird. Nada a ver!* — Acho que, hmm, a superfície da terra é feita de umas placas tectônicas enormes, que cobrem áreas muito grandes do globo terrestre. E quando essas placas se movem, seja para perto ou para longe umas das outras, criam esses terremotos. Com o tempo, a fricção entre essas placas constrói cordilheiras. E também vulcões.

Não há nada mais divertido que o olhar de choque na cara dos meus pais enquanto me olham. Pela primeira vez, entendo mais de ciência que eles. Se eu pudesse aproveitar um pouquinho mais esse momento, em vez de lutar para engolir o pânico...

— Impressionante — comenta minha mãe. — Quando você começou a pensar nisso?

Putz. Como foi que as pessoas pensaram nisso mesmo?

— Lógica, acho. Porque qualquer pessoa que olha um mapa vê que a África e a América do Sul se encaixam perfeitamente.

Eles se olham confusos.

— O que é a América do Sul? — pergunta meu pai.

Ops.

— Bom, isso é... irrelevante. Mas vocês deveriam olhar para as placas tectônicas. Aposto que minha teoria fará sentido.

Os cérebros geniais dos dois começam a funcionar simultaneamente, um estado mental que pode deixá-los por horas falando um com o outro, as palavras e os pensamentos se sobrepondo com uma velocidade tão absurda que ninguém mais consegue entender.

Meu humor muda quando lembro do primeiro tremor e de como ele aconteceu imediatamente depois de acionar o Firebird. Não importa o quão convincente seja a explicação das placas tectônicas, essa coincidência é clara demais para que eu consiga ignorar. Também não tentei saltar de novo para a próxima dimensão. Não me sinto segura para isso no momento.

Não foi a causa, parece. Mas a correlação pode ter outros significados. Talvez o meu Firebird não tenha causado isso. Talvez o medalhão e o terremoto estejam apenas... ligados um ao outro, de alguma maneira.

Ai. Não. Meus olhos se arregalam quando lembro do que Paul me disse no Espaçoverso. Ele disse que, uma vez que a Tríade tivesse desistido de me fazer trabalhar para eles, começariam a criar novos viajantes perfeitos. Pessoas que eles pudessem convencer ou enganar para que fizessem o trabalho sujo deles — no caso, destruir outros universos.

E se foi isso que aconteceu aqui? E se alguma coisa a respeito da minha tentativa com o Firebird emitiu algum tipo de sinal para esse outro viajante perfeito, de que era hora de começar a contagem regressiva?

Engulo em seco e preciso me apoiar na parede por uns instantes.

Tento me acalmar conversando comigo mesma. A dimensão ainda está aqui, ainda existe. O tremor passou. Às vezes um terremoto é apenas um terremoto!

Assim que penso isso, sinto a terra tremer novamente. Nada cai. As luzes pendendo do teto balançam apenas nos arcos mais curtos.

— Abalos secundários — digo em voz alta. Meus pais concordam, não parecendo estar muito preocupados. Terremotos têm abalos secundários. É normal.

Mas continuo desconfiada, e sei, *eu sei*, que preciso descobrir o que está acontecendo.

— Mãe, pai, preciso ir. — Coloco a vassoura no lugar e pego minha capa.

— Aonde você tem que ir a uma hora dessas? — pergunta papai.

— Ao Castelo de Santo Ângelo — respondo, enquanto visto a capa.

Meus pais sabem o que isso significa. Minha mãe coloca as mãos sobre o colo.

— Ah, querida... Eu sei o quanto você quer vê-lo, ainda mais depois de um susto desses. Mas será que é seguro? Para os dois? Será que é correto com o reverendo Paul?

— Vocês dois escolheram parar com essa maluquice. — Papai parece sério. — Não volte atrás agora. Você vai colocar o reverendo Paul em risco diante da Igreja. A Sua Santidade pode ter concordado em proteger nossa pesquisa, mas se ela souber que você está causando a tentação de um padre...

Eu, uma tentadora.

— Mas eu preciso falar com ele — respondo, e saio pela porta. — Nem que seja pela última vez.

Fecho a porta e meus pais não me seguem.

Peço informações de algumas pessoas nas ruas, a maioria ocupada limpando os resultados do terremoto às luzes alaranjadas do fim de tarde. Por sorte, esbarro em uma carroça que está partindo na direção da prefeitura maçônica, seja lá o que isso signifique. Alguns dos membros foram chamados para ajudar com reparos no Castelo de Santo Ângelo e me oferecem uma carona, além de um copo de cerveja ruim.

Eu aceito. Não amo cerveja, mas preciso de coragem. Ainda que ela venha na forma líquida.

Quando eu vir Paul novamente, ele deve ser o reverendo Paul desse universo: carinhoso comigo, amoroso, e correndo perigo por conta da relação

clandestina que recentemente encerramos. Mas, é claro, estou esperando que seja o meu Paul. Se ele conseguiu fazer os testes imediatamente, e se os testes funcionaram, ele já poderia ter salvado o Espaçoverso. É claro que ele vai voltar para o Londresverso e o Egitoverso primeiro, como pedi e ele concordou que seria justo. Quanto tempo será que ele levou para construir um estabilizador adequado? Pode ser que demore, em especial no Egitoverso, onde ele não vai ter muito com o que trabalhar exceto pelos materiais de baixa tecnologia que meus pais levaram para aquele sítio arqueológico.

No entanto, preciso ser otimista. Paul disse que a máquina não era complicada por si só, então é possível que ele tenha resolvido tudo rapidamente, certo? Então, ele poderia chegar aqui a qualquer momento.

Ou em algumas horas. Ou dias.

Fecho os olhos e tento me convencer de que estou enganada a respeito dos terremotos.

* * *

Quando chegamos ao Castelo de Santo Ângelo, a noite está caindo. Os guardas do castelo são exatamente os mesmos dois caras que vi da última vez em que estive aqui. Os mesmos bigodes, os mesmos uniformes listrados e coloridos, o mesmo olhar sarcástico: é como se eu estivesse voltando no tempo.

— Os mesmos aposentos de sempre? — pergunta um deles.

— Sim, por favor. E se puder avisar ao reverendo Paul que estou aqui, agradeceria muito.

O outro guarda sai para procurar Paul, e posso ouvir ele falando entre os dentes:

— Algumas pessoas não aprendem nunca.

Sou levada até a mesma capelinha que visitei da última vez. Um dos vitrais da janela está quebrado, e posso ver os cacos verdes e vermelhos no chão, mas, além disso, o terremoto parece não ter causado muito estrago. Se as molduras de ferro que dão suporte às centenas de velas próximas do altar caíssem, aí sim seria um problema, porque aquelas pequenas chamas são a origem de toda e pouca luz do ambiente.

Cada vela representa uma prece, acho. Meus pais não têm religião, e basicamente me ensinaram a respeito de várias doutrinas diferentes em um contexto histórico, não sobre detalhes como esse. Mas tenho certeza de que você acende uma vela para alguém quando está com medo pela pessoa, ou rezando pela pessoa, ou desejando que alguém lá em cima tome conta dela.

Pego uma vela pequena, dedico às duas Marguerites perdidas e acendo com a chama de alguma outra vela.

Não posso rezar por pessoas que já se foram, mas posso lembrar delas.

— Marguerite? — Ouço meu nome ser chamado com uma voz suave.

Viro e vejo Paul na porta da capela usando suas vestes de padre, longas e negras. O brilho dourado em volta do seu pescoço me dá um lampejo de esperança. O Firebird. *É o meu Paul! Ele já salvou os dois outros mundos e veio aqui salvar mais um!*

Não. É uma cruz no pescoço dele. Não deixa de ser uma promessa de salvação, mas não o tipo de salvação que o multiverso precisa no momento.

— Você veio! — O reverendo Paul se aproxima de mim, as mãos unidas como se aquele gesto o protegesse de me tocar. — Achei que não viria mais.

Ele é tão diferente do meu Paul e ao mesmo tempo tão parecido! Quando olho para além das roupas e do cabelo comprido que ele tem aqui, procurando vestígios do homem que amo, sinto que estou vendo Paul novamente pela primeira vez.

Um novo aluno da pós-graduação, o cara mais alto de todos em qualquer lugar, mais musculoso que um trabalhador braçal. As roupas baratas e de má qualidade que ele comprou num brechó da igreja com os poucos dólares que sobraram da bolsa de estudos, porque os pais dele cortaram todo e qualquer contato. Ele nunca nem chegou a olhar nos olhos de alguém exceto para falar de física com os meus pais, como se falassem em números, não em palavras. Olhei para o rosto forte e reparei no jeitão grosseiro dele e mentalmente coloquei o apelido de “homem das cavernas”.

As músicas e os filmes dizem que, quando você encontra o amor da sua vida, é como se o planeta parasse de girar, as nuvens se abrissem e seu coração começasse a cantar. A realidade, no entanto, é mais confusa que isso. Na verdade, conhecemos pessoas novas o tempo todo, mas não sabemos com certeza qual vai ser a importância delas na nossa vida. A gente nunca sabe de quem vai esquecer ou de quem vai precisar para sempre.

— Você me disse que não devíamos mais nos ver — fala o reverendo Paul. A tristeza na voz dele me soa extremamente familiar. Pelo tempo de um suspiro, me vejo de volta à Astraeus, diante das leituras do computador que revelaram o quão danificada estava a alma do meu Paul, e a dor que sinto é tão recente quanto era no momento em que ele me disse para deixá-lo ir.

Nós temos isso em comum, o reverendo Paul e eu. A terrível sensação de saber o que significa amar alguém mais que a própria vida, e ainda assim ter que abrir mão desse amor.

— Desculpe — digo. — Mas quando a terra tremeu... parecia que o mundo ia acabar.

Paul chega bem perto de mim em dois passos e me aperta contra seu peito. Eu abraço ele com força, grata por esse gesto de conforto e pelo seu amor.

Apesar dos votos sagrados que nos mantêm separados para sempre nessa dimensão, o amor do reverendo Paul por mim é muito puro. Simples. Ele não questiona o porquê de gostarmos um do outro. Ele não exige que a base matemática da realidade funcione em favor do nosso relacionamento. Ninguém o torturou, ninguém fragmentou sua alma. Ele permanece inteiro, e seu coração é meu.

Eu me imagino correndo loucamente pelo multiverso, mundo após mundo, até encontrar um no qual sabemos nos amar, no qual ninguém está atrás de nós, e no qual ninguém está tentando nos separar. Tudo o que pode acontecer vai acontecer, então deve existir um mundo assim em algum lugar. Um mundo perfeito, onde Paul e eu consigamos fazer tudo dar certo.

— Você ainda está com medo? — sussurra ele próximo à minha testa.

— Sim — admito. Até agora, já entendi que, mesmo na pior das hipóteses, esse cenário não vai me matar. Se houver algum tipo de aviso a respeito do colapso dessa dimensão (e teria que haver um, certo?), bem, eu ainda tenho o Firebird. Posso não conseguir saltar para onde a do mal está, mas sempre posso voltar para casa, ou para uma outra dimensão totalmente diferente.

Mas estou com medo por ele, pelo reverendo Paul. Pelas versões daqui dos meus pais, que estão observando planetas por um telescópio pela primeira vez. Pela Capela Sistina que merece ser terminada. E por essa Marguerite, também.

Já falhei com duas outras versões de mim mesma. Não quero falhar com um universo inteiro.

— Parece que os tremores acabaram. — A voz dele é tão doce e tão forte ao mesmo tempo. — Você sabe que não pode ficar aqui.

Mas se o meu Paul aparecer, é possível que tenhamos que nos achar meio às pressas. E como se faz isso em um mundo medieval no qual a noite é absurdamente escura?

— Você tem que vir até mim quando puder, ok? Venha à minha casa. Meus pais não vão dizer nada a ninguém. Eles entendem.

O reverendo Paul parece hesitante, mas depois de alguns instantes concorda.

— Você acredita — sussurra ele em meu ouvido. — Você finalmente acredita que estou disposto a deixar a igreja por você.

A ansiedade nos olhos dele é linda e dolorosa ao mesmo tempo. Mesmo nesse mundo, com toda a Igreja Católica Romana atrapalhando, nós dois encontramos uma maneira de ficar juntos.

— Tem certeza? — pergunto, as mãos entrelaçadas nas dele.

— Mais certeza do que jamais tive a respeito de qualquer outra coisa. Foi Deus que me levou à Igreja, mas ele não me deu o dom da castidade. Então, me parece que não fui feito para ser padre. Minhas orações me fazem acreditar que Deus me trouxe a Roma para que eu pudesse conhecer você.

A fé dele no nosso destino me deixa sem ar. Se o meu Paul também pensasse assim...

Não quero roubar um momento que deveria ser da Marguerite daqui, mas acho que o mundo pode acabar. Mesmo que ela nunca consiga um beijo dele, ele tem que consegui-lo pelo menos uma vez.

E talvez eu esteja me dando a chance de dar o último beijo em Paul.

— Vem cá — sussurro enquanto deslizo as mãos pelo rosto dele. Ele não se mexe, mas também não me afasta. Aproximo meus lábios dos dele. Nosso primeiro beijo é uma tentativa: gentil em um primeiro momento. Até que algo parece pegar fogo dentro dele.

Ele abre mais a boca, só um pouquinho, o suficiente para prender os meus lábios nos dele. E, com um gemido, Paul me puxa para mais perto, até que finalmente estou de novo no conforto de seus braços. Seguro as vestes dele com as mãos enquanto ele me beija com mais força, até que o calor febril que sentimos é tão apaixonado quanto qualquer momento que dividi com o meu Paul, em qualquer mundo.

Quando o beijo é interrompido, ele parece estar sem ar. Eu espero que ele se desculpe, como sempre faz. Em vez disso, ele endireita os ombros e parece determinado.

— Eu vou procurá-la em sua casa. Nada vai me manter longe de você, Marguerite.

— Espero que não. Espero que tudo seja lindo daqui por diante.

Por favor, não me deixe ter estragado as coisas para esses dois. Por favor, faça com que a deixa do terremoto tenha sido uma coincidência. Por favor, não me deixe estragar o mundo desses dois.

— Rezei por esse momento por muitos meses. Nos últimos dias, quando decidimos não nos ver mais, achei que encontraria paz interior. Em vez disso, a paz parece mais distante de mim do que nunca. — O reverendo Paul não compreende a verdadeira natureza do medo que me persegue. Ele apenas passa a mão pelos meus cabelos. E ele não parece um cara tentando dar desculpas para dormir com a garota. Ele sorri como quem teve uma revelação divina. — Minha alma encontra conforto apenas quando estou com você, Marguerite. O que for preciso fazer para ficar com você, mesmo que signifique sair da igreja, é o caminho que devo seguir. Nada mais vai nos separar. Nada nesse mundo.

Sinto as lágrimas escorrerem do meu rosto. Tento piscar para fazer com que parem, mas é inútil.

— Que bom — respondo em um sussurro. Se esse universo sobreviver, mais uma Marguerite e um Paul vão ter a chance de serem felizes.

Por enquanto, só preciso pensar em alguma maneira de ficar com ele até que o meu Paul consiga chegar nesse universo e explicar o que está acontecendo...

É nesse momento que um cachorro lá fora começa a latir loucamente, o barulho ecoando pelos vitrais quebrados. A princípio fico irritada, mas logo em seguida me lembro de que cachorros sempre conseguem pressentir terremotos. Os cientistas ainda não sabem prever quando eles acontecem exatamente, nem mesmo com todos os diplomas e instrumentos de medição e os prêmios Nobel. Mas cachorros sempre sabem.

Dessa vez, o tremor balança o castelo todo, e quase derruba Paul e eu no chão. As janelas que estavam inteiras começam a estilhaçar. Cubro a cabeça com as mãos quando cacos de vidro voam em todas as direções. Paul me empurra com força para o lado, e fico sem entender o porquê, até que vejo que os suportes das velas estão caindo justamente onde a ponta da minha roupa estaria. Ficamos ali, abraçados, enquanto mais coisas continuam a cair por pelo menos dois ou três minutos — o que, para um terremoto, é tempo para caramba.

Finalmente, os tremores param, mas eu continuo a tremer.

— Tem alguma coisa errada — falo baixinho, enquanto continuamos agarrados sobre o chão de pedra. — Isso não é só um terremoto.

— Tem razão. Tem alguma coisa a mais — responde, me surpreendendo. Será que ele vai colocar a culpa no nosso beijo pecaminoso? Não. Em vez disso, ele aponta para uma das janelas e meu olhar segue a linha do seu dedo, pelo vitral quebrado e até a lua lá fora, que está ainda mais apagada por conta de toda a escuridão.

— É só um eclipse. — Depois de tudo, isso é bastante desanimador. — Eclipses não são sobrenaturais, você sabe, não é mesmo? Não tem a ver com Deus estar irritado ou algo assim. Pode perguntar aos meus pais.

Ele me olha, atento.

— Eu sei disso, é claro — responde de forma educada, mas pelo tom de voz dele compreendo que essa dimensão é avançada o suficiente para que ele não ache que um demônio está comendo a lua. — Mas não havia previsão de eclipses para hoje, havia? Ou seus pais teriam avisado à Vossa Santidade.

— Talvez eles tenham avisado e eu não sei. — Mas me lembro de que meus pais estavam animados para observar Júpiter essa noite. Até onde sei, essa era a grande atração da noite. Será que eclipses são tão mundanos assim, de modo que eles não ligam mais quando acontece?

Ou será que essa escuridão crescente no céu evidencia que meus maiores medos estão se tornando realidade?

Ouvimos gritos vindos do corredor, o que significa que as pessoas estão em pânico. Paul pressiona os lábios contra minha testa, um beijo rápido.

— Preciso ir falar com os outros e entender se foi um erro do calendário ou se...

— Vai. — Dou um beijo de volta, mas nos lábios dele. — Mas vá para a casa dos meus pais assim que puder, tudo bem? Assim que tiver a chance.

Ele segura minha mão e a aperta contra seu peito. Não sinto o Firebird, só os batimentos acelerados do seu coração.

— Sempre — responde ele. — Sempre, Marguerite.

Ele sai correndo da capela enquanto levanto e tiro a poeira das minhas roupas. Apesar dos meus medos, tento me manter calma. Pensar em alternativas racionais. A escuridão lá fora pode ser apenas um sinal de que as nuvens estão prevendo um temporal. Ou pode ser que meus pais estivessem tão animados com seus próprios assuntos que esqueceram de avisar à Papa Martha III a respeito do eclipse — o que seria bem a cara deles.

São muitas possibilidades. Ainda assim, ouço uma voz dentro de mim repetindo como um mantra: *Eu posso saltar quando eu precisar*. O peso do Firebird contra meu peito nunca foi tão reconfortante.

Enquanto ando na direção da porta da capela, me pego pensando na última vez em que estive aqui. Todas as chamas das velas se moviam de maneira uniforme. Os vitrais estavam intactos, como se desenhasses figuras espetaculares na luz com aquelas molduras de ferro forjado. Agora, tudo está quase em ruínas. Não posso deixar de pensar no meu amor pelo Paul esparramado naquele chão, junto a todas as outras coisas quebradas e abandonadas.

Saio correndo do Castelo de Santo Ângelo e descubro que os guardas não estão mais no portão. Em vez disso, estão junto com a multidão de pessoas na colina, todos olhando para o céu, apavorados. Levanto a cabeça e vejo que a lua simplesmente desapareceu; e que, agora, em círculos em torno dela, as estrelas estão desaparecendo uma a uma.

E lá se foi minha esperança de que isso fosse um eclipse.

Meu Deus, penso. É agora. É agora mesmo. Se Paul não chegar logo com alguma solução, acho que o Romaverso vai morrer.

No momento em que penso isso, alguém passa por mim e me derruba com força no chão.

O chão de pedra machuca minha pele. Sinto o sangue escorrer da minha bochecha, ralada, mas não estou me importando muito com isso. Empurro o chão com as mãos e fico de joelhos, sem ligar muito para as pessoas

desesperadas que passam por mim. Até porque elas têm razão em se desesperarem.

É nessa hora que sinto uma mão agarrando minhas roupas. Com o choque inicial, deduzo que algum babaca esteja tentando me assediar, o que seria apavorante, não fosse o apocalipse que estamos prestes a vivenciar. Levanto a mão já pensando em bater em quem me puxou quando vejo que é Romola, se levantando.

E ela está segurando meu Firebird, um igual ao que ela está usando no pescoço.

— Me devolve isso! — Jogo o corpo em cima dela, e ela me empurra para o lado. Caio de novo no chão e rolo para longe do alcance dela. — O que você está fazendo?

— Completando um experimento. — Ela sorri, contente. — Não sabíamos se ia funcionar. Mas parece que deu certo.

A terra treme mais uma vez, o suficiente para me lançar ao chão. Romola se mantém de pé, se apoiando em seu cajado.

Se ela acha que esse pedaço de pau vai protegê-la para sempre, está muito enganada. Eu não sei quanta força ela tem, ou quanto ela pode me machucar. A única coisa que me importa é colocar as mãos naquele Firebird.

— Como você foi capaz de fazer isso? — pergunto isso enquanto recupero o equilíbrio. — Como podem destruir um universo inteiro?

— Eu não fiz nada — responde ela. — Você que fez.

Do que você está falando? Quero protestar. Isso é impossível. Eu não fiz nada para destruir esse universo. Jamais faria!

Mas começo a repassar o dia de hoje em minha cabeça. Repasso na memória a primeira vez que a encontrei, o que me deixou mais alerta, mas não o suficiente. O momento, no Vaticano, em que Papa Martha tirou o Firebird de mim.

— Você tirou ele das mãos da papa — digo a Romola enquanto nos olhamos, de pé, ali sob aquele céu cada vez mais escuro. As tochas ainda estão queimando ao nosso redor. São a única fonte de luz do momento. — Você encostou nele. Deve ter feito alguma coisa com os controles... algo que...

— Garantiria que você iniciasse a destruição desse universo na primeira vez que tentasse saltar daqui? Isso mesmo. Eu dei sorte. Achei que ia ter que drogar você e roubar o Firebird do seu pescoço enquanto você dormia... mas no meio de toda aquela intervenção papal e a sua primeira tentativa de sair logo daqui... eu diria que foi bem mais rápido do que eu imaginei que seria. — O sorriso dela é tipo os de capa de revista de noivas. Não combina muito com o fim do mundo. — De fato, sabíamos que isso só poderia funcionar em uma única ocasião. Assim que você descobrisse, não daria

para te enganar de novo. Mas parece que agora não precisamos mais nos preocupar, não é mesmo?

Não estamos mais falando sobre destruir o Romaverso. Esse é o plano da Tríade para me matar.

Por sorte, é um plano bem idiota. O plano doentio do Escritório Central de salvar Josie me ensinou o que acontece quando alguém está dentro de um universo na hora em que ele é destruído.

— Se esse universo for destruído, a minha consciência vai voltar para casa. O que significa que eu posso voltar a seguir você assim que pegar outro Firebird.

Seja lá quanto tempo isso levar.

Romola começa a gargalhar, o que parece ainda mais assustador em contraste com o desespero das pessoas à nossa volta.

— É isso que aconteceria com quase qualquer viajante. Até mesmo com um viajante perfeito, depois de ter a alma fragmentada. Ou não poderíamos salvar Josie. Mas um viajante perfeito com alma intacta... é outra história.

Como é?

— Do que você está falando?

— Você está acostumada a ser privilegiada. Sente-se confortável em meio aos seus talentos. Tudo é tão mais fácil para um viajante perfeito... — Ela faz uma cena estudando o Firebird, o prêmio que ela está esfregando na minha cara. — É que os viajantes perfeitos se envolvem mais com as dimensões que visitam. Mas, veja bem, existe um preço a pagar por isso. Você fica tão conectada com cada universo que consegue ter algum controle sobre ele... tão conectada que, sem o seu Firebird, quando esse universo explode...

Ela para de falar, me fazendo imaginar o resto da frase. Sinto o pânico subir pelo meu corpo enquanto entendo o que ela está tentando dizer.

— Se esse universo morrer, eu morro junto — completo antes.



ROMOLA BALANÇA O FIREBIRD PARA A FRENTE E PARA TRÁS, como um pêndulo hipnótico, me provocando.

— Eu estou em poucas dimensões úteis. E o sr. Conley raramente me deixa fazer algo importante. Acho que isso vai mudar a partir de agora, não é?

Bilhões de pessoas prestes a morrer e essa idiota está preocupada com a própria ascensão profissional. Nem a minha própria sobrevivência parece importar se compararmos ao que está acontecendo, mas estou disposta a lutar pelas nossas vidas. Fecho os punhos, pronta para dar um soco na cabeça dela, esfaqueá-la, algo do tipo.

— É a sua última chance, Romola. Me devolve o Firebird.

— Última chance — ela imita minha voz. — E você perdeu.

Ela derruba o cajado e vejo que ela está prestes a tocar no próprio Firebird, provavelmente para saltar deste universo. É quando me jogo em cima dela...

... E dou de cara no chão, porque ela desvia.

Levanto do chão desesperada, olhando à minha volta. Não consigo mais vê-la em meio ao caos. Achei! O vestido longo de veludo amarelo é inconfundível mesmo em meio a tanta gente. Corro colina abaixo, ignorando os cortes no rosto e nos braços, o sangue, desesperada para alcançá-la. Em meio à multidão, perco ela de vista de novo, vejo mais uma vez, depois perco de novo. Por fim, consigo mais uma vez encontrar o vestido amarelo, me concentro na imagem e começo a correr. Quando a alcanço, seguro-a pelos ombros e viro até que ela esteja de frente para mim.

— Me devolve. Agora — falo, quase rosnando.

— O que você quer de mim? — O sorriso desapareceu e foi substituído por terror, puro e simples. Sinto um nó na garganta quando percebo que ela não está segurando um Firebird, nem vejo um cordão em seu pescoço. Essa é a Romola daqui, desse universo. A que há pouco tinha sido invadida pela sua viajante correspondente.

— O que você acha que eu fiz? Eu juro, essas coisas que estão acontecendo no céu... não tenho nada a ver com isso!

— Eu sei — respondo, me afastando dela. — Eu sei.

Romola saltou dessa dimensão, levando o Firebird dela e o meu.

O que significa que estou presa aqui, no fim do mundo, sem chance de fugir.

Caio no chão de joelhos. O choque é tanto que não consigo nem gritar.

Eles precisavam de um viajante perfeito para destruir um universo, penso, estupefata. Eles conseguiram.

E agora vou morrer mais longe de casa que qualquer pessoa já morreu. Não há nada, nada que eu possa fazer. Sem o Firebird, não tenho poder algum. Estou presa em um mundo prestes a acabar.

Paul — o meu Paul — ainda pode me salvar. É o único que pode. Mas, para fazer isso, ele já teria que ter terminado de testar o plano de proteger uma dimensão contra a sua destruição, colocado o plano em prática em três outras dimensões, a pedido meu, e vindo para cá. Quantas horas será que ainda restam para o Romaverso?

Calma. Não. Meu coração fica pequenininho quando entendo que Paul não tem como me salvar. Ele vai chegar nessa dimensão com um Firebird apenas: o dele. E eu o conheço muito bem a ponto de saber que ele o colocaria no meu pescoço e me deixaria sobreviver às custas da própria vida. Também sei que eu jamais deixaria isso acontecer.

Não existe saída para mim.

Escuto mais um grito de horror. Pessoas desmaiando ao meu redor.

Começo a prestar atenção nos olhares de pavor, todos olhando para o castelo de Santo Ângelo.

Parece que ele está... derretendo.

Literalmente. Derretendo. Os tijolos de pedra brilham com calor e depois parecem amolecer, caindo uns por sobre os outros. O castelo está se transformando em um vulcão diante dos nossos olhos. Até onde sei, o reverendo Paul ainda está lá dentro.

— Paul! — Eu dou um grito. — Você tem que sair daí! Paul!

Vejo dezenas de padres e guardas saindo, mas de onde estou não consigo distinguir mais que suas silhuetas correndo por uma saída muito distante de mim. Para o restante das pessoas, eu diria que é tarde demais. A lava

começa a escorrer colina abaixo, irradiando um calor escaldante em forma de ondas, e pouco depois todo o Castelo de Santo Ângelo desmorona sobre si.

Meu grito parece indicar que algo foi arrancado de mim. Como se não restasse mais nada dentro da minha pele agora que não consigo mais alcançá-lo.

A lava agora é uma enorme onda, rápida, vindo na nossa direção. As pessoas começam a correr, desesperadas. Depois de uns instantes, começo a correr também. As lágrimas embaçam minha visão, mas não importa o que eu vejo, não importa para onde estou correndo: mesmo que o reverendo Paul não tenha morrido no colapso, nós jamais nos encontraríamos novamente. Pensar nele, tão doce, tão gentil, morrendo naquele inferno derretido por minha causa... Eu preferia morrer no lugar dele, se isso fosse possível. Não importa se fui enganada por Romola e pela Tríade; eu devia ter sido mais esperta. Mais forte.

Pode ser que ele tenha escapado, penso. Mas isso parece ainda pior. Se o reverendo Paul ainda estiver vivo, vai morrer junto com esse universo. E já sei que vai ser uma morte horrível.

Preciso me jogar no chão e deixar a lava me consumir. Mereço saber como as pessoas do castelo se sentiram ao morrer: queimadas até os ossos. Vou morrer de qualquer forma. Só o meu Paul poderia ter me salvado, e quaisquer que sejam as chances que eu já tive de ser salva, elas se foram junto com o Castelo de Santo Ângelo. Se eu deixar a lava me pegar, o terror vai acabar.

Mas continuo correndo. Ainda que meu cérebro saiba que é inútil, um pedaço de mim continua repetindo: Viva. Viva. Viva.

As pessoas correndo à minha frente de repente param, o que me faz bater com força nas costas de alguém. A pessoa me empurra com violência, o que eu não compreendo até que vejo outra pessoa fazer o mesmo a poucos metros de mim, e dessa vez a pessoa da frente cai. E cai dentro de uma cratera gigantesca que se abre diante de nós. Parece estar aumentando, mais e mais, engolindo a mulher que caiu. O grito dela ecoa por segundos.

— O rosto de Satã está se revelando! — grita uma pessoa. — O julgamento final está próximo!

As pessoas começam a correr para os lados, que é o que podemos fazer agora. HorrORIZADA de medo e culpa, corro até a borda da cratera e olho para dentro dela. É impossível ver o fundo, um abismo infinito que se abre como a boca de um monstro enorme. Lá no fundo, um brilho muito fraco; deve ser o núcleo do planeta.

Meus pais tinham que ver isso, penso, paralisada. *Ia ser mais fácil explicar sobre as placas tectônicas. Eles entenderiam se eu pudesse mostrar o centro do planeta. E aí eles estariam aqui, comigo. Eles devem estar assustados. Queria que estivessem aqui. Queria tanto meus pais aqui comigo...*

— Tenha coragem! — grita alguém. — Eu a encontrei! Podemos ser salvos!

Reconheço essa voz. É o maldito Wyatt Conley.

Quando me viro para confirmar, vejo o homem de pé diante de mim, usando vestes vermelhas, uma tocha na mão. Nesse mundo, ele é o cardeal Conley, e tenho certeza de que é apenas a versão daqui do Romaverso. Nenhum Conley da Tríade seria imbecil o suficiente para visitar um universo em colapso.

— Essa é a garota! — O cardeal Conley aponta para mim com o dedo trêmulo. Seu rosto e suas roupas estão sujos de fuligem.

Atrás dele, mais de vinte pessoas, muitas delas padres, mas a maioria cidadãos comuns, todos apavorados e com os olhos arregalados, assim como os meus devem estar.

— Duas semanas atrás essa menina declarou que achava estar possuída por um espírito maligno! Os pais feiticeiros dela usaram seus rituais para convencer a Sua Santidade de que ela estava apenas doente, mas eu sabia que era um demônio de verdade!

Nem sei o que dizer em resposta a isso. A Marguerite do Romaverso deve ter mesmo acreditado nisso. De que outra forma uma pessoa de uma realidade medieval compreenderia minha visita de outro universo? No entanto, nenhum demônio maligno enfrenta destino pior que esse meu.

— Eu disse que o demônio tinha que ser exorcizado! — insiste o cardeal Conley. Seu rosto está muito suado. Não tem nada nos olhos dele de pedante, louco por poder, conspirador. Ele só sente muito medo, terror, e quer vingança. — Ninguém me ouviu! E agora o demônio nos trouxe o inferno na terra!

As pessoas gritam, concordando com ele. Eu fico ali, parada, na ponta da cratera, esperando para ver se ele vai me empurrar. Se o fizer, quanto tempo vai levar até eu atingir o fundo?

Conley se aproxima de mim, com olhos de louco, brilhantes.

— Ainda temos uma chance! Se destruímos o demônio agora, enviando-o para baixo da terra, pode ser que Deus nos poupe!

Algo dentro de mim me tira do estupor e do desespero que sinto. Tenho certeza de que é raiva.

Estou viva de novo. É isso aí. Vou morrer aqui, sei disso. Mas quero que caia um raio na minha cabeça se a última pessoa que eu vir nessa vida for Wyatt Conley.

— Sim. Destrua o demônio! — Fecho os punhos com força. Quando dou um passo adiante, o cardeal Conley recua como uma barata assustada. — Mas sabe onde o demônio realmente está? Você acha mesmo que o diabo iria se dar o trabalho de usar uma menina qualquer para fazer seu trabalho na

Terra? Eu sou uma pintora. Uma aprendiz! Não tenho o poder que Satã deseja. Sabe quem tem? Um cardeal!

— É mentira dela! — grita Conley, rapidamente. — O diabo fala com a língua bifurcada...

— Eu estava possuída por um espírito do mal, mas ele não contou a história completa para vocês! O cardeal escondeu a verdade de todos vocês! — Que delícia gritar com ele. — O espírito foi expulso do meu corpo, e imediatamente depois eu revelei tudo! A Sua Santidade, a papa, sabia que minha alma estava limpa! Só que mais alguém estava possuído naquele dia! Alguém que até agora não consegue se lembrar do que aconteceu com ele, que perdeu a memória por horas! Alguém que nunca se apresentou para a papa para ser julgado!

Mesmo sob a fraca luz da tocha, sei que a cara de Conley está pálida como neve. Eu não tinha certeza, é verdade, a respeito de como ele estava lidando com a amnésia que deve ter tido depois que o Conley do Triade-verso veio aqui. Mas sei que, sem o orgulho, a riqueza e o status, ele é apenas um covarde. Então, era fácil deduzir que ele mantém esse lapso em segredo. E cada linha de expressão do rosto dele comprova que minhas palavras dizem a verdade.

A multidão também vê. As pessoas começam a sussurrar entre si e a expressar descontentamento, e a raiva que sentiam de mim passa a ser canalizada para o cardeal Conley.

— Estou mentindo? — grito para ele. — Então, prove! Diga para mim sobre o que conversamos da última vez em que nos vimos no Castelo de Santo Ângelo! Ou você não se lembra?

Ele abre a boca e logo depois a fecha. Parece um peixe tentando respirar fora d'água.

— Ele é o demônio! — Eu aponto para o cardeal, que agora está trêmulo. — Ele é a razão pela qual vamos todos morrer! Ele é o assassino desse mundo!

A multidão corre na direção dele, pronta para atacá-lo. Conley foge deles, apavorado, e tropeça no chão. Por alguns instantes vejo um ponto vermelho em meio à escuridão, até que o brilho febril lá no fundo apaga até mesmo aquele resquício dele. Agora, o grito de Conley vai ecoar até chegar ao inferno.

Enquanto as pessoas com as tochas comemoram, acreditando terem salvado toda a criação, saio de fininho pela parte do chão que ainda está intacta. O solo está tremendo sem parar agora, mas todos já parecem ter se acostumado com o tremor. Ignoro o cascalho que machuca meus pés, o sangue no meu rosto e nos meus membros, os cortes que nunca serão tratados. Nada disso importa. Nada mais importa.

Se não há nada mais a fazer além de aguardar pela morte de uma dimensão, quero pelo menos fazer isso bravamente.

Quando encontro uma pedra enorme em uma área da colina na qual não tem tanta gente, subo nela para poder olhar o céu com mais calma. A lua reapareceu, mas parece quatro vezes maior, como se quisesse devorar o horizonte. Em torno dela, as estrelas brilham e giram em tons de laranja e ouro. É um cenário que Van Gogh poderia ter pintado em seu frenesi suicida terminal.

Os rostos daqueles que me derrotaram aparecem na minha memória, como se fosse agora: Conley, Romola, o Theo do Triáde-verso. Mas me recuso a deixar que essas pessoas dominem meus pensamentos nos meus últimos momentos de vida. Não há mais lugar para eles na minha mente. Não há mais tempo para ninguém exceto aqueles que mais amo.

Penso na minha mãe cantarolando para as plantas enquanto as rega. No meu pai sentado à mesa de arco-íris, tomando chá Earl Grey na caneca dos Beatles. Em Josie escorregando na minha frente no toboágua quando éramos pequenas, levantando os braços e gritando a caminho da queda final. Em Theo — o meu Theo, o Theo real —, no dia em que ele me levou para passear pelo litoral no carro possante dele, e ouvimos The Kills no volume máximo com as janelas abertas para sentir o vento nos cabelos.

E sempre Paul, de tantas maneiras, em tantos mundos. Penso na versão dele do Egitoverso, com as roupas de arqueólogo e a timidez gentil, e no do Mafiaverso, tão selvagem e frio e ao mesmo tempo tão vulnerável, disposto a mostrar suas tatuagens e suas fraquezas a uma completa estranha só para ter a chance de ser visto. O Paul do Guerraverso, que me queria tanto que não deixou de gostar de mim nem quando eu o traí. O cara do Cambridgeverso que cometeu um erro idiota e agora vai se culpar pelo resto da vida. E o meu amado tenente Markov, dançando a valsa comigo no Palácio de Inverno, esperando por mim no Salão de Páscoa, fazendo amor comigo no meio de uma tempestade de neve...

Nem tento secar as lágrimas que escorrem no meu rosto. Só penso em Paul, que foi meu por tão pouco tempo. Aquele cara grande, forte e tímido que se encolhia para passar por portas pequenas demais para ele, com roupas de brechó e aquele corte de cabelo barato. Que fez lasanha comigo no último dia de ação de graças e que riu quando tentamos impedir que a massa embolasse. Que conhece todas as peças de Rachmaninoff, mas não saberia reconhecer Beyoncé nem se ela estivesse na cara dele. Que desistiu de tudo que já ganhou e arriscou a própria vida para me proteger. Que me observou pintar e me disse que eu sabia ver as pessoas como elas realmente são.

Mas foi você que eu nunca vi de verdade, eu entendo agora. Só quando já era tarde demais.

— Marguerite!

Viro para trás e vejo a escuridão completa. Estou sonhando? Não.

É ele. É o reverendo Paul, correndo na minha direção.

Sinto um soluço de choro escapar da garganta. Ele conseguiu se salvar da destruição do Castelo de Santo Ângelo só para morrer com o resto de nós. Talvez eu devesse ter desejado para ele uma morte mais rápida, sem que ele sentisse medo ou desespero.

Mas não: sou egoísta. Sou inferior. E preciso de Paul agora mais do que jamais precisei.

Tento correr na direção dele, mas os tremores estão ainda mais fortes agora. Tudo que consigo fazer é seguir não mais que dois metros de distância entre nós antes de cair novamente no chão. Parece, olhando daqui, que ele também está com dificuldade para chegar a mim. Mas não paramos. Continuamos a correr, rastejar, tentando de todo modo agarrar aquela última chance de morrer um nos braços do outro.

É possível ouvir gritos ao fundo enquanto a luz acima de nós parece se intensificar. Eu olho para cima e vejo o céu se abrindo, como se fosse feito de tecido e o tecido estivesse, aos poucos, sendo rasgado por garras flamejantes. Não faz muito sentido, eu sei, mas talvez as leis da física estejam começando a se dissolver junto com todo o resto. Como se a gravidade pudesse sumir a qualquer momento e fôssemos puxados em movimentos espiralados, para aquele céu convalescente.

Só preciso chegar até ele, penso. Ou melhor, rezo. Não parece haver muita diferença entre as duas coisas no momento. Se eu conseguir ao menos isso, consigo encarar o resto. Preciso alcançá-lo.

Fico de pé mais uma vez e o tremor diminui, talvez por alguns segundos, mas é tudo de que preciso. Corro o mais rápido que posso e vejo Paul tentando correr na minha direção também. Nos encontramos. Nos abraçamos. Estou rindo e chorando ao mesmo tempo.

— Conseguimos, conseguimos!

É quando consigo sentir algo no peito dele: o contorno do Firebird. Puxo o cordão para fora e vejo que ele não está usando apenas um, mas dois Firebirds.

— Como você sabia? — pergunto, sem conseguir acreditar no que estou vendo. — Você não tinha como saber!

— Vamos sair daqui primeiro — responde ele, com a praticidade de sempre, e tira um dos Firebirds do pescoço, pronto para colocar em mim.

Eu continuo incrédula.

— Você veio até aqui para me salvar, não acredito...

Minha voz falha quando foco o olhar o medalhão dele com mais atenção. Não sei o que é exatamente, mas tem algo de errado. Não é um dos nossos.

Muito além do choque, estou perplexa.

Esse não é o meu Paul. Quem diabos é esse?

— Marguerite, por favor — diz ele, tentando colocar o Firebird no meu peçoço. Levanto as mãos para impedir. Aonde essa pessoa quer me levar?

— Se você não é o meu Paul, quem é você?

Ele me olha com os mesmos olhos acinzentados de sempre.

— Outro Paul que te ama.

Eu não entendo. Eu devia acreditar nele? Tenho escolha?

Tenho. Na última vez em que alguém do multiverso tentou me enganar, no caso Romola, o resultado foi a destruição de uma realidade inteira. Não posso deixar isso acontecer de novo, nunca mais. Mesmo que isso custe a minha vida.

O chão começa a tremer de novo. Prédios à nossa volta estão desaparecendo, sendo engolidos pela cratera que leva ao centro da Terra. Dá para ouvir um grunhido baixo, grave, vibrante, que emana lá de baixo. O grito de morte de um planeta.

— Por favor! — grita ele por cima do barulho. — Confie em mim, Marguerite. Acredite em mim.

E eu acredito.

Abaixo a cabeça e deixo ele colocar o Firebird. Ele me abraça com força para nos dar mais firmeza em meio aos tremores.

— Segure o Firebird e aperte os controles quando eu disser “já”. Pronta?

— Sim.

Vejo linhas de fogo em espiral diante de nós, subindo ao céu em uma explosão apocalíptica. Fumaça e enxofre exalam das fendas da terra. William Blake não teria imaginado tão bem esse inferno.

— Já! — grita ele, e eu salto, deixando o fim do mundo para trás.



CAIO DE VOLTA EM MIM E ME ESCORO EM UMA PAREDE. Tremendo, cruzo os braços em volta do corpo, me abraçando, respirando fundo. Estou viva. Eu consegui.

Paul — seja lá qual versão dele fosse aquela — me resgatou de um mundo em colapso e me trouxe para cá. Mas onde estou?

Bom, onde quer que seja, tem gravidade, o céu não está se abrindo e puxando todas as coisas para ele, não tem nenhuma cratera com lava... então, tudo bem.

Estou dentro de algum lugar. Não tem chuva nem vento aqui, nenhuma chama maldita. Tem luzes acesas. Não estou sentindo dor. Nunca na vida tive a sensação tão clara de que isso é tudo de que todos precisamos. Todo o resto é secundário.

No entanto, ainda preciso entender exatamente onde estou. E por que estou aqui.

Minha atenção se volta, inicialmente, para o Firebird no meu pescoço. Ele tem um corte mais grosseiro no metal, como se fosse menos trabalhado que a versão feita pelos meus pais. O cordão é mais curto, também, porque a corrente é mais compacta, com elos menores e mais grossos. Até o peso é diferente: esse é mais pesado, tanto o medalhão como a corrente. É a criação de qual universo?

Dou uns passos para o lado e olho à minha volta. Primeiro, vejo uma cama, um estrado simples de metal com lençol preto liso, e ao lado uma mesa de trabalho feita em madeira rústica, sobre a qual se apoia uma espécie de máquina de escrever antiga, só que dela sai um fio muito grosso preto que a liga à parede. No canto do cômodo tem um pequeno arquivo de metal. Com

base nessas informações e nos tubos de luz acima de mim, eu diria que estou em um escritório convertido em quarto. Mas por quê?

Uma porta. Tento abrir, mas está trancada. A princípio, penso que devo ter trancado alguém para fora, mas não é assim que as trancas funcionam. Alguém deve ter me prendido aqui. Por quê?

Começo a olhar para mim mesma. Não há muito a deduzir. Estou vestindo sapatos pretos meio pesados, uma saia azul escura lisa que vai até um pouco abaixo dos joelhos, uma camisa de botão de tecido vagabundo e... cabelos curtos dessa vez, um corte na altura das orelhas.

Tudo isso soa familiar.

Duas batidas na porta me dão um susto. Me ajeito rapidamente. Deve ser o meu captor.

— Pode entrar.

Paul aparece na porta. Ele está usando um uniforme militar que eu já vi antes. Olha para mim com uma expressão que muda rapidamente de alívio para o que ele deve pensar ser uma profunda calma.

— Você conseguiu.

— Estamos no Guerraverso — respondo. — Onde estive com Theo há algumas semanas.

— Você se lembra de mim? — Ele desvia o olhar do meu. — Não sabia se ia se lembrar.

— Não tem nem um mês que... — Minha voz falha. Ele não achou de verdade que eu já teria esquecido. Só achou que eu não me importava o suficiente para pensar nele de novo. Ou para pensar nele, ponto.

Quando Wyatt Conley fragmentou a alma de Paul, mandando cada parte para uma dimensão diferente como forma de chantagem para que eu topasse fazer o seu trabalho sujo, uma das farpas veio para cá. Ao mesmo tempo que o Guerraverso possui a tecnologia avançada que permite a criação de um Firebird, essa tecnologia avançada também foi convertida para uso militar. Essa nação, seja lá qual for, porque eu nunca descobri como se chama, está envolvida em uma poderosa guerra global, e tem sido assim há anos. A impressão que tenho do Guerraverso é de que parece algo como teria sido a Segunda Guerra Mundial — se ela tivesse durado uns cinquenta anos.

Conley me mandou para cá para sabotar o projeto Firebird desse universo, que estava prestes a se tornar um sucesso. Aqui, meus pais são cientistas militares de elite, e Paul é um dos pesquisadores que trabalha com eles. Josie é uma tremenda piloto de guerra... e Theo é o cara por quem me apaixonei no Guerraverso. Mas Paul gosta de mim, e percebi que podia usar isso em meu favor. Acreditando não ter outra opção, deixei que Paul me levasse para jantar na cidade, flertei com ele a noite toda e até dei um beijo nele nas ruas de São Francisco.

Nosso beijo acabou no momento em que ele reconheceu meu Firebird, eu estava perdida.

No fim, negocieei uma trégua: nós criaríamos uma evidência falsa de sabotagem ao mesmo tempo que daríamos ao Guerraverso os dados reais de que precisavam, e em troca disso recuperei meu Firebird. Mas, quando saí daqui, Paul estava com raiva e magoado por ter sido enganado por mim. Achei que ele fosse me odiar para sempre.

Em vez disso, ele arriscou a própria vida para salvar a minha.

— Obrigada — digo, baixinho. — O que você fez por mim... o significado daquilo...

— Não foi só por você — responde ele, me olhando nos olhos. — É pela Tríade, também. Vamos.

Eu vou andando até a porta.

— Aonde?

— Vamos ter uma reunião de equipe do projeto Firebird. — Ele abre caminho para eu passar, se esforçando para que nossos corpos não se toquem. — É hora de dizer a verdade a todos.

Pela maneira como ele diz isso, imagino que meus pais vão ficar tão decepcionados quanto ele. Mas, ao entrarmos na pequena sala de conferências no final do corredor, meus pais em seus uniformes militares duros e frios levantam os olhos de suas planilhas de trabalho e abrem um sorriso enorme.

— É a outra? — pergunta meu pai, com o mesmo tom de voz que imagino que usaria se visse um dia Paul McCartney na rua. — A Marguerite que nos visitou recentemente?

— Eu... hmm... sim, sou eu. — Não estou preparada para essa situação.

Minha mãe balança a cabeça sorrindo, como quem diz, “sua danadinha”:

— Por que não disse para nós quem você era? Teria sido maravilhoso conversar com você!

— Achei que ia ter que sabotar vocês — admito. — Não parecia um bom começo de amizade.

— Certo. — Meu pai bate com as unhas no tampo da mesa. — Mas você e o tenente Markov encontraram uma saída, não encontraram? E agora temos a tecnologia do Firebird e aprendemos a usá-la para o bem.

— Mas isso não foi na semana passada? — Sério mesmo, eu posso ter perdido a noção do tempo, em especial enquanto estava no espaço. Mas tenho quase certeza de que minha visita a esse universo não foi há tanto tempo assim. — Como vocês conseguiram desenvolver os Firebirds tão rapidamente?

— Por dois motivos — responde Paul. Ainda que eu já esteja sentada diante da mesa de conferências, ele continua de pé na porta, mais parecendo um guarda que um participante da reunião. — Primeiro, já estávamos muito próximos de concluir o projeto. Já tínhamos o material, já tínhamos a maior parte do conhecimento. Só precisávamos de um empurrão, que conseguimos com as informações cedidas pelo seu Theo Beck.

De fato, se já não estivessem próximos do sucesso, Conley não teria por que querer sabotá-los.

— Ok — digo. — Mas qual é o segundo motivo?

Meus pais trocam um sorriso, cúmplices.

— Bem, nos últimos dias temos tido umas conversas interessantes com outros que também já construíram seus próprios Firebirds.

— Outros? — Como assim? Tem mais gente no Guerraverso prestes a descobrir a viagem interdimensional? Isso parece impossível de acreditar. — Quantos cientistas estão trabalhando nisso por aqui?

— Não, não, querida, não aqui. — Meu pai suspira. — Temos conversado com nossas próprias versões de outros universos, incluindo o seu universo original.

Conversas entre dimensões? É claro, o Cambridgeverso! Eles estavam trabalhando nisso, e a última coisa que fiz por lá antes de saltar foi pensar em pedir para minha versão de lá que, por favor, ela tentasse alcançar as outras dimensões paralelas.

Parece que ela me ouviu. Eles me ouviram. E agora...

— Estamos unindo as nossas forças. — Sinto um sorriso surgir em meu rosto. — Estamos todos trabalhando juntos contra Conley e a Tríade.

— Exatamente. — Minha mãe se debruça sobre a mesa, tão orgulhosa de si que parece até um pouco metida. Mas ela tem razão em se sentir assim. — A contraconspiração para derrotar a Tríade já nasceu.

Mesmo que alguém soltasse todos os fogos de artifício da noite de ano novo nesse momento, o espetáculo não seria grandioso o suficiente para expressar o quão em êxtase estou me sentindo. Nós conseguimos! Nós estamos na frente da Tríade e de Wyatt Conley. Podemos parar de reagir e começar a agir.

E como eu sou uma das poucas viajantes perfeitas do multiverso, acabei de deixar de ser um peão para ser uma arma.

Ser uma arma parece muito mais legal.

— Podemos defender os universos agora — informa minha mãe. — Os experimentos conduzidos pelo Paul do Berkeleyverso...

Eu levanto a mão, fazendo um sinal de “pare”.

— Peraí. Berkeleyverso?

— Bem, universos diferentes precisam de nomes diferentes. — Meu pai diz isso com tal suavidade que você iria pensar que ele já viaja entre dimensões há meses. — Ajuda a organizar tudo, ainda mais agora que temos nos comunicado com outras versões de nós mesmos. Não dá para mandar uma mensagem para o “Henry” quando eu mesmo sou um deles, certo?

— A gente adotou a maioria dos nomes que você já tinha criado — completa minha mãe.

Ok, mas eu nunca ouvi esse nome antes.

— Mas que universo é o Berkeleyverso?

Paul cruza os braços na altura do peito e se apoia na parede.

— O seu.

— Mas... — Meu primeiro impulso foi o de dizer algo como “mas o meu mundo é o original!”, o que não faz nenhum sentido. Todas as dimensões são tão verdadeiras e válidas quanto qualquer outra. Nenhum universo é o centro. E agora que estamos nos comunicando, faz sentido que minha dimensão original precise de um nome também. Mas Berkeleyverso?

— Meus pais dão aula em Berkeley em vários universos diferentes.

Meu pai ergue uma sobrancelha.

— Eu poderia argumentar que muitos universos também têm guerras. Ainda assim, esse é o Guerraverso. Sophie e eu também damos aula em Cambridge em diversas realidades quânticas diferentes, mas só existe um Cambridgeverso. E ainda que todas as dimensões descobertas até agora tenham oceanos, você nomeou uma de Oceanoverso. Ou seja, minha querida, os nomes são completamente arbitrários e bobos, e não vale a pena pensar muito sobre isso.

— Verdade. — Vai ser difícil me acostumar com “Berkeleyverso”, mas vou lidar com isso no meu tempo.

— Como eu dizia — continua minha mãe—, os experimentos conduzidos pelo Paul Markov do Berkeleyverso indicam que podemos, na verdade, usar o Firebird para estabilizar uma dimensão e impedir que a Tríade a destrua. Até agora, dois universos foram salvos: um chamado de Espaçoverso, que foi onde primeiro entramos em contato com ele, e o Londresverso. — Ela franze a testa e olha para o meu pai. — São esses os nomes, Henry?

— Isso mesmo — respondo. Isso quer dizer que Paul manteve a palavra dele e protegeu esses mundos primeiro. As duas Marguerites mortas pela do mal e pela Tríade tiveram suas mortes compensadas, de certa forma, da única maneira que pudemos fazer. — E o Egitoverso?

— Ele está lá agora — responde meu pai. — É mais difícil construir um estabilizador lá, parece. Mas Markov está trabalhando nisso.

Saber onde ele está, e que está bem, me deixa mais tranquila. Sinto um alívio até certo ponto, quando o cheiro de enxofre me volta à mente.

— Mas... o Romaverso... ele não foi salvo.

— Quando finalmente conseguimos rastreá-la, já era tarde demais. — O sorriso do meu pai desaparece. — Mal tivemos tempo para que o tenente Markov fosse até lá te salvar. Aquele universo só durou mais noventa segundos.

Noventa segundos. Isso vai me causar pesadelos por muito tempo. Mas, pensando bem, que parte dessa história não vai me causar pesadelos? Me obrigo a focar no que meu pai disse que eu ainda não sabia.

— Vocês me rastream?

— A nossa dimensão estava na frente da sua em apenas um quesito: já tínhamos desenvolvido a forma como iríamos rastrear viajantes pelo multiverso, tanto os Firebirds como os padrões de ressonância individuais — explica minha mãe. — Uma vez que aprendemos a sua ressonância correta, passamos a determinar com precisão a sua localização. Aí vimos o seu Firebird sair do Romaverso sem você, o que nos pareceu um problema bem grave, para dizer o mínimo.

— Quando Markov percebeu essa irregularidade no sinal, entendeu que o universo estava em colapso — interrompeu meu pai. — E o resto você já sabe.

Minhas memórias são de quinze minutos atrás e já tenho dificuldade em acreditar nelas.

— Eu vi... garras abrindo o céu. E rochas derretendo como lava. Uma cratera se abriu no solo, e, quando olhei para baixo, dava para ver o centro do planeta... — Trêmula, cruzo novamente os braços em torno de mim mesma. — Aquilo não pode ser real.

— E não era. — O Paul do Guerraverso responde com um tom mais severo e proibitivo a cada nova frase. — A desintegração daquela dimensão foi um total colapso das leis da física. Não seria possível para o seu cérebro processar corretamente o que estava acontecendo.

— Humanos não têm capacidade para esse tipo de coisa — diz meu pai, gentilmente. — Parece que a sua mente artística deu um colorido mais metafórico, digamos, para compreender o que estava acontecendo ao seu redor.

Minha mãe cruza os braços.

— Henry, você já parou para considerar que, talvez, uma mente puramente lógica, ou puramente científica, poderia ter ficado assoberbada numa situação como essa? O próprio tenente Markov só aguentou dois minutos de exposição àquele caos. Talvez, se tivesse ficado mais tempo lá, ou se eu ou você tivéssemos que estar lá, teríamos tentado processar aquelas informações de maneira mais racional e chegado perto de um

surto... Poderíamos ter chegado perto da incapacidade de pensamento, da incapacidade de funcionar no curto prazo.

— Enquanto isso, a aptidão da Marguerite para símbolos e imagens a protegeu — completa meu pai. — Teoria fascinante.

— Não quero testar isso de novo, ok? — digo isso com voz de choro. Não consigo parar de visualizar o fim do Romaverso, violento, surreal. — Porque eu não quero nunca mais ver a morte de uma dimensão. E eu não apenas vi. Eu fiz aquilo acontecer. Fui eu.

Meus pais ficam imóveis. Paul se endireita, desencostando da parede.

— O quê?

Eu explico o que aconteceu. Tenho certeza de que vão me odiar por isso. Mas eles apenas se entreolham.

— Um ataque sujo, é o que isso foi — afirma meu pai, entre os dentes. — Ardiloso. Até mesmo para os padrões da Triade.

— Vai ficar tudo bem, Marguerite. — Minha mãe se debruça sobre a mesa novamente, para tocar meu braço. — Agora você já sabe com o que deve tomar cuidado. Não vão fazer isso com você de novo.

Espero que ela tenha razão.

— E agora? O que vai acontecer? Vou voltar para casa? Vou devolver o Firebird de vocês?

Eles se entreolham novamente.

— Nossa intenção é deixar esse Firebird com você — responde minha mãe. — É um sacrifício, porque ainda temos só esses dois, mas vale a pena. Você tem mais chances de salvar as outras Marguerites e de estabilizar os universos a tempo. Já rastreamos a Marguerite do Escritório Central...

— A Marguerite do mal — interrompo. — Chamem ela de do mal.

Meu pai ergueu as sobrancelhas em quase meio metro.

— Rastreamos a do mal até o próximo destino dela — continuou minha mãe. — Assim que ela sair de lá, você pode continuar a persegui-la.

Nesse momento, começamos a ouvir o alarme de alerta de perigo. Cubro os ouvidos com as mãos e meus pais e Paul olham para cima, seus rostos indicando terror. No instante seguinte, minha mãe segura meu braço com força e me puxa enquanto os três correm para fora da sala, deixando tudo para trás.

— O que está acontecendo? — grito em meio à buzina ensurdecidora.

— Evacuação de emergência! — Paul corre mais rápido que todos nós, chega na frente e abre a porta. — As tropas da Aliança do Sul estão chegando na área costeira!

Não faço ideia do que seja essa tal Aliança do Sul, mas, da última vez em que estive aqui, quase fui bombardeada pelos aviões deles.

— Eles estão invadindo hoje? Agora?

— Em breve. — Minha mãe permanece calma, ainda que esteja apertando o passo e me puxando com pressa. — Temos ordens de transferir o projeto Firebird inteiro para o porta-aviões *J. A. Quinteros* dentro de duas horas. E, nesse momento, Marguerite, o projeto inclui você.



A BASE MILITAR PARECIA CALMA E COM TUDO EM ORDEM, ao menos na seção em que estamos. No entanto, assim que saímos correndo daquela sala para começar a fuga para o *Quinteros*, caímos em um abismo de caos.

Veículos militares estão em todas as estradas. Soldados e marinheiros designados a ajudar na evacuação de materiais de guerra carregam caixas enormes de equipamentos. Os que não foram designados para isso estão, em maioria, correndo na direção dos veículos de fuga. Estou sentada no banco de trás de um jipe, entre os meus pais. O Firebird está balançando no meu pescoço por conta da estrada esburacada. Paul está ao volante e parece estar dirigindo sem nenhuma preocupação com a segurança das pessoas que estão dentro ou fora do veículo. Então, percebo que todos dirigem assim.

A luz do sol está mascarada por nuvens baixas, acinzentadas, o que parece estranho em São Francisco. Mas nem toda a escuridão do céu parece vir das nuvens: é como se uma cortina de fumaça cobrisse o horizonte, em várias direções, por milhas e milhas de distância e até chegar perto da gente. A fumaça não parece vir de um incêndio ou algo imediato; em vez disso, me lembra daquela fumaça que fica depois que um incêndio foi apagado na mata. E, por pior que seja ver o fogo consumindo centenas de acres de terra, parece ainda pior ver aquela fumaça toda vindo da cidade, talvez até de Berkeley. Quantas centenas de milhares de pessoas devem ter morrido?

No entanto, depois da destruição do Romaverso, não tenho mais energia para entrar em pânico. Em vez disso, me sinto um pouco adormecida com tudo à minha volta. Continuo em choque por ainda estar viva, e por ter sido salva pelo Paul desse universo.

O tamanho do porta-aviões não me parece absurdo por causa do *USS Midway*, que fica aportado permanentemente na minha versão da Baía de São Francisco. Mas o *J.A. Quinteros* intimida tanto quanto ele. Sobressai-se acima de todas as outras coisas e ocupa uma área bem longa. Entrar nele deve ser meio como escalar uma montanha. Meus pais começam a enviar alguns marinheiros para ajudar com o equipamento e com os arquivos pela rampa, enquanto Paul me leva para dentro.

— Você não devia estar ajudando com essas coisas supersecretas? — Aponto para os caras carregando caixas pesadas.

Ele me olha de lado e segura meu braço pelo cotovelo, com força.

— Eu estou fazendo isso.

Não me pareceu que ele estava tentando ser engraçado, mas agradei pelo alívio da tensão. Quando comecei a rir, o olhar dele pareceu um pouquinho menos severo.

Outro Paul que te ama, ele me disse em Roma.

— Marguerite! — ouço alguém gritar no meio da multidão de soldados atrás de mim.

Viro e vejo Theo no meio da confusão. O soldado Theodore Beck dessa dimensão. Ele está balançando o quepe do uniforme no ar, tentando chamar minha atenção.

De repente, não consigo mais respirar.

Tenho um flashback e de repente estou no Egito, presa no chão de uma tumba, os olhos cheios de lágrimas e meu pescoço sendo apertado com o meu próprio cachecol. E Theo chorando enquanto me matava estrangulada.

— Marguerite? — Paul chega mais perto de mim e afrouxa um pouco a mão do meu braço. — Está tudo bem? Você parece péssima.

Direto em qualquer universo, esse é Paul.

— Theo. Eu vi Theo — sussurro.

Ele franze a testa. Olha para mim, depois para Theo, que ainda está balançando o quepe no ar, pensando que ainda não o vi.

— E por que você não está feliz?

— Devem ter te contado que eu morri no Egito-verso. Aparentemente, não te contaram como.

— Não, mas o que tem a ver...

— Theo me matou. — Foram palavras duras de se dizer. A realidade continua dura demais para ser verdade. Eu sei que é verdade; jamais vou esquecer o terror e a dor que senti enquanto eu viver. Mas continua parecendo algo impossível, fora do campo do real. — Não esse Theo, nem o meu Theo. O Theo do Triáde-verso. Ele envolveu meu pescoço com o cachecol de renda que eu estava usando e me estrangulou até a morte. — Tento me acalmar. Por pior que isso seja para mim, sei que não fui a vítima

principal. — Eu saltei segundos antes de perder a consciência. Mas a Marguerite daquele mundo morreu segundos depois.

Paul dá uns passos para trás, como se ele mesmo tivesse sido atacado. Quando olha para Theo novamente, ele parece tomado por um ódio mortal.

— Como ele pôde... — Começa a xingar em russo e vira para o outro lado, tentando evitar olhar para Theo.

Enquanto isso, o coitado do Theo continua sacudindo os braços, fazendo arcos no ar com o quepe, desesperado para que eu o veja. Ainda que vê-lo me encha de pavor, sei que o medo que sinto é do outro Theo, o do Tríade-verso. Não desse daqui. Não do meu.

E o meu Theo merece que eu supere isso, assim como o Theo daqui merece a chance de se despedir da namorada. Se eu aguentar.

— Vou falar com ele — digo a Paul, determinada. — Temos cinco minutos?

— Não é possível que você esteja pensando em ir falar com o seu assassino — responde ele, incrédulo.

— Não quero fazer isso. Mas esse não é o meu assassino. E não estamos falando de mim. Estamos falando da Marguerite desse mundo, e desse Theo. — Aponto para Theo, que, ao me ver apontando, começa a andar na nossa direção. — Se vamos evacuar a cidade de São Francisco inteira, deduzo que a situação seja muito mais perigosa do que parece. Pode ser a última vez que ele vai ver a garota que ama, e ele merece a chance de se despedir dela. É isso que vou dar a ele. Você pode segurar a onda uns minutos? — A raiva que sinto pelo fatalismo do meu próprio Paul começa a surgir, mas isso também não é justo: ele também é outro homem, com outro destino. — Eu te amo em tantos universos, Paul! Talvez agora você já saiba disso melhor, e acredite em mim. Mas, nesse mundo, eu sou dele.

Termino a frase e corro rampa abaixo. Ele me deixa ir.

— Marguerite! — Theo some do meu campo de visão por uns instantes, porque agora estou muito baixa para vê-lo no meio das pessoas. Ele está perdido entre os uniformes e o cheiro de sal e suor. Tento encontrá-lo seguindo o som da sua voz, até que finalmente o vejo. Ele me abraça com tanta força...

... E, de novo, lembro do cachecol de renda. A agonia de uma das minhas muitas mortes.

Mas não me esqueço da lição que aprendi na minha última jornada pelos mundos: cada versão de um universo é individual. O Theo do Tríade-verso é um mentiroso homicida filho da puta. O meu Theo é um dos amigos mais doces, gentis e altruístas que já conheci. E o Theo que me abraça nesse momento... tudo o que sei é que a minha versão daqui o ama, muito. Então, estou honrando isso agora.

— Onde você esteve? — Ele beija meu pescoço, meu rosto. — Desde aquele dia esquisito na base, não me deixaram mais ver você. Você nunca está em casa, nem uma vez! Porque só Deus sabe quantas vezes tentei te visitar.

— É confidencial. — Meus pais não me disseram isso, mas é meio óbvio. — Desculpa, Theo, você sabe que eu te contaria tudo se permitissem.

Ele põe as mãos no meu rosto. Os olhos castanhos me estudam com cuidado.

— Só me diz que não é nada perigoso. Se você estiver segura, o resto não importa.

— Estou segura. — Na verdade, não estou. Mas digo isso em nome da Marguerite do Guerraverso, que é protegida por ser um recurso muito importante para o projeto Firebird. Ela está o mais segura que alguém dessa dimensão pode estar. — E você? Vão te mandar para onde?

— Vamos para leste, para as Rochosas. É tudo o que sei até agora. Escrevo para você assim que puder para te contar a respeito de tudo, menos o nome do acampamento. Juro.

— Espero que sim!

Ele me puxa para mais um beijo. Eu o beijo de volta com todo o amor que tenho no coração. Se essa Marguerite o ama como eu amo Paul, é assim que seria o beijo de despedida. Dou um abraço forte nele, abro a boca e sinto a brisa do mar bagunçar meus cabelos enquanto ele faz carinho nas minhas costas. Depois que eu sair dessa dimensão, a Marguerite do Guerraverso vai se lembrar desse momento. E, para o bem dela, quero que seja um momento lindo.

O som de um apito corta o ar, e Theo interrompe nosso beijo. Muitos dos soldados que estavam à nossa volta já dispersaram na direção oposta: a onda que vai levar Theo embora. Ele me dá mais um sorriso, charmoso como sempre.

— Se você acha que esse beijo foi bom... espera só quando eu te der o próximo, de reencontro.

— Espero que seja logo. — Ainda que, sabendo como a guerra está, não consigo imaginar quanto tempo vai levar até que eles se vejam de novo. Meses? Anos?

Talvez ainda mais. Em tempos de guerra, cada adeus pode ser para sempre.

Ele me dá mais um beijo.

— Te amo — murmura ele, contra meus lábios.

— Também te amo.

Estou usando a voz dela para dizer isso, usando o corpo e a mente e o coração. É o que faz ser sincero.

Ele me dá uma última olhada de partir o coração e se vira para seguir as ordens e sair marchando para a guerra que poderá matá-lo. Fico observando Theo ir embora por bastante tempo, enquanto consigo discernir a sombra dele entre os soldados em volta; depois, até me sentir convencida de que talvez pudesse vê-lo novamente. Só quando tenho certeza de que ele se foi é que saio dali e vou na direção do *Quinteros*.

Acabei de me despedir desse Theo para sempre. Como vai ser quando eu me reencontrar com o meu?

Mas não tenho nem um segundo de dúvida do que vou fazer quando reencontrar o Theo do Triáde-verso.

Não sinto o ondular e sacolejar abaixo de mim. O tamanho absurdo desse porta-aviões permite que ele se mantenha completamente parado, mesmo com as ondas batendo. No entanto, por maior que seja essa embarcação (grande o suficiente para comportar dúzias de aviões-caça e ainda ter uma quadra de basquete), quando entro na parte interna, me sinto claustrofóbica. Os corredores são apertados, as escadas têm degraus finos e íngremes. Paul me leva até onde meus pais estão e sai sem dizer uma palavra. Não posso me preocupar com isso agora; estou muito ocupada tentando me adaptar a essa nova realidade.

O quarto para onde meus pais me levam é pouco maior que o meu armário em casa; nele, mal cabe a cama dobrável e a mesinha com a cadeira fundidas no chão.

— Acho que esse quarto consegue ser menor que o que eu tinha na estação espacial — digo enquanto arrumo a malinha de papelão que me deram.

— Estação espacial? — pergunta minha mãe, curiosa.

— É, do Espaço-verso. Vocês ouviram falar de lá, sei que ouviram.

Meu pai ajeita os óculos no nariz, da maneira que sempre faz quando está curioso a respeito de alguma coisa.

— Sim. Mas não tínhamos certeza de por que aquele mundo ganhou esse apelido. Se ele era, não sei, mais espaçoso de alguma forma...

— Ou talvez as áreas habitáveis fossem mais raras por lá. — Minha mãe pensa em hipóteses. — Ou uma “estação espacial” poderia ser um lugar onde as pessoas têm mais conforto que nos outros lugares.

Depois do furacão confuso de emoções que experimentei depois do beijo de despedida em Theo, sorrir é quase um alívio.

— Não, não é nada disso. É o espaço mesmo, espaço-espaço. Fora da atmosfera da Terra — respondo, apontando para o céu.

Eles se olham, animadíssimos.

— Como em viagens para outro planeta? — Meu pai não se segura.

— Na órbita desse planeta mesmo. — Por mais que me sinta apavorada ao pensar em estar lá em cima, entendo que a imagem pode deixá-los em êxtase. — E a mamãe é a comandante.

Os dois se olham, em choque, por alguns instantes. Mas o choque dura tão pouco que me pergunto se falei alguma coisa que não deveria.

— Se não fosse por essa guerra estúpida e fútil, imagine o que poderíamos estar fazendo, Henry! As descobertas que teríamos feito! E o que temos autorização para fazer? Olhar para outras dimensões para que nos ensinem a construir novas armas.

— Eu sei, Sophie. — Meu pai dá um abraço nela por trás, um gesto que me soa tão familiar que quase esqueço os uniformes e de onde estamos, as paredes de metal, lisas, secas. — Eu sei.

Eles parecem tão perdidos. Tão tristes. Meus pais encontraram uma maneira de serem inventores, inovadores, em todos os mundos. Mas nunca imaginei que veria um mundo no qual o amor que eles sentem pela invenção seja ferido pela forma como suas invenções são usadas.

— Então... — Eu abraço minha mala de papelão e tento fazê-los seguir adiante. — Tem algum mapa do porta-aviões, ou uma planta, ou o que quer que seja usado por aqui? Eu queria saber onde tem uma cafeteria.

Era para ser uma piada, mas meus pais se olham de um jeito que claramente indica que tem algo que precisa ser dito.

— Querida, você tem uma mesa e uma cama, alguns livros na mala e uma porta que te dá privacidade — explica meu pai. — Tudo isso é um luxo e traremos suas refeições pessoalmente aqui. Não se preocupe com a possibilidade de se perder, porque você não vai precisar sair daqui.

Lembrei o quarto no qual acordei nesse mundo, que era metade quarto, metade escritório, com tranca na porta. Na hora, não me dei conta, mas me parece agora que o propósito é claro.

— Vocês estão me vigiando? Para o caso da do mal aparecer?

— Desde que o Berkeleyverso nos alertou desse risco — confessa minha mãe. — Você se ofereceu como voluntária. Quer dizer, nossa você, não você você.

— Entendi. Ok. É a coisa certa a fazer. — Que danos a do mal poderia causar em um porta-aviões? Não sei se quero saber. — Tudo bem. Não vou sair dessa área, não importa o que aconteça.

— Que bom que você entende — responde meu pai. Ele me olha da mesma forma que me olhava sempre que via que eu estava alguns centímetros mais alta que mamãe: orgulhoso, mas melancólico. — Para dizer a verdade, Marguerite, quando soubemos o que estava acontecendo, eu não consegui entender por que não elegeram Josie como viajante perfeita.

Ela é a aventureira da família. — Perdi a conta de quantas vezes Josie me arrastou para montanhas-russas e tirolesas; quando descobri que ela era a viajante perfeita do Escritório Central, sabia que fazia muito mais sentido. Mas, antes que eu concordasse, ele continua: — Mas esse “cargo” não precisa exatamente de uma aventureira... Precisa de alguém que veja cada novo mundo com novos olhos. Alguém que perceba as coisas de maneira mais profunda. Não precisa de uma aventureira; precisa de uma artista. Era de você que precisávamos, todo o tempo.

É como naquele momento no Egito em que entendi que, naquela dimensão, eu era uma parte importante do trabalho dos meus pais; só que melhor. Mil vezes melhor.

— Obrigada — digo, com a garganta embargada.

Minha mãe dá um suspiro de satisfação, e sinaliza que precisam ir.

— Vamos trazer o seu jantar em algumas horas, querida. Se precisar de mais livros, avise. Posso trazer um baralho também.

— Podem trazer Paul junto com o jantar? — É possível que ele ainda não esteja pronto para falar comigo, mas não sei quanto tempo ainda temos. Não posso desperdiçar nenhuma chance. — Preciso falar com ele.

Cinco minutos depois, eu já tinha terminado de explorar meus novos arredores espartanos. O banheiro, ou melhor, o “cabeça”, como chamam por aqui, é um espaço limpo, mas muito pequeno e esquisito — em vez de um chuveiro normal, tem apenas uma duchinha manual e um ralo no chão. Basicamente, a duchinha é tudo que tem no banheiro. Em vez de um espelho comum, uma placa de metal polido oferece um reflexo embaçado a quem se olha nela: uma versão antiquada de si mesmo. Meus cachos, que aqui têm o comprimento na altura do meu queixo, estão puxados para o lado e presos com grampos; e uso muito pouca maquiagem, salvo pelo batom vermelho forte que nem o beijo de Theo conseguiu desbotar.

Gosto da sensação de não ter que tentar saltar desse universo a todo momento. Deito na cama e me encolho. Ainda que não dê para relaxar totalmente, é quase um luxo poder deitar e parar um pouco. Só me deixar estar, por enquanto. Graças a essa forma de rastreamento que meus pais descobriram, saberemos quando a do mal se mover para outra dimensão.

Enquanto fico deitada curtindo a minha quase-soneca, penso que ela parece estar ganhando tempo. Será que é porque o Escritório Central pensa que morri no Romaverso? Ou será que a do mal está tramando uma armadilha ainda pior? Se bem que não sei o que poderia ser pior que aquilo.

Sou interrompida por uma batida na porta.

— Jantar — ouço a voz de Paul do outro lado da porta.

Giro para fora da cama, respiro fundo e abro a porta, sorrindo. Ele continua tão reto que parece estar a postos para saudar o capitão. Mas com uma bandeja de comida nas mãos.

— Ei — digo. — Obrigada. Entra, por favor.

Ele entra, coloca a bandeja na mesinha o mais rápido possível. No entanto, quando vê que fechei a porta atrás dele parece ficar nervoso. Acho que estava planejando trazer a comida e sair correndo.

— Meus pais não avisaram que eu queria conversar com você? — pergunto.

— Falaram. Mas não sei o que poderia ser. Exceto pelo projeto Firebird, claro, mas você pode falar disso com eles. Seria, sem dúvida, mais produtivo.

As palavras saem duras, e a postura, formal. Isso vai dar trabalho.

— Não quero falar do Firebird. Quero falar do Paul. Do meu Paul. — Como romper essa barreira emocional? — Eu o amo, mas ele está tendo problemas, muitos problemas. E não sei como ajudar. Fiquei pensando que, se alguém pode ajudá-lo, é você. Você é tão fechado às vezes! Difícil saber o que está pensando. Só outra versão de você mesmo poderia me ajudar.

— Eu e ele não somos a mesma pessoa.

— Mas também não são totalmente diferentes — respondo. *E nem tudo que aconteceu em Chinatown naquela noite era mentira*, penso, mas sei que devo evitar. — Por favor? Ele precisa da nossa ajuda.

A expressão impassível de Paul não entrega nada; ele está sentado na beirada da cama, tão duro quanto se estivesse sentado no banco de uma igreja.

Estou curiosa, mas também faminta, então sento na cadeira para comer o sanduíche que ele trouxe. Ainda assim, só consigo dar algumas mordidas. O pão desse universo tem gosto de papelão. Considerando o nível de racionamento daqui, não duvido que seja mesmo papelão.

— Ok — falo, desistindo do sanduíche. — Você se lembra de como Paul foi fragmentado. Parte da alma dele ficou escondida em você.

— Suponho que tenham encontrado e reunido todas as quatro partes. Ou esta conversa não estaria acontecendo.

— Sim, mas não foi suficiente. — Eu devia ter guardado uma imagem daquela leitura do cérebro dele do Espaçoverso. Se pudesse mostrar aquilo para ele, os efeitos seriam inegáveis. — Paul está muito prejudicado. Ele tem impulsos muito negativos, até violentos, eu diria. É como se ele mal pudesse controlar tudo isso. Ele não confia mais nele mesmo perto de mim, nem perto de ninguém, e não acredita ser possível melhorar.

— Ele não vai melhorar. — O tom dele é tão frio que não parece que ele entende que está falando de uma versão dele mesmo. — Se as farpas não foram sintetizadas corretamente ao serem reunidas, nunca mais serão.

— Você não tem como ter certeza disso — respondo, afundando na cadeira.

— Ferimentos na alma não são como no corpo. A fragmentação não é como um corte na pele. É mais como... como porcelana quebrada. — As mãos dele desenham algo incompreensível no ar, como algo quebrado que ele está tentando descrever. — Você pode colar de volta, usar uma cola especial de forma que as rachaduras fiquem quase imperceptíveis. Mas elas sempre estarão lá. Não existe cicatrização.

Então, Paul e eu nunca mais voltaremos a ficar juntos. Apoio os cotovelos na mesa e seguro meu queixo com as mãos. Qualquer outra emoção que eu poderia sentir é inundada por uma perda definitiva, terrível.

— Mas só porque algo está quebrado, não significa que esteja destruído — completa ele depois de um tempo. — Eu, hmm, tenho impulsos violentos também. E eu os controlo. Nunca perdi o controle. É uma escolha que fiz. Uma disciplina que aprendi. O seu Paul pode aprender a fazer isso também.

Será que pode? Não sei. Mas só saberemos se ele tentar. E, para tentar, ele precisa acreditar que é possível.

— Esses impulsos violentos — digo. — É algo que vem dos seus pais? Ele parece ainda mais rígido com o assunto, só de mencioná-los.

— Isso é óbvio. Mas eu não preciso ser o homem que meu pai foi.

— Não, claro que não. Mas as rachaduras estão aí, não estão?

Ele respira fundo.

— Bom, se essa conversa não vai ser construtiva...

— Não, espera. Só estou pensando que foi a forma como você foi criado que te convenceu... que fez você duvidar... — Fico tentando encontrar as palavras certas. — Foi o que te fez pensar que ninguém jamais poderia te amar, exceto você mesmo.

Eu precisava muito dizer isso, mas logo em seguida me arrependi, porque ele me olhou como se eu tivesse dado um soco nele.

A resposta não veio imediatamente; ficamos os dois ali em silêncio. Não existe mais espaço para nada a não ser a verdade.

— Os meus pais... — começou ele. — Você sabe que são pessoas corruptas.

— No meu mundo e em muitos outros, são da máfia russa. Gângsters? Não sei como se chama isso aqui.

— Mafiosos. — Ele levanta e se apoia na parede, como se estivesse cansado da posição rígida de sempre. — Não me surpreende que sejam assim em várias dimensões. Aqui, eles ganham a vida com o mercado negro. Revendem comida, equipamentos, remédios, tudo a preços exorbitantes porque chantageiam as pessoas certas a fim de garantir que recebam essas

entregas. Ao mesmo tempo, os centros de distribuição de alimentos continuam vazios.

— Eles tentaram fazer com que você fizesse parte disso?

— Tenho nojo disso. Eles sabem. Sempre debocharam de mim por isso. Dizem que me acho melhor que eles por querer lutar por um espaço próprio no mundo. Meus pais não veem a guerra como sendo contra a Aliança do Sul. Para eles, é cada um por si. Sempre. Para sempre.

Talvez essa seja a constante dos pais dele: aquela coisa que se mantém verdadeira em todos os universos. Sei que no meu é verdade.

— No meu mundo, os pais de Paul nem falam mais com ele. Não enviam dinheiro, não ajudam em nada desde que ele se tornou um cientista.

Sempre achei que tinha algo de estranho a respeito de um pai e uma mãe que sentem raiva do filho por ele ter começado a faculdade aos doze anos.

— Os meus pais são mais compreensivos — diz ele. — Porque o serviço militar é obrigatório, e devido ao fato de que eles esperam que eu, um dia, atinja uma posição na qual vou poder ajudar no contrabando de itens roubados. Eles têm certeza de que um dia vou fazer parte disso. Que vou “tomar juízo”. Pessoas como meus pais sabem o que é certo e o que é errado. Mas eles se convencem de que estão do lado do que é certo. Me parece que as escolhas do seu Paul forcem os seus pais a perceber o quão egoístas e pequenos eles são. — Ele dá um sorrisinho quase imperceptível. — As pessoas podem perdoar quase tudo, mas não perdoam quando alguém prova que estavam erradas.

Penso sobre o dormitório dele no meu universo, onde ele mal tem dinheiro para comprar lençóis de segunda mão. Lá ele tem duas calças jeans igualmente surradas e umas poucas camisetas meio gastas, e até a coisa mais cara que ele já comprou, um par de botas para escalar montanhas, era usada. Meus pais compraram para ele um casaco de inverno novo e um bolo de aniversário, e ele pareceu extremamente surpreso. Grato de verdade. Acho que ele não ganhava um bolo de aniversário há muito tempo.

É possível que o pai dele, Leonid, não estivesse sendo apenas mau. Talvez estivesse tentando despertar algo de cruel em Paul. Se ele tivesse se irritado com a própria pobreza, se tivesse pensado, em algum momento: “Isso é ridículo, não preciso viver assim. É fácil tirar dinheiro dos idiotas à minha volta” Se ele tivesse voltado sua genialidade para o roubo de identidade, ou para invadir os sistemas bancários, poderia ter ficado milionário em semanas. Em dias. O projeto Firebird não teria dado certo sem ele e ele podia ter sido exatamente o homem que o pai dele queria que se tornasse.

Mas ele nunca nem mesmo hesitou.

— Foi difícil para mim aceitar que Paul e eu não estamos juntos em todos os universos — comento. — Ainda é. Mas sei que o amo, e que alguma coisa

entre nós, em muitos mundos, vai além do mero acaso. Para ele, é diferente. É como se ele achasse que nunca mais vamos ficar juntos, depois que ele foi fragmentado.

Paul parece estar pensando a respeito, o olhar profundamente introspectivo. Saber mais sobre outra versão de você mesmo, e sobre todas as opções de pessoas que você poderia se tornar sem perder a sua essência... É intoxicante. Apesar da minha desesperança, continuo achando fascinante ver alguém passar por isso.

— Você sempre me pareceu tão inatingível — confessa ele, finalmente. — Não só por causa de Theo, mas porque é difícil acreditar que qualquer pessoa pudesse me amar sem querer nada em troca.

Ainda que eu já soubesse o quanto a minha traição aqui o machucou, vejo agora que foi muito pior que imaginei.

— Desculpa — falo, baixinho.

Mas ele não está me ouvindo. Não precisa de pedidos de desculpa. Ele quer entender tudo.

— Se é difícil para mim, imagino que seja muito mais para o seu Paul Markov. A ideia de destino dava esperança a ele. Quando isso foi destruído, não sobrou nada em que acreditar.

— Ele sabe que meus pais o amam. E o meu Theo também. Mas ele acha que é tudo por causa da ciência, tudo porque precisam da ajuda dele.

— Não sei. Não sou ele. Mas faz sentido.

Ficamos os dois em silêncio por um tempo. Dou mais umas mordidas no sanduíche, tentando ignorar o gosto péssimo. Como desfazer um estrago tão grande? Como fazer Paul acreditar em nós dois quando a vida toda dele, e todos esses mundos, dizem que é impossível para nós dois?

Me lembro de uma vez pensar em viajar para todos os mundos e descobrir em quais eu e ele nos amamos de maneira perfeita. Agora, não sei mais se essa possibilidade existe.

— Por que Theo? — pergunta ele, rompendo o silêncio. — Por que você acha que escolheu ele e não eu?

— Acho que pelo charme. Em casa, ele trabalha com vocês e meus pais são orientadores das teses de doutorado de vocês dois. Talvez lá ele tenha se segurado porque não quis misturar as coisas com meus pais. E aí eu me apaixonei por Paul, e o Theo do Tríplice-verso veio e ferrou com tudo. Se tem um mundo no qual ele não teria motivos para não tentar ficar comigo... acho que é esse.

— Então não tem diferença entre nós, em termos de como você se sente. — Ele tenta fazer parecer uma conversa racional, mas dá para ver que ele está magoado.

— Eu sei que a Marguerite daqui ama esse Theo. Mas quando Paul e eu temos alguma coisa juntos... na Rússia, em Roma... — Minha voz falha. — Eu nem sabia como era amar alguém até amar você. Quero dizer, ele.

— Sei o que você quer dizer. — Ele diz isso de uma maneira muito gentil. Acho que ele acredita em mim agora.

— Acho que, se eu tiver ido a mundos suficientes para colocar todas as peças no lugar, vou poder consertar isso tudo. Vou poder entendê-lo de verdade.

— Mesmo que você visitasse um milhão de mundos, não conseguiria. Não dá para saber tudo sobre outra pessoa, nem mesmo a pessoa que você ama. Não é possível, e nem você ia querer. — Para minha surpresa, ele sorri, um sorriso acolhedor e adorável como o que eu vi em Chinatown. — É preciso amar o mistério. Arriscar.

É nessa hora que nos assustamos com um guincho, e noto uma tela bem pequena no canto do cômodo, e ao lado dela um interruptor que parece ativar a comunicação com o resto do navio

— Marguerite, acabamos de receber uma confirmação de deslocamento da, hmm, do mal — informa a voz metálica do meu pai. — Ela saltou para um novo universo.

Levanto assustada e aperto o interruptor para responder.

— Então, preciso ir embora, agora. A Marguerite que ela acabou de deixar deve estar em perigo.

— Compreendido — responde ele. — Faça uma boa viagem, e lembre-se de que estamos acompanhando você. Vamos ajudar no que for possível.

— Obrigada. Te amo. Diga a mamãe que a amo. — O que é meio idiota de se dizer, quando a Marguerite original daqui vai assumir em segundos. Mas achei que seria o certo a dizer, especialmente quando ouço a resposta.

— Também te amamos.

Paul levanta, e ficamos frente a frente. Há menos de uma semana torci para nunca mais me encontrar com ele. Agora, parece tão difícil dizer adeus...

— Eu queria te dar um beijo — digo. — É uma má ideia?

— Provavelmente. A Marguerite daqui não ficou feliz com o que aconteceu — recorda ele, se referindo aos amassos que trocamos na calçada em Chinatown. — Ela não me culpou, na verdade, nem a você. Mas não vou tirar proveito dessa situação.

— Sabia que ela ia lembrar... mas esperava que ela também lembrasse do quanto você me ajudou. Do quão bondoso você pode ser.

Ele me encara, curioso. Pode ser a última vez em que ele sente amor vindo dos meus olhos.

— Também espero. Boa sorte.

— Obrigada.

Vou precisar. O que será que a do mal planejou para mim dessa vez? Tudo que sei é: não tem como ser bom. Olho mais uma vez para Paul, tomo coragem e aperto os controles do Firebird...

De repente estou em um assento de avião. Caio com tanta força que sinto tudo sacudir. Atrás de mim, escuto um resmungo. Acho que derrubei a bebida de quem estava atrás de mim.

A comissária está passando pelo corredor perto de onde estou, uma expressão preocupada pressionando seu sorriso artificial.

— Senhorita? Está tudo bem?

— Sim. Tudo bem.

— Gostaria de mais alguma coisa para beber? É o último serviço do voo.

— Ela parece latina, tem um leve sotaque. — Café? Chá? Água?

— Nada, obrigada.

Ela sai e eu penso por que a do mal me colocou em um avião? Minha cabeça começa a surtar, pensando em acidentes, explosões e desaparecimentos no mar. Seguro os braços do assento pensando que, se for isso mesmo, não tenho a menor chance de me salvar.

Mas ela conseguiria entrar com uma bomba no avião? E onde compraria explosivos? Não faço ideia, e ela vem de um mundo tão diferente do meu que duvido que conseguisse adivinhar. Esse mundo parece muito com o meu: tudo parece normal, familiar, e estou usando leggings e uma blusinha de renda da Anthropologie que sempre quis ter, mas que em casa nunca consegui juntar o suficiente da mesada para comprar. Além disso, se estamos no último serviço do voo, isso significa que ela esteve nesse avião por pelo menos uma hora, talvez bem mais que isso. Ela não iria esperar tanto se quisesse explodir o avião no meio do voo. Devo estar presa aqui do mesmo jeito.

Talvez o perigo não esteja no avião. Talvez esteja no destino desse voo.

Meus ouvidos doem. Engulo a saliva com força para soltar a pressão quando ouço o piloto dizer: “Atenção, passageiros. Estamos começando a aterrissar em Quito, no Equador.”

Equador? Pronto. Já sei onde estou e o que me aguarda. Foi para cá que o Paul do Triade-verso escapou depois de se voltar contra a Triade para me proteger. Deve ser aqui que ele está escondido dos capangas de Wyatt Conley.

Mas por que a do mal viria para o Equador? Ela odeia Paul! Não se importa com a dor dele.

É nessa hora que percebo que essa é a razão. Se ela combinou com Paul de encontrá-lo no aeroporto, pode ter avisado a outras pessoas também. Pessoas que trabalham para Wyatt Conley.

Meu coração dói quando entendo que ela montou uma armadilha para Paul.

E eu sou a isca.



O ÚNICO PLANO EM QUE CONSIGO PENSAR DURANTE A ATERRISSAGEM é tentar sair do aeroporto sem que Paul me veja. A do mal deve ter ligado para ele, ou mandado um e-mail, pedindo que encontrasse meu voo, mas, se o pessoal da Tríade está aguardando nosso encontro para agir, não podemos nos encontrar. Eles devem estar esperando por ele fora do aeroporto, e nesse caso não há nada que eu possa fazer para ajudar. Mas, se evitar esse Paul puder de alguma forma ajudá-lo, então é isso que vou fazer.

Vou passar pela esteira de bagagens, ver se consigo entrar em outro terminal antes de sair e torcer para que os cartões de crédito que encontrei na minha carteira funcionem no Equador. Se o meu tPhone funcionar também, vou ligar para os meus pais e ver o que eles podem me dizer.

Depois disso... bom, vou ver o que acontece. Talvez eu vá para a bilheteria e compre uma passagem para o próximo voo de volta para os Estados Unidos. Espero poder pagar.

Todos os aeroportos são meio iguais. Enquanto eu saía com os outros passageiros do avião, minha bolsa-carteiro verde escorregou para o meu braço. Mantive a cabeça abaixada. Não quero que Paul me veja... mas quero vê-lo, então não consigo desviar o olhar, tentando encontrá-lo naquela multidão fora da área de segurança.

Em poucos instantes, vejo um rosto familiar — e mais um. Paraliso de medo.

Não foi Paul quem veio me encontrar.

Na verdade, Theo e Wyatt Conley é que estão lá, atrás da barricada. Theo está de óculos escuros, o que esconde a expressão nos seus olhos; mas Conley está sorrindo, até demais. Ele levanta a mão, acenando para mim.

Na outra mão, ele tem uma placa que diz SEJA BEM-VINDA .

Eu paro bruscamente. Um outro passageiro chega a trombar comigo por trás, e começa a resmungar qualquer coisa em espanhol que provavelmente quer dizer “idiota”, enquanto outros passageiros desviam de mim. Minhas mãos apertam com força a alça da bolsa. Um pensamento vem tomando minha mente, dando lugar a outros: a Tríade encontrou Paul.

— Oi, Marguerite — diz Conley, como se fosse um amigo antigo que eu vim visitar. — Que bom que você chegou. Temos vários lugares para ir e muito a conversar. Mas, antes de mais nada, preciso da sua identificação.

É como se minha respiração não encontrasse ar suficiente. Fico meio zozona, quase caio. Mas me mantenho firme. Olho para Conley.

— Você está chapado? — pergunto.

— Só me responda isso: qual era a cor do submarino dos Beatles?

Parece um truque, uma armadilha. Meu primeiro impulso é começar a gritar que Conley e Theo são terroristas, que eles deveriam ser derrubados pelos seguranças imediatamente. Mas, a essa altura, já percebi que não é tão fácil assim me livrar dos joguinhos desse cara. Por ora, preciso dançar conforme a música. Lembro o momento em que convenci uma multidão a mandá-lo, aos berros, para o inferno. Então, sorrio com o calor dessa lembrança e dou a ele a resposta certa.

— Roxo.

— Essa é nossa viajante perfeita! Enfim, de volta!

Ele faz um gesto para que eu passe para o outro lado da barricada. Theo virou o rosto, porque aparentemente os óculos não são suficientes para escondê-lo.

Ficar do lado desse Theo, por si só, já me deixa completamente horrorizada. Só consigo aguentar porque ficar perto de Conley é ainda pior. O ódio que sinto por Wyatt Conley consegue ofuscar tudo, até meu assassino.

Continuo levando numa boa.

— Tenho certeza de que não sou a única que sabe a resposta — digo, já chegando perto deles, embora mantendo uma distância considerável entre nós. — Os Beatles não são exatamente desconhecidos.

— É, não são mesmo — responde Conley. — No entanto, a criatividade pode se desdobrar em diferentes caminhos. Os Beatles fizeram uma música sobre um submarino roxo só na sua dimensão. Tem uma série de submarinos verdes por aí no multiverso, mas em geral é amarelo.

— Submarino amarelo?

Estranho. Longe de ter a mesma graça. Lembro do meu pai segurando minhas mãos e dançando comigo na frente do desenho. Eu era tão pequena que ainda engatinhava. A gente cantava “submarino roxo” junto. De repente, quis voltar para aquela época — bem criança, rindo com meus pais,

amada, segura e com a certeza que nada no mundo podia ser mais assustador que os monstros verdes do clipe dessa música.

— É interessante, não acha? — continua Conley, alheio à minha reação.
— Quantas coisas chamamos de universal e que, na verdade, só fazem sentido num ponto específico no tempo e no espaço?

— É impressionante mesmo. — Não tenho mais um pingote de paciência para as especulações grandiosas dele. — Por que você me trouxe aqui?

Para a minha surpresa, é o Theo que responde.

— Precisávamos descobrir se você ainda estava viva.

— Não por causa de vocês. — Coloco minha mão no Firebird e levanto a sobancelha. — Acho que vou indo.

Eu não vou de fato, não deixaria a Marguerite do Triade-verso nessa situação. Já decepcionei muitas das minhas versões. Mas também não estou a fim de aturar mais nenhuma baboseira de Wyatt Conley.

— Ah, fica! — pede ele, com afeto. Entrega a placa para Theo e depois enfia as mãos no bolsos do jeans de grife. Com esse jeito causal e o rosto cheio de sardas, ele poderia se passar por amigo de Theo e Paul na faculdade. Um aluno universitário, aparentemente tão largado quanto os outros, só que levemente mais sofisticado, com um certo ar de segurança e riqueza. Não resta dúvidas de que ele acha que parece inofensivo, e essa aparência engana as pessoas que não o conhecem. — A gente precisa conversar, não acha, Marguerite? Você sabe mais das coisas agora. Viu muito mais coisas. E acho que você pode estar quase pronta para me escutar.

Não mesmo.

— Você está colocando alguma outra Marguerite em perigo nesse exato momento. Não tem como me dizer que seríamos ótimos amigos se está matando alguma outra versão de mim mesma em outro universo.

Ele levanta as mãos como quem diz “eu me rendo”.

— Como sinal de boa fé, mandei a sua versão do Escritório Central para um universo “neutro”, um que não está marcado para ser destruído, um que não tem tecnologia Firebird, totalmente fora de alcance. Isso aqui é uma conversa pacífica, um cessar-fogo. Talvez a gente possa até falar em armistício.

— Eu só tenho a sua palavra, que não vale muita coisa. — Será que a do mal seguiria as ordens dele?

— Você tem razão — concorda Conley. — Você não tem como verificar o que acabei de dizer. Então, você tem duas opções: pode confiar em mim, ou pode sair daqui tão ignorante quanto chegou e tentar seguir os rastros da sua contraparte. Não acho que vai ser muito fácil. Você acha?

Eu já sei o paradeiro dela, graças à informação que consegui no Guerraverso. Mas Conley não pode saber disso. Se ele descobrir que o

Guerraverso não foi sabotado, se descobrir que, em vez disso, aquele universo está conduzindo uma contraconspiração em conjunto com várias outras dimensões, vamos perder qualquer vantagem que possamos ter conseguido. Então, por ora, preciso ceder.

— Tudo bem — respondo. — Vou ficar e ouvir você sob uma condição: me diz o que você fez com Paul.

Conley abre ainda mais o sorriso.

— Absolutamente nada.

— Mentira! Você perseguiu ele no Equador.

— Fizemos isso só nos dois primeiros dias — interrompe Theo. Ele está olhando para o seu All-Star vermelho, que escorrega para a frente e para trás no chão de piso. — Mas ninguém machucou ele, Meg. Prometo.

— Meg... — digo. — A última vez que me chamou assim, você estava me estrangulando. Me desculpe, mas não consigo acreditar em você.

Ele recua e não diz mais nada.

— Talvez eu deva ser mais claro — acrescenta Conley. — Não fizemos nada com Paul... ainda.

Achei que eu fosse a isca para capturar Paul. Parece que ele é a isca para me capturar. Dou um passo e chego bem perto do rosto de Conley. Ele não é muito mais alto que eu.

— Me prova que ele está bem. Me deixa vê-lo. Depois disso... tudo bem, podemos conversar.

— Viu? Eu sabia que você era razoável. — Ele faz um movimento com as mãos como quem vai bater palmas. — Então, você trouxe alguma mala?

— Como posso saber? — rebato.

Enquanto me encaminho para a esteira de bagagens, minha cabeça começa a girar e, mais uma vez, tenho dificuldade de respirar. Me senti um pouco assim daquela vez em que a do mal saltou em mim, mas quando eu coloco a mão no peito, só tem um Firebird lá.

— Isso se chama hipobaropatia, mais conhecida como o mal da montanha — responde Theo. — Quito está a quase três mil metros acima do nível do mar. Algumas pessoas precisam de um tempo para se adaptar.

— E parece que você não dormiu nada no avião. — Conley coloca a mão no meu ombro para me guiar, o que logo me dá calafrios. — Vamos dar uma volta, ver Paul e deixar você descansar? Depois que tiver dormido, a gente pode conversar de verdade. Aí vamos ter todo o tempo do mundo.

Descubro que eu trouxe, sim, minha mala florida, e Theo a coloca na limusine que está esperando pela gente lá na frente. Espero que esteja pesada. Espero que eu tenha trazido meus livros de capa dura, uma dúzia

deles. Na limusine, Conley se senta de frente, o que significa que sou obrigada a me sentar de costas. Meu enjoo piora conforme adentramos o trânsito caótico e acidentado de Quito.

Quando eu digo caótico, é caótico mesmo. As pessoas aqui parecem achar que as marcações das faixas são meras sugestões. Carros e caminhões desviam bruscamente, derrapam, ignoram as placas, avançam o sinal... enfim, um terror. Mesmo com o estômago embrulhado, estou meio que feliz por não estar vendo o trânsito à nossa frente. Caso contrário, eu teria um ataque cardíaco.

Não faço nem muita questão de ver o que está na minha frente, ou seja, Conley e Theo. Um é meu chantagista, o outro é meu assassino e os dois estão tão perto de mim que dá para ouvir a respiração deles. Meu enjoo vai ao auge só de pensar nisso. Não posso fazer muita coisa para evitar.

Esse mal-estar me faz lembrar do enjoo matinal que senti na minha última viagem para o Russiaverso. Quase sem pensar muito, passo a mão pela minha barriga e tento me lembrar dessa estranha sensação de retenção de líquidos típica do início da gestação. Eu só senti o bebê se mexer uma vez, acho; mesmo assim, parecia mais um peixinho mexendo no aquário, porque não tinha nem quatro meses aquela noite na *dacha*.

O bebê de Paul, nosso bebê, ainda no Russiaverso, esperando para nascer. Estou lutando por todas aquelas pessoas que a Tríade colocou em risco, mas, no fundo, acho que estou lutando por esse bebê, acima de tudo.

— Você quer vomitar? — Essas foram as primeiras palavras que Theo disse desde o aeroporto. Ele parece meio rabugento, e até meio irritado, mas, ainda assim, cada sílaba que ele diz é como se fosse uma facada. — Se for o caso, tem como baixar o vidro antes, por favor?

— Se eu for vomitar, vai ser no seu colo. — Cruzo os braços e olho para fora da janela. Melhor olhar para esse trânsito bizarro do que para a cara dele.

Quando conseguimos nos desvencilhar do trânsito congestionado e entrar num bairro, fico surpresa com o quão tudo é, bem, normal. As placas podem até estar em espanhol, e as lojas e os carros podem ser até um pouco menores, mas isso aqui é um centro comercial como qualquer outro, com suas cafeterias e esse tipo de coisa. A limusine reduz um pouco a velocidade ao passarmos por uma cafeteria Juan Valdez.

— Aqui estamos! — cantarola Wyatt na janela.

Meu coração sai pela boca ao reconhecer Paul — o Paul do Tríade-verso, tão parecido com o meu que apenas algumas questões de tempo separam eles. Ele está sentado diante de uma mesa redonda de pedra, digitando no seu velho laptop, cujo painel está colado com fita isolante. Por que essa expressão grave no rosto? Será que é a hora da nossa conversa e eu já devia

ter me logado? Desde que ele virou a isca dessa armadilha, a do mal não daria pistas para ele de que estava embarcando em um voo para o Equador.

Seria bem mais fácil abrir a porta e pular. A limusine não está nem a oito quilômetros por hora. Quero me jogar nele, mostrar esse Firebird e explicar a contraconspiração, tudo. Nesse momento, não tem nada que eu queria mais que isso.

Nem me mexo. Preciso saber quanto Conley sabe. Então, continuo fingindo que quero cooperar.

As mãos grandes de Paul continuam trabalhando no teclado enquanto ele procura por algo ou alguém em vão. Que irônico: a gente só consegue entender o quanto queremos ter uma pessoa por perto quando nos afastamos, ou quando elas se afastam.

Será que eu tinha que perder Paul antes de compreendê-lo?

— O que ele está fazendo aqui? — murmuro. — Eu sei que você sabe.

— Não sei tudo — admite Conley, para minha surpresa. — Markov é habilidoso, sabe cobrir seus rastros. Ele deve ter pegado algum trabalho de programação, um bico de tradução, sei lá. Ele mora num albergue, não muito longe do centro histórico da cidade. Faz alguma amizade aqui e ali com algum aluno de passagem, mas não se preocupe, Marguerite. Nenhuma garota conseguiu desviá-lo do caminho... Ao menos, não que a gente saiba.

Ele está tentando me fazer ter ciúme. Que perda de tempo. Conheço Paul o suficiente para saber que ele mal beijou outras garotas além de mim, e que ele é muito tímido para virar um sedutor.

E, mesmo que ele não fosse tímido, Paul nunca me trairia. Ele já perdia o controle só de me imaginar com outro Paul. A fidelidade dele é algo de que nunca preciso duvidar.

— Tudo bem — digo. — Paul está bem, obrigada.

— O prazer é todo meu. — Wyatt Conley sorri, como se estivesse me fazendo um grande favor.

— Espero que ele fique bem — continuo, me permitindo olhar para ele com uma pontinha do ódio que estou sentindo de verdade.

O sorriso dele fica mais grave. Nós dois conhecemos a verdade por trás desse jogo.

— Só depende de você.

Depois disso, seguimos direto para um hotel luxuoso. A limusine me deixa ali, com Theo logo atrás.

— Ajude na acomodação dela — ordena Conley para ele. — Certifique-se de que ela esteja segura e confortável.

O jeito que ele pronuncia “segura” é uma referência clara ao cachecol de renda que esse Theo usou para me estrangular. Talvez esses truques baratos e óbvios não devessem ser tão eficazes, mas não consigo deixar de sentir uma nova onda de medo e um desconfortável nó na garganta.

Existe, logicamente, um quarto reservado para mim nesse hotel, que é tão chique, com o piso todo em mármore e uma cachoeira no saguão. É uma suíte na cobertura, porque Wyatt Conley não faz nada pela metade. Theo e eu subimos no elevador num silêncio sepulcral. Ele até se oferece para carregar minha bolsa, mas isso só me faz segurar com mais força a alça. Não quero que esse idiota encoste em mim ou nas minhas coisas. Ele já me “ajudou” o suficiente.

O que é, por sinal, o motivo pelo qual Conley o fez me acompanhar. Considerando que eu estou num país estranho, sem muito dinheiro, com torturas e enjos, as chances de eu escapar são mínimas. Mas ele quer que Theo fique lá só para me lembrar de que as coisas podem ficar complicadas para o meu lado. Mesmo com todas as promessas de segurança e cooperação, Conley continua querendo que eu tenha medo de morrer.

Porém, a questão é a seguinte: agora que estou sendo forçada a de fato olhar para Theo, percebo que a culpa pesa bastante nas costas dele. O andar orgulhoso e brigião foi substituído por um silencioso arrastar de pés. E agora, mais de uma hora depois do pouso, ele ainda não teve coragem de me olhar nos olhos.

Theo me matou. E odiou fazê-lo. Eu me lembro do quanto ele chorou, do quanto ele implorou para eu pular, para que ele só tivesse que matar uma de nós. Se Theo e Conley achavam que matar alguém seria mais fácil depois daquilo estavam enganados.

A simples ideia de confrontá-lo já me faz tremer de medo. Mas o fato é que eu o incomodo muito mais do que ele me incomoda.

Ele passa o cartão na tranca da porta, depois abre espaço para eu entrar. Abro a porta com o ombro para confrontar a total elegância do quarto. A sala de estar tem uma vista panorâmica da cidade, cadeiras e sofás de couro modernos e elegantes e até mesmo uma mesa de jantar de vidro rodeada de cadeiras de vime douradas. Vejo um bar espelhado no canto, caso eu decida começar a beber uísque em vez da minha água com gás. Tapetes luxuosos cobrem o piso de mármore e aqueles quadros na parede até parecem arte de verdade. Vou até outro cômodo e me deparo com uma cama *king-size* com dossel, drapeada com uma tela delicada. Não é um Ritz, mas mesmo assim parece o tipo de quarto em que a Jennifer Lopez ficaria.

Jogo minha bolsa num banco de teca entalhado e me dirijo ao bar. É difícil agir naturalmente diante do meu assassino, mas de uma alguma forma consigo manter minha voz estável.

— Só bebo em grandes feriados ou no apocalipse. Você quer alguma coisa?

— Melhor não — responde. Theo não sabe muito bem como agir. Ótimo.

Sinalizo que vou checar o bar, que seria um frigobar se eu não pudesse morar lá dentro. Estou de costas para Theo, logo ele não consegue ver como meus dedos estão tremendo diante das garrafas e latas. Pego uma água com gás e me sento numa das cadeiras douradas, fingindo estar em um trono.

— Então, Theo, me conta. Qual foi a sensação de matá-la?

Ele me encara, seu rosto perde a cor.

Abro a latinha com toda naturalidade, como se não estivesse morrendo por dentro.

— A outra Marguerite não teria a mínima chance de saber por que estávamos fazendo aquilo. Ela achava que você era um europeu estiloso, gato, com bigode de ator de filme pornô e seus cachecóis coloridos. E ela nem se lembrava de ter sido levada para aquele túmulo. Ela só recuperou a consciência nos últimos segundos da vida dela. — *Desculpa*, digo mentalmente para ela. *Eu sinto muito*. Acho que ela não se importaria de eu usar essa lembrança para atormentar seu assassino. — Ela tentou falar com você? Ela teve tempo de chorar?

— Por favor, Meg — fala Theo com a voz embargada. — Você sabe que detesto isso.

— Sim, obviamente tem algo que você ama mais. É o quê? Dinheiro ou poder? Não, não me diz. Não ligo para a sua resposta.

Theo chega mais perto de mim e tira os óculos. Aqueles olhos de cachorrinho estão cheios de lágrimas.

— Ela morreu rápido. Logo depois que você saiu. E isso não tornou as coisas nem um pouco mais fáceis. Sentei do lado dela por... acho que por uma hora, não tenho certeza. E quando saí da tumba e vi meu rifle, pensei em me matar. Era só pegar a arma, sentar na cadeira mais próxima e estourar a minha cabeça.

— Mas, em vez disso, você fugiu num camelo. — Meus lábios tremem, mas consigo disfarçar tomando um gole de água com gás. — Saiu calmamente. A prova de que, na verdade, você não se sentiu tão mal pelo que fez. Não importa o que me diga agora.

— Não fale isso! — insiste ele. — Você não sabe como isso me afetou, Meg. Você não sabe.

A frase dele me dá um estalo.

— Como isso *te* afetou? Você me estrangulou, matou outra Marguerite a sangue frio e *eu* deveria estar preocupada com como você se sentiu? É sério isso?

— Não, não foi isso que eu quis dizer..

— Foi sim, Theo. Mesmo que não tenha consciência disso, foi exatamente isso que quis dizer. Porque, por mais que diga que se importa comigo, você só quer saber do seu próprio bem-estar. — A vontade é de jogar a lata na cabeça dele, mas não vou fazer isso. O golpe que eu preciso dar nele vai doer muito mais que qualquer hematoma. — Acho que não é só ganância que te motiva, acho que é ciúme também. Todos aqueles mundos onde eu e Paul nos apaixonamos, enquanto você sobra. Você detesta mais Paul por me amar ou a mim por amar ele?

Theo nem nega nem concorda; apenas balança a cabeça.

— Parece que sempre chego em segundo lugar.

Dou uma gargalhada bem alta, e em segredo genuinamente sinto que ele merece. Não tenho um pinga de pena.

— Tem alguns mundos onde estamos juntos, Theo! Mundos onde eu amo muito você. Já caí num universo em que a gente estava deitado na cama. Eu beijei você. Senti você me tocar. Paul foi o único que amei na vida, mas as outras Marguerites? Algumas escolheram você. Alguns mundos são seus e dela. Mas Wyatt Conley está tentando destruir esses mundos... e você está ajudando ele.

Eu me afasto da mesa. Ele se aproxima de mim devagar. A suspeita e a raiva estão estampadas no seu rosto.

— Você está matando milhares de versões minhas e milhares suas que poderiam ser felizes — continuo, instigada pelo meu próprio ódio. — Todas as chances que a gente já teve, sabe? É mais uma oportunidade jogada no lixo. Então, é por isso que sei que você não me ama, Theo. Se me amasse, não seria capaz de nos destruir tantas vezes.

— Não foram tantas vezes, nem milhares de vezes. Meu Deus, Meg, vai acabar em breve. Acabaria hoje se você escutasse Conley.

— Ah, é? — Vou levando ele aos poucos em direção a porta. — Foi isso que Conley te disse, quando você resolveu ouvi-lo? Que ia acabar em breve? Eu me pergunto se ele vai continuar te dizendo isso depois da décima versão minha que você matar. Ou o centésimo Paul. Ou milhares de nós dois. Você é o cientista aqui, então por que eu que tenho que dizer para você que o multiverso é infinito? Conley quer controle absoluto, e ter controle absoluto é impossível. As matanças nunca vão acabar, o que significa que você nunca vai conseguir parar. — Aponto para a porta. — Agora, sai daqui.

Theo sai pela porta como se estivesse fugindo de um incêndio. A maioria dos Theos são mais corajosos que esse aqui, concluo. Esse é um covarde total.

Mas, se ele for tão egoísta como acho que é, vai querer encontrar um desses mundos em que vivemos juntos. Vai querer manter esse mundo a salvo de Wyatt Conley. E se eu pudesse gerar uma pequena discórdia entre

Wyatt Conley e seu capanga número 1... Mas não posso. A única coisa que poderia ter impedido o Theo do Triáde-verso de seguir Wyatt Conley cegamente seria a ordem de me matar. Mas ele acatou a ordem. Então, não tem mais como detê-lo. Na verdade, acho que ele vai se justificar cada vez mais na tentativa de se esconder do que fez.

Será que nesse universo só me resta enrolar e ver se vou conseguir aprender alguma coisa que vá nos beneficiar? Será que vou conseguir me aproximar de Paul, que até agora me espera do outro lado de Quito, sozinho e vulnerável?

Vêremos, digo para mim mesma, exausta, enquanto afundo na cadeira. Vêremos.



ACORDO EMBAIXO DAQUELE DOSSEL DESCONFIADA, RECEOSA. O céu depois da janela está escuro, embora o horizonte comece a clarear.

A madrugada é a parte do dia que não faço muita questão de vivenciar. Mas, em vez de me enfiar de novo no edredom de plumas na tentativa de voltar a dormir, me forço a levantar e reflito. A náusea que senti ontem desapareceu e, embora eu ainda sinta uma leve falta de ar, agora não parece nada muito crítico. Parece que me ajustei bem à altitude.

Meu estômago ronca, lembrando que não sei quanto a do mal comeu com esse corpo ontem, se é que comeu. Embora eu não saiba ler espanhol muito bem, consigo decifrar o livro de informações do hotel e chegar à conclusão de que ainda falta uma hora para o serviço de quarto do hotel começar a servir o *desayuno*. É hora de tomar um café da manhã nutritivo no frigobar.

O termo *jet lag* não consegue descrever bem a confusão mental que você sente depois de ter ido de um lado para outro do globo em diferentes dimensões. Chego a essa conclusão enquanto pego um pacote com castanhas e nozes e uma Coca-Cola. Precisamos de outra palavra para isso. *Universe lag?* *Firebird lag?*

Detesto esperar. O suspense me cansa muito mais que o estresse. Até mesmo saltar em universos onde sei que a última armadilha letal da do mal está só me esperando não me atormenta mais que isso: ficar sentada num sofá de couro, assistindo ao nascer do sol contra a minha vontade, comendo besteira no café da manhã, esperando Wyatt Conley aparecer para me aterrorizar.

Sei que nossa próxima conversa tem um propósito. Sei que é importante descobrir o quanto Conley sabe a respeito da aliança entre as outras

dimensões. No entanto, ainda que eu seja corajosa quando estou viajando, e faço o que tem que ser feito... quando tenho que esperar, só consigo me sentir pequena, vazia e assustada.

Se Paul estivesse comigo..., penso, mas me polio antes mesmo de terminar a frase. Me aproximar desse Paul em Quito o colocaria em perigo, talvez até faria com que Conley acabasse matando ele. Nesse momento, me conformaria com qualquer um que eu amo. O Theo do meu mundo, até Josie. Meus pais...

A cafeína deve ter caído na minha corrente sanguínea, porque consigo focar os olhos no que estava na minha cara esse tempo todo: um telefone fixo.

Me ajeito na cadeira. Tentei usar meu tPhone logo depois de Theo ir embora, mas o aparelho foi bloqueado remotamente, sem dúvidas pela Triade. Em meio àquele cansaço, não tinha me ocorrido usar um telefone fixo. E para Wyatt Conley, gênio da era do celular, aposto que ele nem lembra que telefones fixos existem, embora todo quarto de hotel tenha um.

Engolindo o último gole do refrigerante, pego o telefone e o examino com cuidado. Não parece ter um dispositivo de escuta, pelo menos não de acordo com os filmes de espionagem que já vi em que as pessoas acham essas coisas. Se Conley grampeou a linha, não tem nada que eu possa fazer. Ainda assim, aposto sem medo de errar que ele não pensou nesse telefone. As únicas pessoas que ainda dependem desses aparelhos são excêntricas, um pouco avoadas... como os meus pais.

O número da nossa casa é um dos poucos que ainda sei de cor. Preciso de pouca negociação com o telefonista para completar a ligação. Ouço aquele barulho estranho, o toque duplo das ligações internacionais.

— Alô? — diz uma voz sonolenta.

— Mãe, sou eu, Marguerite. Desculpa, sei que são seis horas da manhã...

— São cinco horas aqui, mas não tem problema. — Minha mãe já parece acordada. — Imagino que essa seja a Marguerite do Berkeleyverso...

— Sim, eu mesma.

Eles estão sabendo também? Nossa, o Cambridgeverso é bem rápido.

— Henry, sai da cama! É a outra Marguerite! — Escuto minha mãe gritando.

— A boa ou a má? — pergunta meu pai, um pouco mais distante.

— A boa — responde mamãe.

Eu rio com facilidade.

— Escuta, mãe, desculpa por não ter falado a verdade para vocês na última vez que eu estive aqui — falo depressa quando a escuto pegar o fone de novo.

— Não tem problema, amor. Não vou negar que foi meio estranho quando a nossa Marguerite falou o que estava acontecendo... mas descobrir a verdade por trás dos planos de Conley tornou o seu subterfúgio válido para todos os envolvidos.

Enquanto ela fala, escuto alguém pegar na extensão.

— Sinceramente, devíamos ter desconfiado — exclama meu pai.

— E vocês sabem que foi a do mal que veio aqui por último, certo? Digo, a minha versão do Escritório Central. Vocês não... deram ouvidos a ela, ou fizeram algo que ela tenha perdido, certo?

— A do mal — repete meu pai. — Um nome apropriado. Mas não, a gente sabia como lidar com ela. Estávamos na cola dela por mais de doze horas antes de ela chegar e sabíamos que a nossa Marguerite não estava em perigo.

— Como vocês tinham tanta certeza?

A do mal nunca hesitou em matar alguém.

— Porque o último universo que Wyatt Conley destruiria é o seu próprio. — Meu pai tem um tom de voz que parece dizer “Querida, você não está refletindo”. Isso normalmente me irrita, mas dessa vez ele tem razão. — Ele mata estrategicamente, não por pura crueldade. Caso contrário, nós todos já teríamos morrido há muito tempo.

— Além disso, Conley se agarra à esperança de trabalhar com um viajante perfeito, particularmente você — acrescenta minha mãe. — A sua dimensão tem tecnologia e representa uma ameaça. Você é a única forma possível de melhorar essa ameaça, de evitar destruir a dimensão como um todo.

— Ele faria isso — digo baixinho. — Ele já destruiu pelo menos um.

Meus pais ficam em silêncio por um tempo, como se em respeito aos mortos.

— Ele ainda quer a sua colaboração — continua minha mãe. — A do mal, como você chama, é tão fanaticamente envolvida com a causa que faz ele acreditar que pode te persuadir. E temos que mantê-lo focado nesse objetivo. Porque não vai demorar muito para ele descobrir que estamos rastreando os passos dela. Ele já deve estar desconfiando.

— Ele já desconfia. — Mexo com o Firebird no meu pescoço. — Ele não me perguntou onde consegui esse Firebird, e essa deveria ter sido a primeira pergunta.

— Droga! — exclama meu pai, exaltado. — Bom, da próxima vez que você conversar com ele, tente descobrir o quanto ele sabe. Claro que você já ia fazer isso, não é? Mas se concentre nele. Não revele nada. Deixe ele deduzir sozinho.

— Sim, vou fazer isso. — Eu me jogo no sofá, com a sensação de que eu podia adormecer ao confortável som das vozes dos meus pais. — Obrigado, pai. É bom ter outras coisas a fazer além de apenas... ficar caçando a do mal, embora eu nunca consiga pegá-la.

— Não diga isso — responde minha mãe. — Você não está desperdiçando seu tempo, Marguerite.

— Mas o Romaverso acabou... e duas outras Marguerites morreram.

— E você salvou uma outra de um acidente fatal no espaço! — continua ela. — Você está distraíndo Conley do que a gente está fazendo, e com isso, nos ajuda a ganhar tempo.

— Nós precisamos desse tempo — acrescenta meu pai. — Leva um tempo para as assimetrias se espalharem por uma dimensão o suficiente para protegê-la. Então, não se questione nem por um segundo, querida. Você está fazendo um excelente trabalho.

Se eles estão falando de outras dimensões, talvez eu não seja a única que eles estão monitorando.

— Vocês sabem me dizer onde está o meu Paul Markov?

— Ainda no Egitoverso — diz minha mãe. — Construir o estabilizador deve demorar um tempo lá e, a essa altura, supomos que ele já deva estar precisando recarregar o Firebird dele. Mas se a tecnologia daquele mundo estiver num nível de desenvolvimento parecido com o nosso, ele só vai conseguir fazer isso numa cidade. Talvez no Cairo...

Eles supõem? Mas é claro que sim. Só porque eles conseguem nos rastrear através das dimensões não significa que possam se comunicar conosco. A comunicação só é possível entre mundos com um nível tecnológico alto o suficiente para tal. Enquanto Paul estiver no Egitoverso, ele não terá ideia do que está acontecendo fora dali.

— Ele sabe que estou viva? — pergunto.

A pausa é tão longa que já sei a resposta antes do meu pai dizer.

— Ele não tem ideia do que aconteceu com o Romaverso. Então, ele não tem motivos para temer por você. Bom, além da sua versão maníaca homicida à solta, que já é um bom motivo.

— Ele não sabe como me seguir. Ele só conseguiu rastrear meu Firebird, e isso o levará — meu estômago embrulha — para o Escritório Central.

— Vamos tentar mandar um aviso. — Minha mãe obviamente não quer me arrasar. — Calma, Marguerite. Agente firme.

Eu quero. Eu vou. Mas parece que os perigos estão aumentando cada vez mais. Como se eu tivesse tentado ultrapassar uma barreira de vidro e agora estivesse rodeada de milhares de caquinhos, todos afiados o suficiente para arrancar sangue.

O convite para o almoço chega na forma de um recado nas mãos do recepcionista. O motorista da limusine que vai me levar até lá é um brutamontes que ou não sabe uma palavra do inglês ou está muito interessado em fingir que não sabe. Coloco um jeans e uma camiseta vermelho-escura que tirei das profundezas da minha mala, ambos extremamente amassados. Se Wyatt Conley já não vale o esforço de me arrumar, imagina de passar roupa.

Sou levada a um restaurante numa área reclusa com um espaço verde no centro, grande o suficiente para que algumas árvores tropicais façam sombra sobre nossas cabeças, além de uma série de outras plantas que cercam lojas e salões. Muitos dos prédios aqui têm uma estrutura a céu aberto, até mesmo o tipo de estabelecimento que eu nunca vi serem assim, como bancos. A estrada contorna o círculo antes de espichar não muito longe desse restaurante, e sou levada a uma mesa embaixo da sombra das folhagens de palmeiras frondosas.

Assim que encosto no cardápio, escuto o ronco de um motor V8. Consigo identificar o som porque atrás do volante daquele carro esportivo vermelho está Theo, acelerando em direção ao círculo. Ele estaciona do outro lado da área verde e não estou surpresa de ver Wyatt Conley saindo pelo lado do passageiro.

— Limusines são elegantes, lógico — comenta Conley, enquanto caminha na minha direção, deixando Theo para trás. — Mas prefiro carros mais sedutores.

— Acho que concordo. — Cruzo os braços sobre o peito. — Os homens usam carros esportivos para compensar pênis pequenos há muito tempo. Por que você não faria o mesmo?

Ele aperta os olhos, parecendo irritado, mas logo volta a si.

— Chega de criancice, Marguerite. Está na hora de começarmos as negociações.

Enquanto ele se senta, desvio o olhar para Theo. Ele não parece convencido nem envergonhado. Não está evitando o meu olhar como fez ontem, mas também não interage comigo. Parece estar perdido em seus pensamentos, embora eu não saiba o que pode ser mais importante do que isso. Talvez ele não dê a mínima para o que vai acontecer comigo.

A garçonete nos traz café e distribui um cardápio grosso. Conley nem olha para o dele e já o joga sobre o prato.

— Quero que algumas coisas fiquem claras desde o começo. Em primeiro lugar, sabe aquela proposta de parceria verdadeira que apresentei alguns meses atrás? Ela não está mais em questão. As coisas avançaram demais para isso. Mas acho que a gente ainda pode chegar a algum acordo que

pareça razoável para você e, certamente, mais convidativo do que a alternativa.

Pollo significa frango, penso, sem desviar o olhar do cardápio. Pede alguma coisa com *pollo* e você vai gostar.

— Acho que a proposta de parceria nunca esteve em questão. Mas vá lá. Despeje suas propostas emocionantes.

— Garanto que você, sua família e o Paul Markov do seu mundo estarão seguros. Não faremos qualquer movimento para destruir seu universo natal e nenhum dos seus conhecidos será fragmentado, ou pelo menos não por causa da Tríade. É isso que temos a oferecer. — Conley suspira, satisfeito. Ele acha que conseguiu me detonar. — Em troca disso, você vai viajar quando eu quiser, para onde eu quiser e fazer o que eu quiser que você faça. Se esse desejo envolver a destruição de um universo, você vai ter que fazê-lo. E, se essa perspectiva a incomoda, é só pensar que é o mundo deles morrendo para que o seu seja salvo.

Não digo nada, apenas cubro meu rosto com uma mão. Será que ele acha que estou hesitando? Se ele acha que estou no mínimo insegura, ao menos cogitando a proposta dele, talvez mande a do mal abandonar qualquer universo “neutro” em que ela está agora para que eu possa me mexer de novo.

E se acha que estou cansada, que estou com medo de nunca recuperar Paul, que não consigo suportar a ideia de colocar em perigo mais um universo que seja... ele está coberto de razão.

— Você vai perder — continua ele, a voz mais fraca agora. Bem mais. Até consigo escutar a cobra embaixo da pele dele. — Você sabe que seu mundo não tem chance, não contra essa dimensão e a do Escritório Central juntas. Claro que você não vai admitir. Seu orgulho ferido detesta sentar aqui e me ouvir dizer essas coisas. Você acha que não percebo o quanto você me odeia? Você realmente acha que consegue se esconder tão bem atrás desse cardápio? Desista, Marguerite. Você não vai vencer. Só resta salvar sua pele e a daqueles que a amam. Será que é muito engolir seu orgulho em prol de quem você ama?

Penso nos sacrifícios que fiz, os sacrifícios que meus pais, Paul e até o meu Theo fizeram... e sei que Wyatt Conley não faz ideia do quanto uma pessoa é capaz de fazer pelas pessoas que ama. Como esse Theo sentado do lado dele, calado, taciturno... ele não ama ninguém, só a si mesmo.

— Me deixe pensar — peço. — Preciso pensar.

— O que tem para pensar? — Conley levanta a voz tão alto que os outros clientes do restaurante ficam nos encarando como quem diz “lá vêm os americanos mal-educados brigando por causa do almoço”. Ele se controla. — Não existe oferta melhor.

Dou de ombros.

— Talvez o Escritório Central tenha algo melhor.

— Eu falo pelos outros dois universos da Tríade... — responde ele, impaciente.

— Isso é o que você acha. Mas eu visitei o Escritório Central. — Aquela megalópole brega e insólita paralisa tanto o céu quanto a terra. — E, se acha que eles são seus fãs, nossa, você está completamente enganado.

Theo levanta a cabeça agora. Consegui atrair seu interesse. Conley fica em silêncio por uns instantes e depois vem com um sorriso falso.

— Que teatrinho amador! Achei que você fosse mais inteligente.

— Não é teatro. É a mais pura verdade. — Uma das poucas memórias agradáveis que tenho do Escritório Central é de quando descobri isso. — Eles acham que você exagera e pretendem detê-lo em breve. E como era mesmo que a sua versão do Escritório Central te chamava? Hmm... ah, sim. Te chamava de “grande babaca”. Palavras dele.

A garçonete se aproxima para anotar os pedidos, dá uma boa olhada nas expressões faciais das pessoas na mesa e cai fora. Ela é esperta.

— Você está inventando isso — diz Conley, com firmeza.

— Se você acreditasse nisso, estaria rindo agora. — Me parece seguro abaixar o cardápio e perfurá-lo com o olhar. — Mas sabe que estou sendo honesta. Os três fundadores da Tríade no Escritório Central abominam você, e estão contando os dias para colocá-lo no seu lugar.

— Nós temos uma aliança — replica Conley..

— Três fundadores. Um deles é uma versão sua que não suporta você. Os outros dois são meus pais, que me amam. Veja bem, que amam qualquer versão minha! E amam muito mais do que possam se importar com você. Sejamos realistas, Conley. Se quer fazer um acordo, deveria melhorar sua proposta. Porque sei exatamente onde achar algo mais vantajoso.

— Eles te deram esse Firebird, não foi? Sabia! Eu sabia que eles não iam deixar para lá! — Toda a casualidade calculada dele cai por terra.

Eu nem tinha pensado nessa história, e é melhor que qualquer coisa que eu pudesse ter pensado.

— Você não quer reconsiderar suas opções? — ofereço.

Ele afasta a cadeira da mesa. Sempre pareceu um estudante que cresceu demais, e agora está agindo como tal.

— Eu vou voltar e ter umas palavrinhas com o Escritório Central. No fim das contas, a gente só precisa de um viajante perfeito, e não precisa ser você. Se você tem algum universo de preferência para morrer, é melhor se manifestar agora. Tudo que posso dizer nesse momento é que sua casa vai acabar virando fumaça, e vou adorar assistir a esse espetáculo.

Não! Droga! Forcei muito a barra com ele e agora ele está desesperado.

— Calma... eu não disse que você não teria condições de me fazer uma proposta melhor... melhor que a do Escritório Central.

— Agora é tarde. Beck, vem comigo.

— Estou com você, chefe. — A voz de Theo parece estranhamente distante. — Já estou com as chaves na mão.

— Por favor. — As lágrimas brotam dos meus olhos. — Por favor, não!

— Você finalmente aprendeu a implorar. Gostei disso. Mas não consegue me comover. — Conley fala isso e sai, pisando firme.

Eu me afundo na cadeira enquanto ele e Theo se dirigem ao carro. Minha visão está embaçada por causa do choro. Por que fiz isso? O objetivo era descobrir o quanto ele sabe, não deixá-lo com raiva. Foi tão bom poder enfrentá-lo pela primeira vez, usar a verdade contra ele... E agora essa minha boca grande pode ter condenado toda a minha dimensão à morte.

Será que eu morro junto? Se meu espírito estiver numa outra dimensão quando meu corpo for destruído, será que eu morro ou vou ficar vagando feito um... fantasma?

Pelo menos meu mundo sabe se defender. A essa altura já devem ter criado a assimetria que irá protegê-los. Mesmo assim, leva um tempo para funcionar, foi o que meu pai me disse hoje de manhã. Será que já deu tempo suficiente? Se Wyatt Conley atacar agora, será que vão conseguir sobreviver?

Limpo meu rosto com o guardanapo, determinada a encontrar outro telefone fixo para avisar aos outros mundos do multiverso o que está para acontecer. O motor do carro esportivo ronca bem alto, deve ser Theo ao volante, dando a partida. Acho que, mesmo agora, com o fim de uma dimensão inteira tão próximo, Theo ainda ama seu carro possante. Com os freios guinchando, o carro sai da vaga e começa a se aproximar do círculo.

No entanto, ao fazer a curva, ele acelera tão rápido que eu levo um susto. Aquele vulto vermelho passa por mim e o motor barulhento não consegue abafar o burburinho preocupado das outras pessoas no restaurante. Na extensão da rua no final do retorno, Theo pisa fundo no acelerador, levando o carro a mais de 100 km/h, ou talvez bem mais que isso... e não faz a curva final.

Nem tenta.

Eu olho perplexa enquanto ele ultrapassa o meio-fio, ganhando o ar numa fração de segundo antes de bater.



GRITOS ECOAM AO MEU REDOR quando o carro vermelho bate violentamente contra a espessa coluna de concreto do poste de luz. O estrondo metálico ensurdecedor se transforma no sibilo de um motor destroçado e, através da densa fumaça, percebo que o carro quase partiu em dois.

Como foi que Theo bateu esse carro?, penso, estupefata, antes de perceber a verdade: ele bateu de propósito.

Meu corpo e meu cérebro não chegam a um consenso a respeito do que fazer. Fico de pé ali, oscilando, querendo desmaiar. Dou uns passos, inclinada para a frente, até me agarrar a um poste para evitar que eu caia. Contudo, em poucos segundos já consigo me reerguer e corro na direção dos destroços. Alguém grita para mim em espanhol, provavelmente alguma advertência para eu recuar por uma questão de segurança, mas Theo uma vez me explicou que carros batidos só explodem nos filmes. Apenas uma explosão seria capaz de me afastar.

Vou para o lado do passageiro, onde a porta foi destruída, e Conley...

Faço um esforço tremendo para não vomitar. Eu detesto esse homem... quero dizer, detestava, quando ele estava vivo. Mas olhar para ele agora me dá náuseas. Nunca precisei ver a cabeça do Conley rachada. Nunca quis saber que cheiro os miolos dele têm. Agora nunca mais vou esquecer.

A parte mais fria e calculista da minha mente, a parte que a do mal entenderia, sabe que isso muda drasticamente as coisas. Nessa dimensão, a Tríade tinha apenas um líder, que era também o viajante perfeito deles. Esse mundo nunca mais será um perigo para o meu mundo novamente.

Porém, nada disso parece importante levando em consideração que Theo está em algum lugar no meio desses destroços. Ele fez isso de propósito e, instintivamente, sei que fez isso por mim.

— Theo? — Minha voz falha no contorno da traseira do carro. *Por favor, não esteja despedaçado daquele jeito. Por favor, não esteja rachado. Por favor, por favor, por favor.* — Theo, você está me ouvindo?

— Meg?

Finalmente chego na porta do motorista. Theo está desmoronado no assento, que está bem atrás do seu lugar natural. O impacto deve tê-lo deslocado. O rosto dele já está roxo e inchado. Tem sangue saindo pelo nariz e pelas orelhas. Um dos braços, claramente quebrado em vários pontos, está jogado sobre o câmbio. A outra mão está estendida, tentando me alcançar.

Seguro a mão dele, fingindo não perceber o sangue entre nossos dedos. Essa é a mesma pessoa que matou meu outro eu, os mesmos dedos que ataram um nó com a echarpe em volta do meu pescoço. Mesmo assim, não consigo olhar para seu rosto ferido, desesperado, sem aceitar aquele aperto de mão. A mão dele está fraca e trêmula dentro da minha.

— Theo, o que você fez?

— Eu sabia... eu sabia que tinha como eliminá-lo. — Theo tenta forçar um sorriso, mas aí tosse e encolhe de dor. — Aquele filho da puta nunca... usou o cinto de segurança. Sempre... sempre coloque o...

O cinto de segurança passa pelo tórax dele de um jeito estranho. Ele deve estar com várias costelas quebradas. Talvez até o esterno também.

— Aguenta. Eles devem ter chamado uma ambulância, então os médicos vão chegar aqui a qualquer momento. Tudo bem? Calma.

— Não é... assim que funciona. — Ele pendea a cabeça na minha direção. Seus olhos parecem ver os meus, mas não tenho certeza se ele sequer consegue me ver. — Eu tirei uma vida. Só dá... só dá para pagar uma vida com outra vida.

— Meu Deus, Theo. — Eu odeio muito esse Theo. Já bati nele, xinguei ele, até tentei matá-lo. Mas não é do meu feitio gostar de vê-lo morrer.

Minha mente me mostra uma imagem da minha segunda noite numa dimensão alternativa: o Londresverso, onde eu ocupava o corpo de uma menina que já morreu. Eu achava que meu pai tinha sido assassinado, e eu vagava bêbada numa boate na tola esperança de que o álcool pudesse aliviar aquela dor imensa dentro de mim. Foi quando Theo veio até mim, me pegou nos braços e me segurou, bem ali na boate, me embalando no seu peito enquanto eu soluçava em meio à batida e aos dançarinos ao nosso redor. Ele estava fingindo ser o meu Theo, estava me manipulando, me usando. Mas naquela noite sei que ele também sentiu a minha dor. Aquele momento deve ter sido o mais real que já vivi com esse Theo. Até agora.

— Conley... ele... ele mandou a outra seguir em frente. — Ele gagueja, estremece, arqueja. — Você tem que segui-la.

— Eu vou — prometo. — Agora mesmo.

— Você me perguntou... como ela se sentiu. A sua outra versão. Enquanto eu matava ela. — Theo tenta sorrir, mas seu lábio cortado torna esse momento grotesco. — Agora eu lembro.

Ele estremece... na verdade, convulsiona. Tosse de novo, e as gotas de sangue no nariz viram um fluxo abundante. Os olhos reviram na cabeça e a respiração descompassa no peito.

— Não! — Aperto sua mão mais forte. Por mais que eu o deteste, acabo não conseguindo vê-lo morrer. — Não, Theo, espera. Você ainda pode nos ajudar. Pode ser aquele que vai recuperar o Triade-verso! Poderia desfazer alguns estragos... ajudar a trazer as coisas de volta...

Minha voz vai desaparecendo ao perceber que ele não consegue mais me ouvir.

O chiado no peito dele para e por um momento acho que é o fim, até que ele sussurra:

— Meg...

Eu sinto a mão dele afrouxar. A corrente de sangue no nariz e nos ouvidos diminui, até parar. A cabeça dele cai para trás, longe do assento quebrado. Não tem mais ninguém ali.

Trêmula, solto a minha mão da dele e encosto no seu rosto. Fechar os olhos dele é muito estranho. As pálpebras são muito frágeis e sensíveis ao toque dos meus dedos. Ao recuar, percebo as manchas de sangue que deixei.

Me afasto dos escombros, ainda vacilante, alheia ao sangue que goteja da minha mão. Ouço sirenes ao longe. Seja lá o que for que Conley tenha contratado para me vigiar, motorista de limusine, segurança ou capanga, com certeza essa pessoa não me vê mais como uma prioridade nem pensa que ainda está em alguma folha de pagamento. De qualquer forma, ninguém está tentando me capturar ou me machucar. Estou sozinha no Equador, totalmente sozinha.

Pensa. Chego ao café na esquina, onde todos os fregueses se juntaram para espiar, e me sento em uma das cadeiras de palha indiana. *Você pode pegar um telefone fixo e ligar para seus pais de novo. Eles vão vir te buscar.* Quero dizer, eles vão vir buscar a Marguerite do Triade-verso. Assim que eu tiver certeza que ela está bem, pretendo seguir o conselho de Theo e ir atrás da do mal.

Não, eu preciso de *Paul*. Ele está bem aqui, nessa cidade. Mas como vou achá-lo estando no meio de uma cidade enorme que não conheço e onde só sei falar umas trinta palavras da língua local?

Tento de novo me concentrar nos destroços fumegantes na minha frente e me dou conta: um dos homens mais ricos do mundo acabou de morrer

violentamente em público. Isso vai estar no YouTube em poucos minutos, se já não estiver. A imprensa vai chegar antes da ambulância. Paul vai descobrir bem rápido, assim como qualquer um no globo, e, se eu estiver em alguma foto ou vídeo feito pelos zilhões de smartphones que vejo aqui na multidão, ele vai perceber que estou aqui.

Paul vai saber como me encontrar.

Tem muito sangue de Theo nas minhas mãos. A ideia parece ao mesmo tempo muito inacreditável e bem distante. Alguns guardanapos foram deixados na mesa ao lado. Pego alguns e começo a limpar aquele vermelhão. Tem muito vermelho. Paul não pode ver isso, não pode saber o que aconteceu com o cara que costumava chamá-lo de “irmãozinho”.

O sangue mancha minha camisa, meu jeans, minha pele, mas o Firebird continua imaculado. O motivo de todo esse alvoroço agora se reflete nessa luz de meio-dia, mais claro que nunca.

Theo disse que Conley já tinha mandado a do mal ir em frente. Mas como? Eles não têm como se comunicar como a gente faz, ou já saberiam... espera. Claro! Romola. Ele a chamou, ela trocou de universo a tempo de fazer uma ligação e pronto. Talvez ele tenha outros capangas, outros viajantes imperfeitos querendo ir de um mundo a outro e ferrar com a gente, mas acho que a Romola é a única no esquema todo.

A questão é: a do mal se foi. Essa é a chance de saltar nesse tal “universo neutro”, já que esse Firebird rastreou os passos dela assim que cheguei aqui. Então, a corrida começa de novo.

No momento, um universo neutro parece um luxo inacreditável.

Pego uma caneta e meu cartão de embarque amassado do voo São Francisco-Quito e faço umas pequenas anotações. Embora eu saiba que meus outros eus se lembram do tempo que passo em seus corpos, talvez isso seja pesado de lidar para a minha versão do Tríade-verso. Coloco o nome do hotel e o número do quarto e sublinho as palavras *Paul vai estar aqui em breve*. Uma parte de mim quer ficar até ele chegar, sentir um pouco do conforto dos seus braços. Mas ele vai estar com sua própria Marguerite quando vir isso. Eles precisam um do outro.

Nem preciso mencionar que Conley está morto, que Theo deu a vida para nos proteger, ou que ela não deveria voltar para o carro e espiar. O que eu vi lá — o que Theo fez —, nem ela nem eu vamos conseguir esquecer enquanto estivermos vivas.

Enfio o cartão de embarque no bolso da frente da minha camiseta, respiro fundo e pulo fora.

Depois de ver duas pessoas morrerem num acidente de carro violentíssimo, é meio assustador saltar em mim mesma atrás do volante de um carro. Mas esse carro não está na estrada. Está na água.

Meu Deus. Meu Deus! Meto a mão na porta freneticamente, olho para fora, para o rio ou enseada, ou algo parecido que está agora batendo no capô, e sinto os primeiros fios d'água molharem meus pés. O medo começa a me inundar junto com a água. Olho para cima, tentando achar o teto solar — nosso novo carro lá em casa tem um. Mas não esse. A água cobre todo o capô e o carro balança conforme vai afundando.

Meus dedos agarram a maçaneta antes de eu lembrar: *Não abra.*

Em novembro, quando acreditávamos que meu pai tinha sido assassinado, pensamos que ele tinha se afogado quando o carro sabotado dele caiu na água. No fim das contas, ele fora sequestrado para uma dimensão paralela, mas nenhum de nós conseguiu descobrir isso por quase um mês.

E a verdade é que, quando você fica de luto por alguém esse tempo todo, você não supera tão rápido, mesmo que a pessoa volte.

Tive pesadelos com o acidente do meu pai por mais de seis semanas depois de ele ter voltado para casa são e salvo. Paul insistia que a resposta era conhecimento, que se eu descobrisse o que fazer naquela situação, em algum momento eu me salvaria nos sonhos e os pesadelos iriam parar. Mas não foi bem dessa forma que aconteceu. Os pesadelos foram parando aos poucos, sem a minha interferência. Mas aquelas dezenas de vídeos que assisti de especialistas em segurança ou os repórteres de TV ensinando como fugir de um carro afundando me mostraram que a pressão da água faz com que seja bem difícil abrir a porta. Você tem que sair pela janela.

Meu dedo acha os botões da janela, e o vidro baixa pela metade, aí para. Nesse exato momento, o painel todo fica escuro. A água causou um curto no sistema elétrico do carro.

A abertura no topo da janela deve ser o suficiente para eu conseguir me espremer e passar.

Deve ser.

Coloco a cabeça para fora, depois ajusto os ombros e começo a sair dali. Mas meu cinto engancha no vidro, e mesmo me balançando desesperadamente, o carro continua afundando. Procuo com a mão o cinto, consigo abri-lo, e então apoio as duas palmas contra a porta do carro e me empurro para fora com bastante força. O impulso abaixa meus jeans na altura da coxa, mas com isso eu consigo passar os quadris pelo vidro. Quase livre.

O carro inclina e eu mergulho na água, e as canelas ainda estão estancadas entre a janela e a porta. Eu me contorço, mas os pés ficam

presos na brecha da janela. Por um momento bizarro, parece que o carro vai me rebocar para baixo, como se fosse uma âncora, até o fundo do mar. No último instante antes de afundar, seguro bastante ar.

Afundo. Tudo fica muito frio. Meu cabelo se entrelaça ao meu redor formando uma nuvem negra. A luz do sol faz aquela água turva ficar âmbar. O carro ainda está puxando minhas pernas e seu peso com certeza vai me conduzir à morte se eu não conseguir me desvencilhar. Desesperadamente, começo a chutar várias vezes até que... Pronto! Meus pés ficam livres. O jeans e os sapatos vão junto com o carro e agora eu posso emergir.

Quando minha cabeça atinge a superfície, busco o ar. Uma pequena aglomeração se formou na estrada, perto da grade amassada que deve indicar onde meu carro despencou. Por sorte, não tem corrente forte me puxando, porque não tenho certeza se eu teria forças para me libertar. A falta de oxigênio aliada ao esforço físico extremo me deixa tonta, mas a adrenalina começa a agir. Tenho forças para continuar. Com muito esforço, chego na praia.

Obrigada, pai, penso ao começar a sentir o lodo do rio nos meus pés descalços. *Obrigada, Paul*. Todos aqueles pesadelos e vídeos salvaram minha vida.

Por um instante, apenas me sento na beira do rio, muito cansada para sequer me cobrir. Se o mundo quer olhar para minha bunda, que ficou visível por causa da calcinha molhada, vai em frente. Nesse momento, não estou nem aí.

Não é um problema para mim lidar com situações difíceis. Agora sei disso. Mas aqueles dois momentos, um depois do outro, me deixaram tão destruída e cansada que não consigo nem agir. Não consigo me importar com as coisas. Uma senhora gentil que guarda um kit de primeiros-socorros no carro me cobre com uma dessas mantas isotérmicas de alumínio. Então, me permito por alguns momentos simplesmente existir. A única coisa que passa pela minha cabeça é: está quentinho agora.

No entanto, quando a polícia chega já consigo elaborar mais.

— Testemunhas afirmam que parece que você despencou de propósito — informa o policial, que está agachado na minha frente com um bloco de notas na mão. — Mas aí você lutou à beça para sair da água.

— Não mergulhei com o carro de propósito. — Um pingo de água desce pelo meu cabelo até chegar à bochecha. — Eu acho... acho que adormeci ao volante.

— Adormeceu? Se você soprasse no bafômetro agora, qual seria o resultado?

Não me espantaria se a do mal tomasse uns drinques e depois se jogasse no rio com o carro, mas me sinto absolutamente sóbria.

— Eu estou sóbria. Juro. Mas é que eu tenho passado várias noites em claro e...

— A sua sorte é que você não machucou ninguém. — O policial parece ter acreditado em mim, mas vai buscar o bafômetro mesmo assim. — Aguenta firme. Para quem a gente pode ligar?

O meu telefone, se estava comigo na hora do acidente, agora está no fundo do rio, totalmente destruído. Então, dou o número fixo da minha casa para eles, só que ninguém atende. Como não consigo me lembrar de nenhum outro número ali na hora, eles resolvem me dar uma carona até a minha casa. Se ninguém estiver em casa, sei onde eles guardam a chave extra.

Bem, isso no meu universo... Mas esse aqui é bem parecido com o meu. As placas de carro são todas da Califórnia e, embora eu não possa afirmar com convicção, tenho quase certeza que já vi essa área antes. Não pode ser muito longe da nossa casa em Berkeley. Tenho um suéter igual a esse.

Um universo neutro, foi o que Conley disse. Um universo não marcado pela destruição — um mundo onde a Marguerite não precisou morrer. Mas a do mal tentou matá-la mesmo assim.

Será que Conley estava mentindo para mim? Nunca foi um problema para ele ter que mentir, se fosse conveniente. Dessa vez, porém, acho que ele estava falando a verdade.

Acho que a do mal tentou matar essa Marguerite só por prazer, mesmo.

Paul me falou no Escritório Central que ela considera isso uma forma de arte. Pincel e tinta estão para mim assim como manipulação e assassinato estão para ela.

E, eu sei, do fundo do meu coração, e também pelas experiências de muitas outras Marguerites, que nunca vou desistir da minha arte.

Quando a gente chega em casa, o carro da minha mãe está do lado de fora, na frente, mas a caixa do correio está abarrotada de correspondências, como se ela não olhasse há dias. O policial que me trouxe aqui franze a testa.

— Seus pais estão viajando?

— Eles sempre vão para vários congressos. — O que é verdade, só que eles sempre se lembram de deixar um aviso para não receber correspondência. Bom, parece que dessa vez eles esqueceram. Eu mexo nos vasinhos de flores e encontro o esconderijo de sempre da chave extra, que está um pouco suja de terra. — Viu? Está tudo bem.

O policial me conduz até o interior da casa, me dá o boletim de ocorrência e fala para eu dar um pulo na delegacia amanhã para conversar com eles sobre o acontecido. Embora eu não deva estar encrencada, algo me diz que

essa Marguerite vai ter sua carteira de motorista suspensa no futuro. Mas ela não vai ligar. Não vai ligar nem um pouco quando eu sair daqui e ela perceber o que aconteceu e o que quase aconteceu. Chamar um Uber por seis meses não é nada comparado a morrer afogada.

Quando o carro da polícia se afasta, tranco a porta e vou em direção ao meu quarto. Vou diminuindo os passos conforme olho o meu redor. Essa é minha casa, mas algo não está certo.

Na verdade, alguma coisa está errada... bem errada.

As plantinhas da minha mãe, que ela cuida como se fossem filhas, estão morrendo.

Algumas já estão até mortas. As folhas ficaram escuras e retorcidas por falta de água. Essa imagem me choca tanto que vou direto pegar um pote com água, muito antes de pensar em tomar banho e trocar de roupa. Ainda estou com a manta de alumínio e não estou vestindo muito mais que isso.

Daí ouço a voz da minha mãe lá do quarto.

— Quem está aí?

— Mãe? Você estava dormindo? — Nada disso faz sentido para mim. — Eu sofri um acidente de carro... Estou bem, mas o carro afundou...

Minhas palavras desaparecem quando a vejo, quase se arrastando pela casa. Ela nunca foi super ligada em moda, os casacos dela têm quase a minha idade, e até onde eu sei é alérgica a maquiagem. Mas a calça de moletom larga e a camiseta que ela está usando estão imundas e manchadas de comida. O cabelo parece não ser lavado há uma semana.

— Marguerite? O que aconteceu?

— Acho que adormeci enquanto dirigia.

Isso deveria despertá-la completamente. Ela viria até mim, faria perguntas sobre trajetórias e velocidades, ao mesmo tempo fazendo carinho no meu cabelo e falando para eu tomar um bom banho quente.

Em vez disso, ela fica bastante irritada.

— Você não é capaz de cuidar de sim mesma? Você grita comigo, reclamando que eu não me importo com você, aí vai e faz um negócio desse?

— Foi sem querer! — Minha mãe é tão calma que eu raramente tive que lidar com tanta raiva. Acho que nunca lidei. Os olhos dela ferverem de ódio e começo a ficar com medo. Não dela. Por ela. Porque essa pessoa ultra instável aqui é tudo menos a Sophia Kovalenka que conheço. — Desculpa, mãe. Desculpa. Eu vou...vou vender uns quadros, talvez começar a te pagar o valor do carro...

— Tudo bem. Tudo vai se acertar quando você voltar a pintar e eu voltar para a universidade. O carro novo vai ser tão bom quanto o antigo. — Ela tem um sorriso amargo. — Logo, logo...

O que dizer diante disso?

— Vou reparar esse dano. Eu consigo. Vou dar um jeito.

Então, ela me abraça e fico chocada com a magreza dela. Nós duas somos bem magras, muito além daquele “magro fashion”, a ponto de os médicos nos indagarem sobre anorexia mesmo se a gente estiver indo tomar uma vacina contra gripe. Nós somos assim. Só que ela perdeu mais peso ainda, de um jeito que não tem como ser saudável, mesmo para minha mãe.

— Me desculpa, amor — murmura ela no meu cabelo molhado. — Me desculpa. Você sabe que eu amo você.

— Eu também amo você.

Por mais que essas palavras sejam verdadeiras, digo mais porque acho que ela precisa ouvi-las.

— Se alguma coisa acontecesse com você...

— Não vai acontecer. Prometo. Olha, eu estou bem. — Tento sorrir para ela.

Mas a expressão no rosto dela muda.

— Você não tem como me prometer que nada vai acontecer. Ninguém tem como.

Ficamos de pé ali, olhando uma para outra por alguns segundos horríveis.

— Preciso tomar um banho — falo, finalmente.

— E vestir umas roupas secas. — Por um curto instante, ela meio que se parece com ela mesma. — Depois a gente vai para a cama.

— Pizza — solto a palavra. — Pizza, depois cama.

— Tudo bem.

Ela volta para o quarto dela. Embora pudesse estar andando para pegar o telefone e ligar para o delivery, algo me diz que eu mesma vou ter que fazer isso.

Por que mamãe está com essa aparência horrível e por que ela reagiu de um jeito tão estranho ao meu acidente de carro? Não vejo nenhuma equação na parede do quadro-negro, apenas algumas muito antigas que mais parecem manchas de poeira branca. Será que Paul ou Theo nunca vêm aqui, ou nenhum outro aluno da graduação?

E onde está meu pai?

Assim que eu estiver limpa e vestida de novo, vou ter que descobrir as respostas. Mas suspeito que não vou gostar delas.

Só sei que essa versão da minha mãe é a mais fraca e a mais destruída que já encontrei. Se a do mal tivesse matado essa versão minha, sei de cara que minha mãe não teria conseguido suportar a dor.

E mesmo assim, a do mal tentou. Mesmo num mundo neutro, sem qualquer motivo para a violência, sem nenhuma solicitação de Wyatt Conley, a do mal foi em busca de assassinato.



A PRIMEIRA BUSCA NO GOOGLE JÁ REVELA AS TREVAS QUE PAIRAM SOBRE ESSA CASA.

Professor local e filha assassinados em roubo de veículo fracassado

Embora papai e Josie estivessem no carro, Josie estava ao volante. Esse detalhe não é muito destacado na notícia, porque o repórter não teria como entender sua importância. Se Josie estivesse dirigindo seu próprio carro, ninguém teria tentado roubá-lo, porque assaltantes de veículos não se interessam muito por fuscas amarelo-vibrantes que são facilmente identificáveis pela polícia. E se meu pai estivesse dirigindo o carro, ele faria exatamente o que os assaltantes queriam: ele sairia do carro, garantiria que Josie saísse também e teria entregado a chave para eles.

Mas o temperamento esquentado de Josie, a forma como ela reage a qualquer situação de risco, logo se precipitando, faz com que ela seja irresponsável. Ela “não quis sair do veículo”, a notícia diz, sem dar maiores detalhes. O que ela fez, seja lá o que for, instigou o pretenso assaltante a disparar a arma.

A srta. Caine, 21, morreu no local. O dr. Caine conseguiu falar com as primeiras testemunhas, mas perdeu a consciência a caminho do Centro Médico Alta Bates, onde foi declarado morto na chegada.

É de se esperar que eu esteja acostumada a chegar em mundos onde um ou mais membros da minha família morreram. Já aconteceu tantas vezes que já sei lidar melhor agora. Mas nunca é fácil.

Se Josie morreu aos 21 anos, quer dizer que isso aconteceu três anos atrás. Desde então, minha mãe está... destruída, eu acho. Arrasada. Será que ela ainda dá aula? Será que está de licença? A gente ainda mora na mesma casa, mas, a julgar pelas correspondências acumuladas lá fora, ela não está lidando muito bem, se é que está lidando de alguma forma.

É por isso que eu sou tão revoltada.

Sento no meu quarto, os joelhos encolhidos na altura do peito, olhando fixamente para a tela brilhante do laptop. O retrato de Josie no último ano sorri para mim da tela, assim como a última foto do meu pai com o corpo docente. Como a do mal teve a coragem de tentar tirar da mamãe a única pessoa que lhe restou? Um arrepio desce pela espinha ao pensar que minha mãe poderia até ter cometido suicídio. Foi isso que a do mal fez com ela, ela veio atrás de duas vidas dessa vez.

A perversidade da coisa supera tudo que já vi a do mal ser capaz de fazer, especialmente porque, de acordo com Conley, não havia um motivo tático para essa Marguerite morrer.

Ela poderia sentir prazer com outros assassinatos, mas sempre achei que pelo menos parte da motivação dela era conseguir Josie de volta. Eu subestimei o seu sadismo. Nunca imaginei a que ponto ela podia chegar.

No entanto, de alguma forma, preciso reconhecer que a do mal e eu devemos ser a mesma pessoa.

Eu descobri o lado sombrio de Theo bem no início. Depois, descobri o lado sombrio de Paul. Mas acabei sendo a mais sombria de todos.

Uma vez na vida, já planejei matar outro ser humano. Quando achava que Paul tinha matado meu pai, no meu primeiro ímpeto de raiva, perda e dor, devo confessar que pensei em matá-lo. Mas, mesmo naquela época, quando o momento chegou, eu hesitei. E que bom que o fiz, porque Paul era inocente e meu pai estava vivo. E nem foi a força do meu ódio que me impulsionou, mas a força do meu amor pelo meu pai. Foi isso que quase me levou ao assassinato, sendo que nenhum outro sentimento seria capaz de me levar a esse ponto.

Que distorção transformou uma versão minha na do mal?

Olho para as paredes, e meus quadros decoram o quarto, como sempre. Esse é um dos poucos mundos que visitei em que não pinto rostos. Aqui o foco são paisagens rurais, urbanas, até um pouco de natureza morta: frutas,

vasos, esse tipo de coisa. O trabalho com as cores dessa Marguerite mostra bastante aprofundamento, assim como seu tratamento de luz... Dá para aprender algumas coisas com ela. Mas também consigo captar a dor que fez com que ela evitasse pintar rostos humanos.

Respiro fundo e me jogo de novo na poltrona. É provável que eu já tenha feito tudo que podia por essa Marguerite. Não quero mais ficar nesse universo depressivo. Detesto deixar minha mãe assim, mas não tem como trazer papai e Josie de volta para ela. E uma outra Marguerite vai estar em perigo a qualquer momento.

Pego o Firebird, tento saltar. Nada.

O cansaço me consome, corpo e mente. Fisicamente, meus músculos ainda doem por causa daquela fuga alucinada de carro, e os machucados no quadril e nos joelhos começam a latejar de dor. Emocionalmente, estou tão esgotada que não tenho certeza que me importaria se a casa pegasse fogo.

Para a cama, digo para mim mesma. *Agora*. Vou programar o despertador para tocar a cada três horas, assim posso tentar saltar o mais rápido possível. É quando lembro que meu celular afundou no rio junto com o carro. Que ótimo.

No meu universo, Josie me deu um despertador da Hello Kitty como presente de seis anos. Não tem como um presente ser mais legal quando você tem seis anos. Josie se orgulhava de ter me dado um presente tão legal e o despertador continuou sendo um dos meus objetos preciosos até bem depois de a Hello Kitty deixar de ser a “minha cara”. Até mesmo depois de substituí-lo pelo tPhone, não o joguei fora. Ainda está lá, guardado no fundo do armário, servindo de apoio para os meus gorros de tricô.

Se Josie me deu esse despertador nessa dimensão também, então a Hello Kitty está prestes a ser acionada. Vou até o armário, acendo a luz para começar a vasculhar, mas aí paro.

Minha pasta de desenhos está socada no cantinho lá atrás, amassada feito papel. Espalhadas pelo chão, vejo minhas telas antigas. Meio a contragosto, me ajoelho para examiná-las. A primeira olhada já me dá um aperto no coração.

É um retrato de Josie com os olhos arrancados.

Continuo analisando os desenhos, cada vez mais e mais, e a destruição é a mesma. Josie, meus pais: os olhos ou a boca foram retirados dos retratos originais. A mutilação faz seus rostos parecerem ocios e mórbidos, o tipo de coisa que você imaginaria encontrar em cartazes de filmes de terror. Primeiro, fico pensando se essa Marguerite tomou uma decisão artística de desfigurar seus quadros antigos como símbolo da destruição da família. Mas vejo pequenas manchas de tinta no chão do closet. Não, isso foi feito um ou dois dias atrás.

Ou seja, foi a do mal quem fez isso.

Por último, encontro um autorretrato bem parecido com os meus primeiros trabalhos lá em casa. Na imagem, estou vestindo uma camiseta azul florida que tenho até hoje. Mas o rosto todo está vazio, arrancado tão violentamente com a faca que a do mal usou para rasgar a tela em várias partes.

Ela se odeia mais que aos outros. Sento com as pernas cruzadas diante do armário, entre as fileiras de sapatos, estudando um rosto de cada vez. Por que ela os odeia? Será que odeia todo mundo? Talvez algo tenha dado errado no útero da minha mãe e meu cérebro não se desenvolveu como o de uma pessoa normal. Será que a do mal é uma psicopata presa no corpo de um ser humano normal?

Essa resposta é muito fácil. Eu preciso sair dessa. Se quero derrotá-la no próprio jogo dela, preciso entendê-la. Isso significa que preciso parar de me esconder por trás das coisas que me fazem diferente dela.

Preciso enfrentar as mesmas trevas que Theo teve que reconhecer. As mesmas trevas contra as quais Paul luta até hoje. Preciso olhar com coragem para a do mal e descobrir o que temos em comum. Preciso descobrir em que aspectos somos iguais.

Tento imaginar como é ser a garota do Escritório Central. Estando lá naquela megalópole perigosa, onde as pessoas são obcecadas por status. Sendo a filha de dois dos maiores inventores do mundo. Como isso poderia me afetar? Não entendo como isso poderia me transformar numa assassina, mas consigo entender como poderia me tornar superficial ou esnobe. Até consigo enxergar como isso poderia desviar minha atenção da pintura, ou considerá-la algo menor. No meu mundo, meus pais sempre me incentivaram: compravam pincéis e telas para mim, convenciam os professores do departamento de arte da universidade a me deixar assistir aulas técnicas como ouvinte e nunca faziam perguntas do tipo: *Mas como você vai se sustentar?*

No entanto, no Escritório Central, dinheiro é mais do que só poder, é uma virtude. Você é o que ganha. Se você não tem valor monetário, é um inútil.

Então a do mal deve ter sido bastante negligenciada. Subestimada. E quando a Tríade escolheu Josie para ser a viajante perfeita daquele universo e até Wyatt Conley se apaixonou por ela... A do mal deve ter se sentido invisível.

Isso não é uma desculpa. Não é nem sequer uma explicação. Mas, num nível básico e inexprimível, sei que consegui ver algo na alma dela que pode ser igual à minha.

As telas vandalizadas estão sobre minhas pernas, olhando para o alto vagamente. Quando Josie morreu, tanto meus pais como Conley ficaram

obcecados, tentando recuperar os fragmentos da alma dela, porque acreditavam que aquilo poderia trazê-la de volta. Eles mergulharam nessa conspiração do multiverso e se dispuseram a destruir outros universos. Josie ofuscou meu outro eu depois de morta ainda mais do que quando estava viva.

O Paul do Escritório Central me disse que minha versão lá era a voluntária mais empolgada da Tríade. O Theo do Escritório Central, de um jeito menos educado, só que talvez mais preciso, chamava ela de “vaca”. Agora consigo imaginá-la fazendo tudo para se afirmar: ela tinha que ser a mais corajosa, a implacável, a imbatível, melhor que Josie em tudo. Tudo porque as pessoas devem tê-la magoado imensamente.

E se ela vencer, qual vai ser a recompensa? Josie volta à vida... para ofuscá-la mais uma vez.

Espera. Isso aconteceu há três anos? Arregalo os olhos. Esse universo não é neutro, escolhido aleatoriamente. Esse é o universo onde a Josie deles morreu. Quando a do mal chegou aqui, deve ter encontrado mamãe frágil e deprimida. Ela deve ter visto essa casa desmoronar mesmo estando aqui. Em vez de sentir empatia, ela deve ter pensado: *Tá vendo? Continuo não sendo suficiente para ela. Nunca vou ser suficiente. Quando ela perceber que me perdeu também, aí sim ela vai sentir minha falta.*

É quase como se eu conseguisse me sentir no banco do motorista daquele carro, olhando para a água. *Você vai ver, mãe*, a do mal deve ter pensado segundos antes de pisar no acelerador.

Tem mais coisa aí, tenho certeza. Essa alegria toda que ela sente fazendo o que faz ainda é incompreensível e imperdoável.

Mas acho que cheguei à raiz do problema. Agora sei o que a impulsiona. Por trás dessa maldade infinita existe uma dor que ela não consegue curar, não importa a quantidade de universos destruídos.

Talvez em algum momento eu possa usar essa descoberta contra ela. Já sei que preciso revidar em qualquer lugar e época que eu estiver.

— Mãe? — digo, indo na direção do quarto dela. Passei horas pensando sobre esse assunto. O céu lá fora começou a clarear, apontando para o amanhecer. — Mãe, levanta.

— Marguerite? — escuto ela resmungar por trás da porta. Interpreto isso como um “sim, pode entrar” e entro. Ao ver como é o aspecto do quarto, quase me arrependo de ter entrado. O quarto cheira a roupa suja e o outro lado da cama, o lado em que meu pai dormia, tem pilhas altas de propagandas que vêm pelo correio, meias amassadas e alguns pratos descartáveis sujos. Minha mãe está sentada no entulho, coçando a cabeça. — Amor, o que houve?

— Mãe, você pesquisa dimensões paralelas, certo? Diferentes realidades quânticas?

Ela me olha abismada.

— Eu... você sabe que eu estou de licença da faculdade.

— Mas esse é seu campo de pesquisa. Certo?

— Lógico que era. Seu pai e eu trabalhávamos com isso juntos. — Agora ela está estressada. — Por que você me acordou para...

Ela para de falar na hora que pego o cordão no meu pescoço e retiro o Firebird.

— Eu não sou a sua Marguerite, mãe. Eu vim de outra dimensão.

— Como assim?

— Olha aqui, mãe. — Sento do lado dela na cama. — Olha para o Firebird e me diz que você não fez isso.

— Que... — Ela põe as mãos ao redor do medalhão, boquiaberta.

— Vocês já inventaram o Firebird em várias dimensões. — Por ora, me atendo à explicação mais simples possível. Não tenho certeza do quanto ela consegue absorver de uma só vez. — Viajei por várias dimensões e o Firebird me trouxe até aqui. Ele me trouxe até você.

Ela não diz nada. Só fica sentada analisando, sem emitir uma palavra, até que começa a fazer um som que parece choro. No entanto, quando vira o rosto para mim, vejo que ela está rindo.

— Nós conseguimos! — grita ela, com lágrimas nos olhos e um sorriso largo no rosto. Mesmo magra e imunda, de repente ela volta a ser minha mãe de novo. — Henry e eu. Nós conseguimos!

Dou um abraço apertado nela.

— Pode acreditar, vocês conseguiram.

Lá pelo café da manhã, já a atualizei dos principais acontecimentos. Embora estejamos as duas exaustas por ter dormido pouco, dá para ver que ela está acordada de novo, de um jeito que ela não ficava desde que papai e Josie morreram.

— Você estava estranha nesses últimos dias — ela toma um gole de chá —, mas nunca que eu ia suspeitar de uma história como essa.

— Por acaso você já trabalhou com um aluno chamado Paul Markov nessa dimensão? Ou Theo Beck?

Mamãe faz que não com a cabeça.

— Eu não oriento nenhum aluno desde... bom, você sabe.

Paul e Theo devem ter se inscrito em programas diferentes de pesquisa, em busca de mentores diferentes.

— Você tem algum ex-aluno que possa trabalhar com você nessa pesquisa?

— A Xiaoting, talvez. Ela é professora assistente em Yale agora. Sempre fico de ligar para ela... Ela me mandou um e-mail, e eu nunca...

— Entrou em contato com ela. Sei. — Minha mãe precisa de seus colaboradores de volta. Xiaoting e os outros alunos que praticamente se mudaram para a nossa casa esses anos todos seriam um bom começo. — Entre em contato com o máximo de ex-alunos que puder. Em breve, você mesma vai conseguir produzir um Firebird. Quando isso tudo acabar, vou ver se Paul ou Theo podem vir para essa dimensão e te explicar tudo por uns dias.

— Se eu puder descobrir como me comunicar com outras dimensões, talvez possa acelerar esse processo. — Ela tem uma expressão saudosa no rosto. — Nunca vai ser a mesma coisa que estar com Henry e Josephine de novo, sei disso. Mas só de saber como eles estão... como eles estariam, se estivessem aqui... Posso voltar a respirar novamente. Parei de respirar no dia que eles morreram, mas só percebi isso hoje.

Dou mais um abraço forte nela e, por trás, olho para as plantas da casa, que estão secas, murchas.

— Acho que também não tenho estado muito bem. Eu poderia ter pego um pote de água e molhado as plantas de vez em quando.

— Não. A gente se enterrou aqui juntas. Acho que temos que encontrar um novo lugar. Um lugar onde não tenha... Um lugar onde a gente possa criar novas memórias.

Até a ideia de se mudar a machuca, eu sei. Essa casa é muito mais que um abrigo ou um lugar para guardar nossas coisas. No sentido mais profundo da coisa, no melhor sentido, isso aqui é um lar. Mas uma pessoa pode ter mais de um lar.

— Pode ser uma boa ideia.

Mamãe inspira pelo nariz, expira pela boca, um sinal de que ela está se forçando para recomeçar.

— Vou começar a pesquisar comunicações interdimensionais agora mesmo. E vou ficar atenta aos visitantes.

— Pensa numa pergunta de segurança, talvez. Os outros não vão conseguir lembrar a resposta e, se eu precisar voltar para cá, sempre vou te dizer quem sou.

— Por que você decidiu me contar?

— Eu vou contar para todos os mundos de agora em diante. — Já decidi.

— Pelo menos, nos que eu não seria queimada como bruxa por fazê-lo. Vocês têm o direito de entender o que está acontecendo. Além disso, quanto mais universos se unirem contra a Tríade, melhor.

O Triáde-verso em si já está devidamente sob controle. Conley mantinha o poder e o conhecimento para si lá e ele morreu. Até onde sei, eu sou a única viajante perfeita que restou no multiverso.

Acho que a gente pode tomar a iniciativa. A gente pode virar o jogo.

— Me diz de novo como eles são — pede ela. — Só um pouco mais.

— Deixa eu ver. Josie está pensando em fazer surfe competitivo, em meio período, então você não tem que se preocupar, ela não vai abandonar a faculdade. E papai está fissurado em conseguir um desses carros que estacionam sozinhos. Ele era tão ruim assim de baliza nesse universo quanto ele era no nosso?

— Pior, provavelmente. — Ela vira para mim e acaricia os meus cabelos.

— Quando você vai tentar sair dessa dimensão? Não quero te apressar, amor, mas mal posso esperar para falar sobre todas essas coisas com a minha própria Marguerite.

— Em breve. Eu devia tentar agora. — Todas as minhas boas intenções de continuar checando durante a noite desapareceram quando tive meus *insights* sobre a do mal. Pelo menos, seus cenários mais elaborados demoram um tempo para se formar.

— Uma coisa — ela diz quando seguro o Firebird. — Não subestime a sua vontade, Marguerite. Ou a dela.

Concordo com a cabeça e aperto os controles, sem esperar nada...

... E de repente estou me escorando nos azulejos antes de escorregar no boxe.

Tiro rápido o Firebird e coloco-o em cima da descarga que está perto. Ele sobreviveu à água outras vezes e meus pais tentaram torná-lo à prova d'água, mas é sempre melhor não arriscar sem necessidade. Aparentemente, saltei nessa dimensão cheia de xampu, então preciso enxaguar a cabeça antes de mais nada.

Sinto que de alguma forma fui enganada por ter dito apenas um tchau para a minha mãe do... Josieverso. Preciso parar de contar com a oportunidade de despedidas mais demoradas. Minha mãe podia ter me dado outro abraço, ter me dito mais coisas... alguma coisa. Mas o que seria suficiente? Não pude devolver papai e Josie, mas dei a ela a melhor coisa que se pode dar: esperança. Talvez seja suficiente.

Agora, preciso descobrir onde estou, por que estou aqui e o que a do mal fez dessa vez. Embora lavar o cabelo não seja uma atividade extremamente perigosa, ela não teria saído dessa dimensão sem me colocar em alguma situação de risco.

Esse banheiro é bem pequeno, penso ao sair de dentro do boxe e enrolar meu cabelo na toalha. Pego outra toalha para secar o corpo. Como no Mafiaverso, quando a gente morava em Manhattan. Mas tem alguma coisa nessas

instalações... a torneira estranhamente restaurada, o azul-real cafona do azulejo, os dez tipos de chuveiro... tudo me faz pensar que não estou nos Estados Unidos. De fato, ao procurar no armário do banheiro algum creme anti-frizz, a informação no verso está em dois idiomas: inglês e... isso é chinês? Japonês? Bom, vou descobrir.

Pendurados no gancho do banheiro estão uma camiseta branca simples, uma calça jeans e uma espécie de quimono amarelo bordado com flores e aves-do-paráiso. Quase parece com um que minha versão do Londresverso tinha; era a única peça de roupa dela que me fazia sentir que tínhamos algo em comum.

Minhas mãos doem... estão perdendo firmeza... o Tâmis abaixo de mim...

Preciso salvar essa Marguerite.

Ao me vestir, faço uma avaliação da minha condição física. Não tenho nenhum corte. A casa não parece estar pegando fogo. O que a do mal fez? Aí vejo uma outra coisa na gaveta: um vidro de Tylenol. Balanço o frasco e percebo que só sobrou uma ou duas pílulas.

Se ela quisesse provocar uma overdose, não teria tomado tudo? Mas não tem como saber. Não me espantaria se ela soubesse o número exato de comprimidos para causar uma overdose.

Até o momento, estou me sentindo bem, mas pode ser que leve um tempo para a medicação fazer efeito. Será que os paramédicos poderiam bombear meu estômago se eu os chamasse agora, se comesçassem a tempo?

Coloco meu Firebird de novo no pescoço, faço um coque com os cachinhos molhados e caminho por uma casa que nunca vi antes. Bem grande, considerando o banheiro minúsculo. O piso é de sinteco e as paredes são lisas, sem qualquer decoração. Seguindo o barulho da água corrente, chego numa enorme sala de jantar, com uma mesa tão grande que daria para receber a realeza aqui, mas tão abarrotada quanto a mesa de arco-íris lá de casa, e algumas espécies de plantas ligeiramente diferentes nos cantos. O bambu parece ser muito querido nessa casa, com seus ramos verde-jade espetando para cima saindo de vasos bem baixos e quadrados com um verniz mostarda.

— Oi? — grito, indo em direção ao que parece ser a cozinha.

— Resolvi parar de fazer pirraça e descer? — É a voz da minha mãe. Enfio a cabeça no vão da porta e a vejo usando calças de ioga verde-petróleo e sua regata com decote nadador, enxaguando os pratos antes de colocá-los numa lava-louças de tamanho industrial que pareceria um absurdo numa cozinha normal. Ela ri para mim, sem nenhuma sombra daquela dor e sofrimento do último universo. Me surpreendo ao perceber o quão bonita minha mãe é quando está feliz. — Ah, é você, Marguerite...

Acho que Josie deve estar de mau humor lá em cima.

— Sim. Escuta, você lembra se tinha muito Tylenol nesse frasco?

— Só uns dois ou três, acho. Por quê?

Bom, então a do mal não provocou uma overdose, pelo menos não dessa vez.

— Só para saber.

Mamãe volta para a louça.

— Não sei o que deu na sua irmã hoje de manhã. Tentando sair de casa no meio da madrugada? O que ela tinha na cabeça?

Conhecendo Josie, ela provavelmente achou que o mar estava bom para surfar. Mas ela tem idade para sair de casa quando quiser e meus pais nunca a impediriam. Hum... Será que tenho uma irmã mais nova aqui? Sorrio com as lembranças da pequena Katya lá do Russiaverso, sempre inflexível, insuportável.

— Não tenho ideia.

— Bom, falei que ela podia descer para o jantar, então acho que vamos vê-la em breve. Realmente espero que ela tenha conseguido se acalmar. — Ela suspira e sorri ao fechar a porta da lava-louças. — Ainda bem que apenas algumas de vocês perdem ao controle ao mesmo tempo.

— Hmm, tudo bem. — O jeito que ela falou isso foi estranho, mas não vale a pena entrar em detalhes. Preciso descobrir o que está acontecendo com essa Marguerite, não com sua irmãzinha malcriada. Antes de explicar a história toda para essa versão da mamãe, gostaria de saber exatamente que tipo de ajuda eu preciso pedir.

Continuo explorando a casa. Na cozinha, os utensílios são meio estranhos, ou muito pequenos ou meio que em tamanho industrial, com bordas circulares, e mais uma vez a pia tem algumas peças que mostram que não estamos na Califórnia. Acho que estamos na Ásia, mas onde? A mesa da sala de jantar está, logicamente, com pilhas de papel, equações impressas ou rabiscadas que não me dizem muito.

Mas calma... isso aqui é um...?

Levanto o prêmio Nobel, um disco pesado de ouro sólido. O perfil de Alfred Nobel contempla algo distante, na esperança de que a humanidade se lembre dele por isso, e não pela invenção da dinamite. Meus pais já tinham ganhado o Nobel no Triade-verso também, o que significa que essa é segunda dimensão em que vejo um dos principais prêmios da humanidade ser usado como peso de papel.

— Você ouviu falar de alguma dimensão alternativa ultimamente? — grito para minha mãe. Se eles ganharam um prêmio por inventar a tecnologia, ou por pelo menos provar a teoria, ela vai saber do que eu estou falando. Vai ser fácil explicar.

Mas, quando aparece no vão da porta entre a cozinha e a sala de jantar, ela está com uma cara esquisita.

— Querida, você está bem? — Ela dá um passo para frente e coloca a mão na minha testa. — Você estava perguntando do Tylenol. Está com febre?

— Não, eu só estava... Já explico. — Obviamente ela não tem a mínima ideia do que estou falando.

Se eles não ganharam o Nobel por descobrirem dimensões paralelas, então ganharam por quê?

Eles devem ser oceanógrafos de novo, imagino, pois sempre que entro numa sala de estar muito espaçosa vejo que todas as janelas têm cortinas brancas grossas que dão para uma área externa onde parecem existir ainda mais bambuzais. Ao longe tem uma vista da cidade. Ou então resolveram mexer com matemática pura.

A sala de estar é mais simples que a de jantar e tem um zilhão de quadros meus na parede. Parece que faço até um pouco de escultura, a julgar pela mão de argila na estante. E num pedacinho de parede ao lado das janelas principais, vejo algumas capas de revista emolduradas com os rostos dos meus pais. No entanto, uma das capas tem apenas uma ilustração — uma enorme hélice dupla azul-piscina, emoldurada nos dois lados por perfis idênticos. No topo, logo abaixo do título da revista, está a manchete em negrito: A ERA DOS CLONES.

Clones?

— São sete horas — diz uma voz que me parece familiar, mas ao mesmo tempo estranha. — Isso quer dizer que é hora do jantar, certo? Você já vai me tirar da prisão ou vou precisar passar fome?

Eu olho para trás e vejo minha mãe na sala de jantar com as mãos nos quadris, enfrentando uma versão muito furiosa de... mim mesma.

— Prisão. — Minha mãe suspira. Ela está completamente inabalável diante da minha sócia que acabou de entrar. — Sinceramente, você não acha que está muito velha para...

— Sabe para que eu estou velha? Para ser tratada como um bebê que fez manha — surta minha outra eu. Ela está usando uma saia *evasê* e uma camiseta quase no mesmo tom de azul.

— Aparentemente, você ainda tem idade para se comportar como criança — devolve minha mãe. Eu só fico ali em pé, observando.

Existem duas de nós. Duas de mim. Será que tenho uma gêmea idêntica ou...?

Olho de novo para a manchete. A ERA DOS CLONES. Agora percebi a linha no pé da página que diz: A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA CAINE PARA O FUTURO.

Eu sou um clone. Nós somos clones. Em outras palavras, nesse universo, tem mais de uma pessoa que o Firebird contabilizaria como eu. Existem múltiplas versões minhas aqui, o que significa que mais de uma Marguerite poderia viajar para essa dimensão ao mesmo tempo...

Voltando apressada para a sala de jantar, olho fixamente para essa outra versão minha. Como era de se esperar, na gola da camiseta dela dá para ver a corrente do Firebird.

Quando eu entro, ela primeiro fica surpresa — tão chocada de me ver quanto eu estou ao vê-la. Mas aí ela se dá conta também.

A do mal e eu estamos cara a cara, finalmente.



ELA NUNCA HESITARIA EM ME MACHUCAR.

Vou machucá-la primeiro.

Me atiro em cima dela, esmagando-a contra a parede. Minha mãe começa a gritar. A do mal tenta agarrar minha cabeça e acaba desgrenhando meus cabelos molhados, puxando bem forte. Na tensão do momento, arranco o Firebird dela e sinto a corrente ceder.

Ela me empurra para baixo, mas ainda tenho tempo de tirar com força o meu Firebird e jogar os dois no canto da sala antes de ela partir para cima de mim. A do mal bate minha cabeça contra o chão bem forte e depois mais uma vez. Pego o cabelo dela e puxo, e a força é tanta que ela tomba do meu lado.

— Marguerite! Victoire! — Minha mãe se ajoelha do nosso lado, tentando apartar a briga. — Vocês perderam o juízo? Parem com isso!

A do mal me solta para logo em seguida brutalmente acotovelar mamãe no rosto, e aquilo é quase tão perturbador de se presenciar quanto foi para minha mãe sentir.

— Não se mete! Isso é entre nós duas! — grita a do mal para mamãe, que está estarecida.

Aproveito o momento de distração para rolar sobre ela e prender seus braços no chão.

— Você não imaginou que eu iria te alcançar — sussurro, tentando controlar sua agitação. — Você não contou com esse mundo, não é mes... Aah!

A do mal afunda os dentes na minha pele, mordendo com força, mas não me abato. Minha mãe me agarra num esforço de me soltar dela.

— Meninas! Meninas! O que deu em vocês?

Consigno me soltar da minha mãe, mas só por um instante. Nada vai detê-la até que ela descubra a verdade.

— Mãe! Me escuta. Você já pensou em estudar o multiverso? Realidades paralelas?

A do mal arregala os olhos. Nossa, eu fico estranha quando estou surpresa.

— Muito tempo atrás, na graduação... — responde minha mãe. — Por que você está...

— Eu não sou do seu universo. — Aponto com a cabeça para a do mal, que se contorce. — E nem ela!

— Você é louca! — grita a do mal. — Ela pirou, mamãe. Eu percebi há muito tempo. Só não quis dizer nada. Mas agora ela perdeu o controle e você tem que detê-la, ou ela vai matar nós duas!

— Eu não vou matar ninguém — prometo. — Mãe, vai dar uma olhada nos Firebirds. Os medalhões que joguei no canto da sala. Você vai entender do que se trata.

Será que ela vai? Ela já reconheceu antes, mas isso foi num universo no qual ela e o papai já trabalhavam com aquela tecnologia há mais de uma década. Aqui, ela nem é física. O Firebird pode não servir como prova cabal.

— Eles vão te jogar num quarto de hospício e nunca vão deixar você sair. — A do mal praticamente cospe essas palavras na minha cara. Sei que fico vermelha quando estou irritada, mas não tinha ideia que minhas bochechas coravam tanto, nem que é tão funda a cova entre minhas sobrancelhas quando faço cara feia. Mas o ódio dentro da do mal praticamente irradia, como se fosse uma nuvem de calor. Essa raiva toda é uma coisa só dela. — Eles vão te trancar na cela dos malucos sem esse seu cordão idiota e você nunca vai sair!

Com sorte, vou me safar da internação — ou ao menos conseguir que prendam a do mal junto comigo. Embora só nesse momento eu tenha percebido que não tenho a mínima ideia do que fazer com ela, agora que consegui capturá-la. Não é como se existisse uma prisão para Crimes Contra o Multiverso.

— Vocês duas, levantem daí. — Minha mãe já se recuperou do choque, tanto que até está dando bronca na gente. — Imediatamente!

Olho para ela, na esperança que ela perceba quanto medo estou sentindo. O quão real isso é.

— Não posso deixar ela levantar, mãe. Se eu deixar, ela pode matar nós duas e eu não estou exagerando. Tipo, ela realmente pode nos matar.

— Viu? — diz a do mal, choramingando. Lágrimas brilham nos seus olhos, provavelmente porque puxei o cabelo dela, mas ela está usando as

lágrimas como uma atriz experiente. — Ela é psicopata. Mãe, estou com muito medo...

— Parem com isso — repete minha mãe. Ela ainda nem se mexeu em direção aos Firebirds, que estão no canto da sala. Em vez disso, começa a recuar em direção à mesa, onde o celular dela está, provavelmente, soterrado no meio dos papéis. — Estou falando sério.

E então todas ouvimos a porta, e alguns passos se arrastando em nossa direção. É meu pai, provavelmente, ou Josie. Será que eles vão acreditar nos Firebirds? Ou será que a do mal vai conseguir colocar os outros contra mim?

De onde mamãe está, ela consegue ver o corredor e suspira aliviada.

— Ai, graças a Deus! Me ajuda aqui com essas duas.

— Não se preocupe, Sophia. — É Theo quem diz isso ao entrar.

Theo. Minha mente é tomada pela imagem horrenda da última vez que vi o rosto dele: um Theo ensanguentado, morrendo nas ferragens do seu carro. Esse Theo, seja lá quem for, tem os mesmos All-Stars nos pés, a mesma camiseta com estampa vintage dos Beatles, aquela barba por fazer no queixo. Quando ele vê duas Marguerites no chão, fica pálido.

É quando vejo a corrente do Firebird no pescoço dele. Não é qualquer Theo — esse aí é o meu.

— Que merd... — resmungo ele.

— Nós somos clones — explico. — Somos clones e por isso conseguimos estar aqui ao mesmo tempo.

— Eu segui ela até aqui e ela está tentando me matar! — grita a do mal, mudando de estratégia rapidamente.

— Você sabe do que elas estão falando? — pergunta minha mãe, mas ninguém responde.

Theo para e fecha os olhos como se estivesse pensando bastante.

— Qual foi a coisa mais constrangedora que aconteceu conosco no Guerraverso? — pergunta.

A do mal apenas olha.

— Perceber que a gente estava na mesma cama juntos — respondo.

— Como? — Mamãe fica pálida.

— Não é o que parece! — Ele levanta as mãos. — Bom. Na verdade, é o que parece. Mas não entre mim e minha Marguerite... ou o seu Theo ou a sua Marguerite, ao menos até onde eu sei...

— Eles dois são loucos — resmungo a do mal, mas ela sabe que está prestes a ser desmascarada. Continua se debatendo embaixo de mim e fico achando que ela quer me derrubar. É quando Theo se joga nela, sentando nas suas pernas, e ela geme, derrotada.

— Tudo bem — diz Theo. — Em primeiro lugar, Sophia, ou dra. Kovalenka, seja lá como se chama aqui: precisamos falar sobre dimensões paralelas.

— Eu já falei para ela — digo. — Mas tem como você fazer ela acreditar? Tipo, com matemática?

Theo sorri para mim.

— Matemática extremamente convincente, é para já.

Meia hora depois, a do mal está amarrada a uma cadeira, a mesa da sala de jantar está coberta com quase cinquenta novas equações e minha mãe está completamente perturbada.

— Isso é inacreditável — diz ela, sentada à mesa olhando para o nada. Acho que nunca atordei minha mãe com ciência duas vezes no mesmo dia. — Meu Deus. Henry não vai nem se reconhecer de tanto espanto.

— Sei como é essa sensação — falo, enquanto olho a do mal de relance, igual a mim, mas que também não reconheço. Ela, por sua vez, está ignorando todos nós. Aponta o queixo para cima feito um soldado capturado que não quer dar nenhuma informação além de sua patente e número de série.

Não que a gente tenha ficado por aí perguntando alguma coisa para ela. Em vez disso, estou observando Theo comparar seu Firebird com o do Guerraverso.

— Esse aqui é meio grosseiro, mas o construíram em tão pouco tempo... Estou impressionado.

— Só tenho gratidão por ele — confesso. — Sem ele, eu teria morrido junto com o Romaverso.

Os olhos negros de Theo encontram os meus por um instante, depois ele retorna o olhar para os Firebirds.

— Se isso ajuda, achamos que essa é a única dimensão que a Tríade desmantelou até agora.

— Ajuda um pouco. — Mas não muito.

— Henry ia fazer física — conta minha mãe, meio aérea —, antes de a gente se conhecer em Oxford. Daí ele mudou para genética, basicamente para podermos fazer os mesmos cursos.

— Vocês se conheceram na faculdade dessa vez? — Meio mundano. Prefiro meu próprio universo, onde meus pais logo se identificaram por conta de suas teorias meio malucas, bem antes de se conhecerem pessoalmente. — Na minha dimensão, vocês fizeram Sorbonne.

— Ah, isso explica tudo. — Aí ela sacode a cabeça e volta a ser minha mãe. — Isso explica um ponto de divergência nas realidades. Mas a conspiração que você descreveu, a ameaça que essa Tríade representa... Como a gente se defende disso?

— Conhecer já é meio caminho andado. — Theo balança a cabeça na direção da do mal. — A outra metade é tornar seu universo devidamente assimétrico, em termos de taxas de matéria e antimatéria. Consigo fazer isso com meu Firebird e um estabilizador que a gente consegue preparar bem rápido.

— Como eles fazem isso? — Aponto para a parede cheia de manchetes de revista sobre clones. — Esse não é o campo deles.

— Nem o meu, nesse universo. Aparentemente, decidi que genética era a minha praia dessa vez. Mesmo assim, Paul e eu deveríamos ser capazes de explicar isso para eles. — Ele pega o telefone e digita o código para destravá-lo; a tela muda para uma imagem do Paul próximo às suas informações de contato.

— Como você sabia o código? — pergunto, surpresa.

— É o mesmo de casa. É o... aniversário da minha mãe. — Ele parece meio encabulado por mostrar esse seu lado sentimental, mas prossegue. — É sempre um alívio achar “Markov” na lista de contatos de um novo universo, não é? Eu estaria ainda mais aliviado se eu de fato conseguisse falar com ele. Não tive muita sorte até agora, nem com chamadas nem mensagens, mas presumo que ele vá aparecer qualquer hora dessas.

— Paul? — Mamãe se anima, logicamente empolgada por voltar a entender uma parte do que está acontecendo. — Ele foi mergulhar hoje. Mas o sol está baixando, então ele já deve estar voltando.

Mergulhar? Talvez seja isso que Paul faz quando mora em algum lugar que não tem montanha para escalar.

— Mas onde nós estamos mesmo? Que país é esse?

Mamãe pisca rapidamente.

— Claro... claro que você não ia ter a mínima ideia. Estamos em Cingapura, querida.

Cingapura? Theo e eu trocamos olhares.

— Esse é o lugar onde você pode ser chicoteado por mascar chiclete, certo? — pergunta ele.

— Isso é um pouco mais severo que a verdade. — Minha mãe se contém.

— Um pouco. Comporte-se bem. Olhando pelo lado bom, aqui é muito seguro; pelo menos, considerando ameaças conhecidas.

A do mal, ameaça não conhecida previamente, continua ignorando todos nós.

De acordo com minha mãe, ela e meu pai foram acordados essa manhã com o barulho de Victoire — também conhecida como o clone para o qual a do mal saltou — tentando sair de casa. Eles não tinham a mínima ideia de por que ela queria fazer isso, mas a colocaram de castigo até o jantar e a obrigaram a ficar no quarto o dia todo. Ela tinha um banheiro, acesso à

internet e comida que traziam para ela, então não é como se meus pais tivessem colocado ela numa prisão de segurança máxima. Ainda assim, ela fez cara de deboche quando minha mãe nos contou essa parte da história. Não tenho dúvidas de que usou esse tempo para pesquisar métodos eficazes de cometer suicídio de uma forma que me levasse junto com ela.

Mas por estar acordada tão cedo e ter sido pega lá em cima, a do mal não chegou a ver nenhum dos outros clones, nem as capas de revista. Quando ela ouviu as outras vozes na casa, deve ter pensado que eram apenas irmãs que existiam nesse universo. Não fazia ideia de que era um clone, e então não suspeitou do perigo até o momento exato em que me viu.

Viro o rosto para flagrar Theo me analisando em vez de analisar o Firebird. Ele percebeu meu fascínio e meu pavor diante da do mal.

— Seu rosto em geral não se parece nem um pouco com isso — garante ele quando eu sorrio. — Acho que está rolando muito mau humor aí.

— Eu fico mal-humorada às vezes — falo. Mas nós dois sabemos que ele está falando de algo bem mais profundo e mais obscuro que aquilo. — Você deve estar melhor, né? O antídoto do Nightthief está funcionando. — Então, reconsidero meu otimismo. — Ou é preciso... você precisa estar num corpo mais saudável por um tempo?

— O tratamento do Nightthief ajuda. — Ele respira fundo, como se estivesse se liberando daquele medo. — No tempo certo, acho que vou voltar a mim de novo. Mas não posso negar, é uma sensação boa estar numa versão de mim que nunca teve que lidar com essas coisas. Acho que eu até malho aqui. Abdômen definido sem esforço. — Ele passa a mão na barriga sarada com satisfação. Eu rio sem querer e sou recompensada com seu sorriso mais afetuoso. Ele vira para mamãe: — Sophia, você tem como tomar conta da... como é mesmo o nome dela?

Mamãe diz “Victoire” no mesmo momento que eu digo “a do mal”. Aí a gente se entreolha e a do mal bufa, irritada.

— Você pode ficar de olho nela? — insiste Theo, sem dar a mínima.

— Claro que posso. Eu não teria gerido uma casa com oito adolescentes sem saber como mantê-los sob controle. — Mamãe joga o cabelo, centrada de novo.

— Oito? — Não consigo me segurar.

— Tentamos quatro pares de gêmeos, achando que conseguiríamos dois ou três nascimentos com vida. — Mamãe dá de ombros. — O experimento extrapolou todas as nossas expectativas.

Theo parece tão estupefato quanto eu.

— E as outras?

— A maioria delas quis ver um filme, o novo *Star Wars*, eu acho. — Minha mãe balança a mão delicadamente. A cultura pop não é um de seus maiores

interesses. — Henry levou elas ao cinema. Acho que devem estar de volta daqui a meia hora ou algo assim.

— Não vai demorar muito — promete Theo. Ele balança a cabeça na direção da porta da frente, e me levanto para segui-lo.

A sensação fora da casa é como se o calor e a umidade estivessem me dando um tapa na cara. Nossa casa parece ser bem mais grandiosa do que eu pensava — um bangalô de estuque branco talvez duas vezes maior do que a nossa casa em Berkeley Hills. Mesmo assim, o bangalô parece pequeno diante dos arranha-céus ao longe, dezenas deles, alguns tão futuristas que eu poderia imaginá-los no Londresverso ou mesmo no Escritório Central. Palmeiras balançam ao longo do acostamento, onde carros populares passam zunindo, e ao longe vejo um trem suspenso serpenteando pelo trilho, uma silhueta que contrasta com o sol que se põe. Enrolo novamente meu cabelo desarrumado, quase seco, num coque de modo a não parecer uma fugitiva para os policiais superatentos de Cingapura que pudessem surgir.

— O que é isso? — pergunto a Theo na hora em que ele fecha a porta. — Tem alguma coisa lá em casa, algo que a Tríade esteja fazendo que você não queria dizer na frente da mamãe?

— Eu ia te perguntar o mesmo. — Theo se apoia na porta. — Você olha para mim como se eu fosse um cachorrinho que você tem que sacrificar. O que houve?

No início quero inventar uma mentira, mas por quê? Theo é forte o suficiente para ouvir a verdade.

— Você me matou — conto, olhando nos olhos dele. — Depois você morreu por mim.

Ele escuta, boquiaberto, conforme explico o que aconteceu no Egitoverso e depois no Tríade-verso.

— Conley achou que se ele mandasse você me matar, isso te obrigaria a me ver como um inimigo — concluo. — Mas ele estava errado. Uma vez que o Theo do Tríade-verso teve que lidar com o que ele estava fazendo de fato, uma vez que teve que ver as coisas com os próprios olhos... não conseguiu fazer mais. Ele se colocou contra Wyatt Conley e acho que anulou a ameaça daquele universo inteiro.

— Jesus. — Ele passa a mão no estiloso cabelo espetado. — Não sei o que dizer para você. Não sei como você consegue olhar para mim.

— Eu consigo olhar para você porque não foi você. — Encosto no ombro dele. — Nossas escolhas importam mais do que qualquer outra coisa. E você sempre escolheu me ajudar e me proteger.

Ele dá um sorriso meio torto.

— E Paul? Como ele está?

— Não o vejo desde o Espaçoverso. As coisas terminaram meio mal. — Respiro fundo para poder conseguir concluir a frase. — A fragmentação de Paul danificou o cérebro dele, de verdade. O exame que fizemos parecia uma imagem de vidro estilhaçado. Um dos outros Pauls me disse que dá para se recuperar da fragmentação, ou amenizar seus efeitos pelo menos, mas você tem que tentar. E para tentar, você tem que acreditar. E Paul não acredita.

— Irmãozinho... — resmungo Theo e bate com a parte de trás da cabeça contra a porta da frente. — Não se preocupe, Marguerite. Você vai conseguir fazê-lo entender em algum momento.

— Espero que sim.

Como desfazer a formatação de uma vida inteira? Paul foi literalmente criado para acreditar que não existe amor incondicional, e não sei como convencê-lo do contrário.

— Você vai. — Os olhos castanho-escuros do Theo encontram os meus, melancólicos, resignados. — Você vai ser uma daquelas calouras da faculdade que têm certeza que vão se casar com o cara por quem estão apaixonadas. Só que todas as outras garotas já vão ter terminado seus namoros à distância quando voltarem para casa. Agora, você e Paul? Vocês vão conseguir.

— Theo...

— Você está olhando para mim como se eu estivesse muito ferido para me recuperar. — Ele bate com uma mão no peito, exagerando a ferida, embora eu consiga perceber a dor bem verdadeira que ele ainda sente. — Acredite em mim, Marguerite, vou ficar bem. Já machuquei o coração de muita gente por aí. Eu merecia.

— Ninguém merece se machucar. Todo mundo merece ser amado.

O sorriso dele some, mas apenas por um instante.

— Eu sou amado. Só não do jeito que eu esperava. Certo?

— Certo.

— Vai ser assim. Vou fazer meu pós-doutorado num outro lugar, numa universidade bem distante da Califórnia, distante de vocês todos. Você, eu e Paul, nós ainda vamos nos falar por Skype e mensagem, só um pouco menos do que antes. Vou ficar um tempo me sentindo mal e ouvindo música emo, depois vou ficar um tempo indo a festas adoidado e provavelmente dormindo com algumas pessoas erradas, e finalmente um dia vou achar uma mulher que de fato me faça feliz por não ter sido você. Porque ela vai ser para mim o que Paul é para você, certo? Ela vai ser a mulher da minha vida.

— Sim. Vai ser sim. — Minhas palavras saem meio roucas, sufocadas pelo nó na garganta.

— Um dia você vai vir para o meu casamento, e vou para o seu com Paul, e eu espero ser o padrinho, tá bom? — continua ele. — E em algum

momento a gente vai querer decidir quem tem o bebê mais fofo. Provavelmente serei eu, por causa dessa carinha. — Ele aponta para o próprio sorriso largo. — E a gente vai perder contato depois, mas você, eu e Paul... a gente nunca vai se perder um do outro.

— Porque nós somos amigos, para sempre — falo, fungando enquanto tento sorrir de volta. — Como você pode estar tão... bem com isso?

— Porque quero que você seja feliz. Com ou sem mim, seja lá o que for. — Ele suspira. — Essa é a diferença entre querer alguém e amar alguém.

— Obrigada. Por tudo.

— De nada. De verdade. Agora, um último pedido... Todas essas outras versões minhas conseguiram beijar você. Eu queria te beijar só uma vez, como eu mesmo. — Ele hesita, a máscara de autoconfiança cai por um instante. — Só se você estiver ok com a ideia. Eu quero algo comovente, não patético.

— Comovente funciona — falo, e ele segura meu rosto com as mãos. Theo me beija de um jeito gentil, até delicado, sem exigir nada. A gente se abraça num instante roubado do tempo, rodeados pelas correntezas e pelas escolhas que poderiam ter me varrido para longe de Paul e em direção ao litoral de Theo. Em infinitos universos, nós estamos juntos, nossas outras versões se amando com sua própria sensação de destino perfeito, inabalável.

Nós não vivemos em nenhum desses mundos. Vivemos num mundo onde Paul é meu único amor. Mas Theo aceitou isso. E está contente por estar aqui comigo, por me apertar forte só essa única vez.

Finalmente, nossos lábios se afastam. Sorrimos um para o outro.

— Paul vai entender — sussurra ele, enquanto acaricia a maçã do meu rosto com o polegar. — Ele vai voltar para você.

— Espero.

Nosso humor melancólico é imediatamente abalado ao passarmos pela porta e ouvirmos a voz da do mal.

— Eles não vão te pagar nada. A gente pode te pagar tudo.

— O dinheiro é apenas um artefato necessário do capitalismo de última fase. — Minha mãe se empolga ao ver a gente. — Ah, que bom. Vocês voltaram. Houve umas tentativas de suborno desde que vocês saíram.

— Você não conhece meus pais nem um pouco — digo para a do mal. — Imaginei que já tivesse visto versões alternativas suficientes para saber que eles ligam muito pouco para dinheiro.

— Acredite — rebate a do mal —, sei muito bem.

Eu paro. Quero usar esse conhecimento contra ela. Será que consigo explicar para ela?

Puxo uma cadeira para sentar em frente à do mal.

— Você acha que mamãe e papai não amam você porque eles se machucaram muito ao perder Josie. Sei que não é verdade.

Ela ri.

— Você se dá ao luxo de ser emotiva. Já eu? Eu vejo o mundo do jeito que ele é.

— Todas as Marguerites que você matou... nós normalmente temos uma vida bem bacana, sabia? — Será que algo consegue tocar essa pessoa? Ou será que a alma dela está completamente morta? — Talvez fosse assim com você, se a Tríade desse uma trégua. Há formas de continuar, mesmo que o pior tenha acontecido.

Mamãe provou isso para mim lá no Josieverso. Papai chorou a perda da minha mãe no Russiaverso. E se eu não prosseguisse depois de achar que papai estava morto, poderíamos tê-lo perdido para sempre.

— Eles precisam superar Josie — digo, por fim.

— A querida Josie é a única coisa que importa — rebate a do mal. — Mesmo aqui! Ela é a filha que minha mãe teve de verdade. Aparentemente, nós, as outras, fomos forjadas como substitutas. Nós somos apenas cópias extras. Você não consegue perceber?

Minha mãe, incólume a tudo isso, cruza os braços.

— Eu mal conseguiria carregar óctuplas. Não teria sido saudável para mim ou para nenhuma de vocês. As substitutas eram todas voluntárias entusiastas do experimento.

Tento interromper mamãe.

— Não é isso que está incomodando ela. Me escuta, ok? Do m... quer dizer, Marguerite. Você não tem como desfazer nada do que fez, mas pode parar por aqui. Pode mostrar para os meus... seus pais que tem força.

A do mal olha para mim, confusa. No entanto, um pouco da hostilidade se foi e isso me dá esperança.

— Olha, se parar agora, e se se recusar a fazer qualquer outra coisa para a Tríade, você vai forçá-los a lidar com você e com seus sentimentos. — Por vários motivos, não acredito que a do mal mereça um final feliz. Mas se ter um final feliz significa que outras dimensões vão sobreviver, então esse é o preço que temos que pagar. — Você podia ir para casa. Hoje mesmo! Volta para casa e diz para eles o que está realmente acontecendo com você. Eles vão te escutar.

— Mas... — Ela pisca. — Mas... eu não entendo.

— O quê? — Estou com o coração na boca.

Ela se olha.

— Por que eu estou presa nessa cadeira? — pergunta.

É por isso que a hostilidade desapareceu. Não tem mais a do mal, só Victoire.

— Sem o Firebird, o lembrete não foi ativado. — O Theo se deu conta e explica para a minha mãe. — A do mal... digamos... sucumbiu dentro da consciência da sua filha. Ela não vai voltar até que o Firebird a lembre de novo.

Eu suspiro e me encosto na cadeira. Estava quase conseguindo fazê-la ver... Quer dizer, será?

— Hmm, sério... — diz Victoire, com os olhos arregalados — Qual é a dessa cadeira?

A porta da frente abre, e ouço dezenas de vozes falando ao mesmo tempo sobre Rey, Finn e Poe Dameron... e todas as vozes são minhas.

Meu pai entra na sala de jantar primeiro, usando uma camisa branca de linho e uma bermuda cáqui que só ressalta suas pernas magricelas de galinha. Ele nunca usa bermudas lá em casa, mas aqui acho que o calor venceu.

— Oi, o que é isso?

Daí aparecem minhas sócias — seis cópias minhas — todas com roupas que eu facilmente usaria, todas com seus cabelos rebeldes presos de jeitos que já usei várias vezes. É como se eu estivesse numa casa de espelhos, só que todos os reflexos são exatamente idênticos.

Minha mãe levanta.

— Marguerite, Theo, vocês conhecem Henry, e essas são Elodie, Colette, Oceane, Giselle, Estee e Amelie.

Papai cruza os braços.

— Por que você está me apresentando para uma filha nossa e por que a outra está amarrada numa cadeira?

— Eu também gostaria de saber! — exclama Victoire.

— Essa explicação vai ser longa para caramba — retruca Theo.

— Então comece. — A firmeza da minha voz me surpreende, mas agora que estou vendo todas as minhas versões num lugar só, sei o que precisa ser feito. — Eu preciso que elas entendam totalmente, porque preciso pedir permissão a elas para algo importante. Algo que elas precisam compreender bem antes de dizer sim.

Theo me olha.

— Marguerite, do que você está falando? — quer saber minha mãe.

— Já estava na hora de a gente ter essa reunião. — Respiro fundo. — Todas as Marguerites. Todas nós. Vamos nos reunir, finalmente.



TRÊS HORAS DEPOIS, NÃO CONSIGO MAIS OUVIR MEUS PENSAMENTOS. Eles estão abafados pelo som das minhas vozes.

Todas as seis.

— Você entende que Theo perdeu a perna esquerda do joelho para baixo? — A do Mafiaverso está tão irritada que parece que vai chorar, os punhos cerrados apoiados sobre a saia verde. Estamos todas sentadas diante da mesa, sendo observadas por meus pais (boquiabertos) e por Theo enquanto participamos dessa reunião extraordinária: uma reunião de todas as pessoas que eu poderia ser. — Ele vai precisar de uma prótese e fico recebendo uns e-mails esquisitíssimos de um cara que não sei quem é, acho que da máfia russa...

— Paul e eu vamos voltar do Equador amanhã. — A do Triáde-verso senta do meu lado usando um vestido laranja florido. Ela parece ser a mais calma de nós todas. — Até onde conseguimos saber, ninguém mais na Triáde fazia ideia desse negócio de viagem interdimensional...

— Tenho um fantasma maligno dentro de mim — diz Victoire, que ainda está ocupada pela do mal. — Por favor, tirem ele daqui.

— Não me entenda mal. — A do Cambridgeverso está usando uma camiseta azul e muitos colares com correntes balançando, e esfrega o braço esquerdo enquanto fala com aquele sotaque britânico carregadíssimo. — Mãe e papai estão animadíssimos com a comunicação entre os universos, mas você tinha que beijar o cara que me mutilou para sempre?

A do Guerraverso está usando um chapéu fedora de palha e um vestido cor-de-rosa. Está de cara feia.

— Markov? Sério? Como vou explicar isso para Theo? Quero dizer, para o meu Theo! — Ela olha para Theo que está na sala, que pisca para ela. Ela sorri para ele de volta.

Mas a mais irritada de todas é a do Oceanverso. Ela está de preto.

— Você destruiu um submarino! — grita ela.

Até que uma outra voz corta o silêncio, assustando a nós todas:

— Fiquem quietas, todas.

Imediatamente fechamos a boca e viramos para a pessoa sentada à cabeceira da mesa: a grã-duquesa Marguerite.

Ela está vestindo um corpete carmim e os cachos estão soltos, longos, sobre as costas. Ainda assim, ela parece mais majestosa do que jamais vi com todas aquelas joias e peles. A postura perfeita da grã-duquesa transforma aquela cadeira comum de jantar em um trono, e o tom de ordem em sua voz é inegável. Daquele momento em diante, ninguém mais tem dúvidas de quem está no comando.

— Vocês devem dar ouvidos a essa Marguerite do mundo conhecido como Berkeleyverso, porque ela é a única que possui todo o conhecimento de que precisamos — continua a grã-duquesa, com gestos largos, indicando minha presença com uma das mãos. — No que diz respeito aos seus atos enquanto presente em nossos mundos... Vamos lidar com esse assunto mais adiante.

Ai, meu Deus. O pânico toma conta de mim. Como vou conseguir olhar a grã-duquesa nos olhos e pedir desculpas por tê-la feito engravidar?

— Prossiga — insiste ela, indicando com a cabeça que eu posso continuar.

— Ok — falo. — Bom, primeiramente, gostaria de agradecer a todas por terem vindo...

— Eu fui sequestrada! — interrompe a do Oceanverso, e logo recebe um olhar majestosamente intimidador da grã-duquesa, que a faz recuar.

— Querida, estamos só pegando você emprestada. Por pouco tempo — intervém meu pai, sorrindo de forma encorajadora; foi ele que foi buscá-la na dimensão dela. Entre ele, minha mãe e Theo, pelo menos um de nós era próximo da Marguerite de cada mundo. Até mesmo no Russiaverso, onde o alquimista parisiense Theodore Beck já visitava a amiga em sua nova casa dinamarquesa. Só tínhamos dois Firebirds no início, o que significava que só podíamos fazer uma viagem por vez. Mas, desde então, tanto o Triáde-verso como o Cambridgeverso contribuíram com mais um cada. Sempre precisamos de lembretes, mas podemos usar um só para isso agora.

— Não importa como vocês chegaram aqui — continuo. — Estou feliz que tenham vindo. Se vamos lutar contra o Escritório Central, a dimensão que está tentando destruir tantas outras, temos que trabalhar juntas. Sei que algumas de vocês já estavam começando a fazer isso — digo isso

olhando para as três: a do Triáde-verso, a do Cambridgeverso e a do Guerraverso —, mas precisamos unir nossas forças da forma mais completa possível.

A Marguerite do Mafiaverso cruza os braços.

— Ou seja, devíamos todas perdoar você.

Sinto ânsia de vômito.

— Ninguém precisa me perdoar. Jamais. Só precisam entender que, nesse momento, agora, estou fazendo o possível para nos manter seguras.

— Não foi tão ruim. O que você fez. — A frase vem da do Cambridgeverso, o que me surpreendeu. No entanto, ao ver minha expressão, ela se retrai. — Quero dizer, eu queria que você não tivesse ido na casa de Paul, mas ele não era exatamente o seu Paul, e lembro como éramos, eu e ele... sabe, é esquisito, mas eu entendo.

— Não foi tão ruim? Diz isso pro Theo! — responde a do Mafiaverso, um tanto agressiva.

— Oi, eu estou aqui — diz Theo. — E ainda que eu não seja o cara que vai viver com as consequências, fui eu que levei os tiros. Então, acredite em mim quando digo que o que aconteceu naquela noite não foi culpa da Marguerite. Para começar, ela não fazia ideia de que a máfia russa estava envolvida. Ela não tinha como prever nada daquilo. E eu... eu soube que ela tinha sido sequestrada e quis ir lá, sabendo que era perigoso. Se alguém é culpado pelo que aconteceu com o seu Theo, digo, além do cara que atirou nele, esse alguém sou eu.

A do Oceanoverso ainda parece chocada.

— Então, quem foi que destruiu o submarino?

— Nesse caso, foi uma outra versão minha, que morreu. — responde Theo a ela diretamente. — Se estava planejando me processar, está sem sorte.

A do Triáde-verso se debruça sobre a mesa, colocando as mãos nas têmporas.

— Minha cabeça está doendo.

Seria um bom momento para que a grã-duquesa tocasse no assunto do que eu fiz com ela, mas ela continua em silêncio. Talvez seja um assunto proibido para a realeza, falar dessas coisas em público.

— Parece que as interrupções acabaram — fala ela, me olhando. — Por favor, prossiga.

— Certo. Então, antes de mais nada, temos que nos certificar de que estamos reforçando nossos universos, para que não possam ser destruídos, nunca. Esse processo requer um Firebird. — Seguro o medalhão diante delas, ainda que, a essa altura, todas já estejam familiarizadas com o dispositivo. — Precisamos também de um estabilizador, o que não é algo

difícil de se construir em uma dimensão tecnologicamente avançada. Aquelas que já estão em comunicação com outros universos provavelmente já começaram a trabalhar nisso. Mafiaverso, vocês já têm o conhecimento. Só precisam executar o plano. As outras que têm tecnologias diferentes: precisamos pensar em alternativas.

— Por onde devemos começar? — A Marguerite do Oceanoverso parece irritada. — Eu não tenho esse tipo de conhecimento, e na minha dimensão meus pais também não têm!

— Mas os meus têm — penso e respondo rápido. — Um deles vai ao seu universo. De preferência papai, o meu pai. Ele ficou lá por um mês quando foi sequestrado, e ainda lembra de muita coisa. Isso vai dar a ele alguma vantagem com relação à tecnologia.

— Posso voltar e dizer a ele. — Theo dá um sorriso maldoso. — Já estava na hora de Henry fazer alguma viagem dimensional, não acha?

— Com certeza. — Meus pais deixaram as viagens com a gente, ou melhor, comigo, na maioria dos casos, por conta do talento que Wyatt Conley me deu. Mas eles precisam experimentar um pouco disso também, o caos e a maravilha que é isso tudo.

— E o meu mundo? — Ao ouvir o som da voz da grã-duquesa, todos olham para ela mais uma vez. Ela está sentada com as mãos no colo. Não sei como, mas ela parece mais velha e mais bonita que todas nós. As pessoas costumam dizer que a beleza vem de dentro, e toda aquela baboseira, e sempre pensei que isso era uma grande bobagem. Mas agora vejo a energia que emana da grã-duquesa, intangível e ao mesmo tempo inegável. — Parece-me que nossos avanços mecânicos estão bastante atrasados em relação aos seus.

Theo dá de ombros, como quem diz “não tem problema”.

— Tudo que precisamos é dos metais corretos e do conhecimento. Sua... hmm... Alteza? Era isso?

— Sua Alteza Imperial — sussurro.

— Isso aí. Sua Alteza Imperial. Já que, me parece, você e eu somos amigos lá, e eu vivo no mesmo bairro que você, podemos trabalhar juntos nisso. Você consegue os materiais e eu faço o resto. — Ele faz uma espécie de reverência esquisita, depois puxa a mão de volta, claramente se sentindo ridículo. A Marguerite do Guerraverso dá uma risadinha.

A do Oceanoverso levanta a mão, me fazendo lembrar, com o gesto, que ela é uma das poucas Marguerites que frequentou uma escola regular.

— Então, uma outra versão do papai vai tomar o lugar do meu pai de verdade sem avisar nada?

— Peça permissão a ele — digo. — Conte a verdade. Se ele não quiser que meu pai fique lá, ele não vai. Prometo. Sua dimensão, suas regras.

— Ok. — Ela agora parece encabulada. — Acho que ele vai concordar, considerando que a alternativa é ver nosso mundo explodir.

— Também acho — concordo. Ainda que eu já saiba, desde agora, que meu pai vai reclamar para caramba de ter mais uma vez que voltar a uma dimensão que não sabe quem são os Beatles.

— Mas e aqui? — pergunta Victoire. — O seu Theo vai ficar? Ou outra versão da mamãe vai vir? E quem vai tirar esse fantasma de dentro de mim?

Eu e Theo nos olhamos. Como vamos lidar com a do mal? Se deixarmos ela dentro da Victoire para sempre, ela ficaria presa, como está agora? Ou será que ficaria mais forte com o tempo e arrumaria uma maneira de sair? Mesmo que isso não aconteça, me parece ruim imaginar uma alma tão danificada como essa, tão venenosa, sem corroer por dentro a pessoa que está servindo de hospedeira.

Além disso, se os meus pais do Escritório Central estiverem mesmo dispostos a destruir dimensões inteiras para conseguir recuperar uma das filhas, será que tem algo que eles não fariam para resgatar a única que restou?

A porta da frente se abre e todos nos assustamos.

— Espera aí, tem mais uma? — sussurra a Marguerite do Cambridgeverso.

Mas os passos são pesados demais para serem meus. O som familiar me faz sorrir antes mesmo dele aparecer. É Paul.

O cabelo dele é um pouco mais comprido aqui, e está penteado para trás meio duro; deve ser a combinação “água do mar + vento”. O nariz está queimado do sol, e nas costas ele carrega uma mochila que com certeza está cheia de equipamentos. Ele ainda está com a roupa de surfar: camiseta preta de manga longa e bermuda combinando.

Mas não são as diferenças entre ele e o meu Paul que me assustam mais: o que me chama atenção é o Firebird no pescoço dele.

É o meu Paul. Finalmente. Comigo mais uma vez.

A reação ecoa pela mesa, cada uma de nós com uma expressão diferente no rosto, de amorosa a horrorizada, e tudo que se pode sentir no meio dessa escala.

No entanto, a reação da grã-duquesa é a mais dolorosa de assistir. Ela agarra os braços da cadeira e seus lábios se abrem em choque. O amor que ela sentia pelo tenente Markov é o que a definia e mudou sua vida completamente. E ela o perdeu, para sempre.

Ou tinha perdido, até esse momento. Ela olha para ele como se estivesse vendo alguém voltando do mundo dos mortos.

Enquanto isso, Paul parece ter recebido as mensagens de Theo e dos meus pais, que pediam que ele viesse para cá o mais rápido possível. Theo

também tentou explicar em algumas mensagens a coisa dos clones. Mas saber do que está acontecendo parece não ter preparado Paul para aquela realidade. Ele para na porta, encarando todas nós, uma de cada vez, e sua boca vai abrindo cada vez mais.

— Eu sei, irmãozinho — comenta Theo, sorrindo, apoiado na parede com os braços cruzados. — Eu sonhei com isso também.

— Você é a do Oceanoverso. — Paul aponta para a Marguerite correta, o que me surpreende. — E você é a do Cambridgeverso... A do Guerraverso... — Os olhos cinzentos me olham por fim, e ele respira fundo. — E você é a minha.

Eu concordo com a cabeça. *Sua, sempre.*

A atenção dele se volta para a grã-duquesa, que ainda olha para ele em choque. Depois de alguns instantes, ele faz uma reverência curta.

— Milady.

A grã-duquesa quase desmaia, cobrindo a boca com a mão.

Lágrimas inundam meus olhos. Paul a reconheceu de primeira. Reconheceu a todas nós. Me reconheceu.

Será que alguém mais no multiverso saberia reconhecer minha história a primeira vista? Paul vê além da minha verdade. Sempre viu.

— Deduzo que esta não seja apenas uma ocasião social — fala ele.

— É isso aí, cara. — Theo dá um soquinho no ombro dele. — Deixa eu te atualizar no conclave das Marguerites.

Enquanto ele conta a história toda, me sento diante da mesa e tento entender Paul da mesma forma que ele me entende. Sou até boa nisso, eu diria. Então, como posso amá-lo tanto e ao mesmo tempo ter tanta dificuldade em entender os conflitos internos dele?

Mas ele tenta sempre esconder o que sente, lembro. Os pais dele eram muito cruéis, e ele aprendeu desde cedo a ser cuidadoso. Fechado. Até mesmo assustado. Tentaram mantê-lo distante de tudo que ele amava, e isso o ensinou a enterrar o amor lá no fundo, onde ninguém jamais poderia ver. É assim que se tira todas as esperanças de uma pessoa.

— Agora que estamos todos atualizados — declara Theo finalmente, nos trazendo de volta à conversa —, quem quer voltar para casa primeiro?

A Mafiaverso levanta a mão. Dá para entender que ela queira distância de Paul (e de todos nós) para sempre.

— Todo mundo precisa saber que o Triade-verso não é mais uma ameaça — avisa a Cambridgeverso. — Com a morte de Wyatt Conley, ficamos também com um viajante perfeito a menos. Quanto mais rápido eu voltar, mais rápido podemos tentar chegar a outros universos, já que meus pais têm a tecnologia para isso.

— Os meus também — completa a do Guerraverso. Todas estão loucas para voltar para suas próprias dimensões, exceto a grã-duquesa. Sem dizer uma palavra, ela se mantém imóvel em uma posição de realza tão firme que eu poderia achar que estou olhando para uma fotografia; até o momento em que ela passa a mão sobre o abdome, como quem procura pela criança que deveria estar ali.

O filho de Paul. Como deve ser para ela vê-lo mais uma vez?

Enquanto meus pais começam a decidir quem vai com quem e para onde, finalmente Paul vem andando na minha direção. Ele está perto o suficiente para que eu não sinta que está me evitando, e coloca a mão no meu ombro.

— Você está bem? Quando eu soube que um universo tinha sido destruído...

— Estou bem. Você me resgatou. — Sorrio para ele. — Uma versão de você.

— Precisamos nos concentrar. Calculei um provável alvo futuro do Escritório Central. — Paul está tentando mudar para o modo cientista total, aquele no qual ele esconde todas as emoções confusas. Não está tendo muito sucesso. — Essa próxima dimensão é um vetor de origem para muitas outras, o que a coloca em grande risco. Estou surpreso que não tenha sido atacada ainda.

— Ok, então é para lá que vamos agora — falo. Estou comovida por ele ter dito “precisamos”, no plural, porque ele ainda trata o assunto como se fosse algo que fazemos juntos. Guardo essa informação para mais tarde. — Mas primeiro...

— Sim? — Os olhos acinzentados me encaram por um segundo, e ele desvia o olhar.

Eu mexo a cabeça na direção da grã-duquesa.

— Você precisa se despedir.

Ela hesita, mas começa a caminhar na direção dela. Quando ela levanta o olhar, vemos que está chorando. Está com os olhos vermelhos.

— Se você não quiser falar comigo... se for muito sofrido para você...

— Não, por favor. — Ela fica de pé diante dele. — É sofrido. Mas não terei outra chance como essa.

Talvez eu não devesse estar aqui. Ainda assim, fui literalmente uma parte dela durante todos os momentos em que estava com o meu Paul. Não existem segredos entre nós.

Paul estica os braços para ela, e ela o abraça desesperadamente. Ele a envolve com os braços, segurando ela tão perto, de um modo que sempre me fez sentir segura. Amada.

— Você agora entende a verdade por trás dos Firebirds — fala ele, quando ela finalmente solta os braços ao redor dele. — Que eu não sou o seu Paul.

— Mas é uma outra pessoa que ele poderia ter sido — responde ela, a voz trêmula. — O tenente Markov amava estudar física e ótica. Tenho certeza de que era algo muito importante para ele, aprender que em outra vida ele teve a chance de se tornar cientista. De ir atrás de seus sonhos.

— Certamente — concorda ele com a cabeça. — Fui uma parte dele naquelas últimas semanas, e eu me lembro... — A voz dele começa a falhar. Ele parece emocionado de um jeito que eu nunca vi. Exposto. Mas aqueles dias em São Petesburgo, aquela noite na *dacha*... são memórias que marcarão nossas vidas para sempre.

Lembre-se disso, Paul. Eu mordo o interior da bochecha para não chorar. *Não era só ela. Éramos nós.*

— Ele a amava muito — conta ele à grã-duquesa. — Vou carregar isso para sempre dentro de mim. Enquanto eu viver, de certa forma, o amor dele por você também vai.

A grã-duquesa beija as mãos dele com os olhos cheios de lágrimas. Ele parece que está prendendo o choro também. Eu devia parar de olhar, dar a eles a ilusão de privacidade. Mas não consigo.

— O bebê — começa ela, e em seguida coloca a mão sobre os lábios dele, como se o impedisse de se desculpar. — Se for um menino, vai ter o seu nome, é claro. Mas que nome você escolheria para uma menina?

Ele olha para a minha mãe. Ela está se preparando para mandar a Marguerite do Guerraverso para casa. Com as roupas de yoga e o coque desarrumado, ela não deve se parecer muito com a czarina adornada por joias que a grã-duquesa conheceu, mas é tão parecida com a minha mãe original... a que ama Paul quase tanto quanto me ama.

— Sophia — diz ele. — Na maior parte dos mundos, ela significa mais para mim que minha própria mãe.

— Então, será Sophia. — A grã-duquesa sorri para ele em meio às lágrimas. — Eu tenho tanto a dizer! Mas uma vida inteira não seria suficiente para dizer tudo. Apenas saiba que estou bem, que ficarei bem. Quando chegar o dia, vou contar ao nosso filho tudo sobre você. — Ela aperta a mão dele e a coloca no peito, onde fica o coração. — Eu vou amar você até o fim dos meus dias.

Paul puxa ela mais uma vez. E dá um beijo nela.

Eu não tenho o direito de sentir ciúmes. O calor que sobe pelo meu rosto, como se eu tivesse levado um tapa, não pode ser comparado a como ela deve ter se sentido quando entendeu que eu tinha roubado a única grande noite que ela teve com o Paul dela. E mais tarde sei que vou ficar feliz por ela ter tido essa chance de se despedir.

Mas, ainda assim, não é fácil ver Paul beijando outra pessoa. Mesmo que seja uma outra versão de mim mesma.

Quando se separam, para minha surpresa, a grã-duquesa anda na minha direção e para a alguns passos de distância.

— Foi você que visitou o meu mundo. — Ela tem as mãos fechadas na frente do corpo quando diz isso. Ainda posso ver uma lágrima escorrendo na lateral do seu rosto, mas sua postura está impecável, como sempre. — Você foi minha versão de mim mesma.

— Eu sinto muitíssimo. — O pedido de desculpas que deixei naquela carta não chega nem perto de ser suficiente. — As coisas que eu fiz... Eu me vi levada pelas emoções do momento, e corri todos aqueles riscos sem nunca me perguntar se você teria feito o mesmo...

— Eu não teria — interrompe ela.

Mais uma vez, a sensação de tapa na cara. Eu mereci, totalmente. Olho para baixo, incapaz de encará-la.

— Eu não teria tido a coragem — continua ela.

Quando levanto os olhos, ela está, de certa forma, sorrindo para mim.

— Meu caminho foi traçado para mim muito antes de eu nascer. Nunca usei desviar dele, nem mesmo um passo. Nem mesmo depois de me apaixonar pelo tenente Markov. Você me tirou daquele caminho para sempre, e eu lhe agradeço por isso. Fico feliz pelas memórias que eu jamais teria se não fosse por você, feliz pela chance de conhecer meu pai verdadeiro, e mais feliz ainda pela criança que estou gerando. Você me deu a chance de fazer meu próprio destino. Não existe presente maior que esse no mundo.

Levo um tempo para conseguir respirar e responder a ela.

— Você está sendo mais gentil do que eu mereço.

— Nenhum de nós sabe quais são as consequências reais dos nossos atos. Apenas saiba que estou mais que satisfeita com as consequências dos seus. — A grã-duquesa estende a mão, como faria a um cortesão, e em seguida franze a testa, como se algo estivesse errado. Ela parece não saber o que fazer; essa é uma situação que não está prevista nos livros de etiqueta, certamente.

Eu seguro a mão dela e sorrio.

— Tenha uma vida maravilhosa — sussurro. — Você merece.

— Pretendo tentar.

Ela olha para trás, para Theo. Sua expressão é mais que amigável, talvez até um pouco encantada com as diferenças entre o seu próprio Theodore Beck e este aqui, vestindo jeans e camiseta. Mas a forma como ela o observa me faz pensar no que pode acontecer depois. Depois que passar o luto pelo tenente Markov e que sua amizade com Theo tenha se aprofundado com os meses e os anos.

Talvez eu esteja inventando demais. Mas quando penso nela criando o filho de Paul com o Theo junto dela, me parece um futuro lindo. Um futuro

que vale a pena ter.

— Ah, e só mais uma coisinha — digo a ela, pensando em mais uma pessoa que conheci no Russiaverso. — Se Vladimir ficar sabendo sobre os mundos paralelos, se ele acreditar... Mande um beijo para ele? Eu sinto saudades dele. Da Katya e do Peter também, mas especialmente diga a ele que se eu tivesse um irmão mais velho na minha dimensão, queria que fosse exatamente como ele.

Ela assente devagar.

— Acho que ele vai ficar feliz em ouvir isso.

— Ok. — Theo bate palmas no centro da sala, chamando nossa atenção para a situação presente. Percebo que meus pais não estão mais presentes, porque foram levar a do Oceanoverso e a do Cambridgeverso de volta. Os dois clones que estavam ocupados por elas estão no canto da sala, conversando entre si, claramente assustados. — Imagino que o Russiaverso seja minha última parada, já que vai levar mais tempo para ajudar por lá. Posso ir primeiro ao Mafiaverso, e Paul leva a do Guerraverso de volta?

— Eu deveria ir para esse universo do qual você estava falando — digo a Paul. — Mas, enquanto a do mal estiver presa aqui, talvez não seja tão urgente. Posso fazer companhia aos outros, dar mais detalhes.

A Victoire, agora desamarrada, cruza os braços na frente do peito.

— Alguém pretende fazer alguma coisa a respeito desse fantasma maligno dentro de mim?

Theo, Paul e eu nos olhamos.

— Hmm... — começa Theo —, a gente ainda não tem onde colocá-la por enquanto, senão ela vai acabar solta no multiverso de novo.

— As chances de que ela a afete de alguma forma não são claras, mas é extremamente improvável. — Paul tenta mantê-la calma.

— Não são claras? — pergunta ela, a sobrancelha levantada.

Paul não é tão bom em acalmar pessoas como acha que é.

— A gente vai tirar ela daí — tento ajudar. — Juro. Assim que tivermos certeza de que o multiverso está seguro. Até lá, nossos pais vão cuidar de você, e eu ainda posso ficar um tempinho aqui antes de saltar...

— Estou bem aqui — retruca Victoire, bufando. — Uma amiga nossa está vindo passar uns dias conosco enquanto nossos pais estão viajando. Romy jamais vai acreditar nisso...

Mais uma vez sinto algo subir pelo corpo, mas agora não é o calor do ciúme. É gelo.

— Qual nome você acabou de dizer?

— Não finja que não escutou — diz Romola. Ela devia estar ali há algum tempo, tendo entrado na sala em algum momento em que estávamos distraídos. — Você já me conhece bem.

Eu devia me manter calma ao ver o Firebird no pescoço dela, o que indica que é a Romola do Escritório Central.

Mas a arma torna muito mais difícil manter a calma.



ROMOLA. DE NOVO.

O pior de tudo é ver a cara de decepção de Victoire e das irmãs. Elas parecem tão machucadas... Será que eu estava com essa cara quando achei que Paul tinha matado meu pai?

— Romy... o que você... — pergunta Victoire, se levantando.

— Você pode explicar isso para a sua versão de mim mesma. Depois. — Ela parece impaciente. — Mas acho que você sabe por que estou aqui.

Para libertar a do mal, é claro.

Paul, Theo e eu nos olhamos mais uma vez. Nós três e mais os sete clones que estão nessa sala poderíamos derrubar Romola facilmente, não fosse a pistola preta que ela tem na mão. Na situação em que estamos, uma tentativa de desarmá-la poderia ser fatal, e se uma das balas atingir um dos clones, Romola pode matar duas Marguerites com um único apertado no gatilho. Theo encolhe os ombros, derrotado. Mas Paul...

Os olhos do Paul brilham com aquele fogo gélido que achei tão ameaçador no passado. Será a mesma raiva que ele sentiu antes? Ou um efeito da fragmentação? O potencial para violência que ele demonstra ter dentro dele parece recarregado, como se pudesse explodir a qualquer momento.

No entanto, por ora, estou quase tão irritada quanto ele, sem precisar de fragmentação alguma.

— A sua Marguerite está... com ela. — É irritante ter que apontar para a Victoire e dizer isso. — Adormecida, mas sã e salva.

— Muito bem. — Ela se dirige até a cadeira onde Victoire estava sentada segundos antes. Aponta para ela. — Vai lá, pode sentar. Eu cuido do resto.

— Isso é por causa do fantasma? — pergunta Victoire. Faça que “sim” com a cabeça. Ela vira para Romola, ainda chocada com tudo, magoada. — Romy, por que você está fazendo isso?

— Eu não sou sua “Romy”, querida. Sou de uma dimensão com tecnologia superior e prioridades mais realistas.

— Você está destruindo bilhões de vidas para salvar uma — diz Paul. Ainda que ele mantenha o tom de voz baixo, dá para sentir a raiva dele quase transbordando. — Essas prioridades são meio sem sentido. Corruptas. Podem ser qualquer coisa, menos realistas.

Romola dá de ombros.

— Honestamente? Eu entendo. Mas ganhar a supremacia sobre todos os outros mundos do multiverso faz muito mais sentido. — Os olhos dela são gelados quando se vira para Victoire. — E aí, vamos sentar ou não?

— Senta — digo para a Victoire, essa outra versão de mim que tem arranhões e roxos feitos por mim hoje mais cedo. — Não temos escolha.

Tremendo, Victoire senta na cadeira. Os outros dois clones vão na direção dela, como se estivessem se preparando para atacar Romola caso haja qualquer indicação de dor de Victoire, com ou sem tiro. A imprudência parece ser um traço que muitas de nós temos.

Não vão atrás dela, penso, enquanto tento acompanhar as outras com o olhar. Se os clones tivessem poderes telepáticos, eu poderia deixar bem claro o quão perigoso é isso tudo. E elas não seriam tão burras a ponto de fazer alguma coisa...

Mas nem dá tempo, porque Paul se joga em cima de Romola.

Quando seu corpo bate no dela, os dois são jogados contra a parede com força. Todos gritamos. Ele é um homem tão grande que, não fosse pela arma, o pulo pareceria um ato de covardia. Mas mesmo sendo jogada no chão, ela não solta a arma. Ela se desvencilha dele, sai engatinhando pelo chão e ainda tem a grande sacada de mirar a arma não para ele, mas para mim.

— Vou atirar — ameaça ela, sem nem olhar para Paul, que está a poucos passos dela. Seus olhos se mantêm focados no alvo, no caso o meio do meu peito. — Não me testa. Eu mato ela.

Paul não diz nada. Em vez disso, ele pega a maior faca da bancada. A lâmina brilha contra a luz. Os outros na sala engolem em seco, mas Romola ainda não desvia o olhar. Ele está perto dela, um ângulo perfeito para atirar a faca e cortar a cabeça dela em dois.

Não. Estou apavorada. Não por mim, apesar de estar na mira de Romola. Ela não entende o que Paul é capaz de fazer. Ela nem teria tempo de entender o que ele está planejando fazer até estar morta.

Mas se ele a matar assim, a sangue frio, vai estar se rendendo à escuridão de dentro dele. Os danos da fragmentação terão vencido. Ele

nunca mais vai acreditar que pode ser mais que um assassino.

Eu não posso falar nada. Não posso fazer nada. Essa batalha é dele.

Ele olha para ela, com uma expressão contorcida pelo ódio que torna difícil reconhecê-lo. Ele segura a faca com força, as juntas dos dedos pressionadas, esbranquiçadas. Dentro dele, vejo a ameaça que vi nos olhos do filho do líder da máfia russa. Vejo toda a imprudência do Paul do Cambridgeverso, que deixou um instante de raiva e falta de atenção destruírem meu braço. E vejo um lado duro e amargo que sem dúvida vem do meu Paul.

Meu Deus. Ele vai em frente. Ele vai matar Romola.

Quando ela olha para cima e entende o que ele está fazendo, nem pensa duas vezes.

— Sua Marguerite está na minha mira. — O braço dela não mexe nem um milímetro. — Se você se mover por meio segundo na minha direção, eu atiro. Ela morre antes de mim.

Dá para ver a raiva no rosto dele, uma careta que me faz pensar se ele vai voar em cima dela mesmo assim. Mas não: ele dá um passo para trás e devolve a faca para a bancada.

Será que ele teria coragem? Jamais saberei.

Agora que ele deixou de ser uma ameaça, Romola senta e volta a trabalhar. Com a mão livre, ela tira um segundo Firebird do pescoço. Estava preparada para tudo, aparentemente.

— Mas como você conseguiu uma arma em Cingapura? — pergunta Theo, enquanto ela tira o cordão do pescoço.

— A polícia tem armas — explica ela enquanto joga o Firebird na direção de Victoire, que coloca o medalhão no pescoço com as mãos trêmulas. As outras Marguerites estão encolhidas num canto, mudas e pálidas, impotentes. Só observam. — O que é estranho, porque o policial claramente não esperava ser atacado de forma alguma.

— Aqui você pode pegar pena de morte só por fumar um baseado. — Theo passa a mão pelos cabelos espetados, frustrado. — Talvez não seja tanto para maconha, não sei. Mas atacar um policial... com certeza a Romola desse universo vai ser executada por isso.

— Não é problema meu — replica ela, dando de ombros.

— Você continua sendo a entregadorazinha — tento provocar. — Veio até aqui para pegar a Marguerite. Não para fazer o trabalho você mesma.

— Meu trabalho com você no Romaverso foi bem feito, não foi? — responde ela.

De novo, visualizo o inferno derretido que foram os últimos momentos daquele universo.

— Caso não tenha percebido, estou viva e bem. Não podemos dizer o mesmo do Conley do Triade-verso.

— Perdemos um viajante perfeito, é verdade. Podemos fazer outros. Você não é tão indispensável quanto pensa. Essa sala é a prova disso. Cópias infinitas, e ainda assim você nunca é suficiente, Marguerite. Nunca é suficiente para os seus pais, para ninguém.

Ela entrou no jogo. Está tentando me ofender. Só que não funciona. Mesmo com toda a minha insegurança e incerteza de tantas coisas, nunca senti falta de amor dos meus pais. Nunca senti que não merecia o amor deles. E só nesses últimos dias, quando notei esse sentimento vindo da do mal e de Paul, entendi como a falta de amor pode estragar uma pessoa.

Se você se sente amado, se sabe que é amado, algo profundo e precioso dentro de você vai sempre estar seguro. Se você não tem esse amor, ou não sabe que tem, acaba vulnerável. Desprotegido. Exposto a toda a dureza e a todo o horror do mundo.

— Você não entende disso nem a metade — retruco.

— E ainda assim, parece que entendo mais que você. — Ela termina de dizer isso e ativa o lembrete no Firebird de Victoire. Não ouvimos nada, mas a dor é visível. Ela pula da cadeira e começa a se contorcer, até cair e ficar completamente imóvel.

A do mal voltou.

— Boa tentativa. — O sorriso dela é afiado como um pedaço de espelho quebrado. — Mas, como sempre, não foi boa o suficiente.

Ela imediatamente encosta no Firebird; Romola faz o mesmo. Os dois medalhões desaparecem, deixando as duas que ficaram aqui estupefatas. Romola dá uns passos para trás, confusa, assustada, e então solta um grito quando nota a arma em sua mão.

— O que está acontecendo?

— Romy? É você de novo? — É Victoire quem pergunta.

Paul anda na direção dela e cuidadosamente pega a arma da mão de Romola. Ele não tem mais sinais da raiva homicida que o consumiu segundos antes.

— Sente-se aqui. Daqui a pouco te explicamos — avisa ele.

— Quem é essa? — quer saber a Marguerite do Guerraverso, ainda lá no canto da sala onde ela e as outras se reuniram. — Nunca vi essa mulher na vida.

— O nome dela é Romola Harrington — responde a do Mafiaverso. Ela parece mais pálida e enjoada que qualquer outra pessoa na sala. — No meu mundo, ela trabalha para Wyatt Conley.

— Aqui também — responde um dos clones, uma das Marguerites que já se livrou de sua visitante de outra dimensão; Elodie, acho. — Conley financia a pesquisa de clonagem dos meus pais. Romy é uma das

assistentes, ela mora aqui e lida com a imprensa, transferência de fundos, esse tipo de coisa.

— E é nossa amiga — completa Victoire, tentando ser solidária com a Romola confusa que está ali. — Ela jamais nos machucaria.

— Nem a minha — completa a do Mafiaverso.

— Legal. Bom saber que vocês têm Romolas mais legais que a nossa. Talvez, quando voltar para o Mafiaverso, você possa pedir para ela nos ajudar, que tal? — A frustração está me deixando grosseira. — Desculpe. É só que... toda vez que nos livramos de uma ameaça do Escritório Central, aparece uma nova... Não sei o que fazer.

— Seguimos com o plano — diz Paul, tentando soar lógico e confiante. Como se estivesse apenas nos lembrando do bom senso. Mas diz isso sem olhar ninguém nos olhos, e ainda fitando a faca sobre a bancada. — Proteger nossas dimensões, continuar a trabalhar em conjunto, fazer tudo isso o mais rápido possível. O próximo mundo é importante...

— Eu vou — interrompo. Até agora, tenho seguido os passos da do mal. Com essa pista, com Paul reconfigurando meu Firebird para novas direções em vez de apenas ir atrás dela, talvez eu consiga vencê-la. — Imediatamente. Se eu conseguir mantê-la fora de lá, a dimensão vai ficar segura até você ir me encontrar.

Ele abre a boca para falar alguma coisa, mas desiste. Acho que ia protestar.

— Quero dizer, você ou quem for me encontrar lá — insisto. — Quem estiver mais perto de mim naquela dimensão.

Porque eu ainda não sei nada sobre esse próximo mundo. Antes eu achava que eu e ele sempre nos encontraríamos. Agora, sei que o multiverso tem um milhão de maneiras diferentes de nos separar.

— Ok — sussurrei numa noite naquele final de fevereiro, enquanto eu e Paul estávamos deitados no dormitório dele ouvindo Rachmaninoff. As notas do piano pairavam sobre nós como gotas de chuva no vidro durante uma tempestade: graduais e infinitas. — Então, você consegue provar, matematicamente, a existência do destino.

— Espero que sim. Se não, tenho poucas chances de defender minha tese.

— Mas você consegue. — Eu estava deitada de lado, ele por trás de mim, de conchinha. A mão dele abraçava a minha barriga, dois dedos tocando a pele exposta entre a camiseta e o jeans. — Você é capaz de olhar para essas equações malucas e ler o que o destino preparou para nós.

— Não, isso seria demais. — Ele beijou minha nuca, como quem se desculpa por ter me corrigido. — Existem paralelos nas equações que sugerem paralelos nos resultados. Mas não é como se um número pudesse me dizer que vamos casar, ou outro dissesse que nunca vamos nos conhecer. Seria uma vida de exploração e avaliação apenas para começar a entender como interpretar essas descobertas.

— As suas equações explicam por que esses paralelos existem? Por que você e Theo trabalham com os meus pais em tantos mundos? Por que você e eu parecemos nos encontrar sempre?

— Eu poderia postular uma teoria.

Depois de tantos anos vendo aluno após aluno trabalhando com meus pais, me acostumei aos jargões do mundo acadêmico.

— Certo. Então postule — respondi, debochada.

— Você já comeu Pringles?

Foi uma pergunta tão esquisita que por um instante achei que tinha entendido errado.

— Pringles? Tipo, a batata?

— Sim — responde eleu. — É uma delícia.

— Sei. Eu conheço. Quer dizer, claro que conheço. Mas é a primeira vez que vejo essas batatas mencionadas por alguém durante uma apresentação de teoria cosmológica.

Ele me abraça mais forte.

— Elas têm que ser cortadas no mesmo formato e moldadas da mesma forma para poderem caber na lata. Se fossem muito irregulares, não teriam como ser embaladas juntas.

— Ou seja, você está dizendo que as dimensões são como batatas em uma lata. — Até que fez sentido para mim, o que significava que descobri, por meio de provas, que estou andando demais com essa galera da física. — Eles precisam de formatos parecidos para coexistirem.

— Exatamente. Viu? Já é quase uma cientista.

— Vai sonhando.

— Não, eu não quero que você seja nada além de você mesma.

Ele beijou minha nuca mais uma vez, e senti o calor da respiração dele na minha pele. Pego a mão dele e arrasto levemente para cima, convidando-o a explorar meu corpo. Parecia que estávamos ali em um mundo só nosso, particular, feito apenas de calor, luz e amor, nada mais.

E agora estamos ali, os dois, e a tensão entre nós é enorme porque ele não acredita mais que nosso destino nos deixe juntos.

Mas, se ele não acredita mais em nós dois, eu queria que pelo menos acreditasse nele mesmo.

Caminho até ele.

— Você desistiu de atacar Romola, ok? — sussurro. — Você pensou em mim primeiro. A fragmentação não te destruiu.

— Só parei porque ela ameaçou você. — Ele olha para um canto vazio, me evitando. — Eu quase matei uma pessoa.

— Mas não matou! Você se segurou, se controlou. Dá para vencer essa batalha.

— Mas vai ser sempre uma batalha. Sempre. — Ele balança a cabeça como se estivesse prestes a receber uma sentença de morte.

— E você pode vencer, sempre — respondo, colocando a mão no braço dele.

— Talvez. Talvez não. — Ele sai de perto de mim.

Talvez a descoberta seja ainda muito recente, talvez o desespero dele seja maior do que imaginei.

Por mais que eu queira acertar as coisas com Paul, temos um multiverso para salvar.

— Já inseriu as coordenadas para essa dimensão especial? — Pego o Firebird de volta, determinada a seguir adiante. — Posso ir?

— Assim que puder, vou atrás. Se eu puder — promete ele, ainda sem me olhar nos olhos.

A grã-duquesa Margarita de todas as Rússias nos observa, consternada. Ainda que eu saiba que quer muito dizer alguma coisa, suas boas maneiras a impedem de se intrometer. Ela deve estar com raiva de me ver estragar a chance de ficar com Paul depois de ela ter perdido o dela de forma tão trágica.

Mas agora estou pensando no tenente Markov. Pensar nele sempre me faz chorar, e não posso me dar esse luxo no momento. Olho em volta da sala: ali estão minhas outras versões, sejam visitantes de outros universos ou clones desse aqui.

— Eu sei que não são as melhores circunstâncias, mas estou feliz de tê-las conhecido. Ver todas essas vidas que podemos ter, e todas as diferentes pessoas que podemos nos tornar..

— Prova que qualquer coisa é possível — completa a grã-duquesa.

Eu concordo com a cabeça, e em seguida olho novamente para Paul, que finalmente me encara. Aperto os controles e...

Sinto vertigem. Caí num mundo no qual estou no alto de uma escada. Recupero o equilíbrio antes de cair no chão de azulejos lá embaixo. Mas sinto ainda mais medo. Porque a única coisa que já sei a respeito dessa dimensão é que em algum lugar, bem perto daqui, uma bomba explodiu.

A única outra vez em que estive perto de uma explosão assim foi durante aquele ataque aéreo no Guerraverso. Um dos aviões jogou uma bomba no topo do nosso abrigo e, por alguns minutos, a única coisa que eu conseguia ouvir era um rugido distante, quase igual ao som que estou ouvindo agora.

Será que a do mal chegou aqui antes de mim, afinal? Será que ela detonou algum dispositivo explosivo, na tentativa de me incriminar como terrorista? Mas acho que ela não teve tempo de bolar nada tão complexo... Além disso, não sinto cheiro de fumaça. Não estou vendo nada destruído. Vejo pessoas andando no chão de azulejos, lá embaixo, perto da minha escada, todas na mesma direção; mas não parecem estar com pressa. As roupas delas parecem levemente modernas, apesar de meio sem graça. Tem um pano sujo de vermelho, mas as manchas parecem mais tinta que sangue.

Como é que ninguém parece se importar com a bomba? Eu olho para o outro lado e vejo a cara de Paul, enorme, na parede ao lado do meu ombro. A tinta ainda está fresca. Várias latas de tinta estão presas em uma caixa na escada, e nesse momento percebo que estou vestindo um jaleco.

Pelo canto do olho, consigo notar algum movimento. Olho para baixo de novo e reparo em um homem de meia-idade segurando um pincel. Ele parece bastante irritado, e tem uma listra azul-acinzentada em uma das bochechas. Acho que derrubei tinta nele, e ele parece muito mais preocupado com isso que com a bomba.

O homem acena para mim, sinalizando para que eu desça da escada. Mas não parece que ele quer me pedir para sair do local; parece que ele só quer que eu pegue o pincel de volta.

Em uma viagem normal, eu tentaria entender as pistas mais importantes de um universo por mim mesma, mas dessa vez acho que vou precisar de ajuda.

— O que está acontecendo? — pergunto ao homem.

Mas eu não digo com a minha própria voz.

Em vez disso, como sempre acontece, meu corpo começa a responder com as informações de linguagem retiradas do cérebro da Marguerite que está me hospedando. E começo a responder em língua de sinais.

Ah, eu sou surda.



SEMPRE ACHEI QUE SER SURDA fosse mais... silencioso.

O homem lá embaixo faz um sinal de volta, mas bem malfeito.

— Pincel. Você. Pegar.

Tentando afastar o choque e o zumbido nos ouvidos, começo a descer a escada. Meus sapatos são meio pesados, umas botas de cano bem alto, mas nada que me impeça de descer. Quando chego lá embaixo, o homem me devolve o pincel. Então, dá um sorriso e dá de ombros, como quando a gente percebe que estava de mau humor sem motivo.

— Trabalho, parar. Noite. Adeus.

Depois dessa despedida curta, ele começa a recolher os pincéis e os outros materiais, chegando a subir na escada para pegar as tintas, que devem ser dele. Eu me afasto um pouco para ver o mural inteiro. É mesmo o rosto do Paul, mas ele está no meio de um grupo de camponeses, todos marchando em meio a um campo de trigo. Estão seguindo Vladimir Lênin a caminho de um glorioso amanhã.

Eu sempre gostei desse lado de Paul, esse lado masculino idealizado que sempre aparece nas campanhas soviéticas. Agora, ao que parece, estou pintando uma dessas cenas. Confesso que estaria mais interessada se não estivesse tentando me adaptar ao zumbido nos meus ouvidos que abafa todos os sons ao redor. É tão esquisito! As pessoas passam por mim e não escuto seus passos, nem o eco que qualquer barulho no azulejo deveria fazer, e as bocas que se mexem durante as conversas são tão silenciosas e sem sentido como as carpas que a gente vê nos lagos...

Vejo uma mão acenando novamente e me sobressalto. Viro e vejo Josie, que veste um casaco preto longo e um gorro de tricô. Ela sorri e começa a

conversar por sinais. Ela é fluente.

— Saímos do trabalho na mesma hora! Boa! Podemos ir juntas para casa.

— Que bom! — respondo. — Vamos.

Espero ela começar a andar na direção correta para segui-la, mas ela fica enrolando por um minuto antes de coçar o nariz, confusa.

— Você não tem que pegar a bolsa? O casaco? — pergunta.

Quando me viro, vejo uma pequena pilha do lado do tecido manchado: um casaco azul marinho e uma echarpe bordada, que eu diria que não é do meu supervisor. Visto os dois e vejo, embaixo deles, uma mochila com umas manchas de tinta seca. Nos bolsos, um par de luvas. A julgar pelo gorro de Josie, acho que vou precisar.

Quando volto até minha irmã, ela parece debochar da minha distração anterior.

— Está no mundo dos sonhos hoje?

— Desculpa — respondo, ainda espantada com a velocidade com que meus dedos formam as palavras, mesmo de dentro das luvas. — Estou meio aérea essa noite.

Ela ri.

— De novo?

Ai, não pode ser. Será que a do mal esteve aqui? Mas se esteve, será que ela... jogou um pincel no supervisor e saiu? Não faz sentido.

Quando Josie vê minha cara de assustada, me dá um tapinha no ombro com a mão que está livre.

— Eu tava brincando, não devia ter brincado assim. Vamos, vamos para casa.

Parece que ela não vai continuar o assunto, o que é bom porque eu preciso pensar.

Sempre achei que a surdez significasse um silêncio profundo e absoluto. Parece que eu estava errada. Para mim, pelo menos, agora que já estou aqui há tempo suficiente para me acostumar com tudo isso, não parece mais a consequência de uma explosão; parece que tenho uma concha enorme em cada orelha: um zunido-rugido-sussurro que não fica mais baixo, nem mais alto. É como se eu estivesse permanentemente cercada por um ruído meio seco, que ou está eliminando todos os outros sons do mundo, ou é o máximo que consigo ouvir nessa dimensão.

Será que nasci assim aqui? É possível. Mas também me lembro do meu pai falando, uns dias atrás, de quando eu tinha dois anos e tive meningite. Ele e minha mãe contaram essa história várias vezes, não sei se para reforçar o quanto me amam, o que é bonito mas meio dramático, ou se para rir de como sabiam que eu tinha melhorado quando comecei a cuspir gelatina na enfermeira no hospital. Tenho quase certeza que meningite pode

causar surdez. Talvez, nessa dimensão, meus pais tenham me levado para o hospital algumas horas mais tarde, ou talvez os antibióticos tenham sido menos eficientes. A Marguerite dessa dimensão sobreviveu como eu, mas a audição dela não.

Felizmente, essa Marguerite aprendeu libras cedo na vida, o suficiente para ter internalizado a linguagem, então eu aprendi também. E tenho um pouquinho mais de tempo para me atualizar com a situação daqui, já que pela primeira vez não preciso impedir nenhuma tentativa de homicídio ou destruição de um universo. Nem tenho que procurar por Paul, que também está na minha vida aqui. O meu trabalho é proteger esse universo, o que significa que tenho que ficar aqui e manter a do mal fora. Tudo que tenho que fazer é aguentar firme até Paul chegar aqui e começar a construir o estabilizador. Então, só preciso estudar um pouco o que está ao meu redor; para isso, não preciso da audição.

Com base nas proporções da pintura do mural e dos azulejos no chão, deduzi que estivesse pintando algum tipo de prédio cívico, ou o que quer que se aproximasse de uma prefeitura por aqui. Mas depois descobri que é uma estação de trem. E que é tão chique que faz a estação do BART, em São Francisco, parecer um depósito de lixo. Conforme chegamos mais perto dos trilhos, a multidão aumenta. Parece que chegamos aqui no auge da hora do *rush*. O trem em si é limpo, mas meio antiquado. Sem propagandas. Josie e eu somos empurradas para dentro, e está tão apertado que não dá nem para conversar. Nem tenho certeza se consigo mover o braço até perto do meu rosto.

Descemos depois de duas estações e presto muita atenção no local e para que lado andamos, caso tenha que refazer o trajeto sozinha mais tarde. Vou seguindo Josie pela rua.

Dobramos a esquina e vejo uma estátua de Lênin, com vários andares de altura. Ele parece estar parado diante de uma ventania, e apontando para algum lugar. Quando tento seguir o olhar na direção que seu dedo aponta, encontro as cúpulas multicoloridas da Catedral de São Basílio.

Estou na Rússia, penso. Uma onda de nostalgia paira sobre mim. Eu devia ter sacado assim que vi Lênin no mural, e o estilo de pintura, mas coisas parecidas poderiam ter sido pintadas em qualquer país do bloco soviético desde a Revolução. Eu poderia estar em qualquer lugar, da Estônia à Ucrânia; e, considerando que toda nova dimensão tem novas regras, isso aqui podia até ser São Francisco. Mas não: estou de volta ao país que se tornou tão importante para mim.

Mas é uma Rússia muito diferente, essa aqui. Em vez de uma São Petesburgo linda e elegante, parece que estou em Moscou, e aposto que no universo dominado pelo czar Alexander Moscou era mais bonita que isso.

Todos os prédios construídos no século passado são de concreto liso, e a arquitetura é tão apática e sem graça que não consigo acreditar que não seja de propósito. As estações de metrô elegantíssimas indicam uma época mais antiga, que queria causar impacto com seus espaços públicos. Aparentemente, o sentimento morreu. Os carros que passam por nós são tão quadrados que poderiam ser encolhidos e usados como peças de Lego. Mamãe me disse que a União Soviética não acreditava na decadência do capitalismo, o que aparentemente incluía fabricar apenas carros horrorosos.

O sol acabou de se pôr. Josie deve estar cansada depois de um dia de trabalho, mas me dá toda a atenção que pode.

— Quer que eu te acompanhe até em casa? Não me importo de ir com você.

A luz do entardecer mostra um brilho em um dos dedos dela enquanto conversamos; é uma aliança de ouro bem fininha. De casamento, talvez? Por favor, que ela não tenha casado com Wyatt Conley aqui também! Depois daquele acidente pavoroso no Triade-verso, nunca mais quero ver a cara dele. Vou lembrar para sempre daquela cena, ele com a cabeça partida... E, mesmo nos mundos em que ele é um cara ok, e onde o amor dele por Josie é verdadeiro, vou sempre lembrar que o luto dele por ela é o que alimenta o massacre que o Escritório Central comanda nas outras dimensões.

— Ei... — Ela franze a testa. — Entendeu o que eu perguntei?

— Entendi, desculpa. Não estou me sentindo muito bem. Se você puder me acompanhar, agradeço. — O meu sorriso deve ter parecido meio fingido, mas ela vai achar que é porque estou cansada ou chateada com alguma coisa. Ela me oferece o braço e seguimos juntas. É um gesto meio formal e antigo, mas muito afetuoso, algo que a minha Josie jamais faria, nem se estivesse sendo superprotetora. Talvez seja algo da cultura russa, ou talvez algo dessa dimensão, que vou chamar a partir de agora de Moscouverso.

Pelo que entendi, eu e Josie não moramos na mesma casa. Bom, se ela é casada, faz sentido. Ela deve morar com o marido, o sr. Espero-que-seja-qualquer-pessoa-menos-Wyatt-Conley. Olhando com mais atenção ao redor, vejo muitas outras pessoas da idade dela, e até da minha, que parecem estar saindo do trabalho e não da escola. As crianças que estão saindo da escola estão todas uniformizadas, uma roupinha com lenços vermelhos no pescoço ou gravatinhas, todas com um broche de Lênin preso no meio, e todos são pelo menos dois ou três anos mais novos que eu. Como já sou pintora profissional, diria que meus dias de estudante já se acabaram. Parece que as pessoas por aqui precisam amadurecer um pouco mais rápido.

A julgar pela aparência dos carros e dos trens, o nível de tecnologia daqui parece com o que era o nosso no início dos anos 1980. Então, meus pais não devem estar nem perto de desenvolver um Firebird por aqui. No entanto, se

aqui no Moscouverso eles também forem cientistas de ponta, como são em quase todos os mundos, devem ter acesso ao tipo de material que Paul precisa para construir um estabilizador. Dá para manter essa dimensão segura.

O prédio de apartamentos onde moro parece ser um dos edifícios pré-Revolução. De início, fiquei feliz por não ter que morar em um lugar totalmente sem graça, ainda que seja todo cinza e que as decorações originais que deviam dar vida às portas e janelas estejam rachadas ou faltando pedaços. Quando está claro lá fora, a luz deve entrar por essas janelonas e iluminar toda a entrada larga e os corredores amplos. Aí descubro que “antigo” não significa apenas lindo, cheio de personalidade etc. “Antigo” também quer dizer “sem elevador”. Ainda bem que eu moro no terceiro andar.

Conforme entramos no apartamento pela porta da frente, tiro meu gorro e começo a abrir o casaco, louca para me ambientar e explorar o lugar. A primeira coisa que noto é que o apartamento parece pequeno demais para meus pais e eu. Entro com Josie e vamos até a cozinha, que é minúscula, cheia de eletrodomésticos caquéticos e nenhum microondas (mas pelo menos é branca e aconchegante). A sala também é pequena e as paredes têm um tom verde muito forte que tinha tudo para dar errado, mas na verdade é bonito. Não há tapetes sobre o chão de madeira. Uma mesinha repousa sobre o canto da sala, coberta com uma passadeira branca com flores vermelhas bordadas nas pontas. As paredes estão cheias de retratos feitos por mim: dos meus pais, de Josie, de outras pessoas que devem ser amigos meus e também de uma criança ao lado de algumas molduras com fotos em preto e branco. O sofá pequeno e gasto fica de frente para a TV, velha e quadrada, cuja tela não é maior que a de um laptop. Estantes de livros lotadas cobrem todo o restante das paredes. A maioria deles são textos de ciências, com alguns romances e livros de poesia que devem ser meus. Ainda que eu nunca tenha estado aqui antes, em algum nível me sinto um pouco em casa.

De novo, um tapinha no ombro, mas agora me assustou. Esqueci que não posso ouvir.

— Certeza que está tudo bem? — Josie vira um pouco a cabeça para o lado, tentando me entender melhor. — Vai ficar bem sozinha?

— Com certeza. — Meus pais devem estar voltando do trabalho. — Vou tirar um cochilo. Sempre ajuda.

— Faz isso, então. Parece que você precisa. — Ela me dá um beijo na bochecha, mais um sinal de carinho que ela jamais daria no nosso mundo. — Ainda bem que não é seu dia de buscar a Valentina. Tenta descansar.

— Não se preocupa comigo, de verdade. — Temos uma irmã nesse mundo? Ou será que Valentina é alguma colega de trabalho que volta comigo? Bom, não sendo um clone, acho que consigo encarar. — Josie, pode ir para casa. Seu marido deve estar preocupado.

— O time de hóquei de Yuri está jogando hoje, lembra? Mas preciso correr para assistir ao jogo. — Ela sai na direção da porta. — Até amanhã!

Eu aceno para ela e a vejo desaparecer atrás da porta. Suspiro de alívio. Yuri. Não faço a menor ideia de quem seja, mas não sendo Wyatt Conley, estou feliz.

Tiro o casaco e penduro no gancho na parede, junto com o gorro. Tiro as luvas e ando até a parte de trás do apartamento. Parece que só tem um quarto. Que estranho. Entro no quarto e vejo um par de sapatos masculinos ao lado do armário, então esse é o quarto dos meus pais. Tem mais uma porta no cantinho, bem no fundo do quarto.

Faço uma careta. Se me lembro bem, a vida moscovita da era soviética não tinha luxos como *closets* nem suítes. Na verdade, sempre li sobre uma extrema falta de privacidade. Será que preciso passar pelo quarto dos meus pais para chegar ao meu? Nossa, o potencial de esquisitice aqui é infinito.

Acostume-se, digo a mim mesma. Abro a porta.

A primeira coisa que noto é minha mão esquerda sem a luva. Há um anel no dedo anelar.

A segunda coisa que noto é que esse quartinho, que é do tamanho de um banheiro, tem um bercinho dentro.

Ei. Uau. Espera aí.

Uma luz acende atrás de mim. O que é?

Lembro de novo que sou surda e que é muito comum que surdos usem alertas visuais para representar sons, como o som da campainha, ou para sinalizar que alguém entrou.

Um pouco assustada, vou checar, ainda olhando para o anel na mão esquerda. Quando chego na sala, vejo Paul parado ao lado da porta com um bebê no colo.

O nosso filho.



PAUL SORRI PARA MIM, COM A MESMA TIMIDEZ DE SEMPRE, mesmo segurando o bebê. Com uma das mãos, ele se comunica comigo.

— Olha, a mamãe está em casa!

Essa deve ser a Valentina, nossa filha.

Eu me sento em uma das cadeiras da mesa de jantar e ele me olha preocupado. Coloca a Valentina no chão. Ela já é grande o suficiente para engatinhar feliz da vida. Ele vem até mim.

— Está tudo bem? Você está pálida.

— Estou me sentindo muito fraca. Josie me trouxe aqui. — E agora estou prestes a desmaiar com o choque. O destino da grã-duquesa Margarita passa diante dos meus olhos. Primeiro, descubro que estou grávida. Duas semanas depois, tenho uma filha.

Claro que sei que isso aconteceu em universos diferentes, com Marguerites distintas e bebês distintos. Mas, em um nível emocional, parece que passei da concepção ao parto em duas semanas.

Paul tira as luvas e põe a mão na minha testa antes de voltar a falar com as mãos.

— Está com febre? Será um resfriado?

— Acho que só preciso dormir. — E me acostumar com essa vida.

— Entendo. Ela está muito melhor, mas ontem parecia que tinha regredido aos seis meses de idade, né? Acordando toda hora... — Ele dá um suspiro e percebo que está cansado também, mas tenta disfarçar. — Ainda tem um pouco da sopa de ontem. Posso esquentar e a gente toma com um pedaço de pão e queijo. Pode ser?

Ele quer fazer o jantar para eu poder descansar. Nossa filha está brincando no chão e temos um apartamento pequeno, mas superaconchegante. Pelo menos em um mundo, tudo parece ser simples e doce. Nos apaixonamos. As pessoas casam cedo aqui, então nós também nos casamos. E agora temos uma família. Temos uma vida juntos.

— Você está chorando? — Ele segura minhas mãos antes de se ajoelhar diante de mim.

Eu digo que não com a cabeça, ainda que tenha lágrimas nos olhos.

— Estou bem. Estou melhor do que bem.

Ele me olha, tentando entender de onde veio aquilo. Depois de uns instantes, me dá um beijo na testa e vai para a cozinha fazer o jantar.

As horas seguintes passam despercebidas, uma mistura de rotina mundana e sublime. Paul cozinha, eu brinco com a Valentina no chão. Por um tempo parece que estou trabalhando como babá para uma outra família, mas em seguida lembro de tudo outra vez. É a nossa filha. Minha e de Paul. Nossa.

Será que a filha da grã-duquesa vai ter esse rosto? A Valentina tem olhos grandes e acinzentados, como os do pai, mas a cabeça já desponta alguns cachinhos selvagens, o cabelo lunático da família Kovalenka. Ela é linda, assim como a maioria dos bebês, só que quanto mais olho para ela, mais única ela me parece. Vejo um detalhe no sorriso que lembra meu pai, e logo depois reparo que o queixo é teimoso, igual ao de Paul. Reconheço nela partes da maioria das pessoas que mais amei na vida.

Meus pais chamam isso de genética. No entanto, para mim, parece alquimia: aquele espaço maravilhoso entre a ciência e a magia.

Nada me faz sair do transe de encantamento em que estou, nem mesmo trocar fraldas. Quando pego Valentina no colo depois de trocá-la e cheiro sua cabecinha, sinto um arrepio na nuca e tenho a sensação de que poderia segurá-la para sempre.

Depois de comer, Paul insiste em tomar conta dela. Senta no chão com blocos de montar e eu me deito no sofá, até que de repente vejo outra luz piscando. Ele faz uma careta.

— Esqueci que eles vinham hoje!

— Tudo bem — digo, sentando de novo e sorrindo. — Eu quero vê-los.

Que tipo de cientistas loucos meus pais serão aqui?

Mas, quando ele abre a porta, entendo que ele se referia aos próprios pais. Diante de mim estão Leonid Markov e a mulher que deve ser a mãe dele, Olga.

A última vez em que vi Leonid Markov, ele matou um homem a sangue frio a um metro de distância de mim. Ele debateu os prós e contras de me manter viva. E ainda vi a crueldade com que costumava tratar o filho,

tentando forçá-lo a levar uma vida que, aos poucos, envenenava sua alma. Até o momento, eu não conhecia Olga. Tudo que eu sabia era que ela apoiava o marido nessa vida de crime e que rejeitava Paul por se recusar a fazer parte dos “negócios da família”.

Hoje, no entanto, Leonid está usando um sobretudo marrom e um terno por baixo. Os cabelos de Olga estão penteados de uma maneira antiga e ela usa um vestido xadrez horroroso. Mas eles parecem, sei lá, normais. Felizes de estarem aqui. E, o mais surpreendente, Paul sorri para eles ao abrir a porta.

— Olá — diz Olga. — Que bom ver você. — Ela faz os sinais de maneira desajeitada, mas consigo entendê-la perfeitamente. Imagino que ela não saiba muito mais que isso, porque logo depois começa a conversar com Paul.

Ele parece acostumado a fazer as traduções.

— Babushka disse que Valentina está crescendo muito rápido, e que está linda — me conta ele, e depois também responde em sinais enquanto responde a ela, para que eu entenda também. — Linda, mas cada dia mais tirana. Acordada a noite toda, Marguerite está exausta. Hoje não é uma noite boa para visitas longas.

Leonid sorri e acena, concordando. Ele conversa com Paul e ele vai traduzindo para mim.

— O encontro do partido foi agora à noite e meus pais também estão exaustos. Eles querem saber se podem ficar com ela um pouco nesse fim de semana. Assim, você pode descansar. — E, me olhando de um jeito especial, ele acrescenta algo só para mim. — Imagine ter algumas horas a sós, só você e eu.

Imediatamente lembro do quarto que dividimos. Imagino muitas coisas.

— Se você não se incomodar... — respondo.

Ele abre um sorriso lindo e diz aos pais que claro, podem pegar Valentina no fim de semana. Ela adora passar tempo com os avós.

Lentamente, começo a juntar as peças. Nesse mundo, Leonid não é da máfia; é membro oficial do Partido Comunista. Talvez seja daí que ele tire o senso de poder que o acompanha em todos os mundos, o senso de autoridade. A URSS sempre premiou os melhores estudantes de ciências em geral, e deu a eles tudo do bom e do melhor. O que significa dizer que, aqui no Moscou, Leonid é quem financia as ambições de Paul. Ele tem orgulho de ter um filho cientista.

Tenho certeza de que há um lado negro nisso tudo. Leonid Markov é a última pessoa que deveria ter autoridade de estado, e Paul é inteligente o suficiente para saber disso. Isso não muda o fato de que, nesse mundo, ele cresceu sendo valorizado, com apoio e carinho dos pais.

Ele não tem motivos para acreditar que não merece amor, então, quando nos conhecemos, nada o impediu de ficar comigo.

Olga e Leonid ficam brincando mais um pouquinho com Valentina e Paul serve uma xícara de chá aos dois, mas em menos de meia hora eles vão embora, e minha pequena família fica sozinha de novo. Valentina faz manha, e ele abaixa e dá um beijinho na cabeça dela.

— Ela também está cansada — comenta ele, sorrindo para mim. — Podera. Vou dar um banho nela e botar na cama.

— Vou te ajudar.

— Não precisa. Descanse. E torça para que ela durma essa noite.

Dou uma olhadinha de relance e vejo Paul sentado na beira da banheira com Valentina, rindo quando ela espirra água nele, mas aproveito para explorar melhor o quarto da frente. Encontro um álbum de retratos parecido com o que ficava na casa dos meus avós, com aquelas páginas adesivas e fotos em preto e branco desbotadas coladas nelas. O álbum parece ter sido feito por Olga e dado a nós dois de presente, porque as páginas iniciais mostram Paul quando criança, sorridente. Mais sorridente do que jamais vi no nosso universo. Depois de algumas homenagens (fitas vermelhas com o desenho da foice e do martelo, ou mais imagens de Lênin), vejo a primeira foto em que apareço. Apesar do uniforme escolar desleixado, estou sorrindo para a foto com os braços em volta da cintura de Paul. Parece que começamos a namorar quando tínhamos uns treze anos, talvez quatorze. Quem sabe até antes.

Algumas páginas adiante, vejo a foto do casamento. Sem a indústria do casamento comercializando tudo em torno dos casais apaixonados, parece que aqui os noivos e as noivas mantêm as coisas simples: Paul está usando um terno comum e eu estou com um vestido na altura do joelho e algumas flores no cabelo. A felicidade no nosso rosto, no entanto, é visível.

Levanto a cabeça e vejo Paul entrando com Valentina no colo. Ela está enroladinha em um cobertor amarelo, e solta um bocejo absurdamente fofo, a boquinha aberta e as mãozinhas fechadas. Quando ele vê que estou olhando as fotos, levanta as sobrelhas indicando a pergunta que não pode fazer sem ter as mãos livres: por que está olhando isso?

— Estou meio sentimental hoje — respondo.

Ele senta na cadeira, ninando um pouco Valentina no colo. A princípio, acho que ele está falando com ela, mas enquanto me levanto e vou até a estante devolver o álbum, percebo que ele está cantando.

Estranhamente, até este momento eu não tinha ainda sentido falta da minha audição, desde aqueles cinco primeiros segundos de confusão. Mas agora, nesse momento, como eu queria poder ouvi-lo cantando... Mas talvez isso não seja importante; talvez ver o rosto dele enquanto canta seja

suficiente. A doçura enquanto ele coloca nossa filha para dormir... não existe música mais linda que essa.

De repente, ele dá um pulo na cadeira, não muito forte, mas o suficiente para dar um susto na Valentina, que abre outro bocejo. Ele arregala os olhos, e eu também. É quando vejo o Firebird no pescoço dele. O meu Paul chegou, finalmente.

Ele olha para o bebê, depois para mim. Depois olha para o bebê novamente. Pego um caderninho e uma caneta e escrevo com letras bem grandes “SURPRESA!”. E viro o caderno para que ele leia.

* * *

Paul Markov do meu mundo sabe uns poucos sinais. O Paul do Moscouverso, apesar de fluente, parece ter aprendido a linguagem depois de adolescente, porque o conhecimento não estava entranhado na memória dele a ponto de o meu Paul conseguir acessar. Consigo falar, já que a minha voz aparentemente não foi afetada pela meningite. E ainda que seja esquisito ter que pensar na posição da boca e da língua enquanto emito cada som e sílaba, consigo fazer isso. Mas ele só pode me responder por escrito, e o diálogo entre as minhas palavras inaudíveis e as anotações dele... é tudo muito esquisito. Eu logo desisto de falar, e ficamos só no papel.

Ele escreve: “Você tem ideia do que seus pais fazem por aqui? Em que tipo de ciência se especializaram?”

Estamos sentados no chão da cozinha e Paul está fuçando nos produtos de limpeza e nos remédios, tentando encontrar ingredientes para o Nightthief. Ainda que ser uma viajante perfeita envolva perigo e drama, preciso admitir que não fico triste por não ter que injetar algo que se usa para desentupir pias nas minhas veias.

“Ainda não verifiquei isso”, escrevo de volta, “mas se você olhar os livros que temos, pode ser que entenda”. Penso um pouco, depois decido continuar. “Aqui, nós nos conhecemos quando éramos bem mais jovens, então pode ser que você tenha estudado com eles quando era mais novo.”

Paul interrompe seu experimento químico e escreve mais um pouco: “Sabe onde eles moram?”

“Josie e eu viemos direto para cá”, respondo. “A gente tem uma agenda telefônica, podemos procurar pela manhã. Podemos explicar o que está acontecendo e eles vão nos ajudar.”

Ele concorda com a cabeça sem fazer contato visual.

“Por que você não usa os lembretes?”, pergunto.

“Quase fiquei sem bateria no Egitoverso.”

Se tivesse acontecido, ele teria ficado preso lá, impedido de acordar ou de saltar. Não vale a pena arriscar. Será que vamos ter que ligar pro trabalho amanhã e dizer que ficamos doentes? Qual é o nosso trabalho? Será que amanhã é sábado? A essa altura, meu conceito de tempo já era. Nada disso é muito grave, mas às vezes as coisas pequenas podem causar problemas grandes.

Quando Paul junta mais dois líquidos estranhos, a mistura finalmente fica verde, a cor do Nightthief.

“Às vezes a parte mais difícil é achar uma agulha”, ele escreve. Foi a primeira frase que ele disse que não era absolutamente necessária. O Triade-verso e o Escritório Central criaram pequenas agulhas injetoras que ficam guardadas dentro dos Firebirds deles. É algo que devíamos copiar.

“Não se sente mal por usar o Nightthief, considerando o quão prejudicial ele pode ser?”, pergunto.

“Não. É como o arsênico... As pessoas podem tomar em doses pequenas sem que seja tóxico. Mas se você expuser o corpo a doses de arsênico regularmente, ele vai se acumulando até se tornar letal. Duas ou três doses de Nightthief não fazem mal, no máximo uma perda temporária de memória recente, por conta da impossibilidade de sonhar quando se está sob o efeito da droga. E duas ou três doses são mais que suficientes para o que precisamos fazer.”

Duas ou três doses. O Theo do Triade-verso ficou dentro do nosso Theo por vários meses. Mas ele morreu para conseguir perdão por esses erros, então eu de certa forma aprendi a superar.

Ele coloca a garrafa com o líquido verde no balcão e vai andando em direção ao banheiro, creio que para checar o armário de remédios. Acho que ele diz alguma coisa no caminho para lá, esquecendo que sou surda, mas a sensação de ser deixada para trás é clara. Ele até me entrega Valentina e pede que eu a coloque na cama. Não que tenha sido difícil, porque ela já tinha ouvido muitas canções de ninar.

Chega, penso. Não vou mais continuar assim. Não dá para fazer Paul acreditar, mas dá para fazer com que ele me ouça. Mesmo sem minha voz.

Ele volta de lá com uma seringa. Saio da cozinha enquanto ele se prepara para injetar a droga em si mesmo e me sento no sofá, acompanhada de folhas de papel em branco. A agulha entra na pele e ele mal reage, exceto por uma leve tensão no ombro, e em segundos tudo acabou. Assim que coloca a seringa no balcão, começa a tremedeira.

Eu ajudo ele a sentar no sofá, com medo de ver outra overdose como aquela do Theo no Londresverso, mas não atinge Paul tão forte. Ele treme por alguns instantes, as pupilas dilatam, eu massajeio seus ombros, passo a mão nos seus cabelos.

Quando a reação passa, ele tenta se levantar de novo, mas empurro os ombros dele para baixo e o obrigo a continuar sentado mais um pouco. Ele me olha feio, depois escreve: “Já estou bem.”

“Eu sei”, escrevo de volta. “Mas precisamos conversar. Você continua me evitando, mas estamos em um mundo no qual dividimos uma casa e a mesma cama. Chegou a hora.”

“Não tem mais nada a ser dito. Nós não compartilhamos de um mesmo destino. Isso já foi comprovado. Um mundo como este, onde nós...” A mão dele para de escrever, e vejo que ele ergue o olhar até o quarto de Valentina. E recomeça. “Um mundo é apenas uma possibilidade. Não significa que sejam destinados um ao outro.”

“Não significa que não somos.” Seguro a mão dele enquanto procuro pelas palavras certas, para que ele não possa sair dali.

Mas ele pega a caneta de volta antes de mim.

“Você sabe o que a fragmentação fez comigo. Você achou que eu continuaria com você mesmo sabendo que nunca mais vou ser o mesmo?”

“Sim! Você se machucou. Você mudou. Se você fosse perigoso para mim, ok, eu deixaria você ir. Tanto para me proteger como por saber que você preferiria a solidão a me machucar de alguma forma. Mas você não é um perigo para mim. Você conseguiu se controlar com Romola, lembra? Você não está estragado. Só tem cicatrizes novas, e sempre vou amar você apesar delas. Você não ia continuar me amando mesmo que eu tivesse cicatrizes? Ou estivesse deprimida? Ou machucada?”

Ele hesita. Será que estou conseguindo fazê-lo pensar?

“Claro que ia”, escreve ele. “Mas é diferente. Você não enxerga a diferença porque ainda acredita nessa ideia mítica de destino...”

Eu arranco a caneta da mão dele para fazer com que ele pare, e para poder dizer a coisa mais importante de todas: “Paul, sei que o destino não garante um final feliz. Não existe uma promessa de que vamos ficar juntos ou algo do tipo. Mas, dimensão após dimensão, mundo após mundo, o destino tem nos dado uma chance. O destino não é nenhum tipo de profecia mística, sei disso. O destino é o que fazemos com essa chance.”

Não me atrevo a olhar para ele, não me atrevo a parar de escrever. Está saindo pelos meus poros, do jeito que vou sentindo. A única coisa que tenho certeza que aprendi: “Você me ensinou isso. Cada nova realidade quântica se parte quando alguém toma uma decisão. Cada mundo que visitamos não é uma mera arbitrariedade; é o resultado de escolhas incontáveis, todas combinadas para criar uma nova realidade. Você e eu recebemos uma infinidade de chances, e isso é muito mais do que a maioria das pessoas têm! Mas, no fim, só podemos viver em um mundo apenas: o mundo que fazemos. E quero criar esse mundo junto com você.”

Meus olhos estão quentes, a garganta ardendo. Quando ergo a cabeça, vejo que o Paul está ainda mais no limite que eu. Estou forçando nós dois a confrontar o fato de que um dos nossos sonhos mais lindos era uma mentira.

Nós dois sempre acreditamos que o destino era uma espécie de garantia; uma promessa do cosmos de que teríamos o nosso momento juntos em todos os mundos em que nós dois existíamos. Mas agora vejo que acreditar em um destino significa abrir mão de uma responsabilidade. Nos enganamos ao pensar que a felicidade era um presente que nos seria dado repetidamente. É muito mais assustador admitir que nossas vidas estão nas nossas mãos, nossas mãos que são falhas, imperfeitas. O nosso futuro não é tão seguro quanto pensamos e não está descansando nas mãos do destino. Ele precisa ser polido da pedra, escavado da lama, e construído lentamente, um dia confuso de cada vez.

Minha mão está tremendo tanto que as letras estão quase ilegíveis. Mas ele ainda consegue ler o que eu tenho a dizer: “Você cresceu acreditando que ninguém jamais poderia te amar incondicionalmente. Que você nem merecia ser amado! Mas todo mundo merece ser amado, e tem tantas coisas boas esperando por você... Você não precisa de destino para conseguir um amigo como Theo, ou mentores como os meus pais. Eles *escolheram* você. Quanto mais se aproximaram de você, quanto mais compreenderam quem você realmente é, mais te amaram. E demorei para te ver, porque você se esconde muito bem, mas agora eu vejo, Paul. Eu vejo você, e eu amo você t...

A caneta cai da minha mão, as palavras se transformando em garranchos. Ele me puxa com força para perto dele. Eu coloco os braços em volta do pescoço dele e o abraço de volta, não apenas para fazer com que ele me entenda, mas que acredite em mim. Ele beija minha testa, minha bochecha e finalmente meus lábios. Abrimos nossas bocas lentamente, e o que sinto é como se estivesse matando uma sede há muito não saciada.

Eu tinha jurado que jamais cometeria outro erro como aquele do Russiaverso, que nunca mais tentaria adivinhar que tipo de escolhas minhas outras versões teriam feito com seus corpos. Mas estamos em corpos de um Paul e uma Marguerite que dividem a mesma cama, a mesma vida, a mesma filha. O que sentimos não é muito diferente do que eles sentem.

Estamos na nossa casa. Estamos seguros, assim como esse mundo. Temos a noite inteira.

Sou eu que levanto primeiro do sofá, pego ele pela mão e começo a levá-lo para o quarto. Ele me pega no colo e me carrega no restante do caminho, me deita na cama e deita sobre o meu corpo.

Nos ajudamos a tirar a roupa. Nossa memória evoca aquela noite na *dacha*. Nos revelamos completamente, de corpo e alma, como jamais antes fizemos. Paul e eu estamos unidos, na sombra e no silêncio. O que criamos aqui, criamos juntos.



ACORDO DE UM SONHO E NÃO CONSIGO LEMBRAR o que sonhei, apenas que tinha som. O som das conchas nos meus ouvidos me incomoda por alguns instantes; logo depois, tenho coisas mais importantes com o que me preocupar.

Paul está deitado do meu lado, os olhos acinzentados tão gentis... há quanto tempo ele está me olhando dormir? Tomara que eu não tenha roncado ou babado no travesseiro. Acho que não, porque ele me vê piscar e abre um sorriso enorme. Quando sorrio de volta, ele passa o dedo sobre meus cabelos. O toque dele me aquece como o sol enquanto deitamos ali, lado a lado sob os lençóis brancos amassados.

Já tínhamos passado uma noite juntos, na *dacha* na Rússia, mas lá ele era o tenente Markov: era o meu Paul e era também alguém completamente novo. Dessa vez, ainda que estejamos em outros corpos, somos só nós dois. E, apesar de toda a emoção daquele dia, aqui a sensação de intimidade é ainda maior. Talvez seja o nosso verdadeiro começo.

Talvez não. Os olhos dele continuam tristonhos, o sorriso melancólico. Será que ele acredita no que eu disse ontem à noite? Será que ainda duvida de si mesmo e acha que a fragmentação vai pesar sobre ele para sempre? Será que acha que o destino é algo que criamos ou que é algo que perdemos?

Para fazer essas perguntas, ou para ter respostas, eu teria que pegar mais papel e uma caneta. Mas talvez seja bom isso de não poder se comunicar com facilidade. Em vez de voltar para uma discussão cheia de dúvidas e mágoas, ou ter alguma conversa irrelevante a respeito de qualquer coisa trivial, só ficamos ali, deitados, em meio a esse momento frágil.

Paul levanta depressa e segue na direção da portinha no fundo do quarto, onde fica o berço. Ah, é, temos um bebê, e bebês choram.

O resto da manhã não é tão romântico.

“O que mais ela pode querer?” Ele escreve para mim depois do terceiro prato de purê de batata doce ser atirado contra nós por Valentina.

Dou de ombros, perdida. Meu peito é quase inexistente neste mundo também, então deduzo que eu não esteja amamentando. (E, de forma egoísta, sou grata por isso: ia ser muito esquisito.) Trocamos a fralda. Tentamos dar outras comidas. Fazemos ela arrotar. Tentamos mais comida. O que mais podemos tentar?

No entanto, Valentina parece saber que devíamos fazer alguma outra coisa. Tem alguma coisa que nós dois, pais desnaturados, estamos esquecendo. As lágrimas escorrem do rostinho dela, já vermelho, enquanto ela joga longe o resto do purê. Ela está tão arrasada que é impossível sentir raiva ou irritação. Só sinto culpa. Essa menina precisa da mãe. Talvez ela saiba que não sou eu.

Paul deve estar pensando a mesma coisa. Enquanto limpo minha camisola que está toda suja de purê, ele escreve: “Eu não devia ter tomado o Nightthief. O pai ia poder cuidar dela.”

“Não”, escrevo, pegando a caneta da mão dele. “Precisamos construir o estabilizador o mais rápido possível. Quanto mais rápido fizermos isso, mais rápido ela vai ter os pais de volta.”

O que é verdade, eu sei. Mas ainda assim me sinto mal quando olho para Valentina... Que diz “Leite?” com as mãozinhas, em libras.

— Leite? — respondo com sinais. Ela sorri, passando de triste a esperançosa. Abro o armário da cozinha e vejo, na prateleira mais alta, uma coleção de mamadeiras e bicos. Quando volto para a sala com a mamadeira cheia, ela já está com as mãozinhas gorduchas para o alto. Dou o leite a ela e sou recompensada com o sorriso mais breve do mundo, e logo em seguida ela coloca o bico na boca.

É claro, a Marguerite daqui está ensinando libras para a filha, assim como Paul deve estar ensinando a falar. Ela ainda é nova demais para falar, mas parece que as crianças aprendem os sinais um pouco mais cedo. Paul se apoia na geladeira, aliviado, e não consigo segurar o riso.

Logo em seguida, uma das luzes pisca na parede.

Surpreso, Paul vai abrir a porta, mas sorri quando vê quem é.

— Bom dia! — Minha mãe diz para mim em libras, depois começa a reparar na minha camisola, na camiseta com samba-canção do Paul e a carinha vermelha de Valentina. Logo atrás dela entra meu pai, que só tem olhos para a neta. Meus pais parecem os mesmos de sempre, como se tivessem vindo da sala da minha casa, exceto pelos óculos pavorosos de

plástico que papai usa aqui. Mamãe arrumada tem os cabelos presos em um coque com grampos; em casa, ela usa um lápis. O cachecol do meu pai é azul forte, com certeza chama atenção nas ruas de Moscou.

Seria lindo ver meu pai acariciando a cabecinha da Valentina se não fosse o diálogo que se seguiu.

— Bebê lindo muito, Josie disse doente você?

— Doente Paul também? — completa minha mãe.

Preciso morder minhas bochechas por dentro para não rir. A gramática em libras é tridimensional; o significado e a função das orações nos gestos individuais são determinados não só pela forma que os dedos fazem, ou pela ordem, mas pelas posições e movimentos das mãos. As expressões faciais são tão importantes quanto a precisão e a clareza dos movimentos dos dedos. Meus pais, os super gênios, não dominam essa parte. Eles obviamente não aprenderam libras quando crianças, então nunca ficaram fluentes. E, como resultado disso, agora conversam comigo como se fossem homens das cavernas.

Bom, mas deu para entender.

— Estou bem. Muito melhor. — Eles não parecem ter vindo checar se estou bem, no entanto. Parece que os convidamos para tomar café, ou talvez seja um hábito da família em dias não-úteis. — Mas Valentina demorou muito a decidir o que queria comer hoje.

Meus pais entendem os sinais melhor do que os usam. Mamãe sorri e dá um beijo na cabecinha dela.

— Você roupa, nós guardar bebê. Feliz guardar — diz meu pai.

“Guardar” é o mais próximo que eles conseguem chegar de “tomar conta”. Eu sorrio para Paul, que está olhando estático para as pessoas que se comunicam por sinais.

— Obrigada por olhar Valentina um pouquinho. Voltamos logo. — Puxo Paul pelo braço e o arrasto para a parte de trás do apartamento.

Nos trocamos apressados, fazendo uma bagunça enquanto tentamos achar as coisas nos armários. Coloco meias grossas nas pernas enquanto ele abotoa a camisa. Ele para e começa a escrever.

“Não vamos contar ainda sobre os Firebirds.”

Eu discordo com a cabeça.

“Não. Estou farta de mentir no universo dos outros. Nesse aqui, eles podem nos ajudar.”

“Estamos na URRS”, responde ele. “É um estado policial. Amigos delatam amigos. A paranoia é grande. Se acharem que sou um intruso em vez de alguém que oferece conhecimento novo, seus pais podem me delatar.”

Eu quero dizer a ele que meus pais jamais fariam isso, mas sei que meus pais são moldados por seus próprios mundos. Ainda que eu acredite que jamais me trairiam, não posso ter certeza de que fariam o mesmo por Paul.

“Posso acabar em algum *gulag*”, ele insiste. “Preciso apresentar os assuntos lentamente. Eles precisam acreditar por um tempo que eu sou o Paul desse universo. Posso conversar com eles em russo, eles me cumprimentaram nessa língua. Mas e se notarem que não estou me comunicando com você?”

“Boa pergunta. Diga que você machucou a mão ontem. Nada sério, mas não pode fazer nenhum esforço. Tem que dar certo.”

Nenhum de nós dois se dá conta da cama ao nosso lado, os lençóis amassados, os travesseiros ainda levemente indicando o peso das nossas cabeças. O que fizemos ontem à noite, o que eu disse... É quase como um sonho que eu tive, um sonho no qual queria estar. Será que ele agora acredita nas nossas chances infinitas? No nosso mundo único? Será que as cicatrizes da fragmentação e do passado dele são profundas demais?

Quando voltamos, meus pais estão no meio do quarto com expressões esquisitíssimas no rosto: algo entre o choque, o medo e a descrença. Minha mãe está segurando Valentina, mas distante do corpo, como se estivessem olhando para algo que não esperavam. Os dois se assustam ao nos ver chegando, e minha mãe diz algo em voz alta. Não faço ideia do que seja. Leitura labial é uma arte difícilíssima, especialmente quando você não sabe em que idioma a frase foi dita.

Paul dá um passo para trás, em choque também. É quando noto que meus pais têm algo metálico ao redor do pescoço. Os Firebirds. O que significa que meus pais desse universo acabaram de virar os meus pais de verdade, que finalmente viajaram pelas dimensões.

Corro para pegar o papel e a caneta de ontem a noite, escondendo todas os assuntos particulares que discuti com Paul, e escrevo: “Estamos em Moscou. Paul e eu vivemos aqui e essa é Valentina. Eu sou surda.”

Eles parecem chocados, e minha mãe põe a mão no meu rosto. Por que eles estão tão chateados? Eles se recuperam, e meu pai é o próximo a pegar a caneta.

“Esse bebê é seu ou nosso? Não sei o que parece mais assustador.”

“É nosso”, escrevo, rindo. “Assustador para caramba.”

Ele mostra o papel para minha mãe, e os dois começam a olhar para Valentina fazendo “oooooh”, como se estivessem derretendo por dentro ao entender que quase têm uma neta. Enquanto isso, Valentina olha para todos nós muito desconfiada. Acho que ela já sacou que está no meio de quatro impostores.

Minha mãe coloca Valentina no colo, apoiada no quadril, com a facilidade de quem está acostumada com isso, e nos sentamos à mesa com o paninho bordado, papel e caneta.

Meu pai começa a escrever, a letra dele é pavorosa.

“Assim que conseguimos Firebirds suficientes coletados de várias dimensões, sua mãe e eu pensamos que seria mais rápido se viajássemos por conta própria. Em vez de deixar tudo nas mãos do P e do T para a construção dos estabilizadores que vão proteger as dimensões, podíamos cuidar de alguns nós mesmos.”

“Theo está cuidando da comunicação entre os universos”, escreve minha mãe em seguida, ainda segurando Valentina com o outro braço. A letra dela é tão delicada e precisa quanto ela. “Ele ainda está doente, então Josie foi para casa para ajudar.”

Meu pai pega mais um pedaço de papel: “Imaginem o choque dela em saber que a motivação do Escritório Central era juntar os pedaços dela... Disse que preferia estar morta mil vezes, e que qualquer versão dela pensaria o mesmo. Eu acredito nela.”

Minha mãe olha para ele e pega a caneta de volta.

“Precisamos começar. Graças aos dados coletados dos outros universos, em especial as informações de rastreamento do Guerraverso, descobrimos que o Escritório mudou seu plano de ataque. Eles estão indo atrás de mais vetores de origem agora.”

Respiro fundo e pego a caneta.

“Estão planejando destruir mais dimensões?”

Eles concordam com a cabeça. Paul diz alguma coisa que eu não entendo, mas pela cara dele foi um palavrão. A gravidade dos crimes do Escritório Central já é, nesse momento, além da minha capacidade de compreendê-los, mas eles querem se superar. Será que isso não acaba nunca? Como podemos parar essas versões podres dos meus pais e de Wyatt Conley quando são igualmente geniais e estão todos muitos passos tecnológicos adiante?

Não podemos, diz a voz traidora na minha cabeça, a memória do som em meio àquele ruído branco.

Finalmente, Paul escreve: “Ainda que devêssemos começar a construir o estabilizador para esse universo imediatamente, tenho uma teoria de que devíamos explorar um pouco as possibilidades usando apenas os próprios Firebirds. Podemos juntar dois Firebirds, por exemplo. Se um dispositivo fosse direcionado a aumentar a assimetria matéria-antimatéria em uma dimensão, e o outro fosse configurado para causar sobrecarga...”, ele para por um instante para mostrar com gestos, apontando para o próprio Firebird, exatamente como poderia ser feito, “a sobrecarga pode fornecer tanta força quanto qualquer estabilizador. O que significa dizer que dois viajantes

poderiam salvar um universo; ainda que, é claro, um Firebird seria sacrificado, prendendo o viajante lá para sempre. Mas, em último caso, é uma opção que pode nos ajudar”.

Papai pega a caneta.

“Fascinante! Mas acho que devemos continuar fazendo o que sabemos que funciona, por enquanto. Podemos nos separar assim que tivermos certeza de como as coisas funcionam por aqui, e em seguida descobriremos que dimensões serão atacadas na sequência. Onde podemos conseguir material para fazer o estabilizador?”

“Marguerite e eu chegamos aqui ontem à noite, então ainda não sabemos onde trabalhamos ou estudamos.”

Sei que o tempo que ele passou pensando agora foi a realização inconsciente do que estávamos, de fato, fazendo ontem à noite. Antes que meus pais percebam alguma coisa, pego a caneta.

“Na verdade, eu já sei: trabalho como muralista para o Partido Comunista. Quando cheguei nessa dimensão, estava pintando Paul vestido de camponês seguindo Lênin rumo ao paraíso socialista do futuro.” A próxima informação é irrelevante, mas interessante, então decido continuar. “Batizei aqui de Moscouverso.”

Eles começam a olhar os próprios bolsos e a correspondência para tentar achar mais pistas. A Academia de Ciências da URSS não fica muito longe, afinal, e eles três têm crachás de lá (de papel, batidos à máquina, sem foto). Pouco depois meu pai e Paul já encontraram também um mapa de Moscou, e começam a tentar entender onde fica a universidade.

Enquanto eles fazem isso, minha mãe coloca Valentina no chão. Ela escala os blocos de brinquedo dando só uma olhadinha para trás, como quem diz: “Estou de olho em vocês.” Mamãe continua a observá-la, fascinada, parando eventualmente para escrever: “Sabia que você e Paul teriam uma filha extraordinária, mas vê-la aqui, existindo, de verdade... Estou encantada.”

“Não é nossa filha, mãe.” Nem mesmo da forma mais limitada possível, como a filha da grã-duquesa (que é, de certa forma, nossa, mas meus pais não sabem dessa parte ainda. E agora não é hora de contar). “Ela é filha do Paul e da Marguerite deste universo. Parece que nos conhecemos há cinco anos nesse mundo. Ele aprendeu libras por mim.”

Achei que minha mãe ia achar isso mais adorável que a própria Valentina. Meus pais têm sido os nossos maiores torcedores que eu conheço, desde o início. Mas, em vez disso, ela recosta na cadeira e faz uma cara de dor. Preocupada, eu seguro sua mão, mas ela balança a cabeça e pega de novo a caneta.

“Foi a meningite?”

“A razão pela qual eu sou surda? Acho que sim, mas não tenho certeza. Deve ter sido há muitos anos. Além disso, as pessoas surdas não andam por aí com cartões explicando o porquê de serem surdas. E eu não tenho como perguntar a alguém.”

Ela balança a cabeça de novo.

“É tão difícil ver você assim.”

“Por quê? Não sinto dor. De verdade, mãe, nem sinto falta do som tanto assim. E não preciso ouvir para ser uma pintora.”

“Mas não pode ouvir o bebê, nem Paul. A pessoa que você é nesse universo não deve nem lembrar do som da nossa voz.”

A coisa mais estranha a respeito dessa infelicidade da minha mãe é que, antes de vir para o Moscouverso, eu acho que teria me sentido como ela. Agora, eu balanço a cabeça, discordando, certa do que estou sentindo, antes mesmo de pedir a caneta de volta.

“Mas isso não significa que não lembro de vocês, ou que não sinto o amor de vocês por mim. Quero dizer, claro que é uma coisa importante; tenho certeza de que a Marguerite daqui tem que lidar com várias dificuldades sobre as quais ainda nem pensei. Mas não é nenhuma tragédia também. É uma vida diferente. Só isso.”

Não sei se convenci a mamãe, mas ela deixou para lá. Concordou e não escreveu mais nada.

Então eu pergunto, mudando de assunto: “Essa é a sua primeira viagem interdimensional. Como está se sentindo?”

“É extraordinário.” Ela volta a sorrir, um brilho meio melancólico. “Viver dentro de outra versão de você mesma... Tudo bem, eu teria escolhido um lugar melhor que a URSS, mas isso é tudo que sempre sonhamos quando idealizamos os Firebirds: uma chance de ver outras realidades quânticas. De explorar mais do multiverso. De *aprender*, apenas. Em vez disso, estamos presos correndo atrás das piores versões de nós mesmos, pelos motivos mais tristes possíveis.”

Estamos presos, penso. Imagino o Escritório Central, como era estar lá e desejar que a força do meu ódio pudesse sacudir aquele universo inteiro. Se eu pudesse voltar, destruir os Firebirds deles com as próprias mãos...

Mas eu podia fazer isso. Não podia?

A ideia de voltar ao Escritório Central tem estado no fundo dos meus pensamentos por algum tempo, mas nunca tinha virado um pensamento completo. Não posso ir para uma dimensão na qual eu não existo, e a do mal está fora de lá, na viagem demoníaca dela pelo multiverso, então ela não está lá para me impedir...

Mas o corpo dela está. Só não está “observável”, não é isso?

Isso não havia me ocorrido até agora. Nunca tentei entrar em uma dimensão em um corpo que, bem, não estava sendo usado no momento. Enquanto amadureço a ideia, mais fatores me vêm à cabeça, até que deixa de ser uma teoria crua que criei e passa a ser uma oportunidade. Uma oportunidade como nenhuma outra que já tive.

Será que consigo saltar para o corpo da do mal sem que a mente dela esteja lá? Se eu conseguisse, o corpo dela voltaria a funcionar, totalmente funcional, assim que eu chegasse. Estou achando difícil compreender isso totalmente. Ainda que eu saiba que o corpo fica para trás, a sua invisibilidade e intangibilidade faz parecer que ele fica desligado, em algum espaço etéreo, em algum lugar. Mas na verdade não.

Se eu saltasse para o Escritório Central nesse momento, o corpo da do mal estaria lá, me esperando.

E, em vez de estar sempre fugindo ou correndo atrás dos planos de lá, eu poderia finalmente bater de frente com eles.

Em geral, eu pediria ajuda a meus pais ou a Paul, para confirmar se estou certa quanto a isso. Mas não preciso de equações para entender como isso funciona. Depois de meses viajando entre as dimensões, já peguei o jeito da coisa. Mais que isso: não quero contar meu plano, porque eles vão tentar me impedir. Vão dizer que é perigoso demais.

E eu sei que é. Mesmo depois de muitos dias lutando pela minha vida, sei que essa pode ser a jornada mais letal de todas.

Mas tem trilhões de vidas em jogo, então, acho que vale o risco.

Meu pai e Paul continuam discutindo sobre os mapas de Moscou. Chego a cadeira para trás e fico de pé. Quando a minha mãe me olha, confusa, eu escrevo: “Valentina quer mais leite. Se vou ficar aqui até vocês cuidarem desse universo, preciso descer até a loja agora, enquanto você toma conta dela. Acho que vi uma aqui perto, ontem à noite.”

O que é mentira; ontem à noite eu estava muito assoberbada para prestar atenção em qualquer mercadinho. Mas estou obedecendo a regra número 1 de mentiras de Theo: se quer mentir, faça de maneira simples e boba.

Ela concorda.

“Tem certeza de que consegue comprar sozinha? Até onde sei, as lojas soviéticas tinham filas enormes.”

“Precisamos de leite”, respondo. “Preciso tentar. Volto assim que puder.”

Pego o casaco e as luvas de ontem, que estão no gancho perto da porta. Enquanto me arrumo e pego alguns rublos da mochila e coloco no bolso do casaco, vejo minha mãe contando para Paul e meu pai o que vou fazer. Meu pai sorri e concorda com a cabeça, começa a falar, mas repensa e só faz um “ok” com o polegar para cima. Sorrio de volta e tento não entregar o medo que estou sentindo.

Paul me olha desconfiado. Será que ele suspeita que eu esteja mentindo? Não; se ele suspeitasse, não me deixaria sair. Mas ele se levanta e me acompanha até a porta. Valentina escolhe esse momento para puxar a perna da calça dele. Ainda que ele não seja exatamente pai dela, parece que tem intimidade suficiente, e ela quer atenção. Ele abaixa e a pega no colo.

Eu olho para os dois e o vejo estudando Valentina, reparando nos traços do rosto dela, nos olhos. Será que ele também pensa no nosso filho do Russiaverso e se pergunta como ele é? Meu coração aperta quando penso que essa é a última vez que vou ver essa garotinha linda que podia ser minha.

Mas não é minha, é desta Marguerite, deste Paul, deste mundo. E é por isso que eu preciso protegê-los a qualquer custo. Dou um tchauzinho e saio pela porta, batendo-a atrás de mim e não olhando para trás.

Saio do prédio e ando rapidamente pela calçada, dobrando esquina após esquina, me perdendo o máximo possível. Olho meus bolsos para ter certeza de que não tenho nenhuma informação sobre meu endereço. E como deixei a carteira em casa, a barra parece estar limpa. Se a do mal saltar para cá, ela não vai conseguir achar a casa nem meus pais ou Paul, pelo menos por um bom tempo.

A Marguerite deste mundo, no entanto, vai se lembrar. Vai entender por que fiz isso.

Então, sei que ela vai levar esse bilhete de volta para os meus pais. Para Paul.

Chego em um pequeno parque, quase deserto. É uma manhã bem fria e nublada. Sento em um dos bancos e pego a caneta que peguei da mesa de jantar. Trouxe comigo um único pedaço de papel. É suficiente para o que eu quero dizer.

Pessoal,

Sinto muito por não ter contado antes, mas vocês teriam me impedido, ou pelo menos tentado me convencer de não ir. Ia demorar. E eu sinto que preciso fazer isso, e tem que ser agora.

Nós nunca vamos conseguir parar o Escritório Central se continuarmos correndo atrás deles. Nossa única solução é ir atrás da origem. E enquanto a do mal estiver passeando pelos universos, o corpo dela ainda está lá. Existindo, ainda que não observável, até que ela retorne.

Ou até que eu retorne.

Vou ter o corpo da do mal só para mim. Isso pode me transformar na maior arma de todas, ou fazer com que ela se torne a maior refém. Será que

posso segurar uma faca contra o pescoço dela, assim como ela fez comigo?

O rosto de Valentina brilha na minha memória, complementado pela grã-duquesa perguntando a Paul como vai ser o nome do bebê deles. A dimensão dela é uma das que eu preciso salvar.

Eu vou conseguir.

Continuem fazendo o que estão fazendo. Continuem salvando os mundos. Não esperem para ver o que vai acontecer. Não venham atrás de mim.

Amo vocês.

Marguerite

Depois de um tempo, incluí no final: *Podemos fazer um mundo melhor.*

Essa frase é para Paul, só para ele. Ele vai entender. Será que vai acreditar?

Coloco o papel de volta no bolso para que a Marguerite possa encontrá-lo daqui a pouco. Fico de pé. Diante de mim, lá longe, vejo a Catedral de São Basílio e o Kremlin, um contraste colorido em meio a tanto cinza na cidade e no céu. Uma onda de nostalgia me acomete por esse país que conheci em dois momentos diferentes. Um me mostrou a riqueza e a tragédia; o outro me mostrou amor e segurança.

E estou disposta a me sacrificar pelos dois.



A PRESSÃO REPENTINA DA CADEIRA EMBAIXO DE MIM soa como um impacto, ainda que, é claro, o corpo da do mal tenha ficado sentado aqui todo esse tempo. Mas chocante ainda é o silêncio, o verdadeiro silêncio, quebrado pelo ruído sutil do sistema de ventilação e pelo novo estranho som da minha própria respiração. Eu seguro os braços da cadeira e abro os olhos para ver a megalópole escura que parece não ter fim vista de dentro dos escritórios da Tríade. Pequenos aviões passam dardejando em meio aos gigantes arranha-céus, como vaga-lumes na noite, e lá longe, um dos monotrilhos de alta velocidade brilha com eletricidade, uma cicatriz de luz em um horizonte taciturno.

O Escritório Central. Estou de volta, finalmente, ao começo dessa conspiração.

Eu me sinto sutilmente diferente, como se tivesse acabado de dar um mergulho ou praticado yoga: meu corpo parece energizado em vez de cansado. Então, me dou conta de que é porque estou sozinha aqui. A do mal está fora do corpo atormentando alguma outra Marguerite em algum outro lugar, então esse corpo é todo meu. Da última vez que estive aqui, a tristeza e a raiva dela pesaram sobre mim como uma âncora. Dessa vez, estou livre.

Que horas são? A julgar pela escuridão e pela falta de movimento na cidade lá fora, acho que é aquela hora da noite em que “muito tarde” se torna “muito cedo”. Perfeito. Quanto menos pessoas eu encontrar, melhor.

Fico de pé e começo a procurar pela versão de um terminal de computadores nesse universo, um painel escuro e estreito que pode ser encontrado sobre uma mesa, ou em uma parede, ou mesmo no braço de uma cadeira. Se a do mal é a funcionária mais confiável da Tríade aqui no

Escritório Central, então o nível de acesso dela deve permitir que eu consiga qualquer informação de que preciso. Devo procurar por um computador central? Por uma área de armazenamento de Firebirds? Acho que qualquer dano que eu puder causar nos dados deles ajudaria, mas preciso ainda compreender como maximizar meu impacto, e, de preferência, tirar o Escritório Central do ramo de destruição de universos para sempre.

Meus pais certamente teriam uma ideia melhor a respeito do que atacar; Paul também. Mordo o lábio inferior, sem saber se cometi um erro em não contar para eles a respeito dos meus planos.

A resistência! As memórias passam diante dos meus olhos como se fosse hoje: o Paul e o Theo desse mundo, que eram funcionários da Tríade, vivendo como foras da lei na superfície suja e subpopulada. As armas que usavam... a promessa que fizeram: derrubar a Tríade.

Se eu conseguir encontrá-los de novo, eles podem me ajudar me dizendo no que devo mirar, e o corpo da do mal vai ser a minha principal arma.

— Senhorita Caine?

Me viro e vejo dois homens parados na porta, muito altos e com rostos muito inexpressivos, como manequins. Ainda que as roupas cinza monocromáticas sejam muito parecidas com as minhas, sei que eles são seguranças da Tríade. Será que estão aqui para me proteger?

— A senhora não informou que estava retornando — diz o mesmo cara que falou antes. Ou pode ser que os dois tenham a mesma voz, monótona e chata. — Isso ativa os protocolos primários de segurança. Qual era a cor do submarino dos Beatles?

Não era roxo. Ele só é roxo no meu mundo. O que Conley disse sobre isso aquela vez? Em alguns universos eles cantam a respeito de um “grande submarino verde”, e na maioria dos outros é amarelo. Eu devia chutar o mais comum?

E ainda não consigo superar isso de submarino amarelo. Então resolvo arriscar.

— Verde. O submarino dos Beatles era verde.

O guarda levanta o braço e começa a falar para o que parece ser um bracelete de comunicação:

— Segurança total para o andar 47. Intruso extradimensional detectado. Marguerite Caine impostora revela conhecimento da entidade chamada “Os Beatles”.

Era uma pegadinha. Merda! Olho em volta, procurando um lado para onde correr. Vejo uma porta no fim do corredor abrindo e me preparo para a falange de guardas que provavelmente vem vindo na minha direção...

Mas, em vez disso, vejo Romola Harrington, de novo, inteiramente vestida de azul-real. Um cacho dos cabelos loiros dela escapou da trança e

agora cobre seu rosto convencido e calmo. Ela vem na minha direção com as mãos unidas.

— Ainda não era para você voltar! — exclama ela.

— Intrusa! — grita o guarda. — Vamos prendê-la agora!

— Mas não vão mesmo — diz ela, como quem se recusa a comer seu rosbife de faisão em um prato de papel. — A outra Marguerite exige interrogatório de nível 1. Vou me encarregar disso.

O guarda faz uma pausa.

— O nível 1...

— Você não tem autorização. — Ela fala isso ainda mais rígida. Imagino ela esticando tanto a coluna até quase quebrá-la. Quem me dera. — Eu tenho autorização. Com licença, senhores.

O outro guarda, o silencioso, entrega a ela o que parecem ser algemas, ainda que sejam de plástico. Romola coloca aquilo nos meus punhos como se já tivesse feito isso um milhão de outras vezes.

Mas acho que não, porque um dos lados não fecha completamente. Não está trancado, o que significa que eu ainda posso fugir. Apesar da sensação de vitória, baixo a cabeça como se me dando por vencida, e decido aguardar.

— Vocês receberão crédito e uma menção honrosa por hoje — continua ela, suavemente, enquanto me leva para o elevador mais próximo, a mão segurando meu braço com força. — Fiquem aqui aguardando mais instruções.

Os guardas assentem e nós entramos no elevador. Eu espero até as portas fecharem.

— Meu Deus, jamais imaginei... — fala ela, assim que nos movemos.

Eu não sei o que foi que ela jamais imaginou, e nem quero descobrir. É nessa hora que dou um soco na cara dela.

Está ficando cada vez mais fácil bater nas pessoas desde que comecei a viajar com o Firebird, mas sempre dói para caramba. A minha mão bate no queixo da Romola, e ela cai para trás. Ela segura minha roupa e me puxa para o chão com ela.

Quando batemos no chão, seguro ela pelos cabelos.

— Onde estão meus pais?

— Não sei!

Ela parece estar em pânico, mas, logo em seguida, segura meu outro braço com as duas mãos e torce, tão forte que começo a chorar e solto o dela. Ela tenta me prender, mas eu apoio o joelho no chão entre nós duas, afastando ela de mim.

Os guardas não podem nos alcançar aqui. Ninguém está vindo ajudar. Romola é mais forte do que parece, mas não pode me machucar tanto assim,

até porque esse corpo não é meu e ela não quer quebrar o corpo da do mal. Mas eu não ligo, então estou disposta a qualquer coisa para vencer.

Ninguém disse isso a ela, no entanto. Ela voa sobre mim com força suficiente para me jogar de costas no chão.

— O que você está fazendo? — grita. — Está ficando louca?

— Me diz. Onde. Estão. Os meus pais! — Seguro ela pelos braços, tentando afastá-la de mim. É quando vejo que ela também está usando um Firebird.

Opa.

Ela levanta uma sobranceira.

— Finalmente! Está entendendo agora? Deus. De onde você é?

— Berkeleyverso. E você?

— Mafiaverso, que aliás é um péssimo nome. — Ela me solta, senta no chão e respira fundo. — Nossa. Será que da próxima vez você consegue esperar checar quem a pessoa é antes de atacar?

— Provavelmente não, na verdade. Não tenho tempo a perder. — Não estou acreditando muito nisso. Romola está do meu lado dessa vez? Meu cérebro rejeita a ideia, repassando a memória que tenho dela me fazendo mal repetidamente. Me deixando chapada para que eu não pudesse procurar por Paul. Libertando a do mal para continuar com sua missão de destruir um mundo. Armandando para que eu destruísse o Romaverso.

Bom, mas nenhuma dessas era essa Romola. Essa foi a que me encontrou no cinema no Times Square, viu uma comédia comigo e me mostrou a maravilha que é misturar M&M's com pipoca. Essa Romola é minha amiga. Ela viajou até aqui para me ajudar.

Tenho estado tão preocupada com a ideia de encontrar minha pior versão que nunca considereei que encontrar a nossa melhor versão pode, possivelmente, mudar o nosso destino. Viajar o suficiente pelas dimensões deve nos permitir encontrar o herói e o vilão de cada um.

— Como você sabia que era para vir para cá? — pergunto.

— Concordamos em ter sempre alguém “infiltrado” acompanhando tudo. Eu era a melhor candidata; a candidata de quem o Escritório Central não iria suspeitar — explica ela. — Quando a segurança sinalizou que tinha capturado uma Marguerite intrusa, eu sabia que era você.

— Há quanto tempo está aqui?

— Não muito. Talvez um dia. — Ela sorri enquanto nos levantamos. Ela solta minhas algemas. — Parece que a Tríade tem dormitórios para os funcionários aqui. Morar lá é opcional, mas tem muita gente morando. Achei mais fácil ficar na minha sala mesmo.

Quero saber detalhes sobre esses dormitórios? Não quero.

— Vim até aqui para sabotar a Tríade de qualquer maneira possível. Mas não sei ainda exatamente o que fazer, ou a quem fazer. Alguma ideia?

— Nada específico. Você disse que quer encontrar seus pais?

— Não, na verdade, não. Eles vão sacar que sou uma intrusa. Mas se eu tivesse que tentar me livrar de um interrogatório de nível 1...

— Entendi. — Ela concorda com a cabeça. — Eu venho tentando estudar as funções centrais dos computadores deles para encontrar brechas, mas a Tríade é tão vasta nesse universo... é quase como tentar encontrar o centro da internet.

— A resistência pode nos ajudar. Eu consegui encontrar o Paul e o Theo daqui na última vez. Talvez consiga de novo. — Respiro fundo. — Alguma ideia de como usar o transporte público?

— Posso fazer melhor que isso — responde, fazendo um estalo com a língua. — Tenho acesso ao carro da empresa. É um benefício inesperado. A Tríade não economizou em nada!

— Porque não sabem que você está aqui. — É nesse momento que entendo que conseguimos virar o jogo com o Escritório Central, e que temos as armas mais poderosas deles à nossa disposição. Começo a sorrir. — Obrigada por estar fazendo isso comigo.

— Imagina, não foi nada. — Ela sorri como toda boa agente de RP, mas logo o sorriso é interrompido. — Na verdade, considerando que você está tentando impedir que meu universo seja completamente destruído, eu diria que é o mínimo que posso fazer.

Ela aperta o painel do elevador, cancela o comando de subir até o andar mais alto do prédio e nos redireciona para o estacionamento. Estamos bem perto de fugir do mundo que é aquele prédio, encontrar a resistência e acabar com esse negócio todo de uma vez.

Só tem um probleminha.

— Como assim, ele voa? — Romola está parada ao lado do carro prateado, que está flutuando a alguns centímetros da plataforma, como se mantido ali por algum tipo de campo magnético. Muitos outros estão à nossa volta, brilhando no estacionamento como enormes enfeites de Natal. — É um carro voador?

— Você não viu eles passando pelas janelas?

— Claro que vi! Mas nunca imaginei que era o único tipo de veículo disponível...

— Mas é. A cidade foi construída no alto, de modo que quase ninguém mais desce ao térreo hoje em dia.

Eu mordo o lábio, sem saber o que mais dizer, querendo muito achar uma solução melhor, mas não existe nenhuma.

— Você vai ter que tentar.

— Eu? — Ela arregala os olhos. — Por que eu?

— Eu não tenho carteira de motorista nem para carros normais.

Parece que meu argumento não foi tão convincente quanto imaginei.

— Eu também não tenho.

— O quê? Você é tipo, cinco anos mais velha que eu!

— Eu cresci em Londres e de lá mudei para Manhattan! Quando na minha vida eu precisei de um carro?

Paí, você devia ter me deixado usar o carro mais vezes...

— Ok — respiro fundo. — Então, tento eu.

Se você acha que dirigir em duas dimensões pode ser difícil, não imagine como é difícil em três. Sair da “vaga” magnética é fácil, mas tudo que veio depois disso foi um exercício de horror.

— Meu Deus! — Romola se segura no cinto de segurança com força enquanto o carro voador balança para fora do estacionamento, instável, e de repente olhamos para baixo e percebemos a quantos metros estamos do chão. — Vamos morrer!

— Gostei do seu otimismo, Romola. — Mas, quando tento fazer uma curva, e o carro balança ainda mais, repenso o que ela disse. — Mantenha uma das mãos no Firebird.

Vamos lá, vamos lá, você consegue, digo a mim mesma. Você não veio até aqui para morrer dentro de um carro voador idiota!

Ah, se o chão não estivesse tão longe.

Pego os controles mais uma vez e começo a levar o carro para baixo. O declive faz com que meu corpo se projete para a frente até onde o cinto de segurança permite, e Romola está em pânico. Mas vou devagar, embicando o carro para baixo aos poucos. Quando paro de pensar nele como um carro que voa e passo a lembrar do submarino do Oceanoverso, a ideia das três dimensões passa a fazer mais sentido.

— Céus, como está escuro! — Romola olha pelas janelas do pára-brisas com medo e curiosidade. Os prédios de metal e concreto por todos os lados parecem penhascos, e o caminho é o vale que fica lá embaixo. — Tem certeza que você vai saber quando chegarmos no chão?

— O sensor de altitude indica isso. — Aponto para o sensor que espero com todo o meu coração que seja um indicador de altitude.

Quando chegamos ao chão, estamos quase na escuridão completa. A única iluminação além do farol do carro vem de algumas quadras adiante, de uma área onde as pessoas pobres vivem; de lá vêm algumas luzes de lanternas e velas. É possível que tenhamos acordado todo mundo, o que não

pode ser uma boa maneira de manter o local da resistência secreto. Mas, sem os faróis, eu ia acabar batendo.

Enquanto nos deslocamos, agora a cerca de três metros do chão, Romola observa, boquiaberta, os barracos improvisados, o resto do que um dia foi o cascalho das calçadas e as gambiarras de todo tipo que foram feitas para que seja possível andar por aqui, de tábuas em ruínas a cordas que servem como travessia das “pontes”.

— Parece um campo de refugiados — sussurra ela. — Bom, meio que é. Só que as pessoas não fugiram para longe; só correram para baixo.

— É, acho que sim.

A essa altura, o carro já está calculando a distância para o local que solicitamos: a casa dos meus pais. Porque pouco tempo atrás, umas duas semanas, a resistência tinha sua base não muito longe daqui (horizontalmente falando). Não preciso do GPS, só preciso continuar a andar com o carro para a frente e torcer para não bater em nenhuma ponte improvisada.

— Então, me fala: qual é a sua?

— Como? — O tom de voz dela muda por completo, e ela levanta uma sobrancelha. — Qual é a “minha”?

— Por que você é normalmente tão leal a Conley? Mesmo sabendo que ele quase sempre é um psicopata? Quero dizer, vi outra versão de você destruir uma dimensão inteira. Você não teria feito isso sozinha, mas fez por ele.

— Bom, não posso falar em nome de uma Romola que não conheci. — Depois de uma pausa, ela continua: — Mas, se eu fosse chutar, eu diria que sou sempre leal às pessoas com quem me importo. No meu mundo, Wyatt Conley é um empresário maravilhoso e inspirador, um mentor, de verdade. Em uma dimensão como essa, em que o dinheiro importa mais que tudo, e na qual as pessoas pensam nas corporações como se fossem igrejas, ele me parece quase um profeta.

Eu queria apagar aquela imagem da mente, mas não dá. Em um mundo tão ambicioso que transformou meus pais em assassinos, faz sentido que Conley seja o líder supremo.

Isso não explica o que a outra Romola fez, mas me permite entender essa Romola um pouco melhor.

Faço mais uma curva para desviar de uma ponte de corda. A sombra da ponte corta as luzes dos carros acima, fazendo o cenário esfarrapado e demolido à nossa volta parecer algo que foi partido em dois. Romola franze a testa enquanto olha para uma das telas do painel.

— É aqui que estamos, certo?

Uma das unhas longas dela bate contra o ponto de luz verde que indica que estamos quase no nosso destino.

Estacionar, no fim das contas, é fácil. É só apertar o botão certo e o carro se ajusta sozinho no chão sem bater nem um tiquinho. Romola procura a maçaneta da porta e me inclino para impedi-la.

— Não abra a porta ainda. Se a resistência estiver aqui, eles vão ter ouvido a gente chegar. Mantenha o Firebird visível. — Eu puxo o meu para fora da roupa, para que fique bem na minha frente. — Espere que eles venham investigar, e então saímos com as mãos para cima.

— Então, viemos até aqui para nos render? Que beleza — reclama, mas faz o que eu pedi.

Aos poucos, um a um, eles começam a surgir das sombras. As silhuetas não têm rosto na escuridão, mas consigo ver as armas. Levanto as mãos, sinalizo para Romola fazer o mesmo, e depois de muitos segundos parada, quando acho que eles já tiveram tempo suficiente para nos estudar, saio do carro.

Coloco as mãos para cima de novo e um deles se aproxima. A risadinha de Theo é tão irritante quanto eu me lembrava da última vez no Escritório Central. Ele está usando a mesma roupa de uma cor só, um laranja-escuro, e os cabelos negros estão para cima, uma mistura de Beethoven com algum herói de anime. A arma que ele segura, meio quadrada, está apontada para o meu peito.

— Você quer nos fazer acreditar que não é dessa dimensão — comenta ele, debochado. — Prove.

— Como se prova uma negativa?

— Não sei, mas acho bom você conseguir.

— Da última vez em que estive aqui, você foi um babaca — digo.

Ele nem se mexe.

— Isso não quer dizer muito.

— O carro! — Romola dá um grito. Quando olhamos, ela está apontando para o carro. — Você deve ter visto como ela dirige mal! A Marguerite daqui certamente sabe dirigir um carro voador, não é?

— Ela podia estar fingindo — retruca Theo, depois de uma pausa. — Mas acho que não. A nossa Marguerite adora se exhibir, ela jamais dirigiria um carro daquele jeito em público.

— Cadê o Paul? — Eu olho para além dele, procurando nas silhuetas que vieram com ele. Ainda que eu consiga reconhecê-lo de perfil, talvez mesmo da maneira que estão, não consigo achá-lo. — Ele voltou para a base de vocês? Precisamos conversar.

— Estou aqui.

Me viro e ele está ali. Parado, como a luz da lanterna o delineando por trás, quase um fantasma naquelas roupas acinzentadas. Ele se aproxima e consigo ver o queixo, e mais uma vez tento entender o que aconteceu com o Paul dessa dimensão. Quem fez isso com ele?

— Onde você estava com a cabeça ao vir aqui? — Ele parece tão irritado que consigo ver seus olhos brilhando mesmo no escuro. — É perigoso, Marguerite.

Sinto vontade de rir.

— Os universos estão sendo destruídos. Não existe mais local seguro.

— Você estava segura em Moscou! Se eu soubesse o que você estava planejando...

— Peraí. Paul? — É o meu Paul. Apesar do meu pedido, ele me seguiu até aqui. — O que você está fazendo aqui?

— Protegendo você — responde ele, o queixo teimoso levantado.

— Você devia estar protegendo o Moscouverso...

— Sophia e Henry estão lá.

— E Valentina?

— Está com os pais de verdade dela.

Nossa briga é interrompida por Theo, que entra no meio.

— Calma aí. Irmãozinho, não é você?

— Sou eu, Theo. Só uma versão diferente. — Paul sorri para ele sem nenhuma pretensão de parecer feliz. Mas é um sorriso honesto, difícil, e me sinto confortável mesmo em meio àquela situação.

Theo faz outra cara de deboche e se apoia no carro voador.

— Não estou gostando disso.

— Ah, só para esclarecer — Romola levanta a mão —, esse é o Paul do Berkeleyverso, certo?

Concordo com a cabeça.

— Ainda que o Paul do Escritório talvez pudesse nos ajudar mais nesse momento. — Por mais que eu o ame, essa superproteção não podia ter vindo em pior hora. — Você pode ir e me deixar cuidar disso?

— Não sem mim — responde ele, cruzando os braços.

— Não estamos sozinhos — anuncia Theo.

Romola dá um suspiro.

— Não mesmo. Temos todas essas outras versões, então mesmo como indivíduos não podemos mais dizer que somos solitários...

— Não, eu quis dizer que não estamos sozinhos agora. Temos companhia. — Theo aponta para luzes piscando acima de nós. Mais carros voadores, o que não seria nada de mais até vermos a luz vermelha e rosa piscando e a sirene tocando, o que nesse desfiladeiro urbano gera um eco ensurdecedor.

Sinto um frio na barriga como se estivesse em uma montanha-russa.

— Polícia?

— Segurança da Triade — responde Theo, como se fossem a mesma coisa. O sorriso dele parece ainda mais odioso. — Obrigado por aparecer. Parece que você trouxe eles direto até nós.

Paul e eu nos olhamos.

— E agora? — pergunta ele.

— Agora lutamos. Ou morremos. Ou as duas coisas. — Theo verifica se sua arma está engatilhada e aponta para o alto. — Provavelmente as duas coisas.



OS CABOS DESCEM PELA ESCURIDÃO E CHEGAM ATÉ NÓS. Os guardas da Tríade começam a descer até o chão, com lanternas acesas nos capacetes, as armas escondidas pela noite: preto no preto.

— Corram! — grita Theo, e o restante da resistência começa a se espalhar. Ainda que alguns estejam armados, a maioria foi pega de surpresa. Nenhum deles estava preparado para essa briga.

Porque você os colocou nessa situação, digo a mim mesma enquanto corro para um dos prédios ao lado.

O prédio mais próximo de onde estamos é tão alto que não consigo nem ver onde acaba. No entanto, os andares mais baixos devem ter sido abandonados há mais de uma década. As janelas estão quebradas ou são apenas buracos cobertos por algum tecido rasgado. Uma delas está aberta, e me jogo por ela o mais rápido que consigo. Meu salto é mais acrobático que minha queda, o que me faz cair rolando no chão em um cômodo vazio, exceto por alguns poucos caixotes quebrados.

Segundos depois, Paul entra pela mesma janela, ainda que para ele seja mais difícil passar seu corpo largo pelo buraco. A única luz por ali vem da iluminação de fora. Eu me agacho atrás de um dos caixotes maiores e menos quebrados, e sinalizo para que ele se junte a mim.

Ele ajoelha do meu lado e começa a estudar a arma quadrada que está segurando.

— O mecanismo de disparo parece óbvio — reclama ele. — Mas não sei se a mira é simples.

— Você não vai atirar em ninguém! Não viemos aqui para isso...

— Não viemos aqui para sermos pegos. — Ele respira fundo. Vejo que ele está nervoso. É a fragmentação de novo ameaçando seu autocontrole em um momento em que ele não pode se dar o luxo de ter um ataque de raiva. Mas ele não está com raiva de mim, e percebo agora que a raiva de antes dos guardas chegarem não era de mim também. É só... a tensão sem fim dessa perseguição. E o medo de estarmos em uma guerra que nunca poderemos ganhar.

— Você devia voltar para o Moscouverso, ou então seguir adiante — sussurro, enquanto ouvimos gritos lá fora. — O Paul desse mundo sabe lidar com a arma, e sabe onde se esconder. Ele me ajudaria mais.

Ele me olha como quem não está entendendo nada.

— Não posso deixar você aqui assim.

— Você pode, e deve.

Mas é tarde demais. Uma porta que eu não tinha visto antes se abre, e um guarda da Tríade entra correndo. Está mirando a arma para mim.

Paul se move tão rápido que se torna um vulto. Ele se atira contra meu agressor. Os dois caem juntos no chão, mas Paul está por cima. As luzes no uniforme do guarda brilham forte, com raios que vão até o teto, como se os dois estivessem lutando dentro de uma gaiola de luz. Paul não tenta atirar no guarda. Em vez disso, usa a arma como um porrete, batendo na cara do guarda com ela.

— Não — sussurro enquanto vejo as gotas de sangue voando pelos feixes de luz. Paul parece que vai acabar com o cara, talvez até matar. — Paul, não.

Mas ele não me ouviu. Em vez disso, levanta a arma, preparando um golpe ainda mais selvagem, talvez fatal. Ele se perdeu na adrenalina da violência. Se perdeu de verdade.

Ou pelo menos é o que parece. De repente, ele para, com a mão no alto, preparado com a arma ensanguentada na mão.

Eu vejo, assustada, ele olhando para o guarda derrotado. Ele está ofegante, tremendo com toda aquela adrenalina, mas mesmo à meia luz consigo ver o rosto dele mudando, da careta de raiva para Paul que eu conheço. Depois de um longo instante, ele abaixa a mão e joga a arma longe.

Ele conseguiu. Assumiu o controle novamente. Ele conseguiu! Não foi como da última vez, quando ele poupou Romola porque achou que ela ainda podia atirar. Ele venceu a fragmentação, e sabe disso agora. Apesar de tudo, apesar do inferno em que estamos agora, começo a sorrir. Talvez agora ele comece a acreditar, e a esperança dele vai nos salvar.

Vejo uma movimentação no canto do meu campo de visão. Só uma coisa me vem à cabeça: arma.

O próximo guarda já atira enquanto entra no quarto. Paul olha para cima um segundo antes de ser baleado. O corpo dele cai para trás e o sangue

espirra do peito dele como uma aura em vermelho. Ele cai.

Meu grito parece pertencer a outra pessoa. Esse som horrível e agonizante não pode estar saindo de mim! É como se o mundo todo estivesse gritando ao mesmo tempo. *Não não não, o Paul não, os dois vão morrer, o Paul daqui e o meu, a não ser que ele consiga pegar o Firebird, ou se eu...*

Me arremesso em direção a dele, mas o guarda que o está atacando me joga para longe com tanta força que bato no chão. Por cima do ombro, através das lágrimas, vejo Paul deitado de costas no chão, deitado sobre uma das pernas em um ângulo que não é natural. As mãos dele estão sobre o peito, será que por causa do Firebird? Por causa do ferimento? Não consigo saber. Mas o guarda atira mais uma vez, e o corpo dele pula mais uma vez antes de parar de vez.

Ele morreu. Paul morreu.

A primeira coisa que penso é em me jogar no guarda de novo, fazer ele matar também. Eu quero estar morta, estar com Paul, não sentir meu coração sendo rasgado em mil pedaços.

De novo a memória me leva para a Rússia, para aquele campo de batalha de neve e sangue, para o lado daquela maca na qual o tenente Markov morria, ao meu lado. Imagino seu rosto enquanto ele sussurrava suas últimas palavras: *Todas as Marguerites.*

Todos os Pauls, penso enquanto me levanto e me preparo para atacar o guarda novamente. Todos os mundos nos dão uma chance.

Eu queria não ter estragado a nossa. Queria ter sido capaz de criar um mundo.

Nesse momento, a parede desmorona.

O guarda dá uns passos para trás para se proteger dos pedaços e vejo o carro voador esmagado no meio dos tijolos. Está todo amassado, arranhado, um dos vidros quebrados, mas parece ainda funcionar. E ao volante está Theo.

— Entra! — grita ele para mim.

Eu penso duas vezes por meio segundo, e então minha missão supera o luto. Enquanto corro na direção do carro, ele abre a porta, e assim que meu traseiro encosta no assento, ele engata a marcha a ré. Pego o cinto e me seguro nele para não cair pela porta, que ainda está aberta, e vejo o chão ficar cada vez mais longe.

— O que aconteceu com Paul? — pergunta ele, fazendo o motor roncar enquanto eu fecho a porta. Ele sobe muito rápido, e aos poucos começamos a ver as luzes dos prédios altíssimos da cidade.

Eu começo a soluçar.

— Ele morreu.

Ele solta um palavrão.

— O seu ou o meu?

— Acho que os dois. — Por mais que eu queira acreditar que o meu Paul foi capaz de saltar com o Firebird antes de morrer, não vejo como ele teria conseguido. Enxugo as lágrimas de forma grosseira, forçando o fim do choro. Eu não mereço o pequeno alívio que vem com o choro.

— Eu não devia ter vindo para cá.

— A Tríade já estava atrás de nós muito antes de você aparecer. — A voz dele falha enquanto ele tenta falar. — Já sabíamos que isso podia acontecer.

É o mais próximo que vou conseguir de uma absolvição. Mas não foram só os membros da resistência que coloquei em perigo.

— Espere, onde está Romola?

— A que apareceu com você? — Ele faz uma curva muito fechada que nos leva a um beco muito apertado. — Ela voltou para o universo dela, o que foi uma sábia decisão. A Romola deste universo voltou com os guardas, provavelmente reclamando por eu ter roubado o carro dela. Vamos acabar com ele, ok? Para vingar o que aconteceu com Paul.

Os cinco minutos seguintes poderiam ser alguma cena de videogame sem nenhuma semelhança com a vida real. Se eu não estivesse tão arrasada com a morte de Paul, estaria horrorizada. Theo anda em ziguezague pela cidade lotada de carros, como se estivéssemos em um labirinto no qual ele já entrou e saiu mais de mil vezes. Em algum momento, o carro fica completamente na vertical, flutuando no ar como um foguete entrando em órbita. Mas, ainda assim, não conseguimos despistar os guardas que estão atrás de nós.

Eles vão nos alcançar. E se estavam dispostos a matar Paul, vão matar Theo também. Minhas mãos não suportam mais sangue.

— Não posso deixar isso acontecer — digo, buscando os olhos dele. — Não posso deixar você pagar o preço disso.

Ele acelera.

— Se liga. A essa altura você já devia saber que eu dirijo bem para caramba em qualquer dimensão.

Eu me lembro do acidente fatal em Quito e da sensação de fechar os olhos dele com as mãos.

— Não significa que vai conseguir sair dessa vivo.

Ele não responde, mas começa a ir mais devagar.

— Calma, ok? — diz, em seguida. — Eu estou com tudo sob controle.

Planamos sobre uma área com mais tráfego. Já está amanhecendo, então mais e mais pessoas estão saindo de casa, o que significa que outros carros voadores estão correndo à nossa volta. Theo nos tira da concentração maior de carros logo acima de um prédio que, apesar de muito alto, ainda é uns

doze andares menor que a média. Qual será nossa altitude agora? Talvez uns três metros? Acho que essa é a ideia do Theo de “voar baixo”...

Vejo uma oportunidade.

— Boa sorte, Theo — falo, e seguro a maçaneta.

— Marguerite, não!

A voz dele desaparece enquanto salto do carro. Por um segundo, só consigo sentir o vento no meu rosto, mas aí me lembro de encolher o corpo e rolar. Isso não me impede de cair com força no teto e sentir muita dor, mas me mantenho consciente enquanto rolo. Minha pele está ralada e consigo identificar onde me machuquei. Não quebrei nenhum osso.

Estou deitada, sem me mexer. Vejo os carros da Tríade passando, tentando me encontrar para me prender. Estou tão cansada que não consigo nem chorar. Em vez disso, me pergunto o porquê de não estar morta. Por que nosso coração não para de bater quando se parte? Parece que minha alma me abandonou, e meu corpo é apenas um peso que terei que carregar para sempre.

Talvez ele tenha conseguido fugir, tento me convencer enquanto ando pelos corredores da Tríade, os punhos algemados, um guarda de cada lado. Paul chegou a encostar no Firebird. Ele pode ter conseguido saltar. É possível.

Mas não consigo acreditar.

Sou levada para uma área da matriz da Tríade que eu ainda não conhecia: os laboratórios. É o que parece. Os terminais de computadores pretos e estreitos, que eu já tinha visto em outros lugares, aqui são painéis enormes que cobrem as paredes quase que por completo; os cálculos são mostrados em um painel colorido que pisca e depois desaparece enquanto o longo trabalho de definir que dimensões precisam ser extintas é feito. Esse complexo vai além de todo o nosso poder e nossa sofisticação de tal forma que não consigo acreditar que tivemos alguma chance na vida. Eles nem se preocuparam em pegar meu Firebird. É esse o tamanho da ameaça que sou para eles.

Wyatt Conley não está por aqui, e agradeço por isso. Mas meus pais estão ali, parados perto de uma câmara de vidro comprida no centro do laboratório, como se fosse o altar dessa catedral da morte. As expressões nos rostos deles permanecem tristes, mas doces; como se eu estivesse prestes a ser colocada de castigo.

— Querida — começa minha mãe. —, sinto muito por isso ser tão difícil.

Eles continuam se recusando a entender a verdade no que estão fazendo.

— Vocês mataram outras versões de mim. Destruíram um universo inteiro. Acho que isso é um pouco mais que “difícil”.

Meu pai dá de ombros.

— Quem disse que seria fácil trazer de volta alguém do mundo dos mortos?

— E o que faz você pensar que conseguiriam? — Antes que eles comecem a explicar, aponto como posso para meu Firebird. — Vocês partiram meu Paul em quatro pedaços. Fragmentaram a alma dele. E depois disso ele teve que lutar o máximo que pôde para continuar tendo controle sobre a própria vida. Até mesmo para continuar sendo sã.

Paul ganhou a batalha. Pelo menos, ele teve aquele momento de triunfo antes do fim.

— O que você acha que vai acontecer com Josie depois que juntarem mil pedaços dela de novo? — continuo. — Se acham que ela ainda vai ser a sua filha, a mesma menina que perderam, estão enganados. Ela vai ser atormentada pelas vidas que nunca viveu. Controlada pelos desejos que nunca teve. Incapaz de amar pessoas que antes amava, incapaz de prometer que pode evitar machucar qualquer um que cruze o caminho dela. A versão de mim mesma daqui chamou Paul de “monstro do dr. Frankenstein”, mas ela estava na verdade descrevendo Josie. É a Josie que está sendo transformada em um monstro.

Até que, enfim, meus pais estão sem palavras. Meu pai demora um tempão para reunir a capacidade de falar novo.

— Estamos tão perto... Tão perto...

— Vocês estão dispostos a condená-la a um inferno em vida só para se livrarem do luto. Quero dizer, não, peraí: vocês vão continuar de luto! Assim como fiquei de luto por meu pai por meses, mesmo depois de saber que ele não tinha se afogado de verdade. Lembra que vocês me fizeram acreditar que ele tinha se afogado? — As lágrimas inundam meus olhos de novo. — Pudera que não se importem em transformar Josie em um monstro. Vocês já são monstros!

O silêncio que seguiu essa frase parece ter durado anos. Eu me pergunto se eles vão de novo tentar me convencer a trabalhar para eles. O que mais podem fazer comigo? Destruir minha dimensão? Provavelmente. Seria a única maneira de eliminar o risco que represento para eles.

Por um instante, me lembro da nossa casa em Berkeley Hills, com a sala enorme e confortável, as plantas e a mesa de arco-íris, a parede de quadro-negro com as equações e o falatório interminável sobre as teorias científicas, as piadas de *nerd* e o carinho infinito. Parece que a casa representa aquele mundo inteiro, um mundo que estou prestes a perder.

— Olha — fala minha mãe, finalmente, apontando para a câmara de vidro. — Marguerite, por favor. Olha.

Olhar o quê? A câmara está vazia. Não está?

Meu queixo cai quando percebo que existe uma silhueta translúcida no centro da câmara, da cor da neblina. Quase invisível. Depois de uns segundos, finalmente reconheço o que estou vendo: Josie. Ela está ali, com as mãos sobre o peito, a postura que devia estar quando ativou o Firebird para aquele último salto fatal. O universo (ou os universos) que a Tríade já destruiu enviou algumas farpas de volta, alguns fragmentos, e eles recriaram esse tanto dela: uma sugestão, um tom, uma pista do corpo que estão tentando reanimar.

Quando observamos pinturas antigas sob luz infravermelha, às vezes é possível ver sombras de figuras que o artista pintou por baixo, ou rascunhos de pessoas que eles pensaram em desenhar, mas depois desistiram. É assim que Josie está agora, uma sombra desfocada que não pertence mais a nenhum lugar.

— Ah — digo, parecendo nada impressionada. — Não é um monstro ainda. Só um fantasma.

— Marguerite, chega — surta meu pai. — Não podemos parar. Não quando estamos tão perto do sucesso. Nem mesmo se... se...

Nem mesmo se soubermos que é a coisa certa a fazer. É isso que ele não está dizendo. Meus pais não conseguem mentir para eles mesmos, mas também não conseguem voltar atrás. O compromisso maníaco não permite; e eles não conseguem deixar Josie para trás, não enquanto conseguirem vê-la ali, tão próxima da ressurreição.

Preciso libertar os dois. Preciso libertar Josie. Só tem um jeito de acabar com isso, se eu agir agora.

Enquanto meus pais olham admirados para o fantasma de Josie, coloco as mãos no peito. Tenho apenas alguns dedos livres para operar o Firebird. Saltar daqui não mudaria nada, e só iria me salvar por algumas horas ou alguns dias.

Mas esse medalhão tem um poder incrível dentro dele. Em Moscou, eu e Paul descobrimos como configurá-lo para uma sobrecarga.

Fecho os olhos. Visualizo as mãos dele, os movimentos das mãos dele. Será que fiz certo? Uma vibração entre os meus dedos me diz que sim.

— Josie jamais concordaria com isso — comento. — Nem a sua versão, nem a minha, nem nenhuma Josie. Ela disse isso para mim.

Meus pais se olham, mais surpresos e em choque do que achei que ficariam.

— Não importa quanto tempo teremos que esperar até que ela melhore — respondeu minha mãe. — Ou o quão difícil vai ser. Vamos juntar os pedaços dela novamente.

O medalhão se aquece um pouquinho de nada, como se eu tivesse concluído uma jornada. De certa forma, acho que concluí.

— Não foi isso que eu quis dizer. Ela não vai conseguir viver quando souber quantas pessoas morreram para que ela pudesse viver. Ela vai se odiar o tempo todo. E nunca mais vai se sentir da mesma forma a respeito de vocês dois, ou da minha versão daqui, ou mesmo de Conley. O que vocês estão fazendo é destruir todas as pessoas que ela ama. Que merda de ressurreição, hein? Vocês não estão trazendo ela de volta do céu. Estão garantindo que ela viva em um inferno.

Mas posso salvar minha irmã. Posso salvar o mundo. Todo mundo, menos Paul.

O metal nas minhas mãos se aquece ainda mais. Fica quente de verdade.

— Que barulho é esse? — Meu pai, que vinha tentando me ignorar, se vira e me encara. Seus olhos estão arregalados. — Meu Deus.

O mais rápido que posso, eu levanto o Firebird acima da cabeça e arremesso ele no vidro. Uma das paredes se quebra, mandando cacos para todos os lados. O Firebird vai parar no meio da sombra de Josie, o tal corpo que está apenas começando a se tornar observável de novo. E, por um instante, o lugar onde seu coração devia estar brilha em vermelho. Minha mãe grita e tento adivinhar o tamanho da explosão que vem por aí.

Quando acontece, parece que a explosão ecoou em todas as outras dimensões de uma vez só.

Quando volto a mim, vejo que só se passaram alguns minutos. O chão está salpicado de cacos de vidro e metal; e a maior parte dos monitores ao redor estão apagados, os cálculos interrompidos por ora. Estou deitada em uma das mesas. Minhas mãos estão livres.

A ausência do Firebird me causa uma sensação esquisita. Estou tão acostumada com aquele peso no pescoço, com o metal encostando na pele... Ao destruir meu Firebird, estou presa nessa dimensão para sempre; ou, pelo menos, até alguém decidir me exilar para alguma outra dimensão para poderem trazer a do mal de volta. Ela ia poder voltar para esse corpo assim que quisesse, mas, enquanto eu estiver aqui, a consciência é minha. Será que vão me mandar de volta para o meu próprio universo para que eu morra junto com ele? Ou será que vão me enviar para algum lugar aleatório e desconhecido para que eu passe minhas últimas horas de vida sozinha?

Minha cabeça não dói. Não me sinto tonta nem enjoada. Meu desmaio não parece ter gerado nenhuma concussão. Talvez a consciência humana, quando vinculada a um Firebird, reaja dessa forma se ele deixa de existir de repente.

Ouçõ as vozes dos meus pais antes de vê-los.

— Deletar todos os dados relacionados ao Projeto Eurídice — ouço minha mãe gritando. — Exclusão permanente. Destruição física imediata de todos os dados armazenados. Autorização Kovalenka Um.

Viro a cabeça a tempo de ver uma luz verde lendo a retina dela, e logo em seguida o monitor exibe bem grande a palavra: CONFIRMADO.

Meu pai hesita, mas acaba soltando um suspiro.

— Autorização secundária: Caine Um — concorda ele.

Mais uma vez, a palavra CONFIRMADO aparece no monitor.

Mamãe encosta na tela antes de me ver. Para minha surpresa, ela está sorrindo. É o sorriso mais triste que eu já vi.

— Você está bem?

— Estou. — Tento sentar. Me sinto bem, e ninguém tenta me impedir. Não tem nenhum guarda por aqui. — O que aconteceu?

— O que aconteceu foi que você destruiu qualquer chance que Josie tinha de ressuscitar. — Meu pai fecha os olhos por um momento, mas seu tom de voz continua gentil. — Não foi por vingança, nós entendemos. Juro. — Ele diz isso como se tentasse se convencer. — Você achou que estava salvando os outros universos, e a ela também. Não achou?

Assinto com a cabeça. A explosão do Firebird teria afetado até mesmo corpos “não-observáveis” nessa dimensão. Se não tivesse esse poder, não poderia nos trazer de volta aos nossos corpos, para começo de conversa. Quando destruí aquela câmara, acabei com o corpo de Josie para sempre. Eles não têm mais motivos para destruir universo algum, porque as farpas da alma dela não têm para onde voltar. Ela pode finalmente descansar em paz.

Sei que fiz a coisa certa. O estranho é que meus pais parecem entender também.

— E vocês não estão com raiva por eu ter feito isso?

— Estamos com raiva — responde minha mãe, de forma seca. — Perder Josie nunca vai deixar de ser a pior dor que já sentimos. Mas o que você disse... a respeito de como ela iria se sentir..

— Só pensamos em nós mesmos — acrescenta meu pai—, não pensamos nela.

— Estamos com mais raiva de nós mesmos por dar início a isso — completa ela. — Por trazer Josie e depois a nossa Marguerite para cá. Faz um tempo que estamos tentando tapear um destino que merecemos. Será que você fez algo que não merecíamos? Estamos sofrendo por uma perda que não devíamos ter?

— Não teríamos parado sozinhos — admite ele. — Mas entendemos por que você nos fez parar.

Eles não podem ter desistido assim, tão facilmente. Impossível. Será que me ouviram? Eles amam tanto Josie...

Mas também me amam. Talvez, apesar da perda terrível que sofreram e da renovação do luto, eles tenham deixado Josie para trás sabendo que ainda têm outra filha.

Aqueles retratos mutilados do Josieverso ainda me assustam.

Se as versões dos meus pais do Escritório Central podem desistir de sua busca, posso tentar fazê-los reatar os laços com a filha que sobreviveu. Mesmo que isso signifique dar à do mal o final feliz que ela não merece.

Eu lembro a mim mesma de não usar o apelido “a do mal” aqui.

— Sua Marguerite está disposta a fazer qualquer coisa para chamar atenção de vocês dois. Para se sentir mais amada. Mas vocês ensinaram para ela que todas essas pessoas são substituíveis, e que qualquer pessoa do multiverso poderia ir para o inferno contanto que vocês recuperassem Josie. Ela acha que é substituível também. Que é menos importante. E ela se odeia por não ser boa o suficiente. Por isso, ela matou todas essas outras Marguerites: porque é um pouco como cometer suicídio repetidamente.

— Não — insiste minha mãe. — Ela quer Josie de volta também, tanto quanto nós. Você não a conhece como nós conhecemos.

— Eu não preciso conhecer a Marguerite. Eu sou ela. Porque cada versão de nós é um indivíduo único que merece ser reconhecido como ele próprio, mas algo lá no fundo é sempre igual. É por isso que consigo ver o que vocês não veem. É como sei que estão acabando com ela. — Estou com dificuldade para encontrar as palavras certas. — Quando ela voltar, vocês vão ter muito trabalho pela frente.

Meu pai concorda, devagar.

— Vamos tê-la de volta. De um jeito ou de outro.

Contanto que eu não tenha que lidar mais com ela, ótimo.

Minha mãe finalmente volta para o computador.

— Ativar exclusão final do Projeto Eurídice quando eu ordenar.

Eles vão fazer mesmo. Eles vão desistir da busca por Josie. Acabou.

Mas por que o meu Paul teve que morrer por causa disso? A sensação de perda e de injustiça recai sobre mim, dando um nó na minha garganta mais uma vez. *A morte dele salvou muitas outras vidas*, repito para mim mesma. Mas não me importo. Não agora. Não ainda. Agora, nesse momento, sei por que meus pais acharam que destruir universos era um preço pequeno a pagar para ter Josie de volta. Sinto que eu poderia fazer coisas terríveis. Destruir qualquer mundo. Qualquer coisa, se isso trouxesse Paul de volta.

Mas não, claro que não. Eu jamais faria isso. Mas entendi o tamanho da dor que se sente para que se seja capaz disso.

Com o Firebird, eu sempre podia encontrá-lo, ou pelo menos alguma versão dele. Pensar nisso não ajuda. E outra versão não resolve. Eu quero aquele que desistiu de tudo para me salvar, aquele que abracei forte em Moscou, o meu Paul. E ele se foi.

Minha mãe aperta os controles. A voz do computador ressurgiu: “Iniciando encerramento do Projeto Eurídice”.

Sinto um alívio enorme, como uma onda. Acabou. Acabou de verdade.

As luzes da sala onde estamos se apagam. Depois de alguns segundos de escuridão, uma das telas se acende. Diante de mim, projetado numa tela gigantesca, está a cara de Wyatt Conley.

— Henry, Sophia, se estiverem vendo isso, é porque tentaram acabar com o Projeto Eurídice. — Ele parece ainda mais triste que meus pais. — Quando jurei que traria Josie de volta a qualquer preço, tive que considerar qualquer possibilidade de desistência do plano. Uma dessas possibilidades era essa, de que vocês perdessem a vontade de continuar. Então, criei algumas medidas de segurança para garantir que vocês jamais conseguissem me impedir de continuar.

Não é possível. Isso não está acontecendo. Mas o brilho projetado da imagem de Conley está ali; e consigo ver, sob aquela luz, o quão pálidos e assustados meus pais estão.

— Não estou chateado — continua ele. — Eu perdoo vocês. Muitas vezes, a esperança é mais difícil de suportar que o luto. Pelo bem de Josie, um de nós tinha que ser forte o suficiente. Parece que essa pessoa sou eu.

Minha mãe se abaixa para olhar para o terminal, onde agora os dados estão passando em uma velocidade absurda.

— Meu Deus! — exclama.

Conley une as mãos na frente do rosto, como um homem rezando, e toca brevemente os lábios antes de continuar.

— Tomei a precaução de localizar alguns dos vetores de origem mais importantes no multiverso. Essa informação já está programada no Firebird, e a Marguerite pode começar a qualquer momento. — Ele quer dizer a do mal, não eu. O Firebird dela foi programado para destruir tudo desde o início. — Ela já recebeu o sinal, e já deve ter começado a agir. É claro, isso aumenta os danos que teremos que causar, mas sei que vocês vão me perdoar quando estiverem com Josie novamente. Ate lá.

A tela se apaga e nos deixa no escuro novamente, exceto pela luzinha trêmula dos dados do terminal da mamãe.

— Mas que inferno! — Papai parece ele mesmo agora. — Tínhamos que ter previsto isso. *Ela* previu!

— Mas ele não vai conseguir recuperar Josie — protesto. — É impossível. O corpo dela já se foi.

— Mas ele não sabia disso quando gravou essa mensagem — explica minha mãe. — Ele deve ter feito isso meses atrás. Talvez anos.

Meus pais continuam ali, sentados, arrasados. Eles ainda não se importam com as outras dimensões, não quando comparadas ao luto. Ainda que não estejam mais ativamente tentando destruir mundos, eles também não vão lutar para salvá-los.

Mas eu não vou parar de lutar. Nem agora, nem nunca.

— Temos que salvá-los. — Quando eles olham para mim, continuo. — Vocês têm outro Firebird? Se me disserem para quais dimensões devo ir, e o que fazer, ainda posso protegê-las. Posso contar para eles sobre os estabilizadores. Apenas me digam que vocês têm mais um Firebird!

Minha mãe parece acordar de um estado de estupor. Ela anda até um console e aperta alguns interruptores. Um dos consoles se abre, e de lá sai um Firebird.

Espera aí. A ficha cai.

— Esse é o *meu* — sussurro. — É o que Romola roubou no Romaverso!

— O mínimo que podemos fazer é devolver — diz meu pai com um sorriso ainda muito triste.

Aceito e tento voltar ao modo de ação. Não dá mais tempo de chorar por Paul. Não dá tempo nem de pensar nele, porque não vou suportar. Tenho que me segurar até completar a missão pela qual ele morreu.

Depois disso, posso desmoronar.

— Ok, estou pronta. — Coloco o Firebird no pescoço. A corrente pesada me dá uma sensação de conforto. — Para onde devo ir primeiro? Vocês têm essa informação, não têm?

Meu pai balança a cabeça.

— Não é tão simples, Marguerite. — Minha mãe mexe no terminal diante dela. — Conley tem planos dentro de planos, cenários dentro de cenários. O multiverso é infinito, e ele já explorou a vulnerabilidade dessa infinidade de todas as formas. Se eu soubesse que ele desconfiava de nós... bom, mas isso não importa agora. Só posso dizer que, enquanto Conley quiser seguir esse caminho, se nossa filha estiver disposta a ajudá-lo, não poderemos impedi-lo. Bloquear uma infinidade de caminhos é, por definição, algo impossível.

— Então é isso? Ele venceu? — Eu sento, inconsolável. Parece que a única maneira de acabar com isso seria convencer Conley a mudar de ideia, mas não acho que eu conseguiria fazer isso. Duvido que alguém conseguisse. A essa altura, não é mais uma questão do amor dele por Josie; é sobre ter certeza de que ninguém nunca o impeça de seguir com algo que ele planejou. O orgulho pode ser maior que o amor. E muito mais cruel.

— Não, não é isso. — Mamãe se ajeita na cadeira. — Tem algo que podemos fazer. Drástico, radical, mas se conseguirmos, Conley nunca mais

vai poder ameaçar outra dimensão.

Minha primeira reação é raiva.

— Então, por que você não fez isso antes, em vez de ordenar o tal desligamento que deu a dica para Conley?

— Porque essa solução envolve selar essa dimensão para sempre. — Papai dá a mão para ela, um gesto de carinho inesperado. — Poderíamos bloquear esse universo. Como em uma pequena bolha.

— Então... vocês nunca mais iam poder viajar pelas dimensões novamente. Os Firebirds não iam mais funcionar. — Consigo ver por que eles estão relutantes com a ideia. No entanto, a dor no rosto dos meus pais me diz que o cenário tem potencial para piorar.

— Essa é a melhor das opções — continua ela. — No pior dos casos, a bolha estoura. A dimensão desmorona.

— Não. — Esse é um destino que não desejo nem para o Escritório Central. — Isso é demais. Todos os bilhões de pessoas que vivem aqui...

— Desapareceriam. — Meu pai olha para o nada, talvez imaginando a morte desse mundo. — Mas ainda são menos mortes que as que já causamos. E, se Conley continuar com isso, será apenas uma fração da contagem total.

— Não significa que vocês têm que se sacrificar. — Para Conley, e até mesmo para os meus pais, isso seria justo. Para todas as pessoas que vivem e que já viveram nessa dimensão na história desse mundo, é cruel demais. Talvez seja possível dizer que vale o sacrifício, uma vida para salvar cem. Mas quando estamos falando de dimensões inteiras, a escala fica grande demais para esse tipo de cálculo. Bilhões de vidas não podem virar um X numa equação.

— Vocês realmente estão considerando isso?

E meus pais não iriam somente morrer. Eles seriam esquecidos, desfeitos até o final dos tempos.

— Calma — peço. — Se esse universo morrer, será que o meu não vai junto? Porque vocês não influenciaram. Causaram mudanças em nós.

— Mas não criamos vocês. Então não, sua dimensão não corre riscos. — Papai parece pensativo. — No entanto, ela vai ser alterada. As suas ações desde o início da sua invasão serão apagadas, assim como qualquer outra influência. Sua realidade vai ser reconstruída.

— Não se preocupe com a possível confusão — completa minha mãe. — Você não vai lembrar de nada.

— E Paul... Ele morreu aqui, mas ele voltaria a viver, certo? — Algo parecido com esperança invade meu corpo.

— Se ele não tivesse morrido nesse universo, eu diria que sim, certamente — comenta meu pai como se fosse qualquer outra teoria. Para

ele, tudo é só mais uma peça num quebra-cabeças enorme, não uma vida humana. — Como foi nesse universo que ele morreu, eu diria que é mais complexo.

— Você não tem certeza? — A esperança se estilhaça como porcelana. Talvez Paul volte à vida; talvez seja jogado de volta para onde começamos, sem que tenhamos nem ideia de quem seja Paul Markov, ou sem que façamos ideia do que aconteceu com ele. Ele não estaria apenas morto, ele seria completamente esquecido.

Tudo o que ainda tenho são memórias. Não posso perdê-las.

E se a influência do Escritório Central sobre nós for apagada, a nossa influência sobre outras dimensões também será. Se não tivéssemos ido ao Russiaverso, a grã-duquesa não teria tido o bebê, ainda que talvez o tenente Markov tivesse morrido em batalha de qualquer forma. Ela ainda estaria presa na vida que odiava, e seria obrigada a se casar com algum estranho, sem ter um filho com o grande amor da sua vida.

O Theo do Mafiaverso não teria levado um tiro, e o do Londresverso ainda estaria vivo. Mas minha mãe do Josieverso continuaria perdida naquela depressão quase suicida, e o Guerraverso não teria conseguido a tecnologia de que precisava para derrotar seu inimigo. As falhas do multiverso se ampliariam mais e mais, além de qualquer julgamento possível do que seria melhor ou pior. Ninguém jamais poderia entender as ramificações desse ato.

No fim, eu me pego pensando na grã-duquesa, lembrando a maneira como a mão dela acariciava a barriga. Quando roubei aquela noite dela com o tenente Markov, tomei algo muito precioso dela. Não vou tomar também o seu bebê.

Paul diria a mesma coisa, tenho certeza. Mesmo sabendo que isso poderia custar a vida dele.

Minhas ações têm consequências. Todas as outras pessoas precisaram aprender a viver com as repercussões das escolhas que eu fiz. Agora é minha vez.

— Não faça isso — digo. — Temos que pensar em alguma outra opção. Vocês podiam começar recuperando o controle sobre a filha de vocês.

— Nenhuma outra opção oferece garantia de sucesso. — Mãe dá de ombros. — E existe uma probabilidade de sobrevivência de ao menos 40%.

Não me parece muito, essa porcentagem.

— Por favor. Não façam isso. Se vocês não conseguem pensar no próprio mundo, como vão pensar no meu? É como... como destruir mais uma dimensão, de certa forma.

— Mas tudo isso vai acabar. — Papai tem olhos azuis que geralmente são muito acolhedores. Hoje parecem frios e pálidos, como um lago congelando. — Realmente acabar, de vez.

É quando me dou conta de que meus pais não estão se sacrificando, heroicamente, pelo restante de nós. Eles só não se importam se estão vivos ou mortos. Josie se foi. Eles perderam o propósito. Quando ainda achavam que poderiam fazer algo de bom ao impedir Conley de continuar, aquilo os sustentou. Agora, preferem morrer a continuar lidando com o luto.

Eles só querem estar com Josie de novo.

— Vá para casa imediatamente — fala meu pai, baixinho. — E... aquele canal de comunicação que vocês criaram com as outras dimensões, muito inteligente, por sinal... Só descobrimos aquilo ontem. Dê parabéns às nossas versões por nós.

— Henry. — Mamãe põe a mão no ombro dele, o que em geral é o sinal dela para que ele entenda que está falando demais. Mesmo nesse momento de desespero, os dois continuam conectados. Papai suspira. — Se você puder usar o sistema para enviar uma mensagem à nossa filha, por favor, peça que ela volte para casa.

— O que acontece se ela não estiver aqui quando vocês selarem esse universo? — Eu pergunto. — Ela morre? Ela é puxada de volta automaticamente?

— Ela viraria... — mamãe pensa a respeito — ... um espírito sem corpo. É possível que ela se tornasse livre para viajar entre as dimensões, mas só dentro de outras Marguerites. Ela jamais poderia voltar. Acho que seria o mesmo destino que ela enfrentaria se o nosso universo colidisse; ainda que ser um fantasma seja melhor que morrer com o resto das pessoas daqui.

— Mas, por favor, avise a ela, se puder. — Papai está quase chorando. — E diga a Josie que a amamos. Diga imediatamente, antes que você se esqueça de nós.

Há alguns minutos achei que finalmente conseguiria ver meus pais nessas pessoas. Agora, eles me assustam mais que antes.

Penso em todas as outras pessoas que precisam ser protegidas. A grã-duquesa e seu bebê. O Vladimir, filho do czar de todas as Rússias. Josie, falando comigo animada no meio do feriado em que foi fazer rafting na Escócia. Valentina com aquele queixinho teimoso. A versão novaiorquina de Romola e sua lealdade sem limites. O Theo do Guerraverso, que já passou grande parte da vida lutando para se manter vivo, e que está perdidamente apaixonado.

Meu pai, o tutor da família real russa, escondendo o segredo de que uma daquelas crianças é filha dele. Minha mãe em um mundo onde ela já perdeu meu pai e minha irmã, e onde olhar para um Firebird deu a ela esperança para continuar.

E Paul. Aquele que aprendeu libras quando jovem para poder se comunicar com a garota de quem ele gostava. Aquele que foi rejeitado,

traído, mas ainda assim se jogou em um universo em colapso para me salvar. O tenente Markov, que está morto, perdido para sempre, mas ainda é lembrado em um mundo onde seu filho um dia vai nascer. O meu Paul, que pode ser apenas uma memória, mas que pensou, sentiu e amou. Que merece *ter existido*.

Todos os nossos destinos estão por um triz. Todas as nossas histórias. E não há nada que eu possa fazer a não ser fugir.



NO MOMENTO EM QUE EU APAREÇO EM CASA, já sei que tem algo de errado.

Em geral, voltar para o meu próprio corpo é um processo tranquilo e suave, como entrar em um banho quentinho. Dessa vez, parece que pulei de barriga em uma piscina gelada. Meu corpo está todo dolorido, todos os tendões ardem e mal consigo pensar nem focar meus olhos.

Quando consigo enxergar de novo, minha mão está segurando um pedaço de papel que diz: VOCÊ ENTROU NA MINHA CASA. EU ENTREI NA SUA.

Minha mão solta o papel involuntariamente e sei que estou realmente na minha dimensão, mas a do mal chegou antes de mim.

O Nightthief. Ela já me deu Nightthief antes. Estou presa.

Como se ela pudesse ouvir meus pensamentos, ela olha para cima, pelo espelho em cima da cômoda, e sorri, triunfante.

— Me deixa sair! — Josie grita de dentro do armário do corredor. Ela está socando a porta com tanta força que parece que quer abrir a porta aos murros. — Me devolve a minha irmã!

Arranhões e hematomas nos meus braços e tronco. Josie deve ter lutado muito, e ela é bem mais forte que eu; a do mal só ganhou dela, certamente, por conta do elemento surpresa. Mas a porta do armário é muito grossa. Ela não vai conseguir sair de lá.

A do mal sai do quarto para a sala sem nem olhar para o armário onde Josie está trancada. A atmosfera agradável de sempre desapareceu; ou melhor, foi destruída. As plantas foram chutadas e as raízes estão enrugadas sobre os bolinhos de terra no chão. Livros foram derrubados e estão espalhados, e as equações da parede de quadro-negro foram apagadas,

substituídas por desenhos obscenos e grosserias sobre os tamanhos dos... de Paul e de Theo.

Mas pior que isso é a cara de Theo, amarrado com os braços para trás, o canto da boca sangrando.

— Esse Nightthief não vai durar para sempre! — grita ele, e pelo tom rouco da sua voz, percebo que ele deve estar gritando há algum tempo. — Você usou tudo, e em breve o efeito vai passar. Aí você está ferrada!

— Não preciso de mais tempo, já acabei. — Ela levanta o Firebird, deixando o meu pendurado em meu pescoço. Vira para o mesmo espelho que usou para trançar meu cabelo, os olhos brilhando de triunfo. — Da próxima vez que tentar entrar no meu corpo, na minha dimensão, quando eu não estiver, alguém que você ama vai morrer.

Meu corpo sacode, e caio contra a parede mais próxima. A dor que eu sentia antes aumenta, mas não ligo. Estou sozinha na minha cabeça de novo.

— Theo? Sou eu. — Corro até a cadeira e afrouxo o cinto que segurava as mãos e pernas dele. — Meu Deus, o que ela fez?

— Me espancou, basicamente. Só para registrar, ela jamais conseguiria isso se eu não estivesse ainda me recuperando. — Ele mexe os ombros, passa a mão nos ferimentos que o cinto fez na sua pele e levanta. — Ou se Josie estivesse aqui quando aconteceu. Se a do mal não tivesse pulado em cima dela, Josie teria acabado com ela.

Eu dou um abraço rápido nele.

— Existe alguma maneira de salvar o Escritório Central?

Ele me olha, assustado.

— Uou. Você agora quer salvar o Escritório? De quê?

— Eles estão tentando selar a dimensão. Para que a do mal não possa mais sair de lá. Mas existe a possibilidade de que a dimensão inteira imploda e, se isso acontecer, todas as memórias de lá desaparecem, e a história é reescrita. Não pode acontecer. Além disso... se pudermos salvar uma dimensão, deveríamos. Mesmo que seja o Escritório. — Meus pais e Wyatt Conley são três pessoas em meio a bilhões. O Theo daquele mundo merece viver, ele e todas as outras pessoas de lá. — Acho que já deram início ao processo. Podemos parar?

Theo absorve a informação por alguns segundos e, em seguida, sacode a cabeça em negativa.

— Talvez com um mês de trabalho eu conseguisse entender exatamente como eles estão fazendo isso e como podemos prevenir um colapso. Mas não sou gênio suficiente para fazer isso em minutos...

E o que acontece conosco, então? Será que a realidade que conheço vai ser apagada? Não tenho como saber, nem como controlar tudo isso...

— Então, estamos travados? Esperando para descobrir que memórias vão ser reescritas?

— Parece que é isso — conclui ele.

— Marguerite, é você? — grita Josie de dentro do armário, socando a porta novamente. — Me tira daqui!

Eu corro para o armário para abrir a porta. É a única coisa útil que posso fazer no momento.

— O que está acontecendo? — Meu pai sai do quarto. Acho que ele acabou de voltar também.

Abro o armário e vejo Josie enrolada nos casacos de inverno. Ela tem um olho roxo e o punho cerrado, pronta para me bater caso perceba que eu não sou eu. Mas ela relaxa quando eu a deixo passar para a sala, onde meus pais e Theo já estão reunidos.

Enquanto explico sobre os planos do Escritório de selar a dimensão em uma bolha própria e o risco de que ele entre em colapso, os físicos da sala ficam extremamente agitados e ansiosos, como ficam sempre que estão pensando muito rápido. Eles entendem que nossa história pode ser apagada sem que eu precise explicar. Por mais impossível que pareça, ainda assim estão tentando pensar em como preservar o Escritório Central a tempo. Theo pega um pedaço de giz para rascunhar umas equações e dá de cara com o desenho da do mal na parede.

— Sério? — Ele resmunga, enquanto apaga a frase sobre ele com o antebraço. — Cara, me dá um crédito, por favor.

A matemática começa a surgir.

— Cadê o Paul? — pergunta minha mãe. — Ele saiu do Moscouverso para ir atrás de você. Vocês se acharam lá?

É quando as palavras me abandonam. Como vou conseguir contar que Paul morreu? Eu devia contar, sei disso, mas parece que dizer as palavras vai torná-las reais. Como se o silêncio pudesse trazê-lo de volta para casa, são e salvo, como se tudo isso fosse um pesadelo.

— Tenho boas notícias — anuncia Theo, me salvando de responder.

— O quê? — diz Josie, enquanto anda pelos cantos da sala, tentando salvar as plantas.

— Se estamos usando corretamente a tecnologia de rastreamento criada pelo Guerraverso, e eu acho que estamos, a do mal acabou de voltar para casa, quero dizer, para o Escritório. Então acabou, certo? Eles vão selar o universo, ou destruí-lo, não sabemos ao certo, mas de qualquer maneira ela não volta para cá. Né?

— É. — Os pais dela não precisam mais que eu repasse a mensagem. O Escritório Central vai ser selado para sempre. Nenhuma outra dimensão estará em perigo. Está quase acabando. Mesmo. Minha garganta dá um nó

novamente, com todas as lágrimas que não derramei, de alívio e de tristeza. Não aguento mais.

— Querida? — Meu pai se aproxima de mim, seus olhos azuis estão preocupados e assustados. — Você respondeu sobre Paul? Você o encontrou?

Theo parece enjoado. Viu a resposta na minha cara.

— Não — ele fala. — Não pode ser.

Sinto uma ânsia de vômito acompanhada de tontura. Meus ombros batem contra a parede. Uso as mãos para me apoiar e não cair no chão. Minha mãe começa a gritar, achando que estou caindo pela tristeza, e os outros agora entendem por que estou assim. Por que não posso dizer o que aconteceu com ele.

Mas outro terror me acomete, paralisando meus músculos, minha voz, minha vontade. Mais uma vez volto a ser prisioneira no meu próprio corpo. Dois Firebirds pendem do meu pescoço.

A do mal voltou.

— Você... Você achou que... — Ela parece com dificuldade para falar. O efeito do Nightthief está passando. Ela não vai me controlar por muito mais tempo. — ...que eu ia deixar eles me matarem?

Ela descobriu sobre a bolha. Descobriu sobre a chance de destruição. E fugiu para cá.

— Marguerite? — grita Josie. Ela é a única que ainda não surtou por causa da notícia de Paul, pelo menos não o suficiente para não notar que estou agindo de forma estranha. A do mal se vira e cobre meu rosto com as mãos.

Você pode sobreviver! Existe essa chance! Mas as palavras não saem da minha boca.

Parece que não faz diferença, porque ela me escuta.

— Eu. Não. Gosto. Da probabilidade — responde ela, num sussurro grosseiro.

Nessa estranha fase final da droga, minha consciência se comunica com a dela. Certamente vou voltar a ter controle a qualquer momento.

Mas não tão em breve, porque ela pega o Firebird e começa a programá-lo de um jeito que eu nunca vi antes. No entanto, sei mesmo antes de reconhecer a pequena torção com o polegar que vi Romola Harrington fazer no Romaverso.

Ela está programando uma destruição. Ela vai destruir o meu universo.

Não. Impossível. Nós podemos nos proteger. Não podemos? Já fizemos isso em tantos outros mundos!

— Mas esqueceram de se salvar primeiro, idiotas. — Ela ri, um som amargo que mal reconheço como vindo da minha própria garganta. —

Sempre... tome cuidado... com a número 1.

Mas você vai morrer junto! Se o meu mundo e o seu desaparecerem, você vai se matar junto conosco!

— Tudo bem. Contanto que vocês também morram. Você convenceu eles disso. Você soltou essa bomba lá. Agora lide com isso.

— Marguerite? — pergunta mamãe em meio às lágrimas. — O que você está...

Theo entende o que está acontecendo.

— Ah, não! Agora não!

O chão começa a tremer. Não muito, nada muito além do comum aqui no limite da falha de San Andreas. Meus pais e Josie mal sentem. Mas eu sei a verdade. Sei que é o começo do fim.

Quero xingar a do mal mais um pouco. Quero dizer que ela tem a pior vida de todas as Marguerites do multiverso inteiro, não só porque a dimensão dela é uma merda, mas porque ela escolheu a existência mais raivosa, cruel e vingativa de todas. Quero assustá-la com o horror do que a aguarda, uma eternidade de possessão parasita na qual ela jamais vai poder chamar nada nem ninguém de seu.

Mas o meu destino é ainda pior que o dela. Eu não terei nascido. Meus últimos momentos serão passados sabendo que todos que já amei serão apagados junto comigo. A do mal condenou a todos nós.

A terra treme novamente, com mais força agora. As mãos dela se apertam em volta do Firebird, e de repente ela desaparece.

Eu caio de novo contra a parede e Theo me segura e sacode meus ombros.

— Sai daqui! Sai daqui!

— Ela acabou de sair! Sou eu! — grito. — Está desmoronando! O universo está desmoronando! Ela usou o Firebird para nos destruir...

— O quê? — Ele me olha como se fosse desmaiar. Meus pais começam a entender, e todos me olham horrorizados.

— Ela saltou em mim de novo. Deu início à reação em cadeia. Não tive como impedir! — Um soluço me sobe à garganta. Minha família. Meus amigos. Meu mundo está prestes a morrer nas minhas mãos.

— Merda! — Meu pai corre até a pilha de equipamentos no canto da sala. Minha mãe e Theo correm atrás dele. — A gente consegue! Quanto tempo temos?

Umás duas horas, penso. Foi o tempo que levou até o Romaverso acabar. Mas talvez nosso mundo seja mais frágil, porque logo sinto mais um terremoto, dessa vez mais forte ainda, e todos os pratos caem dos armários da cozinha. Os livros que ainda não estavam no chão agora se juntaram aos outros.

— Não temos muito tempo — responde minha mãe.

Mas eles se concentram ao máximo. Pegam materiais, tentam montar o dispositivo estabilizador o mais rápido possível. Josie, em choque, começa a pegar nos armários as coisas que ainda não caíram e colocar tudo no chão, para que nada mais se quebre. O que faz sentido durante um terremoto, mas aqui eu diria que é inútil. Não que eu não entenda ela estar assustada e começar a fazer coisas irracionais. Meu corpo todo está dormente.

É quando escuto passos no corredor. Quem mais pode estar na casa?

Só pode ser uma pessoa.

Giro para ver.

— Paul!

Meu Deus, ele está vivo, ele está vivo! Ele conseguiu sair de lá!

Só para poder morrer com a gente.

Tento correr até ele, mas mais um tremor quase me derruba. Volto a me apoiar na parede. Ele também se segura, apoiando as mãos dos dois lados do corredor. Assim que o tremor para, ele anda até a gente.

— O que está acontecendo?

— O universo está entrando em colapso — responde Theo. — A Marguerite má invadiu a Marguerite boa e fez isso.

Ele olha para mim. Corro até ele. O braço ainda está enfaixado por conta do corte. Me jogo no abraço dele, como se fosse o suficiente para me salvar enquanto o mundo acaba. O cheiro da pele dele, o toque das mãos nas minhas costas, a hesitação na respiração enquanto ele me puxa para si, tudo me aproxima ainda mais; tudo nele parece estar ainda mais precioso agora. É o momento mais lindo e o mais terrível da minha vida.

Terrível, pois sei que Paul foi devolvido para mim a tempo de morrermos juntos.

— Onde você estava? Achei que tinha morrido! — consigo dizer, em meio a soluços que quase me roubam a voz.

— Não dava tempo de pensar para onde ir. Tive que voltar para o Moscouverso. E aí a bateria acabou, e tive que recarregar o Firebird e... — Ele começa a xingar em russo. Acho que comentando da ironia de finalmente voltar para casa e descobrir que vai morrer aqui.

— Não dá para fugir, certo? — pergunto, ainda que eu saiba a resposta.

Ele me dá um beijo na bochecha, na testa, e aperta minha cintura.

— Não dá. Não tem saída. Pelo menos, não uma que consideraríamos pegar.

Ele tem razão. Qualquer existência além dessa seria uma existência roubada de nossas outras versões. Eu teria coragem de roubar Valentina dos pais dela para sempre? Ou de forçar minha versão do Guerraverso a desistir de viver para que eu ficasse no lugar dela? Será que podemos escolher entre

saltar para uma versão alternativa de nós mesmos para sempre ou ficar semanas e meses em corpos diferentes? Fugir dessa dimensão sem esperança de poder voltar um dia nos transformaria em parasitas.

Eu não quero morrer, mas me recuso a viver às custas de traír o que acredito e quem eu amo.

Pelo menos pude ver Paul uma última vez antes de morrer.

Ele olha para a atividade enlouquecida na mesa de arco-íris. Não tenta se juntar a eles. É quando eu entendo.

— Paul, dá tempo de construir um estabilizador?

— Não.

Mais um tremor, agora muito forte. Todos gritamos e caímos no chão, exceto Josie, que já estava no chão. Gritos nas ruas nos dão a pista do que está acontecendo com o céu lá fora, ou com o chão, que deve estar se abrindo para revelar um momento de inferno puro.

Paul rasteja para mais perto de mim. É agora. Vamos dar um último beijo, de despedida, e morrer um nos braços do outro.

Em vez disso, ele segura meu Firebird, e eu lembro da nossa única chance.

— Unir os Firebirds! — grito em meio aos pratos caídos e buzinas de carros lá fora. Quando estávamos no Moscouverso, ele disse que isso poderia funcionar em caso de emergência. Nunca houve emergência maior que essa. — Temos uma chance, certo?

— Pode ser que dê certo. — Ele começa a encaixar os Firebirds.

— Pode ser?

— Eu diria... 34% de chance de sucesso.

Deus.

— Ok!

— Vai doer. — Ele não me dá a chance de pensar a respeito dessa informação. Logo acaba de ajustar os medalhões, o mais rápido possível, porque sabe que não temos escolha.

O teto da sala se mexe, e começa a brilhar, depois parece derreter, revelando um céu escuro de tempestade. Josie começa a gritar. Paul traz os dois Firebirds, juntos.

É como um raio de luz fortíssimo. Uma dor indescritível, tão agonizante que mal consigo respirar. Nunca senti esse tipo de dor: é como a de um lembrete, mas um lembrete dura um segundo. Essa continua. E continua.

Paul parece estar sentindo o mesmo, mas ele me abraça, como se agora eu pudesse salvá-lo. Lágrimas embaçam minha visão. A casa está despencando, talvez o mundo inteiro esteja, e tenho certeza de que é o fim.

— Eu te amo. — Eu o abraço com força, grata por ter a chance de dizer isso mais uma vez.

— Também te amo. — Ele me aperta contra o peito.

Se é assim que acaba, pode vir.

É nessa hora que somos cercados por uma luz, quase tão clara quanto o sol, e uma descarga de energia muito forte passa pelo meu corpo. É como se eu estivesse no centro de um ciclone, as forças me puxando e me pressionando para dentro. O giro machuca mais que todo o resto. Me seguro ainda mais forte em Paul, determinada a não soltar mais de jeito nenhum. Ficar com ele. Ficar viva.

Até que, de repente, tudo... para.

A dor desaparece. O tremor acaba. O teto é só um teto novamente. Por alguns segundos, ficamos ali, sem confiar em nossos sentidos.

Sou invadida por esperança e desespero e confusão. Meus pensamentos estão confusos, mas continuo agarrada a Paul. Ele parece tão impressionado quanto eu. Ninguém fala. Ninguém se mexe. Começo a achar que vai ser assim para sempre.

— Conseguimos — sussurro. — Conseguimos?

O rosto de Theo muda lentamente de choque para um sorriso.

— Ou conseguimos, ou a vida após a morte é ainda mais mundana do que a propaganda promete.

Paul respira aliviado.

— Conseguimos.

Josie e meu pai começam a rir de alegria. De felicidade. Eles têm o mesmo tipo de risada. Eu devia rir também, ou comemorar, ou pular feito louca. Mas estou ainda muito atordoada para fazer qualquer coisa que não seja me sentir completamente maravilhada.

— Irmãozinho... o que você fez? — Theo entra no meio de nós dois, nos abraçando. — Me mostra essa ciência sexy que você fez aqui.

Paul senta no chão e me puxa para perto dele. Vejo agora que minha mãe já se levantou e está trabalhando no próprio Firebird. Tento me levantar sozinha, mas ainda muito devagar; o Nightthief ainda está no meu corpo, e meus músculos estão doendo demais.

— Mãe? — digo. — O que foi?

— O Escritório. Temos que nos certificar de que não vão tentar mais nada. — Ela começa a ler todos os manuais possíveis. — Eles não implodiram, porque nossa história continua a mesma.

— Exato — completa papai. — Acho que eles selaram o universo e deu certo. E parece que sua versão de lá ficou presa com eles.

Ela voltou. Ela me ouviu e voltou, mesmo sabendo que podia morrer. A do mal teve mais uma chance que ela não merecia. Mas seu destino está em suas mãos. Se a vida dela melhorar de agora em diante, é porque ela encontrou uma maneira de ser melhor. Se piorar, é porque ela continua

venenosa, amarga e pequena. Eu nunca vou saber e, honestamente, não ligo a mínima. Por mim, estou bem em saber que nunca mais vou vê-la.

O laptop do meu pai está aberto no chão, sujo de terra, mas ainda funciona, e parece que alguém está ligando pelo Skype. A expressão no rosto de Paul se fecha completamente.

— Só pode ser uma pessoa.

Meu pai pega o laptop, sacode a terra e o coloca na mesa de arco-íris enquanto nos unimos em volta. Ainda trêmula, me arrasto até uma cadeira. Quando ele clica em “Atender”, o rosto de Wyatt Conley aparece na tela. Aquele sorriso nojento de sempre desapareceu, e foi substituído pelo medo.

— Olha. Sei que não estamos no melhor momento da nossa relação — diz ele. — Mas, se estou interpretando corretamente esses dados, acabamos de...

— Resolver um problema — interrompe minha mãe, cruzando os braços. — Nosso mundo está salvo. A Tríade que você conhecia acabou. Uma das suas versões morreu, e a outra está presa para sempre em um universo selado.

— Você está sozinho a partir de agora, Wyatt — intervém meu pai. — Também está em menor número, porque temos agora muitos mundos trabalhando junto conosco, e todos já foram alertados a seu respeito. Então sugiro que você pare, e desista da ideia de viajar pelas dimensões.

Josie se inclina entre meus pais para poder aparecer na imagem.

— E, só para constar, eu NUNCA vou sair com você.

É como se ele não conseguisse absorver toda aquela informação. Será que ele já foi derrotado antes, alguma vez na vida? Ele sempre venceu em tudo, nadando no dinheiro, admirado pelo mundo todo... Ele parece em choque.

— O que acontece agora? — pergunta ele, por fim.

Eu apareço na imagem. Espero que seja a última vez que tenha que olhar para a cara dele.

— Eu sugiro voltar para os celulares. É o seu forte.

Digo isso e desligo. A tela fica em branco.

— Se eu pudesse colocar esse cara na cadeia... — fala Theo enquanto sacode a cabeça. —, fazer com que fosse exposto, fazer o mundo saber o que ele fez...

— Não podemos. — A expressão no rosto do meu pai é cruel. Ele senta no sofá. — Ainda não existem leis para esse tipo de coisa, não é? Nós o impedimos de continuar, Theo. Deixe que isso seja suficiente.

— Além do mais — diz minha mãe—, pense em quanta pesquisa temos para fazer de agora em diante. As relações entre os universos, o potencial ilimitado dos dados que podemos compartilhar... — Mesmo em meio aos

escombros, e tendo quase morrido há dez minutos, ela já está pensando nas descobertas que ainda não fez.

— A ciência é sexy — completa Theo, sorrindo.

Josie está de volta ao chão salvando as plantas, tentando recolocá-las nos vasos que ainda estão inteiros. Mamãe tenta reorganizar os papéis na mesa. Meu pai e Theo vão até a porta de entrada da casa, para checar como estão as coisas lá fora, mas acho que Theo quer mesmo é saber se seu carro se salvou.

— Marguerite? — Ouço a voz gentil de Paul. Olho para ele, ainda surpresa de ele ter sobrevivido. O que pode ser mais lindo que ele sorrindo de volta para mim com tanta felicidade? Com tanta esperança? Ele me segura pela mão e continua: — Vamos criar o nosso mundo.



DE ACORDO COM OS JORNAIS, o que aconteceu em São Francisco ontem foi um terremoto com um padrão de tremores desconhecido, mas nada muito grave. Além de algumas poucas pessoas feridas, ninguém se machucou seriamente.

Algumas pessoas nas redes sociais mencionaram coisas estranhas que viram durante o terremoto, e alguns adeptos das teorias de conspiração culpam os *chemtrails*, que são rastros de agentes químicos ou biológicos pulverizados por aviões na intenção de causar danos à população. A maioria das pessoas culpou o medo e a confusão pelas coisas esquisitas. Talvez sejam alucinações causadas pelo pânico, não sei. Ninguém parece entender o quão perto chegamos de entrar em colapso. O terremoto em si já foi praticamente esquecido. Vida que segue.

Josie me convidou para ir com ela a San Diego por algumas semanas, e aceitei. Ela me ensinou a surfar, ou pelo menos tentou me ensinar. Não consegui ir muito além de ficar em pé na prancha por uns trinta segundos no máximo.

Mas não importa. O melhor de tudo foram as noites que passamos caminhando na praia de biquíni e camiseta, com a toalha no ombro e um sorvete na mão, conversando sobre tudo e sobre nada.

Sempre fomos amigas, mas nem sempre é a raiva que afasta as pessoas. O tempo e a falta de atenção podem ter o mesmo efeito. O quão mais distante ficaríamos se eu não tivesse tido a chance de ver como a minha

vida seria ruim sem minha irmã? Se não tivéssemos, de maneira consciente, decidido criar mais tempo uma para a outra?

Ainda bem que nunca vamos saber.

A colaboração entre as dimensões continua. Agora, somos muito mais interessados a conversar apenas, sem nos visitarmos, e as visitas são sempre avisadas com antecedência. Viajo menos que os outros agora, porque em geral as viagens são para conferências científicas. Mas já fui uma vez ou outra com meus pais ou com Paul para ver como as coisas estão.

No Guerraverso, o “nosso lado” da guerra parece estar virando o jogo. Ainda que nenhum de nós esteja animadíssimo com o fato de que estão usando nossa tecnologia para desenvolver armamento, essa escolha é deles. A Marguerite de lá escreve longas cartas de amor para Theo pelo menos duas vezes por semana, e recebe também. Para o Paul de lá ter alguma chance, o Theo teria que fazer uma besteira muito grande.

O Mafiaverso está fazendo progressos gritantes. Meus pais fazem visitas nos fins de semana, quando Wyatt e Josie não estão. A versão de Wyatt Conley de lá continua devoto à minha irmã, então não é um risco para nós. Talvez essa seja a melhor versão dele: a do Mafiaverso. A pessoa que ele poderia ter sido aqui, mas o ego não permitiu. O Theo de lá realmente perdeu a perna do joelho para baixo, o que é terrível, mas está aprendendo a viver com a prótese, e a raiva dele é direcionada ao mafioso que atirou nele. E as descobertas científicas o atraem mais que qualquer amargura do passado.

Já a versão de Paul da máfia russa... bem, ele parou de falar com aquela Marguerite. (O nosso Paul jamais visita aquela dimensão, é claro.) A polícia nunca mais o encontrou. Ele está escondido em algum lugar naquele mundo, vivendo uma vida muito triste. Espero que ele consiga sair dessa antes que acabe como uma versão mais jovem do próprio pai.

O Tríade-verso ficou em silêncio por um bom tempo, até que as outras versões dos meus pais entraram em contato. Sem Conley por perto, ou qualquer interferência do Escritório Central, eles conseguiram tomar as rédeas do Projeto Firebird novamente. Aquele Paul voltou do Equador para os Estados Unidos junto com a minha versão de lá, e os dois estão felizes por estar de volta ao lar.

O Oceanoverso ainda acha que eu devia pagar pelo submarino. Parece que são muito litigiosos por lá, o que é algo que não notei durante minha estadia. Já mandamos eles cobrarem do Tríade-verso, já que, tecnicamente, a culpa foi do Theo de lá. Mas a morte dele deixa essa lacuna para encontrar um culpado. Ainda bem que não é possível processar alguém de outra dimensão. Pelo menos, ainda não.

No Cambridgeverso, meus pais perdoaram a versão deles de Paul, e estão trabalhando com ele novamente em novas descobertas. Parece que minha versão de lá também o perdoou; eles não estão juntos de novo, mas estão... se dando bem. Ela entrou na faculdade de cinema da USC, que é maravilhosa. Ela sonha alto; até deixou umas revistas de moda para eu ver quando fui visitar, já marcadas com alguns *post-its* perguntando qual era o melhor vestido para ela usar na entrega do Oscar. Essa foi a dimensão que mais visitei, e não tenho vergonha de admitir que é principalmente para brincar com o cachorro dela, um pug chamado Ringo.

Sei que não poderei mais visitar alguns mundos. O Espaçoverso entende que não fui eu quem sabotou a base espacial Astraeus, mas duvido que eu fosse bem recebida por lá. O Moscouverso não tem tecnologia para se juntar a nós, nem vontade. Em um estado controlado pela polícia, qualquer movimento inexplicável ou lapsos de memória podem ser muito perigosos. Eles ficaram felizes em nos ajudar, e mais felizes ainda de nos ver partir. E, é claro, qualquer mundo no qual uma Marguerite morreu foi fechado para mim para sempre. Aquela Londres futurística já era, assim como a chance de explorar as tumbas do Egito.

Mas visitei o mundo no qual meu pai e Josie morreram no acidente de carro, para passar um tempo com aquela mãe. Ela não quer vir até aqui e vê-los novamente, porque acha que vai fazer mal a ela, mas conversamos bastante e trocamos alguns dados científicos com ela, e ela gosta de me ouvir contar deles, imaginando a vida que o marido e a filha mais velha poderiam ter tido.

Pode ser que um dia eu volte ao Russiaverso. A grã-duquesa me enviou uma mensagem por Theo, dizendo que queria que eu cumprisse minha promessa de não voltar, mas que eu serei bem-vinda se quiser fazer uma última visita, depois de setembro, para conhecer o bebê. O que ela quer mesmo, eu acho, é que eu possa voltar e contar a Paul sobre essa criança que também é um pouco dele, e um pouco minha, e toda dela. Vai ser uma viagem difícil, mas pretendo fazer. Vai ser maravilhoso poder rever Vladimir, Katya e Peter.

E, mesmo que eu não consiga revê-los, devo isso a ela. Devo muito. É o mínimo que posso fazer. E quero ver o bebê, também.

— Mas é um trabalho extraordinário! — O examinador anda pelo salão onde está exposto o meu portfólio. — Você tem uma técnica excepcional para uma estudante tão jovem.

Quero pular ao ouvir isso, sair gritando.

— Obrigada — respondo, em vez disso.

Ainda que a RISD continue disposta a me aceitar em janeiro, no final acabei seguindo meu coração. A Escola Ruskin de Artes Plásticas visita pelo menos meia dúzia de cidades, e dezenas de estudantes se apresentam para avaliação. Ser elogiada pelo professor não garante a vaga; outros membros ainda vão olhar as fotos depois, antes da votação final.

Mas não deve ser ruim impressionar um professor, certo?

— Conte-me mais sobre essa série de desenhos. — Ele aponta para os papéis que estão na mesa.

— Bom, acho que você já viu meus pais nas notícias...

Os olhos do professor brilham. Todo mundo já sabe que meus pais provaram a possibilidade da viagem interdimensional, e que alguns de nós já experimentou. Tivemos *paparazzis* na porta de casa por uma semana, o que foi hilário. Mas os detalhes da aliança continuam em segredo por enquanto. Aprendemos que a tecnologia pode ser usada para o mal com muita facilidade, e até meus pais conseguirem desenvolver mecanismos de segurança, não podemos contar muito. Na ausência de mais conhecimento, as fofocas correm soltas, e parece que esse professor de Oxford está morrendo de curiosidade.

Bom, posso contar alguma coisa.

— Eu fiz muitas viagens e essa pessoa dos desenhos é alguém muito próximo de mim em muitos mundos diferentes. Então, a série é uma espécie de exploração de como o retrato dele teve que mudar aos poucos, para refletir esse destino único em todas as dimensões.

Mais de meia dúzia de retratos de Paul sobre a mesa. Um irritado, com linhas escuras de tinta de tatuagem visíveis na altura do pescoço. Um com roupas medievais, expressão mais serena, tristeza aparente. No centro da mesa, um retrato do tenente Markov. Tenho muito orgulho desse desenho, porque, quando olho para ele, é como se pudesse sentir novamente todo o amor que ele sentia por mim. Apesar de saber que a emoção da imagem está no amor que eu sinto por ele.

— Pretende fazer mais trabalhos com base nessas viagens? — Parece que isso é o mais indiscreto que o professor pretende ser.

— Quero fazer uma série de autorretratos — respondo. — Mudei tanto quanto qualquer pessoa, depois de tantas viagens. Quero investigar a complexidade disso. A estranheza. Tudo.

Sei que o desenho mais difícil vai ser o da do mal, que é o que faz com que ele seja o mais importante de conseguir. Mas vou pintar quantas vezes for necessário até descobrir exatamente como mostrar as nossas diferenças e as nossas semelhanças.

Enquanto isso, Theo vai fazer o pós-doutorado em Yale, que ofereceu uma bolsa irrecusável. Ele pretende ir até lá dirigindo seu carro possante; está fazendo as últimas manutenções para ter certeza de que aguentará a viagem pelo país.

Ele ainda não se recuperou totalmente da exposição ao Nighthief, mas já está quase bem. Toda semana parece um pouquinho mais corado, a risada um pouquinho mais alta, a energia um pouquinho maior. Antes de ir, ele pretende mostrar a Paul um pouco mais da “formação necessária da adolescência”; o que significa, basicamente, ver filmes de ação na Netflix, mas tudo bem.

Theo nunca mais falou sobre os sentimentos dele em relação a mim desde aquele beijo de despedida no Cloneverso. Tenho certeza de que estão mudando. A melancolia que eu costumava ver nele quando me via com Paul desapareceu. Ele parece confortável conosco, feliz em fazer programas a três ou em nos deixar a sós. É Theo sendo Theo: ele tem mais o que fazer. Inclusive ele tem saído com uma menina, que conheceu num show dos Lumineers.

— Não é nada demais — alega ele quando perguntamos a respeito dela. — Estou prestes a me mudar para o outro lado do país. Isso meio que atrapalha.

Theo não deixaria nem mesmo uma bomba atrapalhar algo com quem ele ama. Aprendi isso sobre ele, mesmo que ele não tenha aceitado isso nele mesmo.

— Contanto que você esteja feliz... — falo. — É isso que importa.

Ele sorri para mim.

— Estou chegando lá.

Nunca conversamos sobre o Guerraverso e sobre sermos um casal lá, super apaixonados. Nem sobre o quão devota a versão dele do Russiaverso é à grã-duquesa, mesmo sabendo que ela está grávida de outro homem. Esses mundos provam que poderíamos estar juntos; que existem dimensões nas quais eu sou o destino dele, e ele o meu.

Mas, nesse mundo aqui, somos amigos. Amigos tão próximos e tão íntimos que tenho certeza de que vai durar para sempre. É um tipo de destino também, um destino muito bom.

Por alguma razão, o fato de que os meus pais se casaram em tantas dimensões os lembrou de que eles nunca se casaram legalmente nesse mundo. Minha mãe ligou para um primo que tem um chalé no interior e meu pai está escolhendo uma data com base no calendário acadêmico para que eles possam arrastar a família toda para o casamento.

— Até que enfim! — digo, suspirando, numa noite em que estamos todos sentados na varanda do quintal com nossos docinhos de flocos de arroz. Eu levanto as mãos para o céu, tentando ser o mais dramática possível. — Eu e Josie seremos filhas legítimas! Não mais filhas do pecado!

— Vocês sabem que já teríamos casado há mais tempo se isso preocupasse vocês de verdade. Mas nunca pareceu que estavam incomodadas — argumentou mamãe. As luzes de peixinho piscam em azul e laranja, quebrando a escuridão da noite. — Ficamos deixando para depois por falta de tempo. Mas nunca aparece tempo se você não cria tempo para as coisas que quer fazer. É preciso priorizar. Henry e eu finalmente decidimos que casar era uma prioridade.

— Já devíamos ter feito isso antes. — Papai está deitado de costas, a cabeça no joelho dela. — Já deram uma olhada nos preços das alianças hoje em dia? Deus do céu.

Minha mãe bagunça o cabelo dele.

— Em breve, vamos poder dividir mais nosso trabalho com a comunidade científica — declara ela. — Aí, outros vão poder pegar a tocha e fazer descobertas que nós nem imaginamos. Não precisaremos viver em função de viagens dimensionais.

— Sabe uma coisa que teremos tempo de fazer? — Os olhos do papai estão brilhando.

Por favor, não comecem a falar de sexo, por-favor-por-favor-por-favor.

Mas é pior que isso.

— Viagem no tempo! — respondem os dois em uníssono, sorridentes.

Eles estão falando sério? Acho que sim.

Deus.

— Estou ansioso para saber como vai ser quando chegarmos na Inglaterra — comenta Paul, enquanto coloco o cinto do avião. Ele me deixou ficar na janela.

— Você já foi duas vezes para o Londresverso.

— Não, quero dizer quando chegarmos na nossa Inglaterra. — Ele está extremamente ansioso e preocupado; tem estado assim nas últimas semanas. — As diferenças dimensionais podem ser grandes, sem falar nas diferenças sutis do idioma e no comportamento social. E, sim, estou ficando acadêmico demais porque estou nervoso.

Ouvir esse autodiagnóstico me faz rir. Ele está aprendendo a lidar com as emoções. Mais ainda: está aprendendo a ser feliz.

A ser amado.

Dois dias depois de receber a carta de aceite da Escola Ruskin de Artes Plásticas, ele aceitou a oferta de pós-doutorado da Universidade de Cambridge. Oxford fica bem perto de Cambridge, o que significa que vamos poder nos ver todo fim de semana, mas ainda vamos ter nossas próprias experiências com a faculdade, nossas próprias chances de explorar e crescer.

Mais que isso, vamos ter nossa chance de criar nosso destino compartilhado. Juntos.

O Firebird foi construído aos poucos, uma equação de cada vez. Minhas pinturas são o resultado de incontáveis pinceladas, cada uma escondendo uma mistura diferente de cores que têm propósitos distintos. A todo momento, todos os dias, estamos sempre criando alguma coisa — seja ciência ou arte, um relacionamento ou o próprio destino —, construindo pouco a pouco com as nossas escolhas, a todo momento. Nossas decisões moldam o nosso mundo e os mundos das outras pessoas. Somos o centro do nosso próprio universo, e cada um de nós está também à órbita de outras pessoas. É um paradoxo, mas às vezes é nos paradoxos que a verdade reside.

Meu pai diria que os Beatles nos ensinaram isso décadas atrás. Eles cantavam que, no fim, o amor que recebemos é equivalente ao amor que criamos. Não, nunca podemos ter controle total sobre o nosso destino; estamos todos vulneráveis a acidentes, a crueldades e às faltas de sorte da vida. Mas tento pensar o quanto disso tudo é decisão nossa. Nós é que decidimos quais são as emoções que nos servem como bloqueios emocionais, e quais sentimentos usaremos para moldar nosso universo.

Então, Paul e eu estamos criando um mundo, juntos, dia após dia. Não sabemos o que o futuro nos reserva; só sabemos que estamos tentando juntos.

E que vai ser lindo.

Os motores do avião começam a fazer um barulho mais alto conforme vamos acelerando. Olho para o aeroporto, que ficou para trás, e imagino meus pais ainda enxugando as lágrimas. Ele aperta minha mão com tanta força que acho que está com um pouco de fobia.

— Você tem medo de voar? — pergunto.

— Não. Estou familiarizado com as estatísticas de segurança e com as leis da aerodinâmica. — De cara, achei que ele tinha voltado para o modo Spock, mas ele sorriu de uma forma tão doce que foi como estar andando sob a luz do sol. — Só queria te dar a mão, mesmo.

Eu aperto a mão dele de volta.

— Não vou soltar.

O avião começa a ir cada vez mais rápido, nos empurrando contra o encosto com tanta força que começamos a rir. Aceleramos mais e mais, deixamos o chão e reivindicamos o céu.

PUBLISHER
Omar de Souza

EDITORA
Giuliana Alonso

GERENTE EDITORAL
Mariana Rolier

TRADUÇÃO
Gabriela Fróes

COPIDESQUE
Der Texter

REVISÃO
Ana Beatriz Seilhe
Rodrigo Austregésilo

DIAGRAMAÇÃO
Ilustrarte Design e Produção Editorial

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Julio Moreira

PRODUÇÃO DO EBOOK
Ranna Studio